

DINASTIA

A ORDEM DAS SEREIAS



CRISTHIAN
COUTO

UNIVERSO SOMBRIO MÍSTICO



PARTICIPAÇÕES

CRISTHIAN COUTO (AUTOR)

CRISTHIAN COUTO (ILUSTRADOR CAPA)

Copyright © 2020 by Cristhian Couto

Todos os direitos reservados.

Dinastia: A Ordem Das Sereias.

Todos os personagens e acontecimentos neste livro, com exceção dos claramente em domínio público, são fictícios, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, é mera coincidência.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma – meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação – sem a permissão expressa, por escrito, do autor e do editor.

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Dados Internacionais da Catalogação (CIP)

Couto, Cristhian, 1999

Dinastia: A Ordem Das Sereias / Cristhian Couto. 1ª ed. –
Rio Grande Do Sul, 2020.

1. Romance. 2. Fantasia sombria. 3. Literatura Brasileira.

cristhiancouto@gmail.com

UNIVERSO SOMBRIO MÍSTICO

Essa obra pertence ao *Universo Sombrio Místico* do autor brasileiro *Cristhian Couto*. Uma coleção de fantasia sombria baseada em criaturas místicas. Livros solos, mas também que se relacionam entre si. Para conhecer as demais obras siga até a sua página na Amazon.

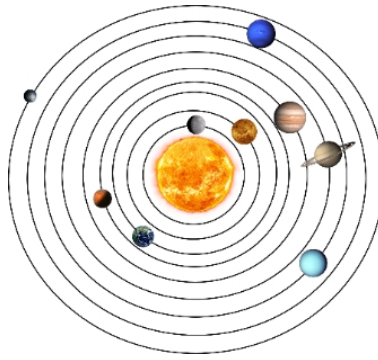


*“Temos conhecimento da imensidão do universo,
e dos inúmeros segredos que ele guarda.*

*Mas, em um momento o desconhecido
sai das sombras e se apresenta ao mundo.*

*A raça humana está pronta
para conhecer o desconhecido?”*

PRÓLOGO



O princípio de grande parte de nossa galáxia foi definido por seis divindades. Notórios, Atus, Telonis, Celeste, Zaquira e Bardelônia. Os primeiros seres do universo, percorreram por um planeta chamado Têzala por milhares de anos. A medida que o tempo passava as Divindades se sentiam solitárias diante da imensidão que era o universo. Eles necessitavam de um propósito para prosseguirem.

Em uma decisão conjunta as seis divindades decidiram criar outros seres segundo a sua imagem para desfrutarem de tudo aquilo que eles haviam criado, então nasceram os primeiros homens. Têzala foi considerado o primeiro paraíso que viveu em paz por muitos anos, mas o ato da criação dos novos seres despertou sentimentos até então desconhecidos entre algumas divindades. Atus e Zaquira foram as duas divindades que se rebelaram contra as outras quatro, movidos pela ambição. Se julgavam seres superiores e por isso pensavam que poderiam controlar a raça inferior chamada de “humanos”. Eles não poderiam aceitar ser semelhantes a criaturas consideradas “fracas” diante de tamanho poder que carregavam.

Dessa forma, iniciou a Era dos Impérios. Um período marcado pela guerra entre os maiores seres da galáxia. Atus e Zaquira para enfrentar as demais Divindades criaram o seu próprio exército, criaturas denominadas de guerreiros da morte. O planeta Têzala se transformou em uma grande arena de combate entre as divindades, humanos e a nova raça criada pelos divinos traidores. No entanto, Atus e Zaquira não obtiveram força suficiente contra as outras quatro Divindades e assim foram derrotados. Com o fim da guerra houve a aniquilação da raça humana assim como também dos guerreiros da morte. Os divinos traidores foram destituídos do posto de Divindades, tiveram grande parte do seu poder retirado, logo se tornaram mortais. Como punição pelos seus atos foram transferidos para uma prisão distante de qualquer planeta da galáxia, aprisionados na solidão sob uma maldição dissertada pelas Divindades “A alma dos titãs não pode ser retirada pelo mesmo coração que pulsa, a única luz capaz de parar seus batimentos foi aquela a quem se rejeitou. ”

A divindade Zaquira foi expulsa do céu pelos seus atos de traição. Telonis uma das divindades que combateu os traidores foi o encarregado de aprisionar Zaquira em mundo distante. Nesse tempo a sós Zaquira influenciou Telonis usando da sedução e do sentimento que a Divindade tinha por ela. Telonis então transferiu Zaquira para a Terra e mentiu as demais Divindades que havia a aprisionado em um planeta remoto.

Anos se passaram e então as Divindades descobriram que na verdade Zaquira estava andando pelas terras humanas livremente. Incrédulos pela mentira que Telonis havia contado as demais Divindades baniram também o divino traidor. Os dois foram amaldiçoados a viverem em uma ilha longe de tudo, pela eternidade.

Foram anos andando pela Ilha completamente sós, mas chegou um dia que isso mudou. Em volta da Ilha alguns humanos começaram a se aproximar, movidos pela ira os antigos divinos agora chamados de Titãs iniciaram a sua matança. Qualquer criatura que surgia pelas redondezas eles executavam sem piedade, no entanto nunca foi o suficiente para a sua ambição.

Zaquira e Telonis fizeram um pacto para punir os demais divinos. Utilizaram toda a sua força restante para criar novas criaturas, uma evolução daquela que eles chamaram de “humanos. ” Os titãs abençoaram essas novas criaturas com beleza e poderes que nem um outro humano poderia ter, eles chamaram esse novo povo de Sereias.

A Ilha que então aprisionava os dois titãs mudou de uma prisão para um novo lar. Ali eles construíram um reino cheio de novas criaturas, criaram um universo só deles e antes de partirem deixaram instruções para os habitantes do local. Zaquira e Telonis morreram juntos na areia de mãos dadas enquanto olhavam para os céus e riam dos Divinos por desafiá-los mais uma vez, sua morte foi apenas um começo. Eles deixaram um reino inteiro chamado de Teza.

As primeiras Sereias com o passar dos anos começaram a atrair embarcadores para ilha assim como os seus criadores haviam deixado escrito. Movido pelo encanto de sua beleza os embarcadores se aproximavam e eram mortos brutalmente. A região em volta ficou conhecida e logo os embarcadores já não se aproximavam mais, pois temiam o que havia naquele local do mar de onde nenhum humano retornava.

Enquanto algumas Sereias apreciavam o sofrimento também haviam outras que não suportavam a ideia de matar para divertimento. Condenavam tal ato e começaram a recuar durante os períodos de matança. Logo, o povo da Ilha de Teza começou a se dividir, uma parte afirmava que eles deveriam manter as tradições segundo a palavra de seus criadores enquanto outros almejavam uma evolução.

Alguns líderes tentaram entrar em consentimento, no entanto não chegaram a um acordo. Teza então foi dividida em dois reinos. O lado noroeste guiado pelos líderes Dramir que condenavam o ato de assassinato. O lado sudeste pelos Odini que são a favor das tradições dos seus criadores. Desde então esses reinos se mantem afastados pregando ideologias distintas!

Capítulo 1

Herdeiros.



Sempre ao amanhecer cavalgamos pela floresta proibida. A essa hora do dia o sol paira em Teza, a luz invade pelas frestas no topo das grandes árvores iluminando o ambiente. Guio Zeus para a parte mais baixa me aproximando do rio das lamentações a água que separa a nossa ilha em dois reinos distintos. Olho para o morro acima e avisto alguns soldados Odini que ficam a observar, no entanto não me importo e continuo a cavalgar. Não estou fazendo nada de errado, só seria um crime se eu ultrapassasse para o outro lado algo que eu não tenho intenção, pelo menos não por enquanto.

Logo nos aproximamos do lago sem dono. Esse lugar fica no meio de duas montanhas, quando os limites foram postos para cada povo todos tentaram se apossar do local, porém viram que não havia como. O lago está tanto na parte Dramir como na Odini, então os dois possuem direitos. Desde então os povos dos dois locais utilizam, mas é claro que nenhum pode dirigir a palavra a outro.

Desço de Zeus e acaricio sua cabeça branca como a neve. Amarro ele em uma árvore um pouco distante do lago ao lado de outros animais.

- Pelos mares. – Ouço Polaris reclamar logo atrás. – Esses animais não possuem o mínimo de educação.

Viro-me para trás e meu amigo está parado com os braços abertos. Desço minha visão e reparo nos seus sapatos cobertos por merdas do cavalo que montava, olho para o animal que prossegue satisfeito com o que fez.

- Eles teriam mais afeição em você se não passasse todo o seu tempo dormindo com guerreiras ao invés de ajudar a sua família a cuidar dos animais do reino. – Ninfas a sua irmã sorri com o canto dos lábios.

- Esse é um ótimo conselho. – Cruzo meus braços e sorrio para Polaris que me lança expressões negativas. – Vamos senhor local de defecação.

- Ariel. – Ele me repreende.

Retiro a parte de cima da minha armadura e me sinto mais leve, se meu tio Hector me visse fazendo isso certamente iria receber um grande sermão. Todos

sabem do risco que corremos ao ficar expostos no lago sem dono ainda mais eu sendo o príncipe do meu reino. Mesmo assim ignoro tal pensamento e adentro na água que aquece o meu corpo.

- E então como andam os seus afazeres? – Questiono meus amigos.

- Excepcional. – Mesmo a voz sendo emitida debaixo da água consigo decifrar a sua fala, um privilégio de ser uma sereia. Pelo que eu li humanos não possuem essa habilidade como as outras inúmeras que somente nós temos.

Ninfa surge da água. Os seus cabelos curtos e negros se prendem na sua face, os olhos azuis são hipnotizantes e suas sardas abaixo dos olhos lhe dão um toque especial. Ela foi a primeira de quem me aproximei durante um torneio no reino comandado pelo meu pai. Ainda éramos crianças e eu adorava ver as corridas de cavalos, meu pai então um dia me levou para conhecer as estrebarias e lá conheci Ninfa e após Polaris. Sua família é guardiã dos animais do nosso reino e seu trabalho é excepcional com as criaturas. Desde aquele dia há muito tempo nós mantemos contato e pelo menos uma vez ao dia nos vemos.

- Um tédio. – Polaris fala enquanto amarra seus longos cabelos negros em coque e deixa duas mechas soltas na frente, me observa com seu olhar de animação. – Esses animais sujam praticamente tudo e nós temos que limpar, sabe eu até tolerava, pois quase sempre haviam festas nos salões, porém agora nenhum morador noroeste se preocupa com isso. Penso que vou enlouquecer.

Me aproximo dele e empurro sua cabeça para baixo da água, ele se debate com os seus braços fingindo um afogamento, como se fosse possível.

- Você só reclama. – Sua irmã suspira. – Não poderia pelo menos ficar contente um dia? Agradeça que moramos no melhor lugar de Teza.

- Será? – Polaris lança o tom de dúvida. – Os habitantes do Sudeste não me parecem nada abatidos ou tristes. Gostaria de flertar com alguma delas.

Observo do outro lado do lago onde as mulheres de Odini banham-se, elas expressam os sorrisos mais alegres e suas belezas são inquestionáveis. No entanto, não me deixo enganar. Todos sabemos o que as pessoas daquele lado fazem, elas matam, matam por diversão e nós somos contra isso.

- Pode ir. – Pisco para ele ao meu lado. – Quem sabe quando você voltar esteja com uma mão ou um olho a menos.

- Ou até mesmo somente suas cinzas voltem. – Sua irmã ri.

- Não me importo. – Polaris segue pela água observando as mulheres com seus olhos azuis hipnotizantes, um sorriso surge em sua face e então lhe dou um leve tapa em suas costas. – O que houve? Não é você o descumpridor de regras?

- Só descumpro regras quando sei que posso sair ileso. – No mesmo momento que falo reflito, pois não é cem por cento verdade. – Seja mais discreto não queremos que o Rei Odini surte ainda mais, todos sabem da sua fama.

- Infelizmente. – Ninfa concorda.

A fama de Serafim não é nada boa. Já soubemos de grandes boatos e fatos que circularam pelos reinos, quando ele pensa que uma sereia está o traindo ele a prende em um tronco de árvore próximo ao rio das lamentações e deixa que seus lobos finalizem o resto. Por isso evitamos algumas partes da divisória do rio, pois ainda podemos ver do outro lado os corpos como um sinal para nós e para aqueles que estão dentro do seu reino.

Deito minhas costas e sinto a luz do sol bater em minha face.

- Como você está? – Ouço Ninfa perguntar ao meu lado. – Não está nenhum pouco nervoso com a celebração do crescimento?

Quando ela toca nesse assunto sinto-me despertar, passo a mão pelos meus cabelos ruivos e suspiro tentando encontrar as palavras certas.

- Estou preparado para o que vier. – Respondo sorrindo.

- Uma coroa lhe cairia bem. – Ninfa diz.

Apenas sorrio e observo o topo das montanhas. Quando uma sereia chega a fase adulta celebramos o crescimento. É uma data especial para todos e especialmente para um príncipe, pois isso significa que chegou o momento de assumir o trono de seu pai. É claro que muitas vezes isso não aconteceu, entretanto é como uma tradição para o nosso povo. Quando o filho do Rei amadurece ele se senta no trono e a coroa que era do seu pai agora lhe pertence. Um fator que contribui para que isso aconteça é que meu pai já fez a sua celebração do legado há alguns anos. Ele é um dos reis mais velhos ainda no trono então creio que todos esperam que esse seja o meu momento.

- Não sei. – Polaris me fita com seu olhar brilhante. – Quando você ser rei vamos ter que lhe chamar de vossa majestade? Oh! Por favor diga que não, pois isso seria ridículo.

- É claro que não meu amigo. – Exclamo, passo o meu braço em volta do seu ombro e lhe encaro. – Prefiro vossa alteza.

Ele balança a cabeça e rimos todos juntos. Nós fazemos isso há um longo tempo, nos reunimos no lago e contamos o que está acontecendo em nossas vidas. Eu treinei muito para ser um rei, fisicamente e mentalmente. No entanto, imagino que as coisas devam mudar quando eu estiver naquele trono. Tenho medo que a

nossa ligação possa ser quebrada ou enfraquecida, no entanto é um legado que eu não posso abandonar e nem desejo.

Polaris se aproxima de mim e começa me rondar na água.

- Quando você ser Rei terá poder soberano. – Ele diz. – Quem sabe possa abrir uma casa de sereias para o seu velho amigo. – O sorriso surge. – Posso dizer que eu ficaria muito contente.

- Você quer transformar o Noroeste como no Sudeste? – Olho firme para ele que mantém o sorriso sarcástico. – Casas assim são proibidas no nosso reino.

- Regras foram feitas para serem quebradas. – Polaris sussurra.

Nesse momento apenas rio porque eu disse isso uma vez.

- Você só sabe falar de mulheres? – Ninfa olha firme para ele.

- Você só sabe falar de animais? – Polaris retruca.

- Me respeite eu ainda sou a mais velha. – Ninfa possui uma boa justificativa na qual respeitamos muito.

- Sem brigas crianças. – Vou dizendo enquanto me afasto.

Mergulho o mais profundo e deito na água observando tudo debaixo. Alguns peixes circulam a minha volta se aproximando do meu corpo, estico o meu braço e deixo que eles dancem em volta dele. Toda sereia possui uma forte ligação com os animais marinhos, no entanto eu sinto que posso ir além. Observo o cardume e ordeno que eles sigam para o topo do lago. Nado o mais rápido e salto da água do lago, giro no ar acompanhado das graciosas criaturas e mergulho na água mais uma vez.

- Você tem um controle absurdo sobre elas. – Ninfa observa.

- Não é por coincidência que me chamam de Ariel III. – Digo.

- Está bem Ariel III, o príncipe de Teza, filho de Alfred Dramir, o dominador do mar. Estou esquecendo algo mais? – Polaris caçoa.

- Sim, o homem mais bonito de toda essa ilha. – Sorrio.

Viro-me para o lado e então encontro César Serafim. Ele está acompanhado de duas garotas, sei que seu olhar está preso no meu como sua atenção mesmo que ele tente enganar que não. Já faz um tempo que não nos encontramos, mas eu ainda penso nele algumas vezes. Então ele faz o sinal passando a mão em seus cabelos negros e fechando os seus olhos.

- Preciso dizer o quão ariscado isso é? – Ninfa observa, como sempre. – Se pegassem vocês dois poderiam facilmente ser banidos.

- Eu sei. – Sussuro. – Entretanto, nunca nos pegaram.

- Ainda. – Ela me fita com seus olhos em reprovação.

- Tudo bem isso foi bem confiante. – Digo. – Vejo vocês mais tarde e por favor Ninfa leve Zeus com você se não podemos correr o risco de acontecer novamente com o seu irmão, senhor local de defecação.

- Ele nunca vai esquecer. – Polaris sussurra enquanto balança a cabeça.

- Nunca. – Pisco para ele.

Estendo os meus braços e mergulho profundamente. Mesmo na escuridão consigo enxergar perfeitamente as criaturas que ali circulam. Sou o mais rápido que posso e atravesso o lago entrando em uma entrada que poucos conhecem, mesmo sendo perigoso invado o lado sudeste. Jogo o meu corpo para cima e salto em cima de solo firme. As paredes escuras emitem o brilho em volta e em cima há uma abertura que deixa a luz do sol adentrar.

Escorado em uma pedra próximo a água está César Odini, o príncipe do seu povo filho do temido Rei Serafim. Seus cabelos são escuros e desalinhados. Sempre utiliza maquiagem destacando seu olhar, seus olhos são como tempestades. Ele veste apenas um pano preto na parte debaixo.

- Faz tempo que não nos vemos, Dramir. – Sua voz é delicada, no entanto forte ao meu mesmo tempo. Seu sorriso é esplendido.

- Eu teria lhe mandando uma carta, mas suponho que seu pai mandaria que seus lobos me devorassem então não me pareceu uma boa ideia.

Ele gosta do meu tom de falar e sorri para mim.

- Você não muda. – César diz. – Não é?

- Obviamente não, ser encantador é meu poder natural. – Rio.

Me aproximo dele e sinto sua respiração ofegante. Passo a mão pelo seu colar que possui uma brilhante pedra do mar avermelhada. Logo após que largo ele arruma um jeito de esquivar do meu corpo e segue pelo lado.

- Você fez o sinal para mim. – O lembro. – Deseja algo?

- Então está preparado para a celebração? – Ele me questiona.

- Um pouco nervoso, mas estou indo bem. – Respondo. – E agora faço a mesma pergunta para você já que também tem a sua dentro de algumas semanas.

César fica de costas para mim, após alguns segundos de silêncio ele se vira. Sua maquiagem escura o deixa ainda mais tenso.

- Meu pai não me dará a coroa, somente após a sua morte. – As palavras de Serafim não me surpreendem. – No fundo ele sabe que eu não sou digno para governar, pois meus ideais são muito diferentes daqueles que ele prega.

- Diferentes e melhores. – Complemento e retiro um leve sorriso seu. – Você pensa que ele poderia saber sobre o que aconteceu com nós dois?

- Não sei. – César levanta os seus ombros. – Minha irmã sabe, mas suponho que apenas ela. Mas, também tenho que pensar que meu pai possa desconfiar, entretanto agora não tem motivo algum, não é? Afinal você rompeu com qualquer coisa que havia entre nós.

Apenas passo a mão pela minha nuca e sorrio desajeitado.

- Ainda me lembro quando nos conhecemos. – É a única coisa que penso a dizer nesse momento. – Se recorda?

César passa a mão pela parede brilhante e vejo um sorriso.

- Eu sempre via os habitantes do lado Noroeste do outro lado do lago e sentia uma certa curiosidade. – Serafim diz. – Fiquei observando você por longos meses e sabia quem você era, no entanto senti uma forte atração pela sua aparência e pelo seu olhar para mim. Eu vi que era recíproco.

Nesse momento rio, pois, é verdade.

- Eu já sabia desse lugar há algum tempo, somente eu possuía conhecimento dele. Então um dia pensei em dividi-lo, fiz o aceno com o cabelo e com os olhos para você e temi que não compreendesse.

- Mas, eu compreendi. – Continuo. – Então chegamos até essa caverna. Aquele dia talvez tenha sido o dia mais tenso da minha vida. – Ele ri. – Estávamos nervosos por estarmos quebrando as regras, porém eu iniciei uma conversa.

- Engraçado. – César olha com o canto dos olhos para mim. – Pelo que eu me lembro eu que iniciei perguntando se você não tinha medo de estar na minha presença e quando respondeu não finalmente relaxamos.

- Pode ser. – Dou de ombros. – Mas, a partir daquele dia construímos uma forte ligação. Todo dia nos encontrávamos as escondidas, confesso que o sentimento de adrenalina era a melhor experiência da minha vida.

- Era? – Ele me encara com seus olhos escuros.

- Ainda é, porém agora não sinto tanta tensão. – Respondo.

Passamos anos escondidos nesse local trocando afetos e apreciando os momentos, no entanto isso não poderia mais acontecer. Nós somos príncipes dos nossos povos, temos deveres a cumprir. Nunca meu pai aceitaria que eu me

relacionasse com alguém do outro reino afinal possuímos regras e isso poderia desencadear uma guerra. Então eu decidi o que era melhor. Acabar com isso e seguir com nossas vidas, esperava que fosse mais fácil, porém foram meses tentando me acostumar com a ideia.

- Sinto muito. – Exclamo e ele me observa. – Ainda sinto um enorme carinho por você, porém...

- Eu realmente entendo Ariel. – César é compreensivo. – Foi difícil superar, porém é onde nós vivemos.

- Quem sabe um dia quando nós formos reis consigamos quebrar essas barreiras entre os nossos povos. – Digo. – Eu sei que você é contra muitas leis do seu povo, acredito que com o líder certo vocês possam evoluir.

Me levanto da pedra e sigo até a sua frente, ele me observa.

- Nós podemos fazer a diferença. – Digo firmemente. – Não acha?

- Sim. – César me olha fundo nos olhos. – Nosso povo terá que evoluir em um momento, mas não enquanto seguem líderes cegos como o meu pai. Eu o amo, porém sei das atrocidades que cometeu. Ele pode significar a personificação do mal para muitas sereias, mas ainda continua sendo meu pai.

- Entendo. – Tento expressar um sorriso.

Meu pai também não é uma pessoa fácil, mas é longe de ser um líder Odini. Alfred é firme em suas decisões, tem consciência das suas responsabilidades, ele me fez ser forte desde pequeno e compreender os limites, no entanto não foi algo que deu muito certo. Mesmo não sendo tão próximos eu ainda o amo e sei o que César sente, no final ainda estamos ligados pelo sangue.

Ficamos um ao lado do outro observando a água.

- Então me chamou simplesmente para me dar parabéns por ser o futuro Rei? – Lanço um questionamento direto.

- Sim. – César sorri. – E também não.

Sua mão desliza pela minha face e sinto sua pele macia. Ele me surpreende quando seus lábios voltam a tocar os meus após tantos meses, sinto o seu sabor doce como as frutas do Noroeste. O sabor continua o mesmo, mas o sentimento é diferente, não há mais aquele forte amor.

- Eu não esperava por isso. – Sorrio.

- Considere como o meu presente da celebração do crescimento. – César sorri com o canto da boca. – Quem sabe também um beijo de despedida, pois da última vez você apenas me deu as costas e mergulhou.

- Isso foi justo. – Digo e o observo. – Será que vamos nos reencontrar novamente? – O questiono.

- Só o tempo irá dizer. – Serafim dá as costas para mim e segue para dentro da água e diz. – Até mais príncipe Ariel Dramir III.

- Até mais príncipe César Serafim.

O garoto adentra na água e logo some nas profundezas.

Me pergunto se isso é realmente o certo a se fazer, no entanto decido bloquear esses pensamentos. A verdade é que ainda não encontrei uma pessoa por quem me senti tão atraído quanto por César. Meus pais até tentaram me arrumar encontros com pretendentes das famílias mais conhecidas do nosso reino, no entanto eu não desejo isso e além disso não preciso de alguém ao meu lado para ser completo. Talvez eu encontre alguém que eu possa me apaixonar no nosso reino ou talvez não. A verdade é que eu coloco o meu lugar como príncipe acima desses sentimentos. Eu serei o futuro rei de Teza, isso deve bastar ou pelo menos espero que sim.

Capítulo 2

Dramir.



Os campos de treinamento ficam próximos da areia e do mar, sempre foram um dos meus lugares preferidos. Lutar no sol escaldante observando o mar sumindo no horizonte me revigorava e isso mantém-se até hoje.

Deslizo minha perna para trás e a espada de meu tio cruza pela grama cortando-a, apenas lhe lanço um sorriso com o canto dos lábios e ele corresponde. Seu longo cabelo ruivo amarrado em uma trança balança com o vento, quando ele para acaricia sua barba que possuí uma trança abaixo do seu queixo, uma marca pessoal. De resto é a aparência normal da nossa família.

- Está mais rápido. – Hector fala para mim.

- Tenho que estar para enfrentar o segundo melhor guerreiro de Teza.

Digo para ele que apenas corresponde com um riso.

Giro minha espada em minha mão e ataco. Impulsiono minhas pernas e fico acima do seu corpo, minha espada se choca contra o seu escudo. Quando caio no solo deslizo pela grama. Hector é extremamente rápido e investe pela direita acertando um chute em minhas costelas, única parte desprotegida. Nesse momento perco o equilíbrio e deixo meu escudo cair.

- Segundo melhor. – Meu tio exclama enquanto me observa. – Tem algo de errado na frase que você formulou meu jovem.

- Fale menos e lute mais.

Deslizo pelo solo e tento acertar suas pernas, porém Hector pula e quando desce investe com sua espada contra mim. Suas pernas ficam entre o meu corpo e a sua lamina presa contra a minha. O sorriso letal surge em sua face, confesso que tenho medo dessas suas expressões afinal todos sabemos da fama do meu tio. Ele foi um dos responsáveis por expulsar alguns invasores Odini das nossas terras anos atrás e os massacrou sem piedade. Além disso, durante todo esse tempo somente dois guerreiros foram capazes de derrubá-lo, meu pai e minha mãe.

Jogo a espada para a minha outra mão, com a outra livre eu agarro no seu tornozelo e puxo com toda a minha força. A força da ação é suficiente para que ele

caia de costas no chão dando tempo para me levantar e recuperar meu escudo. Agora são três guerreiros que conseguiram a façanha.

- Está motivado, isso é bom. – Hector fala enquanto ajeita a sua espada entre seus dedos. – Suponho que uma certa celebração tenha envolvimento.

- Sim, tem. – Digo.

Ele bate com sua lamina que desliza pela minha e elas são direcionadas ao céu. Me abaixo e vejo sua espada cruzar acima de minha cabeça. Esse é o momento exato. Bato com minha perna na sua com toda a minha força, Hector é pego desprevenido e tomba. Mas, antes dele estar no solo consigo retirar a sua espada de sua mão. Quando seus olhos esmeralda me fitam há duas pontas de espadas encostadas em seu pescoço. Meu tio então sorri para mim, acenando que foi finalizado.

- Boa luta! – Exclamo.

Guardo minha espada no meu cinto de armas. Ofereço minha mão para ele que pega e levantasse. Sua trança desliza pela sua armadura. Quando a luz do sol bate em sua face vejo não muito longe uma figura semelhante à sua. Próximo de um morro está meu pai montado em Hades o cavalo negro, sua capa dourada balança com o vento enquanto os olhos frios me fitam.

- Alfred! – Sussuro para o vento que leva minhas palavras.

Meu pai acena para mim e prossegue junto com sua cavalaria. Não sei há quanto tempo ele estava ali, talvez tenha visto tudo e eu espero que sim. Vencer o meu tio talvez seja um ponto positivo durante sua avaliação. Sempre me mostrei ser um dos melhores guerreiros que Teza já conheceu, entretanto Alfred nunca se interessou muito por saber.

Sigo para próximo das rochas e me sento. O vento gélido bate em meus cabelos e sinto meu corpo esfriar. Fico observando a água batendo contra as rochas e então meu tio se aproxima agora sem a sua tradicional armadura.

- Ele acredita em você. – Hector fala. – Alfred o ama.

- Engraçado. – Sorrio sem olhar para seus olhos. – Eu nunca ouvi sequer isso vindo dele, muito menos um elogio pelo meu esforço. É como se tudo o que eu tivesse feito não tenha valido nada.

Enfim me viro e me encaro o meu tio que permanece sereno.

- Seu pai tem um jeito peculiar de demonstrar seus sentimentos. – Ele conta a história. – Isso se deve muito a influência do nosso pai que dizia que deveríamos

controlar os sentimentos ao máximo possível, pois se deixássemos eles fluírem nos afetariam e um rei deve ser frio.

- Até mesmo os golfinhos saberiam que isso é idiotice. – Quando falo meu tio apenas ri sem olhar para mim. – Desculpe, sei que era o seu pai.

- E seu avô. – Ele complementa. – Mas, ele era um babaca. A questão é que seu pai teve que retrair muito dos seus sentimentos durante a infância e por isso permaneceu frio. Entretanto, não quer dizer que ele não sinta. Alfred se preocupa com você se tornar o próximo rei afinal é o seu único filho.

Nesse momento passo a mão pela minha nuca e observo o céu. Meu pai é um dos únicos reis que tiveram somente um filho, os demais todos tiveram muitos filhos para que herdassem o trono. Então quer dizer que se eu falhar posso destruir completamente o seu legado. Seria um desastre para os Dramir.

- Por que você não quis se tornar rei quando seu pai desejou lhe entregar a coroa? – O questionamento é pessoal, porém mesmo assim o faço.

- Eu nunca quis ser um rei, apenas um guerreiro e ter uma família. – Meu tio responde com um leve sorriso. – Seu pai não, ele almejava se sentar naquele trono então eu pensei que seria justo passar a coroa para Alfred mesmo sendo o mais novo e indo contra as tradições.

- Não temeu que as pessoas lhe olhassem diferente? – Pergunto. – Foi o primeiro herdeiro Dramir a recusar a coroa, todos contam essa história até hoje.

Hector empurra sua trança para trás e sorri levemente e então seus olhos calmos e poderosos pousam nos meus.

- Minhas ações nunca foram pensadas no que os outros poderiam pensar, sempre fiz aquilo que o meu coração mandava. – Sua resposta é sincera. – Naquele momento dizia para não aceitar o trono. Foi difícil por algum tempo ouvir meu nome circulando por todos os cantos do reino, porém eu simplesmente não me importava, pois estava feliz e se tivesse optado pela coroa seria o meu fim.

As palavras do meu tio me fazem refletir. Penso o que aconteceria se eu recusasse a coroa e a resposta é óbvia, iria para um Dramir mais jovem e próximo ao sangue da nossa família que no caso seria o filho de Hector. Porém, é algo que nunca irá acontecer afinal eu a quero para mim.

- Mas, vejo o mesmo olhar em você que via no seu pai. – Hector diz. – A ansiedade por ter a coroa e se sentar no trono, são um reflexo perfeito.

- Isso não é bom! – Suspiro. – Ao contrário do meu pai eu sou extremamente mais leve e acredito que o povo deva gostar desse meu jeito.

- Eles já gostam. – Meu tio sorri para mim. – És o melhor guerreiro de Teza atualmente, um dos mais estudados, se preparou para isso. Acredito fielmente que você possa vir a ser o nosso melhor Rei em séculos.

Olho para Hector e não sorrio, apenas fico a observar. Suas palavras são bonitas, porém só me deixam mais aflito pensando se eu falhar o que acontecerá?

- Obrigado! – Sussuro e as palavras quase não saem, quando percebo que vou perder o equilíbrio respiro e volto ao normal. – Você vem a minha celebração hoje à noite não é mesmo, promete não ficar até tarde no centro de treinamento?

Sua mão direita pousa no seu coração.

- Eu prometo, príncipe Ariel futuro rei de Teza. – Ele diz.

- Ao rei.

Ouço a voz vindo de trás e me viro. Viseris Dramir, meu primo. Diferente de nossa família sua aparência é mais semelhante aos parentes de sua mãe. Os longos cabelos castanhos, os olhos cor de mel. Magro e alto. O pano avermelhado cruza pela sua camiseta escura e os seus braceletes dourados refletem no sol.

- Faz tempo que não o vejo Viseris. – Digo a ele. – Espero que esteja tudo bem, da última vez que nos encontramos havia levado uma facada de um soldado por oferecer joias para a sua amante dormir com você.

Meu primo apenas expressa seu riso forçado.

- Águas passadas, agora estou imerso em novos lagos. – Ele vai se aproximando enquanto fala. – Estive muito ocupado com o treinamento, meu pai não me deixa relaxar por nenhum segundo.

- Faço isso para essa sua cabeça não ficar pensando em asnices. – O olhar de Hector segue para o seu filho que ignora. – Algo a protestar, filho?

- Nenhuma, doce pai. – Viseris pousa seus braços em seu colo e sorri.

Me viro para frente e continuo a observar o mar. Na verdade, essa é só uma desculpa para não ficar prestando muita atenção em meu primo. Nós nunca nos demos bem de verdade, apenas mantemos o tom civilizado, pois somos família. Viseris sempre foi uma criança diferente, estava a quase todo o momento tentando criar caos em nossas brincadeiras e quando algo saía de controle jogava a culpa em nossos ombros. Mesmo que o tempo tenha passado eu ainda vejo no fundo dos seus olhos a sua alma antiga vibrar.

- Durante o caminho mais cedo encontrei seus amigos, Ariel. – Viseris volta a falar comigo que apenas ouço. – Ninfa e Polaris. Estavam trocando raios entre si, pois seu cavalo Zeus escapou e fugiu para o lado Sudeste.

Nesse momento sinto algo martelar em mim. Coloco minhas mãos no gramado e me levanto apressadamente. Me viro para Viseris e olho bem fundo nos seus olhos, meu coração pulsa como se cavalos estivessem correndo.

- Meu cavalo fugiu para o lado Sudeste? – Pergunto, quase em fúria.

- Sim. – Viseris esconde o sorriso. – Já pode imaginar, certamente o Rei Serafim irá cortar os seus pedaços e oferecer aos seus lobos da noite.

Continuo olhando firme para o meu primo, mesmo com o medo e raiva fluindo me deixo refletir sobre o assunto. Nunca que meu animal seria capaz de ir para o outro lado sem o meu consentimento, Zeus não é assim. Além disso, Ninfa é extremamente responsável com as criaturas do reino.

- Está me ridicularizando? – Pergunto, fecho meus punhos.

Viseris coloca a mão no seu peito e então lança sua pior gargalhada.

- Precisava ver a sua reação. – Ele é insano. – Oh! Pelos mares o meu cavalo fugiu e agora como irei prosseguir? – Ri mais uma vez. – Hilário.

- Viseris... – A voz grossa de Hector o repreende.

Rio rangendo os dentes e me aproximo de meu primo, ao chegar à sua frente é notório o nosso tamanho desigual. Olho para baixo e o fito com o meu olhar mais letal, mas não deixando transparecer muito afinal somos família.

- Viseris você é hilário. – Digo a ele. – Na antiguidade você se enquadraria perfeitamente para ser um bobo da corte de um rei humano.

Bato em seu peito com nenhuma suavidade e sorrio.

- O que é um bobo da corte? – Ele fica sério e me questiona.

- Siga até a biblioteca e descubra, senhor hilário. – Sussuro em seu ouvido.

Me distancio deles e deixo pai ao lado do filho.

- Nós vemos a noite. – Aceno para eles e me viro para frente. – Espero que esse maldito não venha. – Sussuro para mim mesmo.

Sigo pelas escadarias do morro onde muitos soldados circulam. Alguns acenam para mim enquanto passam e cumprimento com um sorriso mesmo que o meu dia não tenha sido lá muito feliz. Ao focar em cada um deles eu vejo a felicidade dos moradores do Noroeste e então eu possuo certeza que o meu pai fez um excelente legado. Espero que eu possa mantê-lo assim.

Passo por uma tenda montada no meio da rua onde um senhor me entrega uma das maçãs mais belas que já vi em toda a minha vida.

- Muito obrigado! – Aceno.

- É uma honra, príncipe. – Ele sorri para mim.

Pego o alimento e dou uma mordida, expresso satisfação o que deixa o senhor ainda mais contente. Após volto a prosseguir pelas estradas que levam ao topo onde fica o castelo principal. As colunas acinzentadas fazem a faixa e na frente das grandes portas amarronzadas está o símbolo do nosso povo, o círculo dourado onde há um tridente.

- Abram as portas. – O soldado ao lado exclama.

As portas são abertas e então prossigo pelo salão principal que está sendo preparado para minha cerimônia a noite. As mesas espalhadas por todos os cantos, as frutas enfeitando elas, tudo perfeito. Ao fundo o trono de pedras cristalinas está vazio, olho para o lado e não vejo meu pai. Subo os degraus e então fico de frente para o trono do soberano de Teza. Logo vou me sentar aqui e olhar todos do ponto mais alto, a sensação deve ser eletrizante.

Ao fundo avisto minha mãe, desço os degraus e abandono o trono por momento. Sigo por trás do trono e observo a paisagem externa que dá para ser vista pelo centro aberto da montanha de onde desce a água. Distantemente vemos a ponta do castelo do Sudeste e algumas residências, um lugar mais obscuro.

- Mãe! – A chamo.

- Filho.

Seus braços confortantes passam pelos meus ombros e depois ela me dá um beijo em minha testa. Seus longos cabelos loiros caem suavemente em seu vestido. O tom arroxado da vestimenta a deixa ainda mais jovem e bela.

- Estão todos preparando a cerimônia. – Cristal diz. – Será uma das mais belas que o nosso povo já presenciou, espero que goste.

- O importante é ter você ao meu lado.

Seguro as suas mãos e sorrimos juntos.

- Estou um pouco nervoso. – Confesso, ela é uma das poucas sereias com quem posso me abrir. - Chegar na fase das responsabilidades maiores.

- Não deveria se preocupar com isso. – Seus olhos azuis da cor do céu me fíam e me trazem calma. – É um dos mais responsáveis que já conheci. – Olho firme para ela e rio. – Está bem, em partes.

Sigo para próximo da água e sinto ela tocar a minha mão.

- Papai não lhe disse nada? – Questiono.

- Como o que? – Minha mãe diz.

- A coroa. – Respondo. – Ele já passou do tempo que um Rei normal permanece no trono e segundo as tradições quando o filho mais velho passa pela cerimonia do crescimento ele herda o trono. Como no caso sou apenas eu, então...

- Oh! Sim.

Minha mãe pouisa suas mãos em seu colo e se movimenta pela sala demonstrando um sorriso que esconde uma certa preocupação.

- Mãe. – A chamo mais uma vez. – O que há?

- Nada. – Ela me olha fundo nos meus olhos. – Apenas não se preocupe, tudo vai ocorrer bem. Está é a sua noite meu filho, meu maior amor.

Cristal se aproxima e passa sua mão pela minha face.

- É difícil para uma mãe ver o seu filho crescer, deixar de ser uma criança e se tornar um verdadeiro adulto. Ainda me recordo de você correndo pelos corredores do palácio com uma espada na mão atrás de alguns animais invasores.

- As malditas criaturas da terra. – Rio por um instante.

- Também me lembro quando escolhemos o seu nome. – Ela diz. – Ariel, uma homenagem para o primeiro Rei da história do nosso povo. E o III foi quando estávamos em um jantar no castelo e eu acidentalmente derrubei uma taça de água e antes que a água se derramasse você movimentou seus dedos e ela retornou para a taça, graciosamente. Somente outros dois guerreiros em nossa história possuíam a capacidade de controle das águas. Você é o nosso terceiro.

Nesse momento sorrio e sigo para o lado me afastando dela.

- Sinto muito. – Digo. – Desde aquele dia eu treinei dia e noite para tentar repetir o feito, porém algo me bloqueou para sempre.

-Ariel. – Sua voz soa firme. – Esse poder ainda está dentro de você adormecido, entretanto para tudo há um tempo e ele irá se manifestar no momento exato. Não coloque pressão em cima disso meu filho, e mesmo se nunca mais conseguir ainda continuará sendo brilhante.

Nesse instante apenas sorrio para ela, pois sempre suas palavras me confortam no momento exato e penso que ela tenha razão sobre isso.

Ouçõ o som das botas se aproximando e então meu pai surge.

- Aqui estão vocês. – Ele diz. – Espero que esteja se preparando para cerimonia Ariel ou ainda precisa treinar mais com o seu tio Hector?

- Ainda é cedo Alfred.

Minha mãe olha para ele que continua focado em mim.

- Vou para o meu quarto. – Aceno para eles. – Nos vemos no salão.

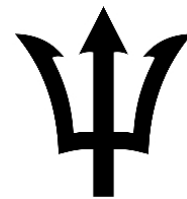
Sigo pelos corredores do palácio, as pessoas passam por mim quase esbarrando. Logo chego em frente ao meu quarto, abro a porta e adentro. Prossigo até a janela ao fundo e observo o sol desaparecendo em Teza para a chegada da noite. Confesso que quanto mais o tempo passa mais nervoso eu fico, é como se a qualquer momento meu coração fosse levado por uma onda.

Olho para a taça cheia de água em cima da bancada. Ergo minha mão e movimento meus dedos, após algum tempo eu desisto. É uma tentativa falha, talvez o que tenha acontecido realmente seja uma coincidência. Quando me nomearam como III todos pensaram que eu seria o Rei dos mares, teria controle absoluto. No entanto, nada aconteceu.

Pego a taça e jogo a água fora pela janela. Eu posso não controlar a água, mas ainda sim sou brilhante como minha mãe disse. Essa noite me tornarei rei de Teza porque eu sou digno para ocupar aquele trono. Mesmo nadando em um mar calmo de confiança eu ainda avisto as tempestades marítimas não muito distantes, e temo que elas possam me alcançar.

Capítulo 3

Uma noite tempestuosa.



Em Teza uma forte chuva cai, mas nada que possa roubar o meu entusiasmo ou alegria. Me aproximo e vejo o meu reflexo na pedra de vidro. Para a ocasião decidi amarrar meu longo cabelo ruivo deixando apenas algumas mechas descenderem pela minha face. A capa dourada cobre as minhas vestimentas escuras. Suspiro profundamente e após sorrio para mim mesmo.

A porta é empurrada com sutileza e para a minha não surpresa quem surge não é meu pai, porém sim o meu tio. Trajado em vestimentas normais e não de batalha o que me faz rir por um instante, ele apenas levanta suas mãos e diz:

- Aproveite o momento, pois quem sabe é a última vez que você me verá assim meu sobrinho! – Sua leveza com as palavras faz qualquer tensão sumir.

- Você ficou muito bem. – Exclamo. – Agradeço que tenha mantido a palavra e tenha vindo a minha cerimônia.

Me aproximo dele e aperto sua mão, após ele me puxa e me dá um abraço. Escorro meu queixo em seu ombro e então em frente à porta o avisto. Dou alguns passos para trás e fico com a postura ereta. Meu pai fica parado ali em frente à porta com seus olhos tempestuosos pousados em mim.

- Já estão todos à sua espera. – Alfred diz. – Não se atrase.

- Também é bom reencontrá-lo, irmão.

Hector fala e meu pai apenas acena para ele e logo vira as costas e segue pelo corredor, em nenhum momento do dia ele veio me parabenizar. Mesmo sabendo do seu jeito eu esperava pelo menos um gesto vindo dele, entretanto meu pai permanece como uma rocha inquebrável.

- Custava ele simplesmente fingir um sorriso? – Pergunto ao meu tio. – Nem mesmo consegue dirigir a palavra a você, se não fosse por você ele nem mesmo estaria naquele trono agora.

Hector passa a mão pela sua barba e após coloca as mãos na cintura.

- Ariel. – Ele me olha firme. – Eu abdiquei da coroa, pois assim desejei. Seu pai até mesmo foi contra isso afinal sabia das regras da nossa cultura. Só

aceitou porque eu disse a todos que não desejava isso. Então seu pai não me deve nada. Foram escolhas!

- Eu sei. – Suspiro e sigo pelo quarto. – Só que as vezes ele me irrita e faz falar coisas que eu não falaria se estivesse no meu estado normal. Todo esse jeito dele me deixa angustiado, não consegue expressar nenhum sentimento.

- É o...

- Jeito dele. – Completo a frase de Hector e balanço a cabeça. – Isso não muda o fato que ele poderia tentar mudar, parece que não percebe que isso nos afastou. Eu te considero muito mais um pai do que ele já foi.

Nesse momento Hector fica em uma encruzilhada, pois ao mesmo tempo que o que eu disse foi algo bom ele fica dividido pelo seu irmão. Porém, essa é a grande verdade. Meu pai só soube me ensinar regras, como me comportar, nunca quis realmente saber dos meus sentimentos, como eu pensava, o que eu desejava fazer. São tantas coisas que nesse momento desejo jogar para longe.

- Eu o considero um filho. – Hector esboça um leve sorriso. – Mas, agora pare de se preocupar com isso e aproveite a sua noite. Olhe os raios e a chuva lá fora, Zaquira e Telonis estão festejando pela sua cerimônia.

- Está bem. – Enfim relaxo e sorrio. – Você tem razão, essa é a minha noite.

Seguimos um ao lado do outro pelos corredores do castelo até chegarmos no salão principal. As tochas iluminam o ambiente, as sereias de todo o reino percorrem pelas mesas e corredores. Conforme eu vou passando as pessoas me cumprimentam e retribuo o gesto com um sorriso. São tantos rostos passando que eu fico tonto, mas aprecio a presença do meu povo.

Ninfa se levanta de sua mesa e segue junto de seu irmão até o meu encontro. Ela veste um belo vestido de seda que combina perfeitamente com o azul do seu olhar. Ninfa ergue sua mão em minha direção e me oferece uma taça.

- Ao seu crescimento. – Ela esbanja seu melhor sorriso. – O tempo passou tão rápido, espero que essa nova fase lhe traga mais juízo.

- Pelos mares, irmã! – Polaris olha para ela e sorri. – A graça de Ariel está nas coisas indevidas que ele faz. – Meu amigo olha para meu tio ao lado. – Só as vezes, pois o príncipe é muito responsável.

Hector apenas ri, passa por mim e pega a taça de Polaris.

- Faz tempo que não o vejo no centro de treinamento. – Ele olha firme para meu amigo que apenas morde seus lábios. – Espero que esteja se divertindo com as moças da região, só se lembre em pensar mais com a cabeça de cima.

Junto-me a Ninfa em uma grande gargalhada que atrai a atenção de todos.

- Farei, senhor. – Aendai acena um tanto envermelhado.

- Vejo vocês por aí. – Hector acena com sua taça e prossegue pelo salão.

Polaris logo pega outra taça e olha para mim.

- Seu cabelo está igual o meu.

- É. – Digo. – Parece que você gosta muito de usar a cabeça.

Ele semicerra seus olhos.

- Desculpe, não poderia perder essa. – Digo para ele.

- Ultimamente Polaris tem sido o centro do alvo. – Ninfa ri. – Provando do próprio veneno irmão? Ou se esqueceu de todos os apelidos que me dava na frente das outras sereias quando éramos crianças? Eu chamo isso de carma.

- Que os raios lá fora lhe atinjam. – Polaris sussurra de canto.

- Igualmente. – Ela pisca para ele.

Cruzo meu braço no de Ninfa e seguimos pelo corredor de mesas. Nos sentamos na principal decorada com as mais belas flores de Teza. Meus amigos se sentam ao meu lado como convidados de honra, agradeço por isso afinal a sua família se senta em outra mais ao longe. Embora eles estejam aqui porque são meus convidados eles merecem tal lugar, afinal Ninfa é a melhor arqueira do nosso reino e Polaris um dos melhores guerreiros.

Pego um cacho de uva e devoro por inteiro.

- Preparado para assumir aquele lugar? – Polaris me questiona.

Olho para o meu pai sentado no trono, sua capa dourada estendida pelo trono brilhante. As luzes dos raios iluminando a sua face. Penso como deve ser ver todos nós ali de cima, mas talvez para o meu pai seja apenas normal. Eu desejo sentir isso na maior intensidade.

- Nem precisa de resposta. – Ninfa responde por mim. – É só observar o brilho no olhar de Ariel quando falam sobre isso.

- E quem não desejaria se sentar no trono?

Nem mesmo havia notado que meu primo estava sentado à minha frente. O seu olhar feito o mel pousa no meu e desse mel sinto repulsa.

- Seu pai. – Respondo ele com um sorriso.

- Oh! É claro. – Viseris olha para o lado e sorri, após me fita. – O verdadeiro herdeiro do trono, o primeiro a abdicar. Se não tivesse feito isso eu seria

seu sucessor e você seria apenas alguém da família real.

Nesse momento sinto o fogo me atingindo.

- Talvez ele tenha feito o certo. – Encaro meu primo. – O trono não combina com você meu primo, penso que não seria digno para isso. Mas, não se preocupe nós nunca vamos saber, pois você nunca terá esse direito.

A face de Viseris congela e ao meu lado meus amigos riem silenciosamente. Apenas pego minha taça e ergo em sua direção, obrigado ele faz o mesmo.

- Vamos ver.

Antes que eu possa responder Viseris pega sua taça da mesa e se afasta, do outro lado escorado em um pilar eu vejo que Hector observava tudo. Após ele segue atrás do seu filho problemático. Não entendo como alguém como o meu tio deu vida a uma pessoa tão desprezível quanto Viseris.

- Atenção.

Meu pai se levanta do trono e tem o silêncio de todos.

- Hoje celebramos a cerimônia do crescimento. – Ele diz. – Uma festa que damos aos nossos jovens para celebrar sua transição para o mundo adulto. Nessa noite meu único filho se torna um homem e estou muito orgulhoso disso, é um momento especial para todos os pais que esperam por esse momento. Nascer, crescer, envelhecer, morrer. Esse é o nosso ciclo natural e a cada etapa devemos celebrar por ainda estarmos vivos.

Todos no salão levantam suas taças para o alto e brindam. Se tem algo que o meu pai sempre soube fazer é conversar com o seu povo, as vezes até mesmo sentia inveja porque eles tinham mais a sua atenção do que a mim seu próprio filho. No entanto, compreendo suas responsabilidades e ouvir dele dizendo que está orgulhoso de mim já valeu por tudo.

- Ariel. – Meu pai acena.

Me levanto da mesa e sigo pelo corredor, todos me aplaudem e me cumprimentam durante o trajeto. Quando estou na frente do meu pai eu sinto o meu coração bater mais rápido. Como ritual eu me abaixo na frente do rei em frente ao seu trono. Ouço ele mergulhar sua mão dentro da água.

- Que Zaquira e Telonis te protejam sempre. – Alfred diz enquanto passa sua mão pela minha cabeça. – Que escolha com sabedoria por qual caminho seguir, como integrante do lado Noroeste de Teza assume suas responsabilidades adultas com o seu povo.

Levanto minha cabeça e ele encosta seu dedo em minha testa.

- Ao crescimento. – Meu pai diz.

- Ao crescimento. – Todos no salão repetem.

Me levanto e olho diretamente para Alfred, como tradição é nesse momento após a cerimônia estar concluída que o rei faz o seu anúncio de sucessão. Mas, algo inesperado acontece. Meu pai se aproxima de mim e coloca uma mão em minha nuca e outra em meu peito.

- Eu sempre te amarei. – Ele sussurra para mim.

Antes que eu possa dizer mais alguma coisa minha mãe me puxa para trás e me leva para os seus braços. Suas mãos acariciam minha face e ela sorri.

- Estou tão orgulhosa de você. – Cristal diz. – Meu filho se tornou um adulto, estou contente em estar viva para ver esse momento.

- Eu também. – Correspondo com um sorriso forçado.

- Vamos. – Ela me puxa. – As pessoas querem cumprimentá-lo.

Seguro em sua mão e olho para trás onde meu pai está sentado no trono, ele não olha diretamente no meu olho. Há algo acontecendo, era para eu ser coroado rei agora, porém talvez ele esteja esperando o fim da cerimônia. É raro isso acontecer, entretanto já houve momentos assim.

Fico rodeado de pessoas me cumprimentando, mas minha cabeça nesse momento está girando em torno dos meus pensamentos. Apenas sorrio e correspondo todos eles, ouço alguns “você será um ótimo rei”, “você será tão bravo quanto o seu pai”. Realmente isso não ajuda em nada.

Os Seizels pegam seus instrumentos musicais e se posicionam no salão. São algumas das criaturas mais brilhantes de Teza. Seus corpos tem o tom mais belo do azul. O rosto místico e esplendido, as cinco estrelas marcadas em suas testas são exuberantes. Os cabelos flutuam como se estivessem dentro do mar assim como seu corpo da cintura para baixo. Logo eles começam a tocar e cantar, sua voz acalma até mesmo a tempestade.

Quando o baile começa eu sigo com Ninfa pelo salão, muitos soldados queriam ter esse momento comigo, mas no momento preciso de alguém familiar. Coloco minha mão atrás de suas costas e seguimos ao som dos Seizels.

- Está preocupado. – Ninfa observa.

- Não deveria? – Digo. – Meu pai ainda não anunciou nada. Simplesmente disse que me amava e nada mais.

- E isso não é bom? – Seus olhos azuis me fitam. – Seu pai realmente não é um rei de falar palavras tão tocantes assim.

- Eu sei. – Sussuro. – Nem mesmo me lembro se um dia ele já falou isso, estou feliz por isso, mas sinto que há algo de errado. Era para eu estar coroadado.

Levanto meu braço e Ninfa gira graciosamente e após voltamos a ficar juntos. Quando olho para o trono perco a concentração e piso no seu pé.

- Desculpe. – Digo. – É a tensão.

- Tudo bem. – Ninfa acena. – Entendo o seu lado, porém deve estar preparado para tudo. – Ela fica em silêncio por alguns segundos. – Mesmo se não for coroadado não mudará nada para nós.

- Mas, para mim sim. – Exclamo.

Nesse momento ela decide parar de tentar me acalmar. Dançamos algumas músicas com a intenção de diminuir minha tensão, porém nada resolve. No final decido ficar na mesa onde tomo todas as bebidas.

- Mais uma. – Digo.

- Não é a solução. – Polaris diz.

Nesse instante coloco a mão na mesa e rio para ele.

- Você falando isso? – Olho bem firme e suspiro. – Mais uma.

- A cerimonia ainda não acabou. – Meu amigo diz. – Se te chamarem para receber a coroa olhe o estado que estará.

Me levanto do banco e sinto tudo girar, deslizo pela mesa derrubando algumas taças. Após me escoro na madeira e levanto o meu corpo, pisco meus olhos até tudo estar nítido novamente.

- Pelos mares! – Sussuro e sorrio. – Essa ainda está cheia.

Quando vou pegar a taça outra mão pega.

- Hein!

Giro rapidamente e me seguro na guarda para não tombar. A minha frente meu tio segura a taça e me olha com seu tom repreensivo.

- Ariel mantenha-se sóbrio. – Rio de sua fala afinal é um momento complicado, pois já não estou mais. – Não deixe isso te abalar.

- O que me abalar? – Digo. – O fato de meu pai me esnobar na frente de todo esse salão ao mostrar para todos que eu não sou digno da coroa? Quanta bobagem, eu nem mesmo desejo mais isso.

Quando passo por ele pego a taça de sua mão e sigo pelo salão. Esbarro em um soldado e o vinho cai um pouco, mas ainda tem o suficiente. Procuro um lugar bem afastado dos demais e me escoro contra um pilar. Observo as pessoas no salão dançando e após verem o mesmo do que eu elas começam a ir embora. Viro uma taça atrás da outra para fingir que nada está acontecendo.

No final da cerimônia meus amigos se aproximam de mim.

- Nós temos que ir Ariel. – Ninfa quase não consegue me olhar nos olhos enquanto eu apenas rio. – Há muito o que fazer amanhã. Vai ficar bem?

- Eu posso ficar se quiser. – Polaris se voluntaria.

- Para cuidar de um bêbado renegado? – Olho para ele e rio, Polaris apenas desvia sua visão. – Vão, nos vemos amanhã se eu estiver sóbrio.

Eles acenam e prosseguem para a saída.

Me levanto e sinto tudo girar, entretanto me mantenho firme. Sigo até a mesa mais próxima e encho mais uma taça de vinho. Olho para o líquido vermelho ali dentro e penso se devo tomar mais, entretanto minha vida já está acabada então eu realmente devo.

- Chega. – Ouço sua voz vindo atrás.

Giro meu corpo e fico parado diante dele. Trajado em sua bela vestimenta de rei com a coroa do reino em sua cabeça.

- Por quê? – Questiono.

- Está perdendo o controle Ariel. – Ele diz. – Não é assim que um...

- Rei deve agir. – Viro minha taça e após rio. – Eu não sou um rei então eu posso fazer o que eu desejar, o reino não é minha responsabilidade. – Aponto para o seu peito. – Apenas sua.

- Não aja como uma criança quando você acabou de passar pela cerimônia do crescimento. – Sua voz vai se tornando mais bruta. – Largue essa taça.

- Como quiser.

Levanto minha mão e deixo a taça cair no solo derramando todo o vinho que se espalha no chão entre nós. Alfred avança com sua mão erguida em minha direção e com o olhar tempestuoso me fitando.

- O que foi pai? – Digo. – Vai me bater agora? Vá em frente.

Sua respiração fica ofegante e então ele abaixa sua mão. Ele vira de costas para mim e me sento no banco encontrando um ponto de equilíbrio.

- Você não está pronto para ser um rei. – Ele diz e apenas abaixo minha cabeça. – Após essa noite isso ficou ainda mais claro.

- Sinto muito por não ser o que você queria. – Grito bem alto. – Apenas fiquei todos esses anos seguindo as suas ordens. Ariel treine isso, Ariel aprenda aquilo. Eu me tornei o melhor guerreiro de Teza, li todos aqueles livros sobre o nosso povo e o dos humanos. Mas, nunca é o bastante para você.

Me levanto e sigo até ele que continua de costas.

- O que foi? – Digo. – Não consegue me olhar nos olhos. Vá. – Brando.

- Ariel.

Meu tio surge na escadaria ao fundo.

- Não. – Ergo minha mão para ele. – O grande rei precisa aprender que as pessoas não estão apenas aqui para lhe servir. Que ao contrário dele nós conseguimos amar, não somos construídos apenas para deveres.

Alfred então se vira para mim e mesmo com a visão um pouco embaçada eu consigo ver a sua face, seus olhos severos agora estão banhados em lágrimas.

- Não fale o que você não sabe, garoto. – Ele aponta para mim. – Eu exijo respeito, eu sou o seu pai.

- Pai? – Me aproximo e rio na sua face. – Você sabe o que é ser pai? Você nunca soube. Se eu tenho um pai ele não se chama Alfred e sim Hector.

Nesse momento Alfred fica paralisado apenas me observando. Sinto a mão gelada de Hector me tocar e passo meu braço pelo seu ombro.

- Você precisa se deitar. – Ele diz.

- Você é o meu pai. – Digo para meu tio. – Você me ama, ele não.

Viro de costas e prossigo. A cerimonia que era para ser o meu momento se transformou na minha ruína. Nunca me senti tão despedaçado como hoje, é como se eu pudesse enfim me afogar nas águas. Sem coroa, sem meu pai. Aquilo que eu tanto quis se transformou em poeira e eu não pude fazer nada para evitar.

Capítulo 4

Não curvado.



Outro dia inicia em Teza e agora o clima ensolarado se estabelece. Quando acordo sinto como se tivesse levado um golpe em minha cabeça, mas vai muito além de dor física. Tento não me concentrar no assunto, porém é impossível. Tudo o que eu faço me lembro da noite anterior por isso prefiro ficar a sós em meu quarto longe de todos. Não sei como irei reagir.

Me aproximo da bancada e abro a segunda gaveta, em cima de um manto dourado está o presente que ganhei de meu pai quando tinha vinte anos. É uma escultura de um tridente, aquele que os nossos reis utilizavam durante a guerra. Hoje essa arma apenas enfeita um lugar especial em nosso castelo afinal as guerras já cessaram há bastante tempo. Esse presente me deixa próximo dele.

- Ele te ama.

Pressiono a pequena escultura na minha palma. Me viro e do outro lado está minha mãe com os braços pousados em seu colo me observando com um certo receio e sei bem o motivo. Eu odeio ser o motivo dela estar assim, mas também não sou o único responsável.

- É o que todos dizem. – Exclamo.

- É o que todos percebem. – Ela rebate.

Sorrio com o canto dos lábios e olho firme em seus olhos.

- Ariel. – Cristal diz. – Sinto muito não estar junto com vocês ontem à noite, mas seu pai pediu para que ele conversasse a sós com você. Se eu soubesse o que estava acontecendo iria intervir no mesmo momento afinal vocês são pai e filho e jamais devem se tratar dessa forma.

Desvio meu olhar do seu, pois sei que ela está falando a verdade.

- Ele disse que eu não sou digno. – Falo. – Pensa o mesmo?

Cristal percorre pelo meu quarto com um sorriso em sua face, ela para bem em frente à o que eu gosto de chamar de santuário. São tantos livros que ocupam as prateleiras, tanto sobre a raça humana quanto do nosso povo. No centro dessa prateleira estão todos os meus armamentos que usei desde a minha infância como uma recordação da minha evolução.

- Não eu não penso da mesma forma. – Cristal diz. – E sei que o seu pai também não, no entanto ele não soube se expressar. Além de rei ele é o seu pai, pense como é para ele deixar toda a responsabilidade de um povo nas mãos do seu único filho. Ser rei não é apenas se sentar naquele trono há muito por trás disso que talvez ele não queira para você.

Largo o presente e fecho a gaveta.

- Mas, eu fui preparado para isso. – Rebato. – Não é justo.

- Tudo tem o seu tempo certo. – Ela tenta me acalmar. – Você será um grande rei, mas não nesse momento. Precisa compreender que mesmo não lhe dando a coroa o seu pai ainda lhe ama, pense como doeu para ele ouvir aquelas suas palavras.

- Foram verdadeiras. – Digo. – Alfred só soube me dar ordens na minha vida, não foi como você que além de rainha se comportou como uma mãe. Eu fiz muito para agradar a ele, porém ontem à noite foi o fim.

Minha mãe se aproxima e me encara.

- Nenhum de vocês cederá sabe por quê? – Ela me questiona. – Porque vocês são iguais, eu olho para você e vejo muito do seu pai quando era mais jovem. O mesmo entusiasmo pela coroa, de se tornar um rei. Quando Alfred assumiu a sua posição ele era jovem demais e isso o afetou de uma forma muito intensa, aquilo que ele imaginou não era um mar calmo. Ele teme que o mesmo aconteça com você e é por isso que não lhe deu a coroa.

Nesse momento apenas fico calado e viro observando a janela. Refletindo sobre o assunto talvez a minha mãe possuía razão. Meu pai errou comigo, mas eu também errei com ele. Agora pensando nas palavras ditas no final daquela noite eu me arrependo, pois isso deve ter o abalado e eu não desejo isso.

- Eu o amo. – Digo. – Mas, parece que ele não entende.

- Oh! Meu querido ele compreende sim. – Cristal sorri para mim.

Me aproximo dela e fico no aconchego de seus braços. Após um tempo me afasto e seguro as suas mãos, continuo a olhando nos olhos.

- Talvez ele e eu precisamos de um tempo. – Exclamo. – Vou esperar as coisas acalmarem e então eu o procuro, pois sei que ele não fará o mesmo. Também penso que talvez esse não coroamento tenha me aberto outras possibilidades que eu espero aproveitar.

- Como o que? – Minha mãe me questiona.

- Depois retomamos o assunto. – Digo para ela. – Preciso fazer algo.

Sigo pelos corredores do castelo e logo estou no ambiente ao ar livre. Ao circular pelas estradas muitas pessoas me cumprimentam, mas noto em suas expressões que elas estranharam eu não ter recebido a coroa e também sei que sou o protagonista nas histórias das casas por Teza. Mesmo me sentindo um tanto angustiado eu me mantenho firme e não me deixo abalar.

A biblioteca principal não fica muito longe do castelo, logo a vejo na minha frente. O edifício branco com telhado amarronzado um dos meus locais preferidos em Teza, há tanta história nesse lugar. Mesmo nunca saindo de Teza já conheci muito mergulhando nas páginas dos livros.

Quando vou passar pela porta principal meu primo Viseris passa por ela. Vestindo seus trajes escuros e avermelhados, carrega em sua face as expressões venenosas e nesse momento já tento me acalmar. Ele logo para ao meu lado.

- Caro primo Ariel III. – Viseris sorri em minha direção. – Pensei que você estaria usando uma coroa nesse momento, mas não estou vendo nada.

- Sim. – Retribuo o sorriso falso. – Creio que uma coroa iria tirar o foco da minha face e isso não seria nada bom, não acha? Por momento em minha cabeça prefiro apenas manter o ruivo Dramir. – Finjo um riso. – É claro que você não entenderia já que não puxou tal característica.

Meu primo avança um passo e continua a sorrir.

- Admiro a sua postura. – Ele fala. – Mesmo em um momento turbulento como esse consegue se manter resistente, espero que até o seu coroamento chegar mantenha a mesma força. Ou até mesmo esse momento nem aconteça...

- Por acaso anda prevendo o futuro, meu primo? – O questiono. – Se preocupa tanto com o que está acontecendo com os demais, se eu tivesse esse mesmo poder iria preferir me ocupar com a minha própria vida.

Sua mão pousa no meu peito e os braceletes refletem.

- Tens razão príncipe. – Sua voz soa calma. – Afinal eu tenho muito a fazer.

- Tenha um ótimo dia. – Aceno para Viseris.

O homem segue pelos degraus e prossegue pela estrada. Meu dia já está sendo ruim e ele contribui ainda mais para piorar. No entanto, finjo que nada aconteceu e prossigo para dentro da biblioteca. A essa hora do dia poucas sereias circulam. Passo entre as prateleiras e logo estou no centro. No chão um tridente foi pintado em azul. O teto de vidro deixa a luz do sol adentrar.

- Faz tempo que eu não o vejo príncipe.

Do outro lado da grande bancada está George, o senhor que cuida da biblioteca e que foi um dos fundadores desse lugar. Atualmente é a sereia mais velha da ilha, nem mesmo podemos contar a sua idade. Ele se levanta com uma certa dificuldade e prossegue ao meu encontro, sua toga branca é da mesa cor dos seus cabelos.

- Olá George. – Sorrio e aperto sua mão. – Fico contente em reencontrá-lo. Nesses últimos dias estava muito ocupado, ontem mesmo foi a minha cerimônia do crescimento. Posso dizer que senti sua ausência.

- Você sabe que eu aprecio a companhia dos livros. – Ele prossegue pelo salão enquanto sorri observando as prateleiras. – Por isso fundei a biblioteca de Teza, os livros sempre foram um refúgio e um ponto de extrema importância para nos recordarmos do passado. Evoluir, não cometer os mesmos erros do passado.

- Eu entendo. – Digo. – Afinal foi você quem me ensinou a pegar o gosto pela leitura das palavras, somente com a sua ajuda consegui compreender a importância de termos esse local.

Me aproximo da mesa deixada no centro do salão. O papel amarronzado e a tinta do lado. Alguns nomes preenchem a lista da expedição. Dentre eles reconheço muitos, o que mais me chama atenção é o de Ninfa e Polaris.

- Seus amigos tiveram mais cedo por aqui. – George diz. – Estavam entusiasmados para assinarem o seu nome, talvez os mais felizes.

- Sim. – Sorrio passando o dedo pela folha. – Quase a maioria pensa como é o mundo lá fora entre os humanos. Uma oportunidade única.

A expedição. A cada dez anos a proteção em volta da ilha diminui a sua intensidade da magia e permite que as sereias ultrapassem os limites. Dessa forma quando chega nessa época do ano os melhores guerreiros de Teza assinam seus nomes em uma folha com interesse pela expedição. Meu pai escolhe os cinco mais preparados que formam a Tropa Sapien. Eles ultrapassam as barreiras e seguem até o mundo humano onde viverão por um ano o tempo que essa barreira fica mais fraca, com o objetivo de colher informações. Após esse tempo retornam para ilha com os livros escritos sobre tudo o que aconteceu de mais importante no seu mundo. Essa tradição começou há muito tempo quando começamos a sentir medo pelo nosso lar e saber sobre o seu mundo de certa forma nos protege, embora há a proteção alguns humanos ainda ultrapassam as barreiras.

- O mundo humano deve ser fascinante. – Comento.

- Oh! É sim meu jovem. – George sorri. – Mas, para nós possui muitos perigos. Os humanos evoluíram com o tempo, não como seres que habitam a Terra, essa evolução que aconteceu em seu mundo os tornou mais perigosos para nós. Caminhar entre eles exige muitos cuidados.

- Penso o que aconteceria se um dia formos descobertos. – Digo.

- Eles roubariam nossas maiores riquezas. – George muda suas expressões como se o inverno pairasse. – Eles são conquistadores.

- Nós também somos. – Exibo um sorriso de leve.

Me viro e observo a folha. Com cuidado eu pego o pincel e passo na tinta.

- O que está fazendo? – George espanta-se.

Ignoro ele por um momento e escrevo meu nome na linha de baixo. Ariel III Dramir, Príncipe de Teza o único sucessor da coroa. Quando movo meus dedos sinto uma certa tensão, mas algo prazeroso. No final suspiro e sorrio.

- Nunca um Dramir foi para terras humanas. – George observa. – Você seria o primeiro, porém acredito que seu pai não opte pelo seu nome.

- Ele deve julgar todos pela sua competência. – Digo. – Você acha que eu teria alguma chance de ser um integrante da Tropa Sapien?

George coloca as mãos na mesa e lança um riso esquisito.

- Não há dúvidas que você é o mais preparado. – Ele exclama. – Estudou desde cedo todos os livros desse local, sabe muito sobre os dois mundos. Além de um estudioso é também o melhor guerreiro da ilha.

- Então iremos esperar e ver acontecer. – Exclamo. – Creio que agora é o momento ideal para mudanças e eu já almejava integrar a tropa, no entanto antes ficava receoso quanto ao trono. Porém, meu pai deixou claro ontem à noite que ainda vai demorar para eu assumir o trono.

George pega a folha em sua mão e sorri para mim.

- Espero muito que você consiga meu jovem. – Ele diz. – Um príncipe em uma expedição, faz tempo que algo não me surpreendia. Admiro sua coragem, mas lembre-se de não se deixar levar pelo sentimento da raiva.

Com meu cavalo eu prossigo por Teza. Aceno para Zeus diminuir a velocidade quando chegamos ao campo dos guardiões onde os nossos animais são cuidados. Cuidando dos cavalos está Polaris com expressões nada contentes, ele passa a água no animal que se debate e joga em seu corpo.

- Pelos mares! – Ele brande.

- Vejo que aprecia muito esse trabalho. – Digo a ele.

Polaris vira-se e sobra uma mecha no canto do seu rosto. Ele larga os produtos de limpeza e se aproxima de mim. Zeus relincha quando isso acontece. Apenas passo a mão em sua cabeça e o acalmo. Desço pelo lado.

- Espero que consiga integrar a tropa Sapien. – Exclamo. – Pelo menos irá ficar um ano sem cuidar de animais. – Rio.

- Pelos mares! – Ele levanta suas mãos para cima e sorri. – É tudo o que eu mais desejo, já li tanto sobre as humanas. Nunca imaginou como deve ser o prazer carnal com algum da sua espécie?

- Acredito que seja proibido. – Me escorro na cerca de madeira. – No entanto, eu não sou alguém que cumpre muito as regras. Talvez nós podemos descobrir isso juntos...

- Como assim? – Polaris lança um leve riso. – Você é um príncipe não tem como... pelos titãs você colocou seu nome na lista? – Afirmo que sim. – Isso é insano, seu pai vai convocar os raios contra você nunca alguém da dinastia principal fez isso. Estou tão orgulhoso!

- Alfred não irá permitir.

Ao meu lado Ninfa passa carregando uma bolsa de plantas em uma sacola. Sigo ela pela estrada, seu humor não está dos melhores.

- É obrigação deles julgar todos como iguais. – A lembro. – Não querendo diminuir vocês, mas sabem que eu sou o mais preparado para a tropa.

- Isso foi bem humilde. – Polaris balança a cabeça. – Porém, não deixa de ser verdade. Afinal agora você não é um rei, nada lhe impede.

- Exatamente. – Ninfa olha-me. – Não está fazendo isso como uma vingança contra o seu pai por não ter lhe dado a coroa?

Apenas esboço um sorriso.

- É claro que não. – Respondo e ela me olha de canto. – Está bem! Talvez um pouco, porém eu sempre manifestei esse desejo, no entanto antes para mim parecia ser impossível, mas agora não é.

- Como desejar. – Ninfa diz. – Espero que não esteja arrumando mais um motivo de discussão com o seu pai, não lhe fará bem.

Apenas fico calado e prossigo ao lado deles. Mesmo que suas palavras não me agradam a minha decisão já foi tomada e não recuarei. Nenhuma mudança ocorreu com as pessoas ficando paradas, no mundo humano eles adquiriam direitos com os seres se manifestando por eles e no nosso também. Usando sua voz para lutar por mudanças e é isso o que eu farei.

Chegamos enfim a região rochosa. Logo que nos aproximamos vimos o barulho do animal se movimentando para fora da caverna, logo ele está parado a nossa frente. O dragão de Teza. Ele inclina seu corpo se afirmando com suas asas na frente e com as patas traseiras. Possui uma cor que varia do branco e o azul, seus olhos são como raios da noite por isso o apelidei de:

- Trovão. – O chamo.

Seu longo pescoço desce e logo seus olhos estão me fitando. Mesmo com seu tamanho eu não sinto medo do animal afinal nós o criamos.

- Ninfa trouxe alguns alimentos para você. – Digo.

Ajudo minha amiga a virar a grande sacola que derrama tudo à frente do dragão. Frutas, folhas, galhos, raízes, ervas. Agradeço imensamente por ele ser um dragão que se alimenta dessa forma, é claro que necessita de carne, mas em pouca quantia. Meus antepassados demoraram muito para treiná-los e os deixar dessa forma.

Trovão gosta do que lhe foi trazido.

- Ele não parece mais grande? – Polaris observa. – Quem sabe podemos ter o novo Trovão dos mares. – Meu amigo ri.

- Penso que não é nada legal. – Ninfa fala e eu concordo.

No começo da nossa formação na ilha houve uma habitação muito grande de dragões. Como os dois lados da ilha se separaram houveram muitos embates com as criaturas que resultou quase na extinção dos dragões. Trovão é o último de sua espécie e creio que ele não procriará. O mais famoso deles foi o Trovão dos mares liderado por um Rei Dramir. Ele matou muitos soldados do lado sudeste, foi o maior dragão que já se teve existência. Trovão dos mares ajudou a acabar com a guerra e enfim selarmos um tratado onde os dois lados da ilha viveriam conforme suas leis sem mais mortes.

- Já se alimentou? – Questiono, ele balança seu longo pescoço. – Ótimo.

Aceno para Trovão se abaixar. Olho para trás e aceno para meus amigos.

- Vamos. – Digo para eles.

- O que? – Ninfa se espanta. – Nós nunca montamos dragões, não sei se desejo correr o risco de despencar e morrer. Ainda sou jovem.

- Deixe de drama. – Polaris passa empurrando ela. – Eu estou mais que preparado, essa oportunidade não aparecerá mais uma vez.

Subo pela asa do animal e logo estou montado nele. Ofereço minha mão para Polaris e após um tempo de relutância Ninfa cede e também sobe.

- Preparados? – Questiono.

- Não eu...

Não deixo Ninfa terminar a sua frase e bato no corpo de Trovão.

O animal percorre pelo gramado para pegar impulso e logo nos impulsiona para o alto. Suas grandes asas debatem e logo estamos voando por Teza. Lá embaixo tudo fica minúsculo e a sensação é inexplicável. Me recordo da primeira vez que montei em um e então me lembro que foi com o meu pai, nesse momento deixo o sorriso transparecer.

- O que estão achando? – Pergunto.

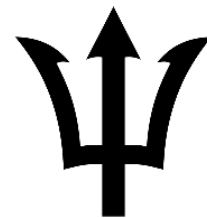
- Acho que estou um pouco tonto. – Polaris fala e depois que olha para baixo seus braços se enrolam na minha cintura quase quebrando meus ossos.

- É incrível. – Ninfa sorri, o vento bate em seus cabelos. – Pelos titãs!

Inclino um pouco Trovão para o lado e prosseguimos pelo mar respeitando os limites da barreira que são indicados por uma forte neblina. Observo o castelo reduzido ao longe e agora também dá para ver nitidamente a separação dos dois reinos. O Noroeste com cores mais brilhantes, dourado, cinza. O Sudeste com cores mais escuras como o preto e o vermelho. Me pergunto se um dia isso vai mudar. Acabarmos com as diferenças, porém há uma longa divergência entre nós. Talvez com os líderes certos algo mude, no entanto agora eu só observo para frente além da neblina. O mundo humano. Eu irei até lá, há algo me dizendo que eu preciso desembarcar em terras humanas.

Capítulo 5

Do Everest ao abissal.



Acendemos uma fogueira ao ar livre bem próximo da casa dos senhores Aendai. Me recordo quando éramos mais pequenos, quando saíamos do treino e seguíamos até aqui. A senhora Aendai preparava os deliciosos bolos de cenoura, mas nos últimos anos ela tem ficado mais dentro de casa, pois uma doença rara afetou o seu corpo. Agora quando ela se movimenta fica muito cansada e logo tem que retornar a sua cama, sinto muito por isso, pois ela amava cuidar desse lugar. Fico feliz que Ninfa expresse o mesmo sentimento do que o dela.

- Já pensaram com quem irão deixar a sua mãe se partirem ao mundo dos humanos? – Questiono meus amigos.

Ninfa puxa o seu casaco, se cobre e fica com sua visão vaga.

- O nosso pai disse que irá cuidar dela. – Aendai responde. – Além disso, nossa mãe já não está tão debilitada assim. – Ela olha para mim. – Entretanto, confesso que sinto receio em partir mesmo sendo um sonho para mim.

- Também sinto o mesmo. – Polaris concorda. – No entanto, foi ela mesmo que pediu para colocarmos nosso nome na lista. No primeiro momento pensamos em desistir, porém ela nos convenceu que ficará bem.

- Então está tudo bem. – Expresso um sorriso. – Espero que meu pai possua os mesmos sentimentos e que me libere nessa expedição.

Me cubro com meu manto e me escoro no tronco de madeira. Observo as chamas dançarem entre si sob o céu estrelado.

- Eu tenho medo. – Digo a eles que me observam. – De ir até o mundo deles e nunca mais conseguir voltar. Há histórias de muitos guerreiros que se apaixonaram por seu mundo e nunca mais quiseram retornar.

Polaris atira uma pedra em meu pé.

- Só os tolos desejaram ficar. – Ele diz. – Olhe a nossa volta, nós temos tudo, vivemos nesse lugar que seria um paraíso para humanos. No mundo deles há pessoas que passam fome, morrem por inúmeras doenças e aqui nós estamos

blindados contra isso. – Polaris reflete. – Pelo menos alguns... o que eu quero dizer é que essa expedição pode ser uma aventura, porém somente isso.

Ninfa e eu ficamos olhando para ele por longos segundos.

- Foi ele mesmo quem disse isso? – Ela olha-me e ri. – Essas palavras foram muito sensatas para terem vindo do meu irmão. – Ninfa coloca a mão em sua testa. – Não está doente, ainda é você mesmo.

- Quem sabe montar no dragão tenha o afetado. – Digo.

- Engraçadinhos. – Polaris semicerra seu olhar. – Eu sou aventureiro, no entanto sei dos riscos que corremos. Além do mais eu aprecio o meu conforto.

- Sim. – Balanço a cabeça. – O conforto entre os animais.

- Prefiro as mulheres. – Ele pisca em minha direção.

O que Polaris disse é realmente verdade e isso me faz refletir, pois eu também nunca desejaria ficar no mundo dos humanos. Por mais que o nosso povo tenha guerras internas nós não sofremos a metade do que eles. Tantas guerras, tantos líderes cruéis, inocentes mortos. Embora tenhamos quase o mesmo trajeto nós conseguimos nos estabilizar, mas creio que a sua raça nunca irá conseguir isso e sinto muito por isso. Paz e amor são coisas que devem ser preservadas.

O senhor Aendai sai de sua casa carregando uma grande bandeja de metal. Ninfa é a mais parecida com ele, os mesmos cabelos escuros, olhos azuis e as sardas abaixo dos olhos. Quando sorri demonstra a mesma gentileza.

- Sua mãe preparou. – Aendai diz.

Ele coloca a bandeja em cima do tronco e abre a tampa. Dentro eu vejo os mesmos bolos de cenoura que comíamos quando criança.

- Estou sonhando? – Olho para o senhor que apenas sorri.

- Mamãe não precisava se dar o trabalho. – Ninfa diz. – Ela deve estar exausta, não fará bem para ela.

- Não se preocupe querida. – Ele passa a mão na cabeça de sua filha. – Sua mãe sabe bem o que faz e é bom que ela esteja tentando melhorar, esse foi o primeiro passo que ela deu então sorria.

Ninfa apenas acena que sim. Olhando para eles eu me imagino em seus lugares, como eu desejava que meu pai fosse pelo menos um por cento do que o senhor Aendai é com os seus filhos. Sempre preocupado com o seu bem-estar, demonstra seus sentimentos por eles, um verdadeiro pai!

Pego o pedaço maior da bandeja e a cobertura de chocolate escorre pelo meu dedo, na primeira mordida já me sinto em empíreo. Fecho os meus olhos e após lanço um grande sorriso de prazer.

- Diga a ela que está perfeito. – Exclamo. – Como antigamente.

- Certamente eu direi. – Senhor Aendai acena. – Por favor não vão se deitar muito tarde, amanhã temos um longo trabalho na estrebaria.

- É... – Polaris sorri com empolgação. – Mal posso esperar.

Em questão de minutos todos os bolos da bandeja são devorados.

- Estou cheio. – Sorrio olhando para as estrelas. – Sua mãe precisa passar essa receita para os empregados do castelo, não posso mais ficar um dia sem comer esse bolo. Pelos mares!

- Ela não é muito de compartilhar seus segredos. – Ninfa diz. – Mas, vamos ver se eu consigo retirar alguma informação.

- Oh! Eu agradeço.

Impulsiono-me e fico em pé. Assobio para Zeus que vem correndo em minha direção até parar ao meu lado. Passo minha mão em sua cabeça.

- Nos vemos amanhã. – Digo a eles. – Depois do serviço. Só cuide para nenhum outro cavalo defecar nos seus pés Polaris.

Ele cruza seus braços e me fita com seu olhar.

- Ele vai se cuidar. – Ninfa ri.

Quando eu monto em Zeus e estou prestes a partir ouço um barulho vindo da estrada, em um instante um cavaleiro de Teza surge. Ele se aproxima com seu cavalo e logo para. Seu olhar segue para mim e após para meus amigos.

- O rei está convocando Polaris e Ninfa Aendai para o castelo. – Ele diz.

Isso soa um pouco estranho porque meu pai sempre espera pelo menos um dia para analisar os nomes e enfim definir a tropa Sapien, no entanto agora ele vem nos surpreendo e talvez essa seja mais uma “surpresa.”

- Está bem. – Polaris acena. – Vou avisar os meus pais.

- Depressa. – O cavaleiro diz.

Guio Zeus para mais próximo dele e olho em seus olhos.

- Por acaso ele não me chamou? – O questiono.

- Não tive nenhuma ordem, meu príncipe. – O homem responde. – Apenas estou aqui para chamar Polaris e Ninfa.

- Está bem... – Sussuro.

Logo Ninfa vem montada em seu cavalo com Polaris atrás. Da porta de sua casa o senhor Aendai acena para seus filhos. Logo que estamos juntos partimos pelas estradas de Teza. Conforme vamos nos aproximando do castelo mais a minha tensão aumenta, pois creio que eu já tenha a resposta para minha aflição.

- Parabéns! – Digo aos meus amigos.

- Ainda não sabemos para o que é. – Ninfa diz.

- O Rei chamar vocês a essa hora da noite é porque tem um assunto importante a tratar e creio que nós já saibamos qual é. – Exclamo. – Não se preocupem vocês vão realizar esse sonho.

- Você também. – Polaris diz. – És o mais preparado do reino.

- Para o meu pai não.

Antes que eles possam dizer mais alguma coisa eu guio Zeus para frente e passo o cavaleiro seguindo pela estrada principal do castelo. O vento bate contra o meu corpo quente diminuindo a temperatura. Por mais que esteja quase parando de respirar tento me manter firme.

Deixamos nossos animais na área apropriada e seguimos.

- Eu posso entrar junto? – Questiono o cavaleiro ao meu lado. – Meu pai não deu nenhuma restrição da minha entrada no salão?

O soldado olha para mim um tanto confuso.

- Você é o príncipe de Teza. – Sua resposta vem acompanhada de um sorriso que logo é contido. – Não, não há nenhuma restrição.

- Ótimo.

As portas do salão enfim são abertas. No fundo sentado em seu trono está meu pai, é a primeira vez que o vejo desde aquele incidente na minha cerimônia. Confesso que ficar olhando para a sua face é um grande teste para mim, sinto meu corpo tremer, mas continuo a encarar. Para a minha não surpresa há mais três guerreiros no salão. Abro os meus braços e lanço meu melhor sorriso.

- Meu rei! – Exclamo. – Trago os últimos soldados.

Me viro e aceno para eles seguirem, meus amigos ficam me olhando com expressões desconfiadas, mas mesmo assim prosseguem. Logo os Aendai se juntam com os demais guerreiros. Reconheço as outras três faces. Sabrina, mestre em combate físico. Hugo, um dos grandes estudiosos da fauna e flora,

extremamente inteligente. Délio, um dos melhores nadadores de Teza e um excelente guerreiro do mar.

- Obrigado, príncipe! – Alfred acena para mim.

Apenas sigo para o canto e me sento no banco mais próximo e fico a observar. Meu pai fica alguns segundos a me observar, mas após ver que eu não deixarei o local ele se levanta do seu trono e assume sua postura rígida.

- Sejam todos bem-vindos. – Meu pai diz. – Devem ter estranhado serem chamados a esse momento ao castelo, mas são por boas novas. Acredito que todos vocês já tenham ideia do que fazem aqui. Analisei todos os nomes na lista de expedição e cheguei à conclusão que essa será a nossa tropa Sapien.

Os outros soldados sorriem enquanto meus amigos congelam.

- Sorriam. – Digo a eles e meu pai semicerra seu olhar. – Continue...

- A tropa sairá dentro de algumas semanas. – Alfred continua. – Peço que preparem tudo o que irão precisar para a viagem, deixem sua vida aqui organizada para quando retornarem. Essa é uma grande oportunidade e que poucos conseguem conquistar, espero que façam bom uso!

A tropa Sapien se ajoelha em frente ao rei e colocam suas mãos nos peitos.

- Que Zaquira e Telonis estejam conosco! – Eles dizem.

- Que assim seja. – Alfred permanece frio.

Ele abre uma pequena caixa onde os broches estão, cada um dos soldados prossegue e pega um. Após firmam em suas roupas, os sorrisos mais irradiantes surgem e eu também consigo sorrir para os meus amigos.

A Tropa Sapien então começa a se despedir. Meus amigos é claro veem até mim antes de deixarem o castelo e não trazem expressões agradáveis.

- Você deveria estar conosco. – Polaris é direto.

- Polaris. – Ninfa o repreende.

- É a verdade. – Seu irmão rebate. – Todos sabem que o mais preparado era Ariel e simplesmente seu pai ignorou isso, tire satisfações.

- Eu farei. – Digo.

- Não escute meu irmão. – Aendai suspira e me dá um abraço. – Por favor cuide com o que você vai falar, fique bem meu amigo.

Passo os meus dedos no broche de tridente dourado e sorrio.

- Vão. – Exclamo. – Precisam descansar.

As portas se fecham quando todos deixam o salão.

Viro-me e prossigo ao lado do trono sem nem ao menos olhar em direção ao rei. Caminho por trás até que paro em frente a grande abertura que dá para ver o reino lá embaixo. Uma noite estrelada que teria tudo para ser bonita agora se tornou em uma forte tempestade ocultando o brilho das estrelas.

Ouçó o barulho das suas botas ecoando e então viro-me. Seus olhos esverdeados me fitam, mas agora não sinto uma tensão vindo dele.

- Parabéns. – Digo. – Você tirou a minha chance de partir e conhecer o mundo deles, mesmo sabendo que eu era o mais preparado naquela lista. Sem coroa, sem expedição, daqui a pouco sou banido para a parte sudeste.

Alfred suspira e diz:

- Você não poderia partir, nenhum outro príncipe Dramir fez a expedição. É uma tradição que deve ser mantida e além disso você deve se preparar para o trono, concertar os seus erros e ser digno.

Lanço um riso incrédulo e viro-me para o lado.

- Uma tradição. – Olho para ele. – Não foi o nosso povo que começou a quebra-las quando se recusou a matar seres humanos que se aproximavam da ilha? Nós trazemos luz a esse reino e mudanças. Se você pelo menos confiasse em mim, saberia que estou apenas tentando fazer o bem.

Alfred fica calado nesse instante e evita o contato visual.

- Agora terei que ficar aqui para me tornar digno? – Sorrio. – É sério que eu estou ouvindo isso? Sempre me preparei para assumir o trono, o que você me orientava eu fazia. Mas, agora de repente não sou digno. Parece que um dos reis mais inteligentes da nossa história se tornou em um patético monarca.

Não temo em usar as palavras e vejo que isso o deixa inquieto e essa é realmente minha intenção, o deixar desconfortável, porém soo suave.

- Você pensa realmente que está certo? – Ele me observa.- Tantas infrações que cometeu nesses anos, pensa mesmo que não sei sobre elas? Como também não sei do seu envolvimento com o príncipe Odini, César.

Nesse instante sinto o meu corpo congelar, fico paralisado no lugar.

- Sim, meu filho eu sei sobre isso.

- Então é uma punição? – Digo a ele. – Pois, bem faça o que desejar. Se você acha que eu ainda estou com César então vou deixa-lo mais alegre, pois nós roupemos há muito tempo e sabe por que? Pois, eu decidi que o meu dever com o

reino estava além disso. – Desvio meu olhar. – Como fui patético, olhe agora onde eu estou. Não tenho absolutamente nada.

- Eu não sabia. – Alfred fala.

- Como você saberia? – Digo. – Simplesmente está ocupado demais governando Teza, se fosse um pai mais presente eu teria contado sobre César. Sei que quebrei todas essas regras, mas nossos antepassados fizeram o mesmo e mudanças não ocorrem com seres ficando calados acatando a seus superiores. Sinto muito, mas eu nunca vou ser como você. Pois, acima dos meus deveres eu coloco aqueles que eu amo. Minha família, meus amigos!

Cruzo meus braços e fico a observar a noite.

- Família é o mais importante para mim. – Alfred diz. – Por isso não o coloquei no trono, por isso não o deixei partir nessa expedição.

- Eu sou seu filho, não seu prisioneiro. – As palavras são fortes, mas nesse momento não me importo. – Mas, não adianta termos essa conversa, afinal você nunca vai mudar. Quero que você saiba que apenas coloquei meu nome naquela lista, pois pensei que seria uma escapatória para encontrar minha felicidade. Adquirir conhecimentos maiores que qualquer outro rei já teve, porém você me tirou isso. Tenha uma ótima noite, rei!

Passo por ele e prossigo.

- Ariel. – Ele me chama uma vez e após mais forte. – Filho.

Saio do castelo e prossigo com Zeus pelas estradas do reino.

Quando estou afastado de todos eu me permito deixar as lágrimas rolares. Pensei que as coisas poderiam ser diferentes, no entanto elas não podem. É incrível como as coisas mudam, em momentos estamos na ponta mais alta de uma onda e quando menos esperamos estamos presos no fundo do mar.

Desço pelo gramado e retiro as minhas roupas. Estico meu corpo e mergulho na água do lago. Deito minha cabeça e fico a observar as estrelas. Afinal qual é a minha missão no mundo. Penso que todos devem se perguntar isso quando estão no fundo do mar e creio que nenhum tenha a resposta.

Mergulho o mais profundo que eu consigo ficando sob às águas.

- Ariel. – Ouço algo sussurrar em minha cabeça.

“Zaquira e Telonis irão te guiar pelas águas, não tema, pois, até no lugar mais profundo a luz irá brilhar. Oh! Reis dos mares, reis dos mares. As águas são a nossa luz, a nossa vida, nosso poder. A noite nós cantamos e celebramos, da água viemos e a água retornamos.” – A canção das sereias.

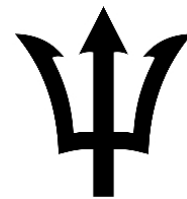
Sinto meu pé tocar em solo firme e então respiro profundamente, deixo toda a energia liberar pelo meu corpo. Abro meus braços e não me sinto preso, a liberdade dança dentro de mim. Quando abro os meus olhos vejo a água a minha volta girando em um círculo em volta do meu corpo. Até no lugar mais profundo consigo enxergar a minha luz e o meu despertar.

- Ariel III. – Sussuro para as águas.

Guio as águas para debaixo dos meus pés e aos poucos o meu corpo vai sendo levado para o topo até que então eu esteja vendo Teza. Abaixo os meus braços e o meu corpo mergulha novamente no lago e a água a minha volta se dispersa. Pensei que tudo estava acabado, mas não estou. Como minha mãe disse tudo acontece no tempo certo. O momento chegou e não ficarei imerso.

Capítulo 6

Uma invasão humana.



Embora sejamos aconselhados a não andar pela floresta proibida a noite mesmo assim eu faço. Com Zeus eu sigo pelas regiões mais escuras da floresta ficando fora da visão dos nossos protetores que circulam em volta. Ando tanto que só percebo o quão longe fui quando avisto as moradias do Sudeste surgindo não muito longe. Desço de Zeus e o amarro na árvore mais próxima.

- Fique quieto. – Sussuro para ele. – Quando chegarmos lhe dou uma cesta com os melhores cubos de açúcar do reino.

Como o esperado o animal dobra suas patas e deita-se no gramado.

Olho em volta e não avisto nenhum soldado do Sudeste o que é um tanto estranho. Desço pelo pequeno morro e adentro na água do rio que nessa região é completamente rasa. Sou rápido e silencioso e logo já estou do outro lado. Ando entre as árvores e avisto o outro lado do rio não muito longe. Na região onde eu estou não há dono, pois quando assinamos o tratado o rio cortava os dois ao meio então qualquer um pode andar livremente por aqui, no entanto não é muito aconselhável. Esse pequeno cruzamento é conhecido como a pequena ilha de sangue onde muitos soldados se encontravam para batalhar, por simples prazer ou vingança de um reino contra o outro.

Ouçó um barulho vindo além da barreira da neblina. Me encosto no canto da árvore e observo quando um grande navio ultrapassa a barreira. Ele é escuro como a noite e o seu metal parece poderoso, embarcado nele há humanos. Os homens e mulheres tripulantes manuseiam armas que eu nunca havia visto, apenas pelos detalhes escritos nos livros. Bem em sua borda há um símbolo, uma coroa de louros e em seu centro há um nome “Talis”.

- Não avisto ninguém. – Um homem na ponta do navio fala.

Observo o reino do Noroeste e vou me aproximando cada vez mais até estar no limite pisando na areia e na água. O silêncio paira em todo o local e o barulho somente vem do navio que se aproxima.

- Um castelo. – Um homem com a pele escura e com os cabelos cortados fala e seu sorriso é contagiante, sinto que já o conheço, mas não é possível.

Então noto no mar as criaturas surgindo, por mais que sua velocidade seja impressionante ainda consigo captar seus corpos. As sereias então vão se aproximando do navio e logo elas se mostram para os navegadores formando um círculo em volta da sua embarcação.

- Humanos. – A mulher segurando a arma fala.

Como o esperado as sereias então começam a cantar, para mim soa como algo normal, no entanto para eles é hipnotizante. As pessoas que estavam com a arma abaixada então recuam, menos o homem da frente que não parece sentir o efeito da melodia das sereias.

- Não são humanos. – Decifro os seus lábios.

É tarde demais para fazer alguma coisa. Os humanos começam a subir na ponta do navio e se jogar no mar onde são recebidos pelas sereias. Guiados pelas suas vozes eles seguem alegres. Então acontece, com suas unhas afiadas suas gargantas são cortadas e o sangue jorra na água.

Observo o humano no navio, ao ver os assassinatos ele se abaixa atrás de um pilar, mas outras sereias já observaram que ele não foi afetado. Uma delas se impulsiona para fora da água e se segura no mastro ficando de frente para o homem. Sendo guiado pela curiosidade subo no morro da região sudeste e avisto o homem agachado no chão completamente paralisado.

- Deixem sobreviventes.

Viro-me para o canto e vejo na areia César Serafim posicionado.

- Fui claro? – Ele questiona com uma força que nunca havia visto antes.

As sereias guiam os sobreviventes para fora da água sem nenhuma dificuldade. Como escravos eles seguem, penso como sua alma deve estar por dentro, certamente gritando para ser liberta da hipnose. As sereias seguem pela floresta vindo em minha direção. Abaixo-me em uma pedra em meio a areia.

- Não. – Ouço os gritos.

Olho com cuidado para não ser visto afinal estou em sua propriedade. Em cima do navio o humano que não foi hipnotizado resiste em meio aos braços da sereia que bate em sua cabeça o fazendo cambalear e sumir da minha visão. César como todos fica curioso e avança para dentro da água.

- Rali, traga-o. – O príncipe exclama.

- Ele não pode ser hipnotizado. – A garota ri incrédula. – Venha!

César mergulha na água e logo se aproxima do navio. Impulsiona o seu corpo e adentra na embarcação. Pega no casaco do humano e o levanta para cima,

após longos segundos em silêncio o príncipe amarra suas mãos em uma corrente.

- Não resista que será pior para você. – Ele alerta. – Vamos!

- Eu não vou a lugar nenhum. – O homem fala. – O que vocês são? Demônios dos mares? Piratas? Me deixem ir.

Rali amarra um pano em volta da boca do humano e após bate em sua cabeça. O homem cai nos braços de César. Então o navio dos humanos é guiado para areia onde fica posicionado. Os soldados do Sudeste desembarcam e seguem pela areia até adentrar na floresta. Fico me perguntando o que está acontecendo. Por que eles não mataram todos como é o seu costume? Como um humano conseguiu resistir aos nossos encantos? São muitos questionamentos.

- Não faça isso. – Digo para mim mesmo. – Faça isso.

Sei que vou me arrepender disso, mas eu sou conhecido como o quebrador de regras então eu serei esse quebrador. Me escoro na pedra e observo que não há nenhum soldado. Sigo pela areia em meio a escuridão e adentro em seu gramado, logo estou no meio da sua floresta. Por mais que eu já tenha cometido infrações essa é a mais grave e me deixa mais apreensivo.

- A Telonis e Zaquira.

Me escoro atrás de uma árvore. Não muito distante ficam as estrabarias. Lá há alguns soldados, todos com seus copos cheios de bebidas e já não estão lá muito conscientes o que para mim é excelente. Sigo os passos marcados no barro e também sou guiado pelas vozes dos soldados.

- Nós deveríamos matar esse humano. – Rali exclama. – Por que não pode cooperar e seguir bonzinho como seus outros companheiros?

A mulher puxa o homem pelas correntes.

- Meu pai vai querer vê-lo. – César responde. – Nunca em nossa história um humano conseguiu resistir aos nossos encantos. Mas, por momento vamos deixar eles nas celas, Serafim está muito ocupado esta noite.

- Como desejar, meu príncipe. – Rali acena.

Os humanos são guiados para dentro da caverna em meio as luzes das tochas. Ouço o bater das grades e logo todos eles estão de volta.

- Certifiquem de eles estarem todos bem. – César fala e eu acho um tanto irônico afinal eles foram presos, seus companheiros foram mortos, como eles poderiam ficar bem? – Amanhã pela manhã retornaremos.

- Deixe conosco. – O soldado faz o gesto com o punho fechado.

César segue ao lado de Rali pela estrada que leva ao castelo. Me pergunto o motivo dele estar fazendo isso, César sempre foi contra as ideologias do seu pai. Será mesmo que ele foi capaz de mentir para mim depois de todo esse tempo? Penso que não seria capaz, no entanto nesse momento paira a dúvida. Não me surpreenderia se fosse verdade afinal todos estão me desapontando.

Me sento atrás da árvore o mais longe que eu posso dos soldados. Fico a observar a caverna e eu preciso entrar lá. Penso em um momento que o pequeno soldado irá desistir, pois ele quase tomba de sono, mas logo se recupera.

- Pelos mares! – Ele diz. – Está vindo uma chuva.

Olho para o céu e realmente o homem está certo. As estrelas sumiram e agora o céu está mais acinzentado. Logo após suas palavras as gotas começam a cair, após elas já estão fortes o suficiente para criar poças de água. Me escoro na árvore, porém ainda sinto a água gelada em meu corpo.

- Eu preciso de uma bebida. – O homem pequeno fala de dentro da caverna fazendo sua voz irritante ecoar. - Fique aí que eu já retorno.

- De jeito nenhum. – O outro soldado protesta. – Eu também preciso de uma bebida e de mais um casaco, a temperatura começará a cair.

- Mas, um de nós precisa ficar. – O pequeno exclama.

- Deixe de bobagem. – O mais alto atravessa a caverna e prossegue. – Eles estão presos e enfeitiçados, o que poderiam fazer para fugir? Gritar? – Ele ri.

- Tens razão. – O pequeno também abandona o seu posto. – E também não é justo, sempre nós ficamos cuidando dos prisioneiros enquanto eles se divertem em suas casas quentes e aconchegantes.

- Não deixe o rei ouvir. – O outro sussurra.

Observo os homens partindo em meio a chuva e quando eles desaparecem assim como suas vozes eu saio do esconderijo. Caminho o mais rápido que posso e adentro na caverna. Apago algumas tochas deixando o ambiente mais escuro, se alguém vir fica mais fácil de revidar. Hector uma vez me ensinou como lutar em meio a escuridão e agora vejo que foi eficaz.

Caminho pelo corredor das celas e observo os humanos presos. Eles sentam-se no solo frio e úmido. Seus olhares são vagos e mortos, me sinto completamente angustiado por isso. Nesse momento só tenho mais convicção que nossos antepassados estavam certos em se afastar dos Odini. Há outros meios para lidar com a sua presença em nosso território e não é pelo massacre.

Enfim paro em frente a última cela. Mesmo na escuridão consigo ver nitidamente o rosto do humano que resistiu as sereias. Sua barba é perfeitamente alinhada ao seu rosto e quando seus olhos pousam nos meus sinto uma tensão desigual, mas não é ruim. Suas mãos e pés estão amarrados e sua boca amordaçada. Por um instante fico o observando e isso o deixa com raiva.

- Eu posso tirar isso da sua boca. – Exclamo suavemente. – Mas, só se você me prometer que não gritará, pois isso será ruim para nós dois. Acredite eu não vim aqui para te matar, não se ficar em silêncio.

Mesmo desconfiado o humano acena com a cabeça.

Me aproximo das grades e ele também. Passo minha mão até estar atrás da sua cabeça, sem dificuldade desamarro a mordaça que cai em seu colo. Me afasto com calma temendo que ele possa vir a gritar, porém nada acontece.

- Meu nome é Ariel Dramir. – Exclamo. – Como se chama?

Seus olhos escuros me fitam.

- Jackson Melman. – Ele responde e questiona. – O que são vocês?

- Acredito que o seu povo ainda esteja muito restrito ao pensar que somente humanos existam nesse vasto universo. – Respondo. – Mas, nós somos sereias... bem-vindo a Teza nosso lar.

O humano fica com a boca aberta.

- Você está brincando com a minha cara? – Jackson diz. – Por favor, quem acredita nessas histórias são apenas crianças.

- Pelo visto suas crianças possuem uma mente mais evoluída. – Digo.

Nesse momento troco olhares com ele e sinto que deseja sorrir, mas nesse instante evita devido as condições em que está.

Me escoro na rocha e cruzo meus braços.

- Está tentando encontrar uma solução mais lógica e racional. – Observo sua face e consigo tirar as conclusões. – Mas, nem tente. Depois do que você viu ainda acha que pode encontrar respostas nas suas restrições?

- Sereias. – Jackson balança a cabeça. – Como isso seria possível? Parece que as criaturas decidiram despertar em nosso mundo.

Melman fala e apenas o encaro.

- Seu mundo? – Digo. – O mundo nunca foi de vocês, sempre estivemos aqui como as outras demais criaturas.

- Que seja. – Ele dá de ombros. – Tenho certeza que aqui é o inferno, preso por malditas sereias que desejam a minha morte. Certamente não é o paraíso.

- Eu não desejo a sua morte. – Falo.

Jackson então impulsiona seu corpo pela rocha e fica em pé. Com dificuldade ele se aproxima ainda mais da grade.

- Então por que está aqui? – Ele lança um questionamento. – Veio aqui para curtir do meu sofrimento, por acaso é um maníaco?

Nesse instante eu rio sem entender o porquê. Após que eu percebo e controlo o meu riso, olho para fora e a chuva ainda continua a cair intensamente.

- Não sou um maníaco. – Digo para ele. – Também não entendo muito bem o que faço aqui afinal estou quebrando inúmeras regras do nosso povo. Talvez você tenha despertado minha atenção, nunca alguém resistiu aos nossos encantos.

- Encantos. – Jackson repete. – Aquela voz atormentadora? Pelos céus! Somente um tolo cairia nessa feitiçaria.

Caminho pelo local e continuo a observá-lo.

- O que faz aqui? – O questiono. – O mar é tão vasto assim como o seu mundo, mesmo com o conhecimento sobre esse local vocês ainda continuam navegando em nossa direção. Por Telonis, vocês são tão estúpidos.

- Hein! – Jackson recua. – Não me chame de estúpido.

- Viajar para cá sabendo dos riscos o que mais eu poderia chamá-lo, senhor mestre da inteligência e sabedoria? – Exclamo.

O homem suspira e nada fala. Ele move suas mãos com dificuldade e do casaco retira uma imagem que eles chamam de foto. Seus dedos movem e ele me mostra, há um garoto e uma garota na imagem.

- É por meus sobrinhos que estou aqui. – Seu tom de voz muda. – Perdi meu emprego recentemente e temos menos de um mês para efetuar o pagamento da nossa casa, se não seremos despejados. Uma empresa ofereceu uma boa quantia para embarcadores seguirem até esse local da ilha e não pude recusar.

Fico em silêncio. Não compreendo muito bem essa ordem de despejar, aqui cada um é dono de sua casa e ninguém pode tirar o seu direito sobre ela a não ser que desafiem o seu rei ou traiam seu reino. No entanto, compreendo que sem o dinheiro ele perderia sua moradia.

- Sinto muito. – Digo. – Mas, por que alguém mandaria vocês para cá sabendo que essa região é conhecida como amaldiçoada?

Jackson sorri sem graça.

- É exatamente por isso. – Sua voz soa fraca. – Eles desejam descobrir o que há de tão errado nessa região que ninguém retorna e os que retornam já não são mais os mesmos. É claro que poucos aceitaram a proposta, somente aqueles que não tinham nada a perder como eu...

Melman guarda a foto em seu casaco e senta-se no solo.

- Agora tudo está perdido.

Sinto-me completamente triste por Jackson, olho ele nesse estado e me sinto incapaz e a sensação é horrível.

- Com quem eles ficarão... – O homem sussurra falando das crianças que deixou em terras humanas e parte ainda mais o meu coração.

Ouçoo as vozes dos soldados vindo ao longe.

- Tenho que ir. – Digo a ele. – Sinto muito, mas não tem como libertá-lo.

- Pelo menos você não me aprisionou ou tentou me matar. – Jackson olha para mim e retira um leve sorriso meu. – Sabe se a morte será lenta?

- Sim.

Respondo, no entanto eu minto para o seu bem. Se ele soubesse do que os soldados do Sudeste são capazes de fazer se sentiria ainda pior.

- Então que assim seja. – Jackson escorra sua cabeça na rocha.

Me viro de costas e algo me prende de prosseguir. Apenas viro meu rosto para trás e encaro o homem completamente desesperançoso.

- Eu voltarei. – Exclamo.

Puxo o meu manto e saio apressadamente da caverna. Caminho pelas árvores e me escondendo dos soldados que logo chegam em frente a caverna. O mais pequeno pega uma tocha do chão e observa.

- Maldição! – Ele bufa. – Quem foi o aparvalhado?

- Será melhor para dormir na escuridão. – O outro fala rindo enquanto segura o seu copo com a bebida que o deixa completamente alegre. – Sente-se Jenson e relaxe!

Corro o mais rápido que eu posso sentindo o meu coração disparar a cada passo que eu dou ou fala que escuto ao longe. Logo, atravesso pelo pequeno rio adentrando na ilha de sangue. Passo por ela e já estou no nosso lado.

Zeus como um bom animal permaneceu em silêncio. Desamarro sua corda e ele relincha para mim.

- Eu sei. – Exclamo. – Quando chegarmos terá seus cubos, prometo!

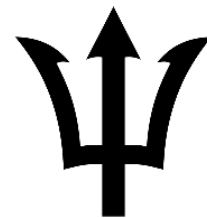
Monto em Zeus e prosseguimos pela chuva que cai em Teza.

Meus pensamentos são guiados para longe durante o trajeto. Nunca havia sentido sensação como está como senti com aquele humano. Já vi muitos humanos pela nossa ilha, porém nunca tive contato com nenhum deles ou trocado falas. A história de Jackson me comoveu, há duas crianças em seu reino que precisam de seus cuidados e se ele morrer elas ficarão desamparadas. Antes de sair da caverna eu prometi a ele que retornaria e eu não costumo romper promessas. A pergunta é como farei isso. O Rei irá falar com ele pela manhã, talvez não tenhamos tempo.

Adentrei no reino Sudeste quebrando regras e agora se eu soltar um prisioneiro será um crime ainda pior. Por Telonis e Zaquira eu estou em uma encruzilhada e só vejo fogo nos dois lados. Apenas respiro fundo à procura de uma solução, que os mares possam me ajudar nessa tempestade que está a caminho.

Capítulo 7

Não quebrador de promessas.



A minha noite foi um tanto perturbada, se dormi duas horas foi muito. Fiquei pensando sobre aquele humano naquela cela e eu me dei conta de que o nosso povo pode ser tão cruel quanto o seu. Pela breve conversa que tivemos eu não vi um ser humano ruim, mas sim um homem preocupado com aqueles que ele ama e isso me tocou profundamente. Não posso ficar parado por mais que isso infrinja a nossa maior regra, isso vai além disso.

Quando acordo visto a minha roupa de cavalgar, coloco o cinto e nele ponho a minha espada. Decido não levar o escudo para não chamar muita atenção. Abro a porta do meu quarto com leveza e prossigo pelos corredores do palácio. Antes que eu possa virar à esquerda minha mãe me avista.

- Acordou tão cedo hoje, meu filho! – Ela sorri para mim.

- Sim. - Estou tão nervoso, mas mesmo assim retribuo o gesto. – Preciso cavalgar pelo reino e refrescar meus pensamentos, esses últimos dias tem sido terrível. Preciso me encontrar novamente.

Cristal cruza os seus braços e se aproxima de mim.

- Soube que você e o seu pai não conseguiram se conciliar. – Ela diz. – Espero que um dia vocês possam viver em harmonia como no começo.

- Sim. – Rio com sutileza. – Foi há um bom tempo...

- Nunca é tarde. – Minha mãe é confiante, ela passa em minha volta certamente percebendo o meu nervosismo. – Já falou com seus amigos? Fiquei extremamente feliz por vê-los na tropa Sapien.

Coloco a mão no cabo da espada e me viro.

- Na verdade, isso aconteceu ontem. – Sorrio para ela. – Então não, não tive muito tempo para conversar com eles, porém estou feliz pela sua conquista.

Os olhos azuis de Cristal me fitam.

- Se não estava com eles onde foi ontem à noite? – Sua pergunta é direta e eu sabia que ela faria. – O vi chegando muito tarde.

Deslizo minha mão pelo couro das vestimentas.

- Eu briguei com meu pai. – Primeiro começo com a verdade assim é mais fácil de alguém acreditar. – Estava triste pelo que ele fez retirando meu nome da lista, após fui até o lago relaxar. Só isso!

Minha mãe ainda fica a observar. Ela suspira e se aproxima, sua mão desliza pela minha face e após ela me dá um beijo na bochecha.

- Se cuide, Ariel. – Cristal fala. – Sempre tome cuidado por onde anda.

- É claro mamãe!

Aceno para ela e prossigo pelo corredor.

Minha mãe é rápida para pegar os detalhes da minha vida. Ela não sabe nem metade do que está acontecendo, mesmo assim está me alertando para tomar cuidado. Posso parecer e talvez seja um tolo, pois mesmo com seus conselhos eu ainda estou fazendo coisas indevidas.

Desço o mais rápido que posso e monto em Zeus. Ao me ajeitar no cavalo olho em direção a janela de cima onde está o meu pai, seus olhos nebulosos me fitam com intensidade e após seguem para o horizonte. Suspiro e prossigo pelas estradas de Teza. Cuido para ver se não estou sendo vigiado. Alfred já confessou que havia alguém atrás de mim para saber do meu antigo relacionamento com o príncipe Odini. Nisso não posso culpá-lo muito afinal qualquer Rei ou pai faria o mesmo ao ver o filho descumprindo regras que poderiam acabar com a sua vida.

O sol começa a pairar em Teza, mas entre as árvores ainda consigo encontrar os pontos mais escuros. Estudar os pontos da floresta também fez parte do meu treinamento, mesmo sem guerra nós treinamos para no caso de uma batalha vir a acontecer. Hoje temo que o motivo possa ser eu.

Deixo Zeus amarrado na árvore e lhe jogo alguns cubos de açúcar que é o suficiente para ele se manter em silêncio. Com cuidado ultrapasso os limites do rio e adentro na ilha de sangue. Por trás de uma árvore avisto a parte lateral de suas estrebarias e alguns soldados circulando.

- Limpem os cavalos, bando de inúteis. – O mais alto brande.

Espero esse momento de distração para ultrapassar pela água e invadir suas terras. Olho para o lado e a caverna não fica muito distante, porém eu não posso ir pela frente, vou ter que dar toda a volta no local. Os soldados estão ocupados com seus afazeres então esse é o momento, corro em silêncio por trás da árvore e da caverna até fazer a volta circular no ambiente.

Os soldados que ficaram cuidando na noite anterior passam pela estrada montando em dois cavalos. Me escoro na pedra e suspiro aliviado quando eles somem na estrada para o castelo. Espio e não vejo nenhum soldado por ali, apenas falas a distância. Sigo abaixado pelas árvores até estar do outro lado de frente para a caverna.

- Pelos titãs! – Sussuro.

A luz do sol agora adentra na caverna iluminando o ambiente e revelando nenhuma alma ali dentro. Eu cheguei tarde demais, eles já levaram os humanos para o castelo, pensei que iria demorar mais, porém estava enganado. Nesse momento sinto a pior tristeza possível, quebrei uma promessa. Agora eu não posso mais agir, é impossível invadir o seu castelo.

Ouç o som dos passos vindo da estrada do castelo e preciso recuar.

- Sinto muito. – Jogo minhas palavras ao vento.

Com cuidado dessa vez tenho que seguir pela areia da ilha caminhando entre as grandes pedras até estar em frente à ilha de sangue. Adentro na floresta sem nenhuma animação. Olho para o céu e me pergunto o porquê de isso tudo estar acontecendo. Quando sinto a mão pousar em meu ombro empurro o braço para trás e disparo um chute na região do peito do ser. Quando vejo César caído a minha frente coloco as mãos na boca.

- Me desculpe. – Exclamo. – Pensei que era...

- Um soldado do Sudeste. – Ele completa.

Ofereço minha mão, porém o príncipe recua. Sigo ele até um local rodeado pelo mato e de árvores altas, quase invisíveis para qualquer criatura.

- Invadindo o nosso reino, Ariel? – César olha para mim um tanto perturbado, noto sua preocupação. – Poderia ter sido capturado.

- Mas, não fui. – Cruzo meus braços. – Preciso ir.

Me viro de costas e antes que eu possa prosseguir o príncipe corre e para a minha frente, sua mão pousa no meu peito e seu olhar me fita.

- Por que você visitou um prisioneiro? – César me questiona.

- Como você sabe? – Respondo com outro questionamento.

- Jackson revelou a mim quando fui vê-lo na cela pela manhã. – Odini responde com um balançar de cabelo. – É claro que foi um deslize ao querer me insultar dizendo que deveria aprender a ser mais gentil como você.

- Ele disse isso? – Nesse momento sorrio, porém logo após paro. – Alguém mais ouviu sobre isso? – Pergunto.

César passa a mão na testa e suspira.

- Não, Ariel. – Ele exclama. – Pois, eu o alertei sobre isso.

- Que bom!

Me escoro na árvore e sinto o meu mundo girar. Somente de olhar para a face de César eu sei o quanto ele está decepcionado comigo.

- Ele está vivo, Jackson? – Temo, mas mesmo assim pergunto.

César me olha com o canto dos olhos.

- Sim, ele está. – A resposta é positiva. – Meu pai está o interrogando querendo saber como ele resiste a nós, sabe-se lá o que irá fazer depois.

- Você sabe. – Digo e me aproximo dele sentindo sua respiração. – Por que ajudou na captura daqueles seres na noite anterior? Por que o vi agindo como se fosse seu pai? Por favor não diga que está do lado dele.

Odini dá um passo para trás e continua a me observar.

- Pensa mesmo que eu seria capaz disso? – Seu sorriso é triste. – Apenas estou tentando deixar meu pai mais próximo de mim e o fazê-lo confiar na minha liderança. Pretendo assumir esse reino e tentar mudar as coisas.

Me aproximo dele e passo a mão no seu pescoço.

- Sinto muito. – Digo. – Eu sei que você não é ele.

César fecha os olhos e com delicadeza retira minha mão do local.

- Precisamos nos manter afastados, é o melhor. – Ele diz. – Por favor retorne ao seu reino e não coloque sua vida em risco, não quero ter que vê-lo morrer no meu lar. Isso seria o meu fim!

O príncipe segue ao meu lado e para atrás de mim.

- Meu pai deseja testar os sobreviventes. – César diz. – Usar eles em nosso reino como achar que eles forem uteis a Teza.

- Isso soa como escravidão. – Nesse momento quase grito. – É proibido nas nossas leis prender humanos em Teza.

- Estamos falando de Serafim. – O príncipe fala. – Como você ele não costuma muito seguir as regras. Se cuide Dramir!

César vira de costas e prossegue pela floresta.

Me ajoelho em frente as árvores. Ao mesmo tempo em que estou aliviado que Jackson esteja vivo também sinto uma apreensão. Serafim pretende usar os humanos como escravos e isso é completamente horrível, nunca um rei foi tão cruel assim quanto ele.

Sigo com Zeus pelas estradas do reino, estou tão perturbado que nem mesmo vejo um soldado passar na frente. Para a minha sorte Zeus é rápido em esquivar e o homem se joga na grama. Apenas aceno como desculpa.

Prossigo entre os trabalhadores que estão na estrebaria. Deixo Zeus sob os cuidados de um velho amigo e caminho para encontrar meus amigos. Ao ar livre os Aendai estão trabalhando ou pelo menos parte deles. Polaris prefere ficar deitado em um feno com as pernas erguidas. Passo por ele e bato em suas pernas.

- Quem ousa fazer... – Ele olha para mim e sorri. – É você maldito, o que está fazendo a essa hora nesse lugar? Se quiser trocar de posto comigo eu estou aceitando me tornar um príncipe.

- Por momento não. – Respondo. – Apenas tinha uns assuntos para resolver que não podiam ser ignorados.

Nesse instante Ninfa vira-se em minha direção e me observa.

- Pelos mares! – Ela estanha os olhos. – Você está péssimo.

- Obrigado pela parte que me toca. – Digo.

Pulo para frente e me sento ao lado de Polaris no feno. Observo os trabalhadores em volta e o mais próximo é o senhor Aendai que está muito ocupando limpando o pelo do animal e cantando uma melodia antiga.

Ninfa coloca o pano em seu ombro e para com as mãos na cintura.

- O que aconteceu? – Ela questiona. – Você está tão abatido.

- Sim. – Polaris coloca quase sua boca em meu nariz. – Pelos titãs, vamos conte o que aconteceu. Mais uma briga com o seu pai?

Cruzo meus braços e sorrio um tanto aflito.

- Quem dera que fosse. – Digo e falo mais baixo. – Ontem à noite eu estava perturbado porque o meu pai não tinha me colocado na tropa Sapien e então parti pelo reino. Em uma hora acabei me aproximando do reino sudeste e avistei uma embarcação com humanos chegando ao seu lado da ilha.

Polaris cruza as pernas e coloca um palito na boca.

- E depois todos foram mortos. – Ele sorri. – Já conhecemos essa história.

- Nem todos foram. – Digo e então seus olhares fixam-se nos meus. – Alguns foram levados para uma prisão na caverna, vivos. O detalhe mais importante é que um dos humanos não foi enfeitiçado pelo canto das sereias.

Nesse instante Ninfa ri desacredita.

- Como assim? – Ela diz. – Nenhum humano é capaz de resistir aos nossos encantos, pelo menos nunca foi relatado.

- Mas, aconteceu. – Exclamo. – E eu vi.

Polaris desliza pelo feno e me encara.

- Você conversou com ele. – Polaris lança um palpite e acerta, nesse momento sua boca abre e ele ri. – Você é louco? Invadiu suas terras.

- Pelos titãs, Ariel! – Ninfa coloca as mãos na cabeça.

Bom, eles acabam me deixando ainda mais nervoso. Passo minhas mãos suadas pelas pernas e levanto-me.

- Eu conversei com esse humano, o nome dele é Jackson. – Conto a eles. – Pelo que entendi se ele não voltar em breve ele perderá a sua casa onde mora com seus sobrinhos. Eu fiquei comovido pela história, o jeito dele e então prometi que voltaria para libertá-lo, mas...

- Ariel. – Ninfa balança a cabeça e se controla para não falar alto. – Você prometeu a um humano que iria libertá-lo? O que você está fazendo?

- Não ouviu o que eu contei sobre seus sobrinhos? – Digo. – Mas, continuando. Quando eu voltei agora pouco de lá ele não estava mais na cela. Encontrei César pelo caminho e ele praticamente afirmou que o seu pai fará dos humanos que eles pegaram escravos para o seu reino.

- Que merda! – Polaris dispara.

- Realmente. – Exclamo. – Infelizmente eu não tive tempo de ir resgatá-lo das mãos do rei louco. Agora Serafim irá descumprir as nossas regras e ficará impune, pois o meu pai não vai começar uma guerra por humanos.

Ninfa levanta-se e segue pelo local.

- Você pretende resgatá-lo. – Ela olha firme para mim. – Não importa o que nós dissermos você continuará com esse pensamento.

Abro os meus braços e falo:

- Não posso mais ver essas injustiças acontecendo. Não posso ignorar o fato que há duas crianças naquele reino precisando da sua proteção. Nenhuma criatura nasceu para ser escrava, vocês sabem disso.

- Sim. – Polaris diz. – Alias, estava mesmo precisando de fortes emoções. Quando você pretende voltar ao reino deles para resgatar esse Jackson?

Coloco minha mão na espada e olho para a região sudeste.

- Estava pensando em hoje à noite. – Respondo. – Certamente eles voltarão a prende-los naquela prisão na caverna. Eu consigo soltá-lo.

Ninfa caminha e se aproxima de mim.

- Nenhum humano pode sair da ilha sabendo sobre nós. – Ela ressalta.

- Eu sei. – Exclamo. – Quando o libertarmos eu o levarei até o lago do esquecimento e então o colocarei em um barco para a sua casa.

- Os primeiros de quem Serafim irá desconfiar seremos nós. Se ele descobrir sobre isso uma guerra irá romper. – Polaris diz a verdade.

Nesse instante sinto o peso em minhas costas.

- Se nós fizermos isso o quanto antes não. – Falo. – Além disso, se descobrirem a verdade eu assumo todas as responsabilidades.

- Isso é insano. – Ninfa caminha aflita a minha volta. – Porém, se o que voce está dizendo é verdade eles não podem pegar humanos para os torná-los escravos. Os primeiros a descumprirem as regras foram eles, não nós.

Sorrio para ela com o seu ponto de vista.

- Então hoje à noite estejam preparados. – Falo.

Antes que eu possa passar Polaris desliza para minha frente. Com sua adaga ele movimenta ela em direção ao meu coração.

- Tome cuidado com o amor meu amigo. – Ele sussurra.

- Amor? – Falo sem compreender.

- Sim. – Polaris se aproxima. – Ele é perigoso.

Deslizo a adaga para baixo e sorrio para ele.

- Eu nunca me apaixonaria por um humano. – Respondo.

- Não confio quando você diz “eu nunca”. – Polaris caminha ao meu lado e ouço seu riso sarcástico. – Pois, ele se torna o seu sempre.

Me viro para ele e balanço minha cabeça.

- Ajude a sua irmã. – Digo a ele. – Até a noite.

Monto em Zeus e aceno para os irmãos Aendai assim como também para o seu pai que não está muito longe. Saio da Zona dos animais com um sentimento renovado. Eu estou colocando a vida dos meus amigos em risco por causa de um

humano assim como de todo o meu reino, será que isso não é estúpido demais e a resposta é clara. Porém, há sempre dois lados de se ver uma história. Se não fizermos nada o outro lado da ilha vai se sentir livre para capturar mais humanos.

Quando estou andando por uma trilha sou surpreendido por um golpe. Só sinto quando a arma bate em minha cintura e eu tombo para o lado. Para minha sorte sou ágil e consigo cair com um joelho no chão.

Rapidamente retiro minha espada e levanto-me.

- Quem está aí? – Questiono.

Ouçõ o som dos passos vindo atrás de mim e viro-me. Bato com minha espada que se choca contra a sua. Do outro lado meu tio sorri.

- Estava o procurando para o treinamento. – Ele sorri. – Mas, parece que você anda muito ocupado ultimamente.

Deslizo pela estrada e trocamos golpes de espada.

- Sim, eu estou. – Exclamo. – E você está me atrapalhando.

- Sinto muito. – Hector ri com entusiasmo.

Inclino meu corpo para trás e vejo sua espada cruzar e atingir a árvore ficando presa. Após disparo um golpe em seu peito o empurrando para trás. O golpe é forte e o faço tombar a minha frente. Apenas aponto a ponta da espada diretamente em sua garganta.

- Sinto muito, tio. – Exclamo.

- Pois, eu também sobrinho.

Nem mesmo vejo o seu movimento. Só sei quando sinto suas pernas na minha me empurrando para baixo. Caio no meio do gramado e a espada desprende da minha mão. Sinto a dor nas minhas costelas e me viro. A minha frente está Hector com os braços cruzados me fitando.

- Nunca ache que uma batalha está ganha. – Ele diz.

- Eu nunca acho. – Sorrio.

Olho para o lado e avisto uma grande poça de água formada pela chuva da noite anterior. Na última noite eu fiz um lago circular a minha volta, não deve ser tão difícil. Apenas estico o meu braço e sinto a vibração da água, suspiro fundo e me concentro. Pouso meus olhos nos do meu tio.

- Está um dia refrescante, deseja água? – Digo.

Movimento meus dedos e então acontece. A água que estava dentro da poça de água é jogada com toda a força contra o rosto do meu tio que é pego

desprevenido. Ele perde a concentração e recua pechando em outra árvore.

- Maldição.

Hector limpa o barro da sua face. Então ofereço o meu manto para ele. Em questão de instantes o homem está limpo. Pego minha espada do solo e guardo em meu cinto enquanto ele continua a me observar.

- Desde quando aprendeu o controle? – Ele me questiona.

- Ontem à noite após uma discussão com meu pai. – Respondo. – Talvez a ira tenha libertado meus poderes, não é por isso que me chamam de Ariel III?

Hector me puxa para seus braços, todo entusiasmado.

- Estou tão orgulhoso de você. – Ele sorri de orelha a orelha. – Precisamos contar para os seus pais sobre isso.

- Espere um pouco. – Exclamo. – Desejo contar quando o clima estiver estabilizado entre nós, nunca sabemos quando mais uma tempestade irá chegar.

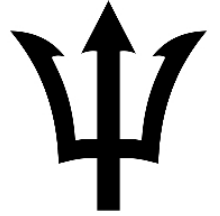
Hector então fica me olhando com receio.

- Está bem. – Ele diz. – Vamos. Precisamos de um local ideal para treinamento, sinto muito por surpreendê-lo.

- Surpresas acontecem... – Sorrio para meu tio.

Capítulo 8

Um humano valioso.



A noite logo chega e junto com ela mil sentimentos despertam. Apenas puxo o capuz da minha capa escura e cavalgo pelo reino de Teza sempre tentando evitar por aonde as pessoas estão passando. Cruzo pelas moradias e logo adentro na floresta proibida, por aqui o silêncio paira. Diminuo a velocidade até que estejamos no ponto exato. Desço de Zeus.

- Vou deixar eles aqui. – Retiro os cubos de açúcar da sacola e coloco no chão a sua frente, trouxe um monte deles. – Coma devagar e lembre-se de permanecer em silêncio.

Zeus como resposta relincha para mim.

Ouçoo passos vindo na floresta e me escondo atrás de uma árvore. Empurro meu corpo para o lado e avisto os meus amigos surgirem. Quando saio de trás da árvore eles recuam.

- Pelos mares! – Polaris fala em um tom baixo. – Esse não é o momento ideal para surpresas meu doce amigo Ariel.

Tento esboçar um sorriso, entretanto a tensão é muita.

- Vamos ir. – Digo a eles. – Temos pouco tempo para agirmos.

- Pelos titãs! – Nífa suspira. – Nunca estive tão tensa em minha vida.

- Sim. – Concordo e expresso um riso de tensão. – Apenas pensem positivo que tudo irá dar certo, é só nós agirmos o mais rápido possível.

Eles balançam a cabeça.

Caminhamos pelas árvores e atravessamos o pequeno riacho até estarmos dentro da ilha de sangue. Nas noites anteriores ouvia apenas o silêncio, entretanto agora estou escutando barulhos estranhos e são de humanos. Aceno para meus amigos me seguirem e paramos atrás de uma enorme pedra. Me escoro nela e então tenho a visão ampla do outro lado.

- Pelos mares! – Sussuro.

- O que foi? – Polaris fica curioso. – Deixe-me ver.

Do outro lado em frente a uma árvore está um soldado e uma mulher da parte sudeste, dá para ver pelas suas vestimentas escuras no gramado. Já eles estão nus e em uma situação que não gostaria de presenciar.

- Pelo menos tem alguém se divertindo. – Digo. – Vamos!

- Já não bastava em libertar um prisioneiro agora eu tenho que ver uma cena de sexo explícito, essa noite tem tudo para ser a pior. – Ninfa comenta.

- Reclame menos. – Polaris sorri. – Estou me divertindo.

Entramos na água e enfim adentramos na região sudeste. Nos escondemos quando avistamos um soldado não muito longe de nós. Ele se vira para o lado quando sem querer Polaris pisa em um galho que dá um leve estralo. O homem coloca a mão em sua espada e então começa a se aproximar em nossa direção.

- Você trouxe? – Questiono Ninfa.

- Sim. – Ela responde em um tom tenso.

Ninfa pega de seu cinto uma arma especial, pequena e facilmente maleável. Pega um pequeno dardo banhado em um líquido especial e coloca dentro da arma. O soldado então se aproxima de nós, para nossa sorte está escuro e o mato cobre praticamente quase todo o nosso corpo.

- Malditos animais! – O soldado branda.

Em questão de segundos Ninfa dispara e o dardo acerta no pescoço do soldado que se vira assustado. Coloca a mão no seu pescoço e retira o dardo, antes que ele possa pensar seus olhos se fecham e ele tomba. Antes que o homem possa causar um estrondo eu giro para o lado e ergo minhas mãos impedindo seu corpo de tombar. Com delicadeza viro a sereia para o lado e o deito no gramado.

- Espero realmente que ele não tenha nos visto. – Polaris fala.

- Ele não viu. – Ninfa pega o dardo do chão e guarda. – Quando ele acordar não se lembrará de nada, somente deverá sofrer punição por dormir em pleno momento do seu posto.

- Estou muito triste por isso. – Exclamo.

Pegamos nossas coisas e seguimos pela floresta até estarmos vendo a caverna do outro lado. Ao nosso lado ficam as estrebarias, a essa hora da noite apenas escutamos o ronco dos cuidadores do ambiente. Um deles está com seu corpo apoiado na cerca, de um lado suas pernas e do outro a cabeça e as mãos em direção ao solo. Controlo o riso e suspiro.

- Eles deveriam trocar seus soldados. – Sussuro.

- O bom é que não será difícil. – Polaris fala. – Até mais.

Polaris desce pelas árvores enquanto eu e Ninfa seguimos por outro caminho. Por trás da caverna nós seguimos até fazemos a volta circular pelas árvores e pararmos de frente para ela. A essa hora as tochas são acessas dentro da caverna, assim consigo ver que os prisioneiros estão ali. Espero que Jackson também possa estar.

Dois soldados guardam o local, os mesmos da última noite.

- Amanhã nós poderíamos fazer porco para o almoço. – O mais alto deles fala e sorri o que me causa enjoos. – O que acha?

- Eu preferia um peixe. – O mais baixo ri, sua risada é tão estranha como se fosse o som de uma sereia e de um dragão. – Quem sabe podemos caçar um golfinho, sempre imaginei o sabor da sua carne.

- Desprezíveis. – Ninfa ao meu lado sussurra.

Os golfinhos foram os primeiros animais do mar que tivemos contato e conseguimos aproximação, desde então tratamos eles como se fossem do nosso povo. Nunca faríamos nenhum mal a eles. Mesmo soando como apenas uma brincadeira isso é horrível e não me surpreenderia que eles fizessem isso.

Ouç o barulho do fogo e então viro-me para o lado. Perto das estrebarias um fogo começa a se espalhar, não em uma proporção tão grande, porém consegue atrair as atenções dos soldados que estavam sentados e que agora levantam-se curiosos.

- O que o velho Jon fez dessa vez. – O pequeno coloca as mãos na cintura e expressa indignação. – Vá lá ver o que aconteceu.

- Eu? – O mais alto volta a se sentar e fecha seus olhos. – Vá você, aquele louco deve ter bebido demais e colocado fogo. Espero que os cavalos não estejam queimando, isso seria bem engraçado. – Ele ri.

- Pelos mares!

O pequeno sai cuspiendo fogo e prossegue pela estrada o mais rápido que as suas pequenas pernas podem o levar. Olho para Ninfa e então acenamos um para o outro. Esse é o momento ideal para agirmos. Levanto-me e prossigo entre as árvores sendo o mais rápido e silencioso possível. Logo estou bem próximo da caverna. Me abaixo e pego uma pedra. Giro ela em minha mão e disparo contra o soldado, a pedra pega em sua perna.

- Pelos titãs!

O homem levanta-se indignado.

- Quem está aí? – Ele questiona. – Se isso for uma brincadeira eu prometo que vou arrancar sua orelha fora. Vamos apareça.

Piso no chão e faço um barulho nos galhos caídos.

- Você está aí, seu maldito.

O soldado então começa a vir em minha direção. Antes que ele possa fazer mais alguma coisa o homem é atingido pelo dardo e tomba a minha frente. Saio da árvore às pressas e pego seu corpo. Com cuidado viro ele e o deixo ali. Retiro o dardo e guardo em meu bolso.

- Quem mandou você não ir no lugar do seu amigo. – Bato em seu peito. – Agora aguento as consequências, meu amigo.

Avisto algumas fogueiras ao longe no reino, mas nada que possa nos preocupar. Nífa percorre a estrada e vem ao meu encontro. Nós adentramos na caverna e os prisioneiros ali estão. Encantados pelo poder das sereias.

- Pelos mares! – Nífa sussurra. – É horrível. Por que as sereias têm prazer em fazer isso com a sua espécie?

- Elas aprendem desde cedo. – Digo. – Infelizmente creio que irá demorar para eles evoluírem como nós ou talvez nem mesmo aconteça.

Nífa se afasta das grades e prossegue.

- Onde está seu humano? – Ela me questiona.

- Na última cela. – Respondo.

A cada passo que dou sinto o meu coração pulsar mais rápido. Quando finalmente estou em frente à sua cela a tensão diminui e então consigo sorrir. Sentado no solo úmido está Jackson com a cabeça abaixada agora sem nenhum tipo de corrente. Noto que em suas mãos ele carrega a foto de seus sobrinhos.

- Jackson. – O chamo.

Ele demora um tempo para conseguir processar a informação. Quando seus olhos me encaram eu consigo enxergar a profunda tristeza. Rapidamente o homem limpa as suas lágrimas e levanta-se. Melman segura as grades e seus olhos escuros me fitam como se eu fosse esperança.

- Você veio. – Ele diz.

- Eu prometi a você. – Digo. – Eu não quebro promessas.

- Precisamos sair o mais rápido que podemos. – Nífa fala e prende seu olhar no humano a nossa frente. – Lembre-se de permanecer calado.

- Sim, sim. – Jackson balança a cabeça sorrindo. – Só quero sair daqui.

Empurro minha capa para o lado e retiro a minha espada. Seguro ela firme em minha mão e então ataco. A sua ponta atinge as correntes que se partem no mesmo instante, nesse momento o barulho não pode ser evitado. Quando ela cai no solo Jackson empurra a grade para o lado com toda a sua força.

- Obrigado.

Para a minha surpresa o homem vem em minha direção e me dá um abraço, no primeiro momento fico sem reação e Ninfa ao meu lado apenas fica a nos observar. Após consigo exibir um sorriso para o humano.

- Não agradeça antes de estarmos seguros. – O lembro.

Antes de sairmos da caverna ouvimos o barulho de passos vindo do lado externo. Nesse instante recuamos e ficamos escorados na parede. De repente Polaris surge com um copo em sua mão e olhando para dentro da caverna, após seu olhar nos encontra e então ele ri.

- O que estão fazendo aí? – Polaris sussurra.

Nos afastamos e saímos da caverna.

- Cuidou do homem? – Ninfa o questiona. – Pegou o dardo?

- Muitos questionamentos. – Polaris diz. – Mas, sim fiz tudo como o ordenado, general. – Ele faz o aceno em zombaria.

- Bebida? – Olho para seu copo e ele acena que sim. – Ótimo, agora vamos. Jackson fica parado atrás de nós.

- Os outros não veem? – Ele nos questiona.

Olho para meus amigos e entendo seus olhares. Apenas me aproximo de Jackson e olho fundo em seus olhos para passar segurança.

- Seria arriscado demais e seríamos descobertos logo. – Exclamo. – Infelizmente só podemos o tirar daqui, lembre-se dos seus sobrinhos. Só estou fazendo isso porque acreditei em sua história.

O homem olha para seus companheiros e suspira, o seu gesto só mostra que eu não estava enganado. O tripulante é realmente uma boa pessoa.

- Está bem. – Ele concorda. – Vamos.

Agora é mais fácil de retornarmos porque praticamente todo o caminho foi liberado. Prosseguimos entre as árvores e logo nos afastamos da caverna e da estrebaria. Quando já estamos cruzando o pequeno riacho algo acontece. Do outro lado da água o casal que antes estava praticando relações sexuais caminha na água de mãos dadas um rindo para o outro.

Apenas olho para meus companheiros que ficam paralisados nesse instante. Quando sinto que o soldado vai olhar em nossa direção eu então ajo. Ergo minha mão e sinto a água vibrar. De repente uma pequena onda de água é jogada em suas faces e como estavam dispersos o casal assustasse e cai para trás. Nesse tempo é suficiente para cruzarmos e adentrarmos na floresta.

- Pelos titãs! – A mulher diz.

- Foi um peixe? – O soldado olha para a água.

- Não importa. – Sua companheira sexual irrita-se. – Meu vestido está todo encharcado, como vou dizer isso aos meus pais.

- Malditos peixes. – O homem continua culpando eles.

Adentramos na pequena ilha de sangue e dessa vez não avistamos mais nenhum casal, felizmente. Logo, passamos o riacho e adentramos na parte Noroeste onde estamos fora de risco. Nesse momento sinto o meu corpo relaxar. Olho para trás e vejo apenas árvores, escuridão.

- Pensei que iriam nos pegar. – Jackson fala ofegantemente.

- Se nos avistassem era só os matar.

Quando Polaris fala Melman fica olhando para ele, paralisado.

- Oh! Merda. – Meu amigo ri. – Estou apenas brincando, você não está andando com uma tropa de assassinos. Talvez infratores, mas definitivamente não somos assassinos. Pode relaxar.

- Fico mais feliz de ouvir isso. – Jackson sorri para nós. – Pelos céus, nunca pensei que poderia estar em uma situação dessas. Vocês são realmente sereias?

- Sim. – O respondo. – Mas, agora precisamos ser corredores, pois certamente eles logo notarão sua fuga e então devemos o mandar o mais rápido possível para o seu mundo.

- Compreendo. – O humano acena.

Deixo ele prosseguir ao lado de Polaris e fico com Ninfa.

- Ficou calada o tempo inteiro. – Digo.

- Estava muito tensa. – Aendai diz. – Mas, sinto que fizemos a coisa certa, porém não me sinto bem, pois ele não sabe que iremos apagar suas memórias.

Olho para o humano a nossa frente e me sinto estranho.

- Também não acho isso bom, entretanto é para sua proteção. – Falo.

Polaris e Ninfa montam em seus cavalos. Empurro minha capa para trás e entrego ela a Melman que a olha com um certo receio.

- Precisa passar despercebido. – Exclamo. – Essa é a melhor maneira.
- Tudo bem. – O homem acena.

Jackson se confunde um pouco como vesti-la, o nervosismo transparece em seu rosto. Quando ele veste eu me aproximo e amarro na frente. Após com cuidado levanto o capuz e cubro o seu rosto.

- Obrigado. – Ele sussurra.
- Vamos, Ariel. – Ninfa me chama.

Subo em Zeus e olho para o lado onde Jackson está com os braços cruzados observando o animal. Então estendo minha mão para ele que fica olhando por alguns segundos e após então a pega. Quando ele sobe no animal quase cai, mas consegue se segurar com suas mãos presas em volta da minha cintura.

- Sinto muito. – Ele diz e retira as mãos da região.
- Nunca montou antes? – O questiono.
- Não. – Jackson responde olhando para baixo.

Nesse momento expresso um pequeno riso afinal nós apreendemos desde crianças a montarmos nesses animais.

- Pode se segurar em mim. – Digo. – Pois, temos que ser rápido.
- Está bem.

Quando seus braços se seguram em volta da minha cintura eu bato em Zeus que prossegue com toda a sua velocidade pelas estradas. Passamos pela casa dos guardiões na floresta, um senhor está na varanda em frente a lareira, porém apenas olha para nós e acena sem nenhuma desconfiança.

As estradas principais do reino então surgem e nesse momento tudo fica mais tenso. Mesmo no horário muitos soldados circulam pela região. Quando passo por eles apenas aceno com a cabeça. Alguns deles ficam desconfiados, porém logo voltam a prestar atenção em outra coisa.

- Eu desejo uma ótima recompensa após tudo isso. – Polaris fala. – Poderia começar me dando uma de suas armas.
- Não seja ridículo. – Ninfa diz e ele ri.
- Chegamos.

Desço do cavalo e após ajudo Jackson a descer. A estrada para a caverna fica entre as rochas o que deixa as coisas mais fáceis. Em instantes nós adentramos nela. Descemos os degraus e enfim suspiro aliviado. Aceno para Jackson que retira a sua capa e olha para as paredes que refletem os mais variados tipos de cores, talvez um dos lugares mais deslumbrantes do nosso reino.

- Magnífico. – Ele fala. – Nunca vi algo parecido.

- Há muitos lugares como esse por aqui. – Polaris comenta.

- Mas, esse é especial. – Digo ao humano. – Mais brilhante, mais apaixonante. Foi aqui que nosso povo encontrou uma solução para não matar os humanos que encontravam nossa ilha. Uma nova maneira de lidar com as coisas.

Jackson então vira-se e me encara.

- Por quê? – Ele me questiona.

Caminho ao seu lado até estarmos perto da parte que começa o mar, mas nessa região de dentro da caverna a sua cor é mais clara, quase transparente dando para ver as pedras brilhantes ao fundo.

- Para nós ela causa apenas um bom relaxamento. – Explico. – Porém, quando entra em contato com os humanos suas memórias mais atuais somem.

Jackson permanece com a cabeça abaixada olhando a água.

- Eu vou perder minhas memórias? – Ele sussurra.

- Não. – Respondo rápido. – Mas, de uma certa forma sim. Tudo de mais recente como a ilha ou nós, desaparecerá de sua mente.

O humano recua e seu olhar torna-se apreensivo.

- Não tem risco de me esquecer de tudo? – Sua pergunta é válida.

- O primeiro caso aconteceu há muito tempo. – Lhe explico. – Quando um humano invadiu a ilha por esse lado adentrando nessa caverna surpreendendo um soldado que estava naquele momento aqui. Ao avistar a sereia o humano se surpreendeu e caiu na água, quando o soldado o retirou da água ele estava adormecido. Quando o humano acordou não possuía nenhuma lembrança atual, nem mesmo sabia como havia chegado na ilha, mas ainda se lembrava do seu passado. Desde então nunca mais apoiamos o assassinato de humanos.

Jackson cruza seus braços e fica olhando para a água.

- Estou com medo. – Ele revela. – Eu não posso esquecer do meu passado, das pessoas que amo, é uma vida inteira.

- Escute. – Ninfa soa gentil. – Nada de ruim irá acontecer a você, muitos antes de você já passaram por isso. Quando você entrar na água após colocarmos o seu corpo na embarcação e as águas te levarão de novo para seu mundo. Quando acordar estará no meio do mar.

- E se vir uma tempestade? – Jackson soa pessimista.

- Pelos mares! – Polaris exclama. – Não fique pensando nessas coisas, apenas jogue na fé e prossiga. Lhe digo que é a melhor saída que tem ou pode voltar para o reino liderado pelos Odini e ser um escravo ou morrer.

- Não. – Jackson levanta suas mãos e abaixa. – Eu irei. – Ele suspira.

Me aproximo do humano e pego com em sua mão, quando nossos olhares se encontram eu sinto uma calmaria. Gostaria que ele não fosse, tenho tantas perguntas a fazer, porém nesse momento estou impossibilitado. Não entendo como me afeiçoei tão rápido a ele.

- Eu entrarei com você na água. – Falo. – Assim se sentirá mais seguro?

Melman pressiona minha mão.

- Sim. – Ele exhibe um pequeno sorriso. – Obrigado!

Desço o pequeno degrau e ele segue ao meu lado. A água está próxima dos nossos pés, mas antes que possamos dar mais um passo ouvimos um barulho vindo da área externa. Não há tempo para escondermos a embarcação ou nós. Somente nos viramos e então eles adentram. Dois soldados trajados nas armaduras douradas e ao meio segue meu pai. Sua capa dourada balança e ele prossegue com seu olhar preso ao meu.

- Sempre vocês três. – Meu pai diz. – Não estou surpreso.

- Como me encontrou? – O questiono.

- Pensa mesmo que deve me questionar agora? – Alfred fala controlando sua raiva e sua maciez com as palavras me irrita ainda mais. – Sempre soube das suas infrações, mas invadir o reino inimigo por causa de um humano? Onde foi que eu errei na sua criação, Ariel III.

Sinto todo o meu corpo congelar. Jackson atrás de mim se esconde.

- Colocou alguém atrás de mim? – Pergunto a ele.

- Sim. – Meu pai acena. – Para a sua proteção, mas não achava que você pudesse ir tão longe assim. Deixei que ficasse livre e como tirar tudo de você o abalaria e infelizmente me mostrou o que eu temia. Você é fraco!

No silêncio fico ao lado de meus amigos. Penso se ele sabe sobre eu ter despertado meus poderes, reflito sobre a quanto tempo alguém está me seguindo. A verdade é que eu não consigo esconder nada de meu pai, ele sempre acha uma forma de desvendar meus segredos e me forçar a revelar.

Tomo coragem e avanço, falo:

- Você sabia que o outro lado da ilha está pegando humanos e os transformando em escravos? Não poderia ficar sem agir. Foi tudo minha ideia, nenhum deles aqui tem culpa sobre isso.

Alfred avança com seu olhar preso no meu.

- Eu não tenho dúvidas que tudo foi armado por você. – Ele diz. – Mas, por que você libertou somente um preso e não todos eles?

- Porque... – Nesse instante minha voz falha. – Porque foi o único que eu consegui conversar, pois os outros estavam todos encantados com o poder das sereias. Jackson é resistente a esse tipo de poder.

Nesse momento meu pai fica surpreso, ele caminha ao meu lado e segue até Jackson onde o analisa dos pés à cabeça. O humano é claro fica paralisado como uma estátua apenas suando frio.

- Interessante. – Meu pai diz e se vira para mim. – No entanto, não é justificativa alguma para ter cometido essa infração.

- Senhor. – Polaris então se manifesta. – Ariel nos contou que eles transformariam os humanos em escravos, no tratado está estabilizado que nenhum humano pode permanecer na ilha. Eles morrem no Sudeste ou são mandados para casa no Noroeste.

Alfred fita meu amigo que abaixa sua cabeça.

- Sim, Serafim descumpriu nossas regras. – O rei fala. – Jamais poderíamos aceitar um humano na ilha, ainda mais escravos. No entanto, o que esperavam fazer? Libertar esse humano e causar uma guerra entre os reinos?

- É só me deixar ir para casa. – Jackson mesmo com medo se manifesta, ele engole em seco e prossegue. – Me coloquem no mar e então me mandem para minha casa, meus sobrinhos precisam de mim... por favor não me matem.

- Pensa que é só isso? – Alfred exclama. – Humanos. Eu gostaria de lhe mandar novamente para casa e se fosse inteligente teria invadido nosso reino pela região noroeste, então com toda certeza acataria esse pedido. No entanto, meu filho pegou um prisioneiro do reino rival e isso é uma infração terrível.

Respiro profundamente e fecho meus punhos.

- Mas, ninguém nos avistou. – Digo ao meu pai. – Fomos extremamente cuidadosos. Se enviarmos Jackson agora nem mesmo eles saberão o que aconteceu, por favor pai pode fazer o que quiser comigo, mas envie ele novamente para a sua família. Por favor!

Alfred balança a cabeça.

- Nem mesmo percebe o que está acontecendo com você. – Ele fala para mim, mas não compreendo. – Se ele não resiste aos encantos da sereia esse humano então é muito valioso para o rei Serafim. Pensa mesmo que apenas o deixaria em uma cela desprotegido? Não seja tolo Ariel, Serafim saberá como encontrá-lo.

Então os pelos do meu braço arrepiam. O som da trombeta ecoa pela ilha.

- O que é isso? – Jackson questiona.

- O som da trombeta indica guerra. – Ninfa responde. – Ele não foi tocado há séculos... até agora.

- Levem-no.

Meu pai acena para seus soldados que arrastam Jackson.

- Onde você vai leva-lo? – Grito.

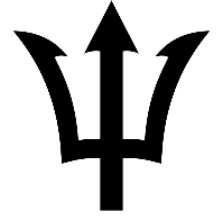
Sua mão pousa em meu peito.

- Você pensou que estava fazendo o certo, mas o que conseguiu foi uma guerra. Reze aos titãs para que eu possa concertar isso se não todo o nosso reino perecerá por causa de um erro seu. Tenha consciência disso.

Fico sem palavras e o deixo seguir. Observo Jackson sendo arrastado e clamando para que eu o ajude, porém nada posso fazer. Meu pai tem razão, isso tudo foi minha culpa. Não dele ou qualquer outro, apenas minha. Talvez ele tenha razão, eu nunca seria um bom rei.

Capítulo 9

Inimigos das minhas terras.



O sol logo começa a iluminar as terras de Teza. Pela janela avisto as tropas do reino se mantendo em formação. Arqueiros, cavaleiros, soldados, todos reunidos posicionados em direção ao reino de Odini. Mesmo longe eu consigo sentir a tensão em todos eles e não é para menos, praticamente a maioria que está ali nunca ouviu a trombeta soar. Somente ouvíamos histórias das antigas guerras entre os reinos, os massacres, destruição. Coisas inimagináveis, mas que agora podem se tornar realidade, por causa de um ato meu.

Sigo pelo corredor até estar no salão principal. Avisto meu pai sentado no trono e ele nem mesmo consegue olhar para mim, apenas concentra-se nas portas do palácio. Minha mãe no degrau debaixo arrasta o seu vestido até estar próxima de mim. Acaricia suas mãos e eu vejo a tensão escondida em sua face por trás de um belo sorriso.

- Vai ficar tudo bem, meu filho. – Cristal exclama. – Tenha fé que nós iremos conseguir concertar as coisas e evitar a guerra.

- Para isso acontecer teremos que dar uma vida para eles? – A questiono e a deixo sem respostas. – Desculpe, mas eu não vejo como isso concerta as coisas.

Então os olhos tempestuosos de meu pai pousam em mim.

- Eu não disse que ele não apreenderia com o seu erro? – Sua fala é direta para minha mãe que permanece calada.- Ariel prefere jogar seu povo em uma guerra do que sacrificar um humano, minha decisão de não o tornar rei foi certa.

Me viro em sua direção e o encaro.

- Tem razão. – Digo a ele. – Como rei eu nunca compactuaria com isso e nem mesmo com um lado da ilha transformando humanos em escravos. Nossos antepassados lutaram muito por mudanças e agora não é o momento de parar. Enquanto um líder preferir manter seus olhos fechados diante das injustiças contra minorias nada mudará.

- Não diga mais nenhuma palavra. – Alfred me encara.

- Não direi. – Me viro de costas. – Afinal já disse tudo.

Ouço os suspiros de minha mãe.

- Esse não é o momento ideal para discussões. – Cristal diz. – Há assuntos maiores a se tratar. Mesmo entendendo seu ponto de vista Ariel eu compreendo o que o seu pai diz, esse seu ato pode causar uma guerra.

- Eu falei a ele...

- Ainda não terminei. – Minha mãe corta suas palavras. – No entanto, nosso filho não está completamente errado. Como rei você apenas fecharia seus olhos diante desta situação? Sabendo do ocorrido deveria ter pelo menos intimado Serafim para que ele desse uma justificativa.

Olho com o canto dos olhos e avisto meu pai com o cotovelo escorado na borda do trono e com a mão acariciando a barba ruiva. É uma das primeiras vezes que o vejo permanecer em silêncio dessa forma.

- Tentem escutar um ao outro. – Cristal diz. – Escutar opiniões contrárias e não ir ao extremo pensando que somente sua visão está correta.

- Sim, mãe. – Digo.

Nesse momento admito meu erro e Cristal está certa. Realmente não há diálogos com o meu pai, pois nós dois possuímos visões completamente diferentes. Talvez o nosso erro tenha sido não escutar um ao outro, tentar encontrar um consentimento que agrade os dois. Posso ter mudado um pouco meu pensamento, porém não acredito que Alfred tenha.

As portas do salão são abertas e um soldado do reino adentra. Ele se aproxima, se ajoelha em frente ao trono e após se levanta. Seu olhar azulado segue diretamente para meu pai, vejo tensão pintada em sua face.

- Meu rei, rainha, príncipe. – O soldado acena. – O rei Serafim está no reino e pretende conversar com o nosso líder.

- Nunca pensei que isso iria acontecer. – Alfred fala suspirando. – Mas, deixe que ele adentre. Temos assuntos a resolver.

O soldado coloca a mão no cabo da espada e olha para meu pai.

- Tem certeza, majestade? – Ele questiona mais uma vez.

Meu pai apenas lhe lança o olhar que não precisa de fala.

- Vou mandar que eles adentrem.

O guerreiro sai do palácio as presas.

Após um tempo sinto como se a temperatura da sala decaísse e então no final do corredor eu avisto o homem adentrar. Apenas o tinha visto de relance, ou

por histórias. Agora ele é alguém real. Serafim é alto, possui longos cabelos escuros que caem por cima de sua armadura escura como a noite. Quando seus olhos acinzentados pousam nos meus sinto meu corpo tremer. A cicatriz de batalha acima do seu nariz só o deixa ainda mais amedrontador.

- Lobos de Telonis. – Sussuro.

Nunca havia visto tais criaturas. Elas seguem à frente do rei, possuem três cores, branco, preto e cinza. No total são quatro, no entanto somente esses quatro causam um grande impacto. Eles são grandes animais com enormes presas. No princípio eles foram criados por Telonis para serem nossos companheiros, no começo eram doces criaturas, mas durante a guerra se transformaram em perversos animais. Os Odini conseguiram total controle sobre eles.

- Finalmente nos encontramos, comandantes do Noroeste.

Serafim abre seus braços e sorri, seu sorriso é letal e mórbido.

Noto que atrás dele surge uma garota que julgo ser Gliz Odini, sua filha irmã de César. A princesa tem uma aparência única, ela amarra seus cabelos em duas chuquinhas, seus fios são brancos e preto. Abaixo do seu olho possui uma tatuagem de um coração. Suas roupas são brancas como a neve. A doce menina sorri para mim, apenas dou um leve aceno.

- Sejam bem-vindos ao lado Noroeste. – Meu pai exclama.

- Vocês são tão gentis. – Serafim é sarcástico. – Apesar das nossas ideias contrárias eu sempre admirei seu povo. Olhe que belo castelo vocês possuem. Não acha, Gliz? – Ele se vira e questiona sua filha.

- Sim, pai. – A garota sorri de orelha a orelha. – É muito bonito.

- Agradeço pelos elogios! – Meu pai soa cortante.

Serafim pousa suas mãos em seu colo e seu olhar segue por alguns segundos para mim, após se movimentam na direção do Rei.

- Também possuem um excelente exército. – Serafim exclama. – Mas, não precisam se dar o trabalho de os colocá-lo na linha de frente para nos receber. Apenas estamos aqui, pois, precisamos tomar decisões.

- Certamente deve compreender que não é muito comum receber visitantes de outro reino. – Meu pai também é sarcástico e o outro rei sorri.

- Certamente não, Dramir.

O olhar de Serafim passa pelo meu como se estivesse dizendo “Eu sei que você e meu filho tinham relações pessoais, não tente me enganar.” Nesse instante

penso onde está César, talvez um deles tenha que ficar cuidando do reino, porém eu penso que isso vai além. Há algo de errado acontecendo.

- Devemos cortar essas formalidades. – Alfred diz. – O que devo a honra do rei do Sudeste estar em nosso lar?

- Penso que devemos cortar os fingimentos. – Serafim pousa seu olhar frio no meu pai que fica inquieto. – Eu sei que vocês têm algo que é meu.

- Seu? – Nesse momento me manifesto e sorrio. – Como alguém poderia ser seu? Trata criaturas como se fossem moradias.

Serafim sorri para mim e bate uma palma.

- O príncipe. – O rei exclama e dá um passo à frente. – Foi você que raptou o meu humano? Não foi? – Me mantenho em silêncio. – Sim, só poderia. Mas, por que causar todo esse tumulto por causa de uma criatura insignificante?

- Você iria transformar os humanos que raptou em escravos. – O respondo sem nenhuma empatia. – Sabe-se lá o que faria com Jackson.

As mãos do rei vão para as costas e seu olhar continua preso ao meu.

- Quem lhe disse que eu faria isso?

Imagino que para sua pergunta já tenha a resposta, o seu leve sorriso demonstra isso. Então se ele já sabe, César deve ter sofrido as consequências. Pelos mares! Será que a sereia sofrerá por causa dos meus atos também? Nesse instante me sinto a pior sereia dos dois reinos.

- Esse é um crime muito grave. – Minha mãe se manifesta. – Nas nossas leis é claro que nenhum humano pode permanecer na ilha, isso colocaria em risco tanto um reino quanto o outro. Sabe bem disso, Rei Serafim.

- É claro. – Serafim anda pelo salão. – É exatamente por isso que eu não mantive os humanos vivos. Desejam provas? Podemos mandar as cabeças dos humanos para vocês verem.

- Não será necessário. – Meu pai responde.

Noto em volta da boca do lobo branco o sangue humano, o vermelho meio escuro completamente diferente daquele que circula pelas nossas veias. Serafim soube que eu tinha ideia sobre ele transformar os humanos em escravos e então matou todos eles para anular essa afirmação. Novamente sou responsável por esse acontecimento, morreram por minha causa.

- Eu conversei com o humano Jackson. – Serafim diz. – Realmente ele não pode ser encantado por nós sereias o que é realmente incrível e por isso o deixei vivo. Também não pretendia o manter vivo mesmo sendo um humano, “especial.”

Iriamos matar toda a sua tripulação junta, no entanto não foi possível afinal o humano conseguiu ser liberto antes de sua morte. Felizmente meus lobos conseguiram sentir o seu cheiro, que vinha dessa região...

Novamente o rei está mentindo, afinal somente parte da tripulação havia morrido no momento do desembarque. Ver tantas mentiras sem poder me pronunciar ou partir contra o homem me deixa angustiado.

Alfred se levanta do trono e desce alguns degraus.

- Meu filho cometeu um erro grave e compreendemos. – Ele diz. – Seu humano foi raptado o que diz respeito a uma infração, aquela que diz que não devemos intervir nos humanos que chegam pelos nossos lados da ilha. Para evitar qualquer romper de guerra como rei eu ofereço o humano de volta ao seu reino.

O rei do Sudeste apenas sorri. Meu pai acena com sua mão para os soldados da ponta que trazem Jackson, o humano é arrastado pelas correntes. Quando seus olhos escuros pousam nos meus ele clama por ajuda. No entanto, tenho que abaixar a minha cabeça e desviar a visão.

- É muito coerente da sua parte, Rei Dramir. – Odini diz. – Dar aquilo que já era nosso novamente para nós. Poderia ser um bom encerramento de conversa, no entanto eu não desejo isso.

Todo o meu corpo arrepia nesse momento, porém eu já pensava que Serafim não iria aceitar a oferta. Há um momento que pode fazer uma guerra de anos eclodir e ele não perderá essa chance. Maldito, rei!

- Pense bem, Rei Serafim. – Meu pai o encara. – Não vejo nenhuma outra saída para essa conversa. Seria mais coerente aceitar a oferta feita de bom grado e impedir a morte dos nossos povos em uma futura e desnecessária guerra.

- Talvez... – Serafim é irritante com seu sorriso. – Mas, sabem que para esses crimes há uma outra alternativa que não usamos há anos.

- Julgamento por combate. – Minha mãe fala.

Então sinto meu corpo congelar.

O julgamento por combate ocorre para julgar os crimes de um criminoso. Ele pode ser decretado por um rei ou pedido pelo transgressor na hora de seu julgamento. Mesmo com tal saída aqueles que são punidos não optam pelo julgamento afinal o rei sempre escolhe o oponente que vai lutar contra ele na arena, que obviamente será o melhor do reino. Vi o retrato em alguns livros e as mortes na maioria das vezes são chocantes.

- Está pretendendo mandar meu filho para lutar em uma arena? – Cristal desce os degraus com o olhar pegando fogo. – De forma alguma aceitaremos isso.

- Seu filho cometeu um crime contra meu reino. – Serafim diz. – Eu escolho sua sentença que está prevista em nosso trato. Página vinte, linha dez. Quando um infrator cometer um crime contra o reino oposto o comandante principal de tal reino pode decidir sua sentença. Morte ou julgamento por combate. – O rei sorri para minha mãe. – Estou errado?

Minha mãe fica em silêncio e volta a se aproximar de mim.

- Se eu aceitar o que eu ganho? – Questiono.

- Sua liberdade. – Serafim responde.

- Não é o bastante. – Digo sem hesitar.

O rei se aproxima e então olha para Jackson que teme. Após seus olhos acinzentados acompanhados de um sorriso me encaram.

- Se você vencer, além de sua liberdade você poderá optar pelo destino desse humano. – Ele acena para Jackson com desdém.

Sinto como se tivesse levado um golpe.

- Isso é estúpido. – Minha mãe brande.

Passo por ela e sigo pelos degraus até estar próximo do rei. Sinto sua respiração, seu olhar frio percorrendo pelo meu corpo.

- Eu aceito. – Respondo.

- O que? – Cristal quase grita. – Não, Ariel. Se eles desejam guerra então é o que eles terão. Oferecemos a vocês o humano e mesmo assim desejam guerra.

- Queremos justiça. – Serafim fala. – Eu escolho sua sentença.

Me viro e tento passar confiança.

- Mãe, escute-me. – Digo. – São as nossas leis, eu cometi uma infração e então eu devo pagar por ela. Não posso deixar que mais pessoas sofram as consequências pelos meus atos.

- Mas, Ariel... – Seu olhar entristece.

- Ariel tem sua decisão tomada. – Meu pai exclama. – Acredito que o seu papel aqui já esteja cumprido, Odini. – Sinto fúria no seu falar.

- Sim, meu rei. – O homem sorri malignamente. – Amanhã pela manhã a batalha acontecerá em meu reino. Serão recebidos muito bem.

Odini acena e vira de costas para nós. Seus lobos nos encaram e então o acompanham. Antes de Gliz o acompanhar para a saída eu vejo que um pequeno papel descer pelo pilar em direção ao solo. Então a garota sorri levemente para mim e compreendo o recado. Quando eles ultrapassam a saída os soldados fecham o salão e um silêncio se estabelece.

Jackson é levado por nossos soldados para longe.

- Não acredito que você deixou ele fazer isso. – Minha mãe encara meu pai com desprezo. – Jogar nosso único filho em julgamento por combate? Nem mesmo o seu pai teria concordando com um ato tão estúpido.

- Só concordei porque sei do que Ariel é capaz. – Alfred a responde. – Ariel é o melhor guerreiro dessa ilha, vencerá esse julgamento por combate.

Apenas olho para meu pai em silêncio, ele crê em mim.

- E se não ganhar? – Minha mãe sussurra.

Os dois olham para mim.

- Eu vou vencer. – Soo confiante. – Nenhum daqueles soldados será competente de me vencer. Não se culpem por isso, eu assumo total responsabilidade sobre isso. Meus erros, minhas consequências. Não é assim que um rei Dramir deve agir?

Tento esboçar um sorriso para eles.

Me viro de costas e sigo até o pilar onde Gliz deixou a carta cair. Me abaixo e pego a carta a colocando em meu cinto. Sigo pelos corredores do castelo e fico bem afastado. Minhas mãos tremem, mas mesmo assim pego a carta e a abro.

“Ariel, naquele dia que nos encontramos na Ilha de Sangue um soldado do meu pai nos avistou e relatou a Serafim. Ele me fez revelar toda a verdade sobre você e o que fazia por ali naquela região. Meu pai sabia que você iria invadir nosso reino para resgatar Jackson e permitiu que acontecesse, pois ele pretende algo que ainda não compreendi o que é. Sinto muito por ser covarde, porém ele me ameaçou de ser banido da Ilha se não revelasse a verdade. Espero que você possa encontrar uma saída nesse caos. ” – César.

Fecho a carta e guardo em meu bolso.

Tudo isso não foi uma coincidência. Serafim armou a jogada perfeita e eu simplesmente cai como um ignorante. Nenhum crime é perfeito, sempre há vestígios e dessa vez foi esse maldito soldado. Sabe-se lá o que o rei fez para atormentar César a revelar a verdade, mesmo sendo seu filho. Serafim desejava que eu aceitasse o julgamento por combate e então ele possui um plano para que eu

perca, mas com que intuito? Me afastar da ilha? Não entendo como isso o beneficiaria. De qualquer forma eu terei que vencer esse julgamento, seja quem for o inimigo eu eliminarei!

Capítulo 10

A sereia e o humano.



Depois que tomamos uma decisão e as consequências são geradas não tem como voltar atrás, devemos seguir em frente e assumir nossas responsabilidades. Meus amigos até tentaram vir ao castelo após saber da minha decisão, porém meu pai impediu a sua entrada. Para o restante do povo foi dito que somente eu fui o culpado por tal infração o que não é muito distante da verdade. Fui eu quem pedi aos meus amigos para que seguissem comigo e não acho justo que eles sejam punidos por isso, embora eu sei que serão pelo meu pai. Talvez até mesmo sejam retirados da tropa Sapien o que eu temo que aconteça.

A noite logo chega em Teza e com ela a tensão paira em nosso reino. Decidi não sair do castelo afinal eu estou sendo o principal alvo dos comentários das pessoas do reino. Algumas devem estar me odiando, outras pensando que eu sou um herói por aceitar batalhar. É assim que as coisas funcionam.

Sigo pelo corredor e paro em frente a última porta. Em frente a ela fica um soldado do rei parado, seu olhar pousa no meu.

- O que o príncipe deseja? – Ele me questiona.

- Desejo entrar. – O respondo.

- Seu pai foi específico. – O soldado diz. – Ninguém pode entrar em seu quarto se não for dada a sua permissão.

Me aproximo dele bem próximo do seu rosto.

- Eu sou o seu príncipe. – Exclamo. – Eu irei entrar de qualquer forma, não se preocupe, pois não estou aqui para causar mais confusão. Apenas desejo conversar com o humano a sós, não irá demorar muito. Será que você pode por gentileza abrir a porta para o príncipe passar?

Me afasto e o soldado engole em seco. Vejo que ele fica um pouco temeroso, porém mesmo assim acata o meu pedido. Com delicadeza ele abre a porta.

- Muito obrigado! – Digo a ele. – Não irei demorar.

- Como quiser, príncipe. – O soldado acena.

Prossigo e quando estou dentro do quarto encosto a porta. O quarto onde o humano está não é nada ruim, não luxuoso, mas também não é como as celas onde ele estava preso. O avisto parado na sacada do castelo.

Vou me aproximando com cautela até estar ao seu lado.

- É bonito, não é? – Digo a ele. – Apesar dos nossos erros fomos presenteados com um lugar extremamente rico para vivermos.

Jackson se vira em minha direção e me encara.

- Sim. – Ele responde. – Sinto como se estivesse embarcado de volta para o passado. Todos aqueles soldados, suas regras, os vestuários. É um mundo completamente distante daquele em que vivo.

Seu olhar segue pelo meu corpo quase descoberto.

- Sinto como se tivesse olhando para um guerreiro da antiguidade, talvez grego ou romano. – Um sorriso surge de relance em sua face.

- Duas grandes civilizações. – Exclamo. – Como todas possuímos nossos erros. Peço desculpas por você estar passando por tudo isso, nem consigo imaginar o quanto deve ser assustador.

Melman se escorra na borda e olha para o horizonte.

- É aterrorizante. – Ele soa abalado. – Imaginar nunca mais ver as pessoas que você ama, pensar em como meus sobrinhos podem ficar abandonados. Às vezes nos preocupamos com tantas coisas fúteis que não damos valor ao que nós temos, apenas vemos o quanto elas valem quando não há mais volta...

Coloco a mão em seu ombro e rapidamente recuo.

- Não se preocupe. – Digo ao humano. – Irei vencer esse julgamento e assim lhe darei sua liberdade. Sei que é difícil confiar em um ser do povo que o capturou e matou seus companheiros, mas eu sou diferente.

- Eu sei. – Seus olhos escuros me fitam. – Confio em você. – Suas palavras me deixam bem. – Creio que poucos fariam o que você fez, mas também não me sinto bem com isso. Pelo que escutei você terá que batalhar com alguém para conseguir me libertar, sou contra qualquer tipo de violência.

Seguro fortemente o pilar e suspiro.

- As coisas seriam mais fáceis... – Sussuro e após falo. – No entanto, estamos vivendo nesse momento. Só desejo que você não se culpe por isso, foi minha decisão te libertar. Não posso simplesmente ignorar os erros do outro reino, não é como um príncipe deveria agir.

Jackson vira todo o seu corpo em minha direção.

- Um príncipe. – O humano fala. – Ainda temos príncipes no nosso mundo, no entanto nem perto do que vocês são. – Enfim consigo sorrir. – Mas, acredito que quando você assumir a coroa será um bom rei, vejo isso.

- Obrigado! – Aceno. – Queria que meu pai pensasse da mesma forma.

Me escorro na borda e observo as lareiras acessas e os soldados em volta, mesmo após a partida de Serafim eles continuam em alerta.

- Mas, mudando um pouco do assunto trágico. – Digo. – Me conte mais sobre seus sobrinhos, vejo que você os ama muito.

- Sim. – O sorriso em sua face confirma. – Lily possui apenas oito anos, mas é extremamente inteligente para sua idade. Já Vitor está na flor da idade com seus dezoito anos, apaixonado por uma aventura.

- Penso que ele gostaria desse lugar. – Exclamo. – É claro, tirando a parte do rapto, mortes e ameaças.

É a primeira vez que vejo Jackson rir. Ele fecha seus braços e fica um tempo em silêncio apenas a me observar, depois se vira para o lado.

- Sim, ele adoraria essa Ilha. – Melman fala. – Mas, penso que não conseguiria viver longe de seus apetrechos tecnológicos.

- Oh! – Me aproximo. – Já li muito sobre sua tecnologia e é impressionante como evoluíram em tão pouco tempo, no entanto eu gosto do meu lar e como mantemos as coisas aqui. Não nas leis é claro, mas no resto... – Jackson fica em silêncio. – Esqueça...

- Eu entendi. – Ele sorri. – É difícil lidar com o diferente.

- Na verdade, não tanto. – Exclamo. – Eu sempre gostei de me arriscar em coisas diferentes, nunca tive medo para isso.

O humano se escorra no pilar e questiona:

- Pelo jeito que você fala já viveu muitas aventuras. Quantos anos você tem? Pela sua aparência diria que uns vinte anos.

Nesse momento coloco a mão no peito e rio.

- Vinte? – Digo. – Não, eu acabei de completar noventa anos alguns dias atrás. – Nesse instante Jackson fica paralisado. – O tempo corre diferente para nós, vivemos muito mais que qualquer humano.

- Uau. – Jackson suspira. – Noventa anos? Pelos céus! Quem dera que eu chegasse aos noventa anos com essa sua aparência atra... – Sua voz falha.

A forma como minha presença o abala me deixa bem.

- Desculpe eu... – Ele se enrola nas palavras.

- Eu compreendo. – Tento acalmá-lo. – É realmente difícil de compreender. Quando comecei a estudar sobre o seu mundo também fiquei dessa forma, mas agora já estou mais acostumado.

Jackson cobre seu corpo com um casaco deixado na cadeira.

- Vocês estudam sobre nós? – O humano me questiona.

- Sim. – O respondo. – A cada dez anos quando a magia em volta da ilha diminui uma tropa de sereias vai até o seu mundo coletar informações. Após elas retornam e relatam em livros. Assim sabemos o que está acontecendo em suas terras, se há uma ameaça próxima de nós.

- Compreendo. – Melman balança a cabeça. – Nunca pensaram em se revelar para os humanos?

Nesse momento sorrio com o canto da boca.

- O que você pensa que eles fariam se descobrissem toda essa riqueza? – Minha pergunta é sensata. – Sobre uma raça que esteve sempre entre eles escondida, que possuímos muito mais resistência que eles.

Jackson cruza seus braços e assume um tom sério.

- Com certeza eles tentariam invadir a ilha. – Ele diz. – Roubar o que vocês têm, interrogá-los para saber a verdade. – Melman desvia sua visão. – Agora pensando por esse lado sinto muito ter invadido suas terras.

- Muitos outros já fizeram o mesmo. – Digo a ele. – No entanto, já fazia tempos que nenhuma embarcação chegava a ilha. Nos últimos relatos de nossas sereias soubemos que os humanos temiam navegar para esse local.

- Sim. – Jackson me olha. – Ainda temem, mas essa empresa que nos mandou aqui ficou intrigada para saber o que há nessas redondezas.

Dou um passo para o lado e me aproximo mais.

- Quem são realmente eles? – Pergunto.

- Os Talis são uma empresa muito conhecida. – Ele diz. – Eles investem dinheiro em negócios promissores. Conseguiram adquirir muitas outras ilhas não muito longe daqui, são pessoas extremamente ambiciosas. Seu líder é Jaime Talis, mas nunca o vi pessoalmente. Apenas aceitei o emprego por meio de um mediador, estava desesperado e nem mesmo pensei direito.

- Com certeza não pensou. – Exclamo. – Viajar até essa região do mar não é algo que alguém sábio faria. – Sorrio. – Porém, pense que encontrou algo bom pelo caminho. Talvez essa nossa conversa tenha sido algo bom.

Guio a conversa para onde desejo e tenho a resposta com um sorriso seu.

- Sim, definitivamente! – Seu olhar me segue. – Você é completamente diferente das pessoas que já conheci, afinal é uma sereia. – Rio.

- Mas, não somos tão diferentes. – Exclamo. – Olhe possuímos dois olhos, duas orelhas, uma boca... não sou como um dragão.

- Sim você está longe de ser um dragão.

Jackson sorri e novamente sua visão é voltada para o reino e não para mim. Quando ele se vira observo em seu pescoço marcas vermelhas. Me aproximo dele e com cuidado toco na região, ele se vira para mim e coloca sua mão no pescoço.

- O que eles fizeram com você? – O questiono.

- Apenas me bateram algumas vezes. – Jackson fala. – Pensam que eu sei o porquê de seus poderes não funcionarem em mim, no entanto não tenho ideia.

- Sinto muito....

- Não precisa pedir desculpas, não foi você. – Jackson pousa a palma da sua mão em cima da minha. – Aliás já está passando, mais cedo vieram algumas enfermeiras tratar dos meus machucados.

- Enfermeiras? – Repito a palavra.

- Vocês chamam de curandeiras. – Ele sorri.

Passo minha mão na sua e dessa vez nenhum dos dois recua.

- Não deixarei que mais nada de ruim lhe aconteça. – Exclamo. – Estou prometendo mais uma vez e você sabe que eu não quebro promessas.

- Sim. – O humano me olha. – Não tenho palavras suficientes para lhe agradecer por tudo o que está fazendo.

- Apenas fique bem. – Digo. – Tente descansar.

Aperto sua mão e sinto uma vontade enorme de abraçá-lo como ele já fez, no entanto, continuo apenas a olhá-lo. O máximo que faço é sorrir. Após me viro e sigo para a saída. Antes que eu possa prosseguir sua mão pousa em meu ombro.

- O que foi? – Pergunto.

- Quero lhe dar isso. - Ele diz.

Do seu punho ele retira uma bela pulseira prateada com um pingente de uma âncora na ponta. Segue com sua palma até a minha frente.

- Meu pai me deu isso quando pequeno. – Jackson diz. – Disse que me protegeria de todas as energias ruins do universo.

- Não posso aceitar. – Falo. – Deve ter um valor muito alto para você.

- Você vai precisar mais do que eu amanhã. – Ele exclama. – Apenas aceite e quando tudo isso acabar você me devolve.

Olho para ele e após para a pulseira. Pego com delicadeza entre os meus dedos e fecho em volta do meu pulso. É uma bela pulseira.

- Obrigado! – Aceno para ele. – Nos vemos amanhã.

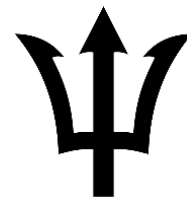
- Boa noite!

Me viro e saio de seu quarto, logo o soldado tranca a porta.

Nem mesmo eu sei o que aconteceu ali dentro. A energia em volta do ambiente era perfeita, harmoniosa e cheia de paz. Poucas vezes me senti dessa maneira. Penso se eu estou ficando muito próximo desse humano, muitos me alertaram sobre isso, porém não é algo que eu posso evitar e nem mesmo desejo.

Capítulo 11

Um brinde ao que virá.



O dia do julgamento chegou e com ele uma angustia profunda toma conta do meu corpo. Que os titãs estejam do meu lado nessa batalha, porém penso que talvez não afinal os Odini são os que mantem mais os seus pensamentos, principalmente os de Zaquira.

Para minha surpresa meu pai deixou que os meus amigos viessem até o castelo. Nós seguimos pelas passagens que levam até um local mais afastado onde se tem uma bela visão de todo o reino. Me sento na cadeira da ponta e observo o nosso dragão trovão sobrevoando pelo castelo.

- Então. – Ninfa se escora na mesa e me olha. – Não está arrependido de ter aceitado esse desafio? Há anos isso não acontece entre os dois reinos.

Mordo um pedaço de morango e sorrio.

- Arrependido não é a palavra. – Digo a ela. – Talvez com receio. Pela carta que César me mandou Serafim já sabia sobre tudo, então posso estar fazendo parte de um plano maior que ele anda construindo.

- Sabe-se lá o que esse homem pode ser capaz de fazer. – Os olhos azuis de Ninfa demonstram tensão. – Mas, eu acredito que você vencerá.

A mão de meu amigo pousa em meu ombro sem nenhuma sutileza.

- Obviamente ele vai vencer. – Polaris pisca para mim. – Ariel é o melhor guerreiro dessa ilha e ninguém tem dúvida sobre isso.

- A questão é com quem eu irei lutar. – Falo.

Sigo com minha visão e pouso no castelo Odini ao longe.

- Quem é o melhor guerreiro deles? – Ninfa diz.

- O Rei. – Respondo rapidamente. – Porém, não acho que ele seria capaz de me desafiar. Se Serafim perder sua honra como Rei também é abalada, certamente o homem irá escolher outro para lutar.

Me sirvo um pouco de vinho, pego a taça e levanto-me. Tais questionamentos me deixam inquieto e meus amigos também.

- Alguém da família real. – Polaris enfim diz. – Gliz ou César.

- César. – Reflito sobre o assunto. – Penso que não, seu pai deve ter o prendido por causa dessas infrações. Temo que até mesmo Serafim o mate, entretanto não posso crer que seria tão extremo. Afinal ninguém mais sabe sobre nós... eu espero.

Quando bebo o vinho sinto minha garganta fechar.

- E Gliz? – Ninfa a cita. – Por mais que ela tenha a fama de ser um pouco endoidecida ela é uma ótima guerreira. Seria uma boa escolha!

- Talvez. – Exclamo. – Mas, sinto que não será ela.

Me aproximo e deixo a taça em cima da mesa.

- Mas, não importa com quem eu vou lutar, certo? – Suspiro. – Seja quem for eu terei que derrotar o inimigo para que eu possa libertar Jackson.

Polaris expressa aquele sorriso disfarçado para mim.

- O que foi? – Digo.

- Você já percebeu como fala? – Meu amigo olha para o lado para ver se estamos sós, somente há um soldado do outro lado do corredor. – Está mais preocupado em livrar o humano dos Odini do que se salvar.

Escoro minhas mãos na borda da mesa e expresso um leve sorriso.

- Bobagem. – Exclamo. – Eu estou preocupado comigo, mas é que Jackson foi o motivo de tudo isso. Se eu perder sinto que nada terá valido a pena, como vocês terem se arriscado também...

- Tudo bem! – Polaris levanta sua taça. – Vamos fingir que acreditamos.

O assunto não me incomoda, pois eu sei que ele está falando a verdade. Minha conexão com o humano foi a maior que eu já tive e isso é arriscado demais. Somos proibidos de termos qualquer relação com eles, já houve casos de sereias que foram expulsas por causa disso. Uma delas fugiu da nossa ilha há muito tempo com um humano e ainda levou dois ovos de dragão com ela, causando quase a sua extinção na ilha. A chamavam de sereia da Terra.

Me sento novamente e como um cacho de uvas.

- Então. – Digo. – Meu pai não falou com vocês sobre a tropa Sapien?

- O que? – Ninfa nesse momento me olha assustada. – Ele por acaso lhe disse que nós estamos fora? – Ela sussurra. – Pelos mares...

- Não. – Levanto minha mão. – Só estava curioso, pois ele sempre dá um castigo para os infratores. Pensei que talvez fosse retirar vocês da tropa, mas se ele

não fez ainda então não fará.

Polaris manuseia sua adaga passando no fio do seu cabelo.

- Espero que esteja certo. – Ele diz. – Para a nossa sorte só saímos daqui alguns dias, então estaremos aqui para ver a sua luta. Pense pelo lado positivo, se perder e for expulso iremos nos encontrar nas terras humanas.

- Polaris. – Ninfa olha para ele em repreensão.

Somente balanço a cabeça e rio.

- Não precisa xingá-lo. – Digo a Ninfa. – É bom descontrair o ambiente.

- Viu. – Polaris ri em deboche. – Não seja careta, cara irmã. Quando chegarmos em terras humanas precisará de mais leveza, quem sabe até mesmo encontre um namorado humano.

Sua irmã balança a cabeça.

- Pelos titãs! – Ela diz. – Não diga isso nem de brincadeira.

- Por quê? – Exclamo com leveza. – Precisamos mudar essa visão. Há humanos bons e ruins, assim como nós sereias. Pelo que conversei com Jackson ele me pareceu uma ótima pessoa. Não veria como isso seria um problema, afinal não nos ensinam que o amor pode ser de todas as formas?

Ninfa fica olhando em minha direção e então sorri.

- Pelos mares. – Ela ri por um instante. – Parece que eu estou vendo um verdadeiro rei. Penso que você tem razão, porém é meio difícil pensar na possibilidade. Mas, somos tão evoluídos na questão do amor. Os humanos condenam homossexualidade e muitas outras formas de amor enquanto nosso povo sempre foi liberal quanto a isso, sem preconceitos. Talvez seja mesmo a hora de mudanças, você pode trazer isso.

- Quem sabe. – Tomo um gole do bom vinho. – Mas, creio que vai demorar afinal eu estou prestes a ir para um julgamento de combate porque eu libertei um humano. Quebrei inúmeras infrações, meu pai não vai perdoar tão cedo.

Polaris então lança um riso histérico.

- Me perdoe. – Ele diz. – Mas, você tem razão. Porém, o que seria da vida sem um pouco de risco, não é mesmo? Pelo menos quando tivermos nossos filhos teremos inúmeras histórias de aventura para contar.

- Com tanto que a gente fique vivo até lá. – Levanto minha taça para ele e sorrimos juntos. – Mas, meu pai tem razão sobre uma coisa. Por que sempre estamos juntos nas infrações?

- Porque você nos leva. – Ninfa sorri para mim.

- Sim. – Diminuo o sorriso. – Me perdoem por isso.

Polaris me dá um tapa no ombro.

- Como se nós aceitássemos porque somos obrigados. – Ele diz. – Mas, pensando bem na próxima infração que você desejará cometer eu desejo uma recompensa. Pode ser com belas sereias, o que você acha?

- Acho que você é um aproveitador, meu amigo. – Respondo.

- Pois, temos o mesmo pensamento. – Polaris ri.

É incrível como a presença deles do meu lado fazem as coisas possuírem uma intensidade menor. Mesmo com tudo isso acontecendo, agora estou bem.

- Não olhe. – Ao meu lado Polaris fala. – Ele está vindo.

- Quem? – Digo.

Ignoro e me viro. Do outro lado do corredor vejo meu tio Hector se aproximando e ao lado dele para a minha surpresa está Viseris. Os dois logo se aproximam. Meu primo é claro apenas acena com um leve cumprimento como se estivesse sendo obrigado a isso. Já Hector me dá um abraço.

- Pelos titãs! – Viseris exclama. – Nem mesmo quando passo semanas longe do meu pai ele age com tanto afeto como age com você.

- Eu até sentiria culpa em ouvir isso. – Hector responde. – Mas, eu sei que você detesta aproximações, meu filho.

Viseris apenas sorri falsamente.

- Então como está? – Meu tio me questiona. – Deveria estar se preparando para a batalha, fazendo algum tipo de treinamento ou aquecimento.

Apenas bato de leve em seu ombro e sorrio.

- Meu tio. – Digo a ele. – Tive noventa anos para treinar e me aperfeiçoar, não vai ser em questão de horas que eu irei melhorar, afinal todos já sabem que eu não preciso disso. Ainda sou o número um da ilha.

- Talvez o dois... – Hector ri.

Meus amigos apenas ficam em silêncio ignorando a presença de Viseris assim como ele mesmo faz. Eles não se suportam e eu também não.

- Até mesmo o mais forte pode ser derrotado. – O olhar do meu primo me segue assim como seu sorriso. – Somente precisa do melhor golpe.

- Não seja estúpido. – Polaris olha para ele, controlando a raiva. – Ariel é o melhor guerreiro dessas terras, talvez você deva lutar com ele.

- Infelizmente não posso. – Viseris coloca a mão no coração. – Não pertenço aos Odini, mas quem sabe em outra oportunidade.

Apenas me mantenho em silêncio.

- Já escolheu qual arma irá usar? – Hector me questiona. – A espada e o escudo são suas principais armas, talvez queira usar os meus.

- Não será necessário. – Respondo. – Tenho minhas próprias armas, sim lutarei com o escudo e a espada. O que mais temo agora é sobre o adversário.

Meu tio caminha a minha volta.

- Serafim não escolheria julgamento por combate se não tivesse alguém que possa estar à sua altura em campo de batalha. – Hector me preocupa. – Porém, mantenha-se firme meu sobrinho.

Apenas aceno para ele. Meus amigos levantam-se e me cumprimentam.

- Nos vemos logo mais. – Polaris bate em meu ombro. – Estaremos lá para te apoiar com nossas bandeiras, quem sabe podemos até mesmo levar os Seizels para a batalha ficar mais conceitual.

- Você não presta. – Digo para ele.

Polaris apenas pisca para mim. Ele e sua irmã saem pelo corredor, o olhar do soldado no fundo do local segue para eles. Meu pai deve ter alertado todos eles afinal depois de tantas infrações minhas quem não ficaria em alerta.

- Minhas mãos estão suando frio. – Rio de nervoso.

- Relaxe, logo tudo terminará. – Hector diz.

- Sim, tudo terminará.

Viseris sorri para mim e me oferece uma taça de vinho.

- A sua vitória, primo. – Ele exclama. – A derrota dos Odini, mal posso esperar para ver suas faces derrotadas. A Dinastia Dramir.

Pego a taça e aceno.

- A Dinastia Dramir. – Exclamo.

Bebo o vinho e sinto um sabor ainda mais doce, porém formidável. Após alguns drinks e conversas tomamos direções opostas.

Sigo pelo palácio que agora está muito agitado. Os soldados caminham de um lado para o outro carregando o armamento, meu pai faz questão de levar os

melhores soldados afinal não sabemos o que nos espera. Avisto ele surgindo no fundo do corredor. O rei se aproxima de mim.

- Venha comigo! – Alfred diz.

Não sei para aonde iremos ir, porém mesmo assim o sigo pelos corredores totalmente em silêncio. Reconheço o corredor. Nele há os quadros de todos os reis e rainhas de nossas histórias. O último próximo a porta fica o do meu pai, ele foi retratado quando era mais jovem, eu se pareço muito com ele. Segundo minha mãe nem só na questão física.

Meu pai abre a porta da sala do rei e adentro. Poucas vezes estive nesse lugar. É um local bem escuro rodeado por tochas. Há algumas prateleiras com livros, uma mesa de pedras com o mapa do nosso reino. Foi nessa sala que o tratado de separação da ilha foi assinado pelos Odini e Dramir.

Alfred retira sua capa de rei e coloca na borda de sua cadeira.

- Então hoje é o julgamento. – Ele diz.

- Sim. – É a única coisa que consigo responder.

- Nunca pensei que isso iria acontecer com você. – Alfred fala. – Ver meu único filho infringir as leis por causa de um humano.

Apenas suspiro e me afasto.

- Escute pai. – Exclamo. – Hoje é um dia muito definitivo para mim, não preciso ouvir os seus sermões, novamente.

- E não estou aqui para isso. – Ele soa sincero. – Tudo o que eu tinha para dizer eu te disse. Então eu quero lhe mostrar algo.

Sigo com meu pai até o fundo da sala. Ele move suas mãos em cima da parede e um local escondido é revelado. Dentro de uma caixa de vidro há várias armas, entre elas uma espada e um escudo, eu reconheço.

- São as armas dos nossos antepassados. – Sorrio. – Os antigos reis que lutaram contra os Odini, os que conseguiram nossa vitória.

- Isso mesmo. – Meu pai confirma.

Alfred se aproxima e retira uma espada e um escudo. A espada é grande e sua lâmina é escura como a noite, o seu cabo é trabalhado no tom dourado imitando ondulações dos mares. O escudo escuro possui sua borda prateada, no centro dele há o desenho de um dragão.

- Essas armas pertenceram a Elísio. – Alfred diz.

- O mesmo que montou o Trovão dos mares e acabou com a guerra em Teza? – Questiono e ele acena que sim. – Pelos mares!

Meu pai desliza as armas e coloca em cima da mesa. Então ele se afasta e fica a me observar por longos segundos.

- O que? – Digo. – É para... – Minha voz falha.

- Sim. – Alfred é direto. – Estou lhe dando essas armas para usar no julgamento por combate. Embora tenhamos nossas diferenças eu sei da sua capacidade e merece usar esse armamento.

Sem demora passo meu pulso pelo escudo e seguro a ponta do cabo da espada. Sinto uma energia totalmente diferente e poderosa.

- Obrigado. – Digo a ele. – Pai!

- Não precisa agradecer. – Ele diz. – Apenas faça o que precisa fazer. Nós estaremos lá, por você.

Quando ele fala “por você” um sorriso natural surge em meu rosto.

- Irei preparar minha armadura. – Exclamo. – Nos vemos daqui a pouco.

Apenas aceno para ele e após saio da sala. Talvez essa seja uma das conversas mais próximas que tive com meu pai nesses últimos anos. Ele me deu o armamento de Elísio o maior guerreiro do nosso povo, Alfred confia em mim. De forma alguma irei desapontá-lo, irei honrar a nossa Dinastia.

Capítulo 12

O dragão e o lobo.

Seguimos pelas estradas do Noroeste acompanhados da tropa do nosso reino. Olho para trás e vejo a formação que ainda restou. Meu tio montado em seu cavalo acena para mim do outro lado, foi muito inesperado meu pai ter colocado o reino em suas mãos enquanto partimos até o reino inimigo. Não sabemos o que pode acontecer em suas terras. Por mais que eu desejasse sua presença comigo eu sei que o melhor é ele permanecer afinal precisamos de um membro da família real em nosso reino.

Meu pai e minha mãe seguem à frente da tropa. Vou diminuindo a velocidade do meu cavalo até estar no meio da tropa ao lado dos meus amigos.

- Seu pai está realmente preocupado. – Polaris fala para mim.

- Não é para menos. – Ninfa do outro lado responde. – Estamos praticamente caindo dentro de uma armadilha inimiga.

Apenas olho para ela expressando minha tensão.

- É só modo de falar. – Ela tenta concertar sua fala. – Se nos atacarem nós estaremos em segurança, eu espero.

- Nada vai acontecer. – Polaris soa positivo. – Continue a cavalgar.

Adentramos na floresta proibida, as tochas nas casas dos guardiões são acessas. Até mesmo o tempo já se prepara para uma grande escuridão, o céu iluminado agora dá lugar para o acinzentado. Nos céus ouvimos barulhos de trovoes que causam arrepio em minha espinha. De repente a minha visão embaça e então sinto uma forte dor em minhas costas. Quase deslizo pelo lado do cavalo, mas antes que eu possa cair me estabilizo.

- Está tudo bem? – Ninfa repara no acontecido.

Fecho meu punho e sinto ele amortecer, não sei o que está acontecendo.

- Sim. – Respondo não querendo preocupá-los. – Vamos prosseguir.

Descemos em formação passando o limite do riacho e enfim adentramos nas terras do Sudeste. A floresta nessa região é muito mais escura. Avisto um lobo do Sudeste passeando entre as árvores. O enorme lobo pousa seu olhar na nossa tropa e continua a prosseguir.

- Pelos mares! – Polaris suspira. – Eu odeio esses animais.

- É só manter-se focado. – Ninfa diz. – Eles não irão atacar. É triste ver criaturas dóceis serem transformadas em monstros. Por isso odeio esse reino. Somente de estar aqui já me causa náuseas.

- Se para você já é difícil imagine para mim que vim lutar. – Digo para ela e esbanjo um sorriso tenso. – Mas, ainda assim há a sua beleza.

Ao nosso lado cruza um unicórnio. A bela criatura branca possui um enorme chifre em sua testa. Seus olhos possuem o tom violeta. Esses animais também foram quase extintos durante a guerra antes do tratado. Infelizmente permaneceram nas regiões sudeste afinal necessitam de uma planta para sobrevivência que só nasce nesse local.

- Não é justo, eu gostaria de cuidar de um deles. – Ninfa comenta.

- Também não é justo nós termos um dragão e eles não. – Comento e lanço um leve riso. – Se nossos reinos pudessem trabalhar juntos poderíamos prosperar, salvar espécies da extinção e tudo mais.

- Isso nunca vai acontecer. – Meu pai exclama da frente, diminui a velocidade e se aproxima ao meu lado. – Tire isso da sua cabeça.

- Sinto muito, mas você sabe que é um pouco difícil. – Respondo.

Meu pai vira-se para o lado e poderia dizer que avisto um leve sorriso.

Enfim saímos da floresta e chegamos ao ponto principal do reino. Não muito longe ergue-se o castelo dos Odini, um local feito de pedras escuras e que reflete toda a sua escuridão. Os soldados ficam em volta do castelo. Avisto os arqueiros com seus arcos apontados para nós, mas isso não me intimida.

Acompanho meus pais na linha de frente. Seguimos pela estrada de terra até chegarmos em frente a um local um tanto diferente. Já sabíamos sobre os costumes do povo do Sudeste, porém agora tenho uma visão mais ampla. Eles construíram uma arena para combate. Dois soldados ficam na frente da entrada principal, seus olhares seguem para nós.

- O lado Noroeste da arena está reservado para vocês. – O soldado diz. – Enquanto ao guerreiro que irá lutar siga conosco.

Meu pai olha para mim e acena.

- Quero que alguns guerreiros permaneçam fora da arena. – O rei diz. – Os outros sigam comigo, qualquer sinal de ameaça soem a trombeta.

- Não precisa se preocupar Rei do Noroeste. – O soldado exclama. – Estão protegidos aqui, ninguém fará nada indevido.

- Meus soldados, minhas ordens. – Alfred soa frio.

Uma tropa do nosso reino fica para fora da arena e outra adentra junto com os meus pais. Sou guiado por um soldado do outro reino, mas meus amigos me acompanham no trajeto. Nós damos a volta na arena. Mesmo distante consigo ver os gritos eufóricos do seu povo no lado de dentro.

- Sim, eles estão animados. – O homem sorri para mim.

- Para a derrota? – Polaris retribui o sorriso.

- Os titãs estão do nosso lado. – O guerreiro segura forte sua espada. – Nós mantemos suas tradições, já vocês...

- Grandes tradições. – Exclamo com frieza, como meu pai. – Apenas nos guie até onde devemos ir, não precisamos escutar nada além disso.

- Como quiser, príncipe. – O homem range os dentes.

As portas de trás da arena são abertas. Nossos cavalos ficam para o lado de fora. Temo em deixar Zeus ali, mas sei que ele é um animal inteligente e qualquer coisa que eles tentarem conseguirá escapar o mais rápido possível.

Então as portas fecham-se. O local é um tanto sombrio, as tochas nas paredes iluminam o local. Quando olho para o lado e vejo a face de um lobo eu me assusto, porém após a iluminação da chama revela que é uma bandeira. As dores em minhas costas retornam e então eu me sento no banco mais próximo. Passo a mão pelos meus cabelos retirando o suor. Nunca eu transpirei assim nem mesmo quando treinava horas embaixo do sol escaldante.

- Estou com um pressentimento ruim. – Ninfa comenta. – Escute o barulho do seu povo, estamos no seu reino, seu exército todo está aqui. Se pretendem nos massacrar esse é o momento ideal.

- Não seria sábio. – Respondo ela tentando acalmá-la o que irônico já que sou eu quem vai entrar nessa arena. – Se eles fizerem qualquer coisa Hector partirá com toda a nossa força contra eles.

Polaris coloca suas mãos em meu ombro e sorri para mim.

- Não pense sobre isso. – Ele diz. – Apenas foque em destruir aquele ou aquela maldita que adentrar nessa arena. Você é o nosso dragão, o trovão de Teza. É um bom codinome, não acham?

Somente Polaris para me fazer rir nesse momento.

- Sim, é excelente. – Arqueio minhas sobrancelhas.

Ninfa se aproxima de mim e passa a mão em meu escudo.

- São de...

- Elísio. – Termino por ela e os dois expressam espanto. – Meu pai me deu para que eu batalhasse, parece que ele confia em mim.

Polaris me dá um soco em meu ombro.

- Maldito! – Ele ri. – Isso é uma das maiores honrarias já recebidas, sabe o que é manusear as armas do nosso melhor guerreiro? Pelos mares, Ariel.

- Vou saber quando entrar na arena. – Exclamo.

Quando os tambores começam a tocar sinto um arrepio percorrer pelo meu corpo e então qualquer traço de sorriso evapora de minha face. Meus amigos também ficam sérios e tensos, penso que até mais do que eu.

- Seja nosso campeão! – Polaris acena para mim.

Ninfa já por outro lado me abraça, pelo jeito que ela age até mesmo parece que eu vou morrer. Nesse instante apenas rio de tensão por dentro.

- Boa sorte amigo.

Aceno para os dois que seguem pela saída do canto.

Viro meu corpo em direção a arena, lá fora escuto os tambores pararem de tocar. Avisto pelas frestas da madeira o tempo se armando para uma grande chuva e talvez eu possa ter ainda mais vantagem, Hector me preparou para batalhar em qualquer situação.

- Saldem o guerreiro Dramir. – Uma voz masculina diz. – Ariel.

As portas então são abertas. Dou um passo pisando na terra e então começo a andar. Passo pelas portas e então estou dentro da arena. Olho em volta as faces dos moradores do reino dos Odini. Eles permanecem em silêncio enquanto seu olhar me segue, não me sinto recuado. No final da arena sentados debaixo de uma tenda estão os reis dos reinos. O sorriso estampado no rosto de Serafim me incomoda mais que todos os olhares pousados em mim.

Os soldados do meu reino batem em seus escudos e após apontam suas armas para mim. Bato contra meu escudo e aponto a espada em sua direção. Após giro ela em minha mão e cravo na terra. Mantenho minha postura ereta.

- Agora. – O homem não muito longe de mim abre os seus braços e fala extremamente alto para todos os escutarem. – O oponente de Ariel, aquele nomeado pelo Rei Serafim para a batalha. Céééésar.

Nesse instante meu coração dispara e então sinto a adrenalina de estar em uma arena. Eu sabia que Serafim poderia escolhê-lo, entretanto me neguei a acreditar que lutaria contra aquele a quem possuo um grande sentimento. Sinto que

isso é uma vingança também. Pousei meu olhar no de Serafim e então ele permanece sereno apreciando o seu golpe.

As portas do outro lado da arena são abertas e então ele adentra, o público como o esperado começa a gritar em sua direção. César está trajado em uma bela armadura preta. Seu escudo vermelho reflete. Quando ele se aproxima vejo a tradicional maquiagem em seus olhos. Seu olhar não expressa nenhuma satisfação, mas sim tristeza como eu sinto.

- Sinto muito. – Ele sussurra.

- Eu também. – Respondo.

Os tambores novamente são tocados. Na tenda o rei Serafim levanta-se. Ele acena com sua mão e todo o seu povo fica em silêncio.

- Sejam todos bem-vindos ao julgamento por combate pelos crimes do príncipe Ariel Dramir. – O rei diz. – Como consta em nossas leis, como rei eu pude escolher sua condenação e assim o réu aceitou sem contestar. Para duelar contra o príncipe nada mais justo que o nosso príncipe assuma esse lugar.

O público acena para César que nada expressa.

- Se Dramir perder esta batalha ele deverá deixar as terras de Teza para sempre. – Seu olhar pousa no meu. – Mas, se ganhar terá sua liberdade e poderá decidir o julgamento para o humano. Que os titãs escolham o melhor guerreiro para triunfar, ao combate.

O rei bate sua palma e o barulho ecoa pela arena dando início ao duelo.

Movimento a espada em minha mão e começo a caminhar em círculo. À minha frente César faz o mesmo, mas é óbvio que apenas estamos matando tempo. Ao olhar levemente para a plateia já avisto alguns furiosos por nenhum estar atacando. Sendo assim avanço contra ele. Giro minha espada no ar e César é rápido e consegue deslizar pela terra se esquivando do ataque. Isso parece agradar a plateia que volta a sorrir o que é um ato repugnante.

- Eu não posso deixar você vencer. – César fala para mim.

- Então isso é recíproco. – Digo. – Se eu perder serei expulso.

Odini então me ataca, mas eu esquivo para o lado. Levanto minha espada em sua direção e ela bate contra o seu escudo avermelhado. Vejo o meu reflexo que não é um dos melhores, minha pele está pálida. Quando César empurra seu escudo contra mim eu dou três passos para trás não sentindo direito as minhas pernas, só após consigo me equilibrar.

Olho para a plateia e meus amigos começam a cochichar um com o outro. Eu sei do que eles estão falando, eu não costumo me abater com um fraco ataque. Há algo de errado acontecendo com meu corpo, estou sentindo desde antes.

- Serafim ameaçou minha irmã. – César fala para mim.

Ergo meu escudo e sua espada se choca nele. Esquivo para o lado e consigo acertar a lâmina em seu braço o que causa um corte não tão profundo, mas seu sangue roxo começa a escorrer pela sua pele. Um leve sorriso surge nele.

- Ele não poderia matá-la. – Digo. – É a princesa.

- Não duvide do meu pai. – Ele soa frio.

Mais uma vez ele contra-ataca e dessa vez recebo o ataque. César passa pelo meu lado deslizando pela terra e sua lâmina acerta a minha perna, sinto o golpe imediatamente. O ferimento arde e o sangue escorre, perco o equilíbrio em uma perna e minha visão embaça. Me viro e caio de joelhos. A minha frente César olha-me com estranhamento como todos do meu reino.

- O que há de errado com você? – Ele sussurra.

Os tambores começam a tocar mais alto. Então o olhar de Serafim segue para seu filho, até mesmo eu sinto a energia sombria vindo dele. César apenas vira-se em minha direção e suspira. Sei o quanto isso o fere assim como a mim, no entanto alguém terá que vencer hoje.

César corre contra mim, ergue sua espada e bate em meu escudo. Sou mais rápido e esquivo para o lado. Golpeio minha perna na sua e o faço tombar para trás. Quando ele cai na terra eu já estou em pé a sua frente.

“Levante-se, maldito. ” – As palavras vem da plateia.

Chuto a espada de César para longe, suas mãos agarram no meu tornozelo. Concentro minha força na perna e empurro ela, meu pé atinge seu queixo e então o sangue verte de sua boca. É uma das piores coisas que eu já fiz, quando faço isso viro meu rosto para o lado e me afasto. Lá em cima meu pai me observa com um sorriso no rosto, mas eu não sou um herói.

Então sinto as gotas começarem a pingar na minha pele e logo toda a arena recebe a chuva que desce violentamente do céu. Lá em cima os trovoes dançam entre si. Telonis e Zaquira devem apreciar esse momento ou não afinal criaram nosso povo para ir contra os deuses e nós estamos nos destruindo.

- Combate. – Bato em meu peito e brando.

Jogo minha espada para longe o que surpreende a todos, então a arena se torna um lugar silencioso apenas ocupado pelo barulho da chuva e raios. César

consegue se recuperar e levantar. Limpa o sangue de sua boca e segura seu escudo. Novamente sinto minha visão embaçar. Apenas vejo traços do seu corpo.

Só sinto quando o golpe acerta em minha face. Dou alguns passos para trás quase indo ao chão, sinto o sangue verter do meu nariz e boca. Olho para minhas mãos contaminadas pelo sangue que logo é limpo pela água da chuva.

- Cuidado. – Ouço a voz de Ninfa vindo ao longe.

Novamente recebo outro ataque e dessa vez o punho de César me atinge. É como o metal indo em direção a minha face. Só que dessa vez eu consigo despertar do que está acontecendo. No mesmo momento que vou para o lado eu atinjo meu punho em seu queixo e ele recua. Levanto minha perna e bato contra o seu escudo que o faz tombar na poça de água.

“Dramir, Dramir” – Nossos soldados vibram.

Caminho em volta de César, mas mesmo parecendo forte eu não estou. Sinto minha visão embaçar a todo o momento, a audição afetada, as dores em meu corpo. Por isso eu preciso finalizar esse duelo o quanto antes.

- Quem diria que estaríamos aqui. – César sorri.

Ele firma suas mãos na terra e empurra seu corpo para cima. Com uma mão seguramos o escudo e com a outra preparamos para atacar. César golpeia-me com um chute que bate em meu escudo. Tento acertar um soco em sua face, mas ele esquiva o que é muito estranho, pois até um principiante teria acertado. Eu giro no local e logo estou de frente para ele.

- Seu pai fez algo. – Comento, minha voz falha.

- Sim. – César diz. – Ele quer vingança.

Desvio para o lado e bato meu escudo em suas costas.

- Não é isso. – Digo.

Tusso e quando coloco a mão na frente o sangue a cobre, sinto que não é dos machucados e então tenho certeza que algo de errado aconteceu.

Abaixo meu braço e nesse momento César me golpeia na mão que segurava o escudo, nesse momento a arma cai no solo. Ele então parte com toda a sua força e dispara um chute em meu peito. O impacto é imenso, sinto minhas pernas perderem as forças e caio deslizando pela poça de terra. Logo todo o meu corpo está coberto de barro. Sinto as gotas caírem em minha face, é como se tudo à minha volta fosse se distanciando.

Só vejo quando César pula em cima de mim, suas pernas bloqueiam minha cintura e agora ao olhar para ele eu não tenho mais nenhuma atração. Não é como

aquilo que acontecia na caverna, ele deseja me finalizar. O primeiro golpe ele consegue acertar e seu punho bate em minha bochecha. Já no segundo eu levanto a minha mão e seguro seu punho por mais difícil que seja.

- Não. – Sussuro.

Puxo seu braço para o meu corpo e quando ele se aproxima eu me viro para o lado mudando a nossa posição. Agora eu permaneço em cima dele. Sem esperar já parto para o ataque e acerto dois socos em sua face que abrem cortes. Ele ergue suas mãos, mas eu furo o bloqueio e acerto mais uma vez.

- Cééééesar. – Serafim levanta da sua cadeira e grita para seu filho, não por medo dele se machucar, mas sim por estar o “envergonhando.”

Quando me distraio César me golpeia e eu tombo pela terra. Rolo para o lado e uso o restante das minhas forças para me manter em pé. Sinto novamente a tontura e as dores, mas mesmo assim resisto.

- Vá César. – Gliz Odini grita no meio da plateia para o seu irmão enquanto exhibe o sorriso mais lunático possível. Ela levanta suas mãos e brinca com a água.

- Vamos Ariel. – Meus amigos gritam do outro lado.

Todos eles desejam que nós vençamos, porém creio que nenhum dos dois está realmente afim disso, entretanto é o nosso dever. Além disso, meu corpo está visivelmente debilitado, não comi nada de errado e muito menos peguei alguma doença de repente, há algo acontecendo...

Retiro a proteção de cima da minha armadura e fico com o corpo exposto. Fecho os meus punhos e começo a caminhar em direção a César. Levanto minha perna e ele bloqueia com seus braços. Quando golpeia próximo do meu rosto eu bloqueio e empurro seu braço para o lado, após disparo um soco ao lado de sua face. O homem perde o equilíbrio, mas não cai.

- Você é resistente. – Sorrio para ele.

- Somos príncipes, não? – Ele também expressa um sorriso.

- Gostaria que tudo pudesse ser diferente. – Sussuro.

- Eu também. – Suas expressões congelam. – Porém, ainda não é.

Um raio não cai muito distante e quando o barulho ecoa eu sinto um zumbido em meu ouvido anulando qualquer outro som. Coloco a mão na cabeça e expresso toda a minha dor. Quando recupero a estabilidade já sinto o golpe. Meu rosto é jogado para o lado e o gosto do sangue em minha boca aumenta.

- Não... – Digo para mim mesmo.

Chuto a perna de César, mas ele é resistente. Quando me golpeia mais uma vez eu fecho meus braços em um X, mas agora quando ele me ataca sinto seus golpes triplicarem a intensidade e não entendo como.

- Seu pai... – Me esforço para falar.

- Sim, ele é um maldito rei. – Mesmo com o zumbido consigo escutar.

Perco a força nas pernas mesmo sem ter recebido um golpe e então caio de joelhos no chão. Coloco a mão na minha cabeça e sinto a dor se instalar e dessa vez eu tenho que gritar para ver se passa, minha visão vai embaçando mais. Na minha frente César fica parado completamente perplexo com meu estado.

- Vá... – Uso minhas últimas forças. – Ele não vai parar até o fim.

Levanto minha face e olho diretamente para a tenda onde Serafim espera pelo último golpe. Ao seu lado meu pai está com expressões congelantes. Ao fundo minha mãe coloca as mãos em sua boca em sinal de desespero. Olho então para César e antes dele me golpear a escuridão já surge, quando seu soco me atinge é apenas para empurrar meu corpo para o barro. Sinto a água me encobrir e dela não desejo mais retornar, eu perdi tudo. Nossa Dinastia ruiu.

Capítulo 13

Caminhada do adeus.



Enfim minha visão retorna, quando abro meus olhos vejo o teto e somente pela arquitetura já reconheço que é em nosso palácio. Levanto minhas costas e ainda sinto um pouco das dores, porém a intensidade é muito menor. Passo a mão pela minha face e olho para o lado onde vejo meu reflexo. Visto um traje branco, mas não há nenhum bracelete e nem nada que remeta que eu sou um príncipe.

- Que bom que despertou.

Uma curandeira ao longe exclama enquanto prepara uma bebida com ervas naturais. Ela se aproxima e entrega a taça para mim. Observo o líquido esverdeado e não deve possuir um dos melhores sabores, no entanto preciso melhorar. Quando engulo quase cuspo tudo para fora.

- Acontece com todos. – A velha senhora sorri para mim. – Vou chamar seus pais, eles estavam muito preocupados com você.

- Faz quanto tempo que eu estou aqui? – Pergunto.

- Cerca de vinte horas. – Ela me responde.

Não evito minhas expressões de surpresa. Ela sai e eu levanto da grande mesa e quando meu pé toca no solo sinto um leve arrepio que logo passa. Caminho pela sala na busca de respostas, porém não encontro. Ontem eu perdi a batalha o que quer dizer que eu serei expulso e Jackson será morto. Penso que era melhor eu ter ficado no profundo sono.

As portas abrem-se e meus pais surgem. A primeira como sempre a tomar a frente é a minha mãe. Cristal enrola seus braços na minha cintura e me abraça, sinto até algumas dores nas regiões. Ela então se afasta.

- Me desculpe. – Sua voz soa rouca. – Como você está? – Ela questiona.

- Bem, na medida do possível. – Respondo e tento esboçar um sorriso, mas mais parece como uma careta. – Eu perdi.

Nesse momento minha mãe se afasta e abaixa a cabeça. Meu pai caminha pela sala até estar mais à frente de mim. Seus olhos tempestuosos agora estão calmos e posso até mesmo dizer que abalado, na sua forma.

- Sim. – Alfred me responde. – César o finalizou na arena.

Abaixo minha cabeça e não consigo aceitar isso.

- Por que você estava agindo daquela maneira? – Ele me questiona. – Nem mesmo parecia com o Ariel que vi treinar e derrotar seu tio.

Levanto minha cabeça e olho para eles.

- Não sei. – Caminho levando minha aflição. – O meu corpo começou a apresentar sintomas antes mesmo de chegarmos ao seu lado da ilha.

Meus pais trocam olhares um com o outro.

- Que tipos de sintomas? – Minha mãe me questiona.

- Dor nas costas, embasamento da visão, tontura. – Respondo enquanto tento me recordar de tudo. – Talvez Serafim tenha me envenenado para que eu perdesse a batalha contra o seu filho. De qualquer forma aconteceu algo com meu corpo, acreditem em mim, pois eu sei disso.

Alfred cruza seus braços e mantém o seu olhar em mim.

- Como Serafim iria conseguir lhe envenenar? – Ele diz me fazendo parecer um tolo e mantenho-me em silêncio. – Nós chegamos no reino e logo você entrou para batalhar, teve contato com alguém antes disso?

- Não. – Respondo. – Mas, isso começou antes. – Enfatizo.

- Algum soldado deles teve contato com você antes? – O rei pergunta.

- Não. – Exclamo. – Apenas libertei Jackson e vim para o nosso reino, depois disso somente permaneci no nosso lado da ilha.

Alfred caminha pela sala e vira de costas para mim.

- Precisam acreditar que algo de errado aconteceu. – Digo a eles.

Minha mãe se aproxima de mim e pega em minha mão.

- Eu acredito.

Cristal esforça um sorriso para mim e dessa vez não melhora as coisas, apenas piora, pois eu sei que mesmo tentando me compreender eles não conseguem. Não tenho como culpá-los afinal meus argumentos são todos muito vagos e isso só acaba por me perturbar ainda mais.

Meu pai não olha para mim do seu jeito agressivo de ser, ele demonstra sua tristeza profunda e nesse momento preferia vê-lo como antigamente.

- Não há como acusá-los sobre isso. – Alfred diz. – Não temos provas nenhuma, apenas suas palavras. Se ele fez qualquer coisa como infiltrar alguém no

nosso reino foi extremamente cuidadoso. Creio que os vestígios tenham desaparecido. Sinto muito filho... – Ele desvia seu olhar.

- Sinto muito? – Minha mãe esbraveja contra ele. – Não iremos fazer nada? Estamos falando do nosso filho. Se Ariel disse que aconteceu alguma coisa errada nós temos que acreditar em suas palavras.

- Cristal, escute-me. – Meu pai olha para ela extremamente calmo. – Nós não podemos fazer nada agora, o julgamento já foi encerrado. Nós demos nossas palavras como reis e ir contra elas agora só servirá para uma guerra eclodir.

- Não acredito que ainda continua a colocar o seu papel como rei acima daquele que deveria ser, um pai. – Minha mãe está raivosa. – Não importa o tratado, eles descumpriram quando envenenaram Ariel.

- Ainda não podemos provar. – Meu pai rebate.

Somente observo os dois brigando em minha frente e me sinto devastado, pois sou eu o motivo disso tudo. Por causa de um humano arrisquei o legado da nossa Dinastia, se no final tivesse dado certo, mas não. Foi tudo uma grande imprudência e talvez eu nunca me perdoe por isso.

Caminho em silêncio até parar de frente para eles.

- Escute mãe. – Falo para ela. – Obrigado por confiar em minhas palavras, no entanto meu pai tem razão. Se eu não cumprir o tratado Serafim irá declarar guerra contra o nosso reino e muitas sereias irão morrer. Como príncipe do nosso povo se eu tenho uma saída para isso não acontecer eu devo seguir por esse caminho, eles não merecem pagar por minhas escolhas.

- Você disse a mesma coisa quando aceitou o julgamento. – Cristal olha para mim, uma lágrima cai ao lado de sua face. – Não posso perder você, é o meu único filho e a coisa que mais amo nesse mundo. Sem você nada faz sentido.

Nesse momento sinto como se uma lança atravessasse o meu peito. Me aproximo dela e pego em suas mãos que tremem, tento demonstrar tranquilidade, mas a verdade é que eu estou tão tenso quanto ela.

- Eu também amo vocês. – Exclamo. – Mas, se esse é o meu destino eu devo seguir por ele. Eu não estava atormentando você com a tropa Sapien? – Olho para meu pai. - Então agora eu vou ter que ir para as terras humanas.

Sorrio para ele que retribui, mas um sorriso sem nenhuma alegria.

- Eu não vou deixar isso passar, meu filho. – Ele diz para mim. – Irei investigar pelos quatro cantos do reino sobre o que você relatou. Se Serafim for o culpado eu mesmo cuidarei disso. – Alfred soa furioso.

- Até lá eu estarei em terras humanas. – Exclamo. – Espero realmente que possamos encontrar uma saída para isso, eu nunca deixaria vocês. Pensem que será apenas uma grande viagem e que retornarei em breve.

- Nós nunca ficamos separados. – Cristal fala.

- Mãe, eu voltarei. – Olho firme em seus olhos e digo.

Minha mãe enrola seus braços em volta do meu corpo e descansa sua cabeça em meu ombro. Sinto o seu perfume natural como os campos de Teza. A intensidade entre nós me deixa ainda mais aflito. Após ela me olha fundo nos olhos e então não contem a sua tristeza, as lágrimas descem pelo seu rosto sem que eu possa evitar. Minha mãe vira de costas e sai da sala.

Fico em silêncio na companhia do meu pai.

- Promete que descobrirá a verdade? – Digo para ele.

- Prometo. – Ele soa firme. – Nem que eu tenha que retirar toda a água do mar para isso, eles pagarão pelo que fizeram a você.

Olho para ele e então tenho coragem para fazer. Avanço o mais rápido possível e o abraço, no primeiro momento ele espanta-se, entretanto logo após cede. Pela primeira vez sinto o aconchego do seu abraço. Ficamos um longo tempo unidos tentando recuperar todo o tempo que ficamos afastados. Pelo menos isso só mostrou o nosso amor um pelo outro, por mais que tenhamos errado nós ainda somos família.

Sigo pelos corredores do palácio e sinto uma profunda tristeza. Quando os soldados passam por mim eles abaixam as cabeças ou desviam sua visão, sei que essa perda foi um baque para o nosso reino. Eu sou o príncipe que deveria ser coroado o próximo rei, mas isso não acontecerá. Talvez meu pai encontre a verdade ou talvez não, tudo é muito inconstante.

Quando a noite chega eu arrumo algumas coisas que poderei levar para o outro reino, mas somente os itens mais importantes. Me avisto nos espelhos com as roupas mais humanas e me sinto um tanto estranho. Uma longa camiseta dourada com os meus braceletes. Calças escuras amarronzadas e botas de caminhada. Agora me pergunto se irei me acostumar.

Com Zeus sigo pela estrada do palácio acompanhado de meu pai, minha mãe nem mesmo quis me ver novamente e eu compreendo a sua tristeza. As pessoas por aonde passo carregam tochas iluminando o meu caminho. Sinto sua tristeza, alguma delas até mesmo choram quando eu passo. Apenas sigo com minha postura ereta olhando para frente.

- Ariel.

Olho para o lado e lá está George vestido em sua inconfundível toga branca, seus cabelos brancos são iluminados pela sua tocha.

- George. – Sorrio para ele.

- Príncipe. – Ele fala. – Sinto muito que isso tenha acontecido, mas espero que você possa encontrar o seu caminho. Desejo que leve isso para a sua jornada para que possa iluminar ainda mais a sua estrada.

O senhor levanta sua mão e me entrega uma sacola cheia de livros. Sem demora coloco em volta do meu corpo e aceno para ele.

- Obrigado, George! – Digo. – Você foi um ótimo amigo.

Volto a prosseguir pelo reino e logo estamos afastados das casas principais. Sigo ao lado do meu pai em silêncio até entrarmos dentro da floresta. Ultrapassamos ela e logo estamos cavalgando na areia. Lá longe vejo o mar e a neblina que protege o nosso reino que logo eu irei ultrapassar, sempre me perguntei qual seria a sensação e infelizmente descobrirei da pior forma.

Vejo alguns soldados do Sudeste do outro lado e é claro entre eles está o Rei Serafim. O sorriso em sua face faz as coisas piorarem. Nesse momento sinto que poderia invocar o mar contra ele, mas preciso descer do meu cavalo e seguir até os meus amigos que estão parados.

- Ariel. – Ninfa diz.

Ela me abraça com toda a sua força e após se afasta. Polaris apenas me cumprimenta com um olhar abalado, odeio os ver assim.

- Então você realmente partirá. – Polaris fala.

- Sim. – O respondo tentando parecer tranquilo. – Infelizmente Serafim venceu, mas eu confio que meus pais descobrirão a verdade. Vocês mais do que ninguém sabem que eu nunca teria perdido aquela batalha.

- Absolutamente. – Ninfa olha com raiva para o outro lado. – Eles fizeram alguma coisa com você para debilitar seu corpo, vi que não estava bem durante a cavalgada. Mas, agora não adianta lamentarmos. Iremos ajudar seu pai enquanto permanecermos na ilha, isso não ficará assim.

- Agradeço! – Aceno para eles. – Mas, nós nos veremos em terras humanas.

- Então isso é um até breve. – Polaris sorri para mim.

Sinto uma mão pousar em meu ombro e me viro para trás. Meu tio surge e logo me dá um abraço. Após ele se afasta e suspira, vejo em seus olhos avermelhados que ele chorou muito. Para tranquilizar ele eu coloco a mão em seu ombro e me esforço para sorrir.

- Está tudo bem! – Digo.

- Não, não está. – Hector fala. – Foi aquele maldito.

Meu tio aponta para o rei Serafim com toda a sua fúria, sinto que ele poderia facilmente cravar sua espada nele como eu estou sentindo. Do outro lado o Rei fica apenas a observar com sua naturalidade brutal.

- Faremos de tudo para provar a verdade. – Hector diz.

- E eu tenho certeza sobre isso. – Digo.

Vou me afastando deles até estar somente ao lado do meu pai. Quando sua capa movimenta eu vejo o famoso tridente aparecer. A arma dos reis Dramir, os mais antigos deles. Dizem nas lendas que ela pode invocar os raios dos céus, mas é claro que são apenas lendas. Quando as guerras acabaram ela se tornou apenas um item que demonstra o poder de um rei.

- Talvez se eu tivesse lhe transformado no rei nada disso teria acontecido.

As palavras do meu pai me pegam desprevenido.

- As coisas aconteceram porque eram para acontecer. – Exclamo e demonstro um leve sorriso. – Infelizmente terminou comigo sendo expulso do reino, mas creio que logo iria acontecer por causa da minha personalidade...

Meu pai balança a cabeça.

- Mesmo nessa situação não perde o humor. – Alfred diz. – Mas, sua história ainda não acabou meu filho e é por isso que eu lhe ofereço isso como um presente. A arma que esteve conosco desde o início de nossa dinastia.

Ele ergue seu braço e me oferece o tridente. Nesse instante fico paralisado, mas consigo me mover para pegar a arma. Quando toco nela sinto uma vibração, o poder correndo pela sua estrutura. Apenas olho para meu pai, inacreditável.

- Mas, essa arma é do rei. – Digo a ele. – Não posso aceitar.

- Não foi você mesmo quem disse que devemos quebrar as regras se desejamos mudanças? – Alfred usa meu pensamento o que me faz sorrir. – Então cuide dessa arma e traga ela novamente para o reino quando tudo isso acabar. Porque meu filho você é o futuro da Dinastia Dramir.

Seguro com força a arma e aceno para ele. Do outro lado Serafim não fica nada feliz em me ver nessa posição, sinto até mesmo um olhar de ódio para mim. Aceno para meu pai e logo vou me distanciando. Sigo pela areia me aproximando mais dos soldados inimigos e então paro de frente para eles.

- Parabéns, pela vitória. – Exclamo.

- Infelizmente nem todos podem triunfar. – Serafim diz. – Foi uma bela luta príncipe do Noroeste. – Ele coloca a mão no coração e sorri. – Me desculpe, penso que não é mais possível em lhe chamar de Príncipe.

Sorrio para ele controlando toda a minha raiva.

- Você acha que venceu. – Falo.

- Mas, eu venci. – Serafim diz.

- Não, não venceu. – O encaro com raiva. – Ainda há muito para acontecer, Rei. Afinal todos já começaram a perder as suas coroas, quem sabe logo o mar levará a sua assim como sua Dinastia.

- Isso é uma ameaça? – Ele me questiona.

- De jeito algum. – Volto a caminhar. – É apenas um aviso.

Viro de costas e prossigo pela areia até as águas baterem em minhas botas. No mar está a minha embarcação. A madeira reflete o amarronzado, no centro a vela está estreada com o símbolo do tridente ao meio. Passo minha mão pela estrutura e olho para o mar na minha frente. Não temo e adentro na embarcação. Sento-me e logo começo a remar me afastando de meu lar.

A neblina então começa a se aproximar. Levanto-me e fico em pé na embarcação. Manuseio o meu tridente e fico a olhar para a ilha que se distancia ainda mais. Todos eles continuam lá, meus amigos tendo uma “última visão” minha já os outros sorrindo pela minha deixa.

Seguro fortemente o tridente e então sinto o balançar das águas. O vento bate em meus cabelos e suspiro profundamente. Levanto minha mão e então invoco as águas dos mares. A onda se forma atrás da embarcação e logo desce quando eu ordeno. Do outro lado todos eles ficam espantados por ver isso, meu pai exhibe o maior dos sorrisos já Serafim congela como o gelo. Mensagem dada.

- Até breve. – Sussuro para o vento.

A neblina logo cobre meu corpo e não enxergo nada, a sensação dentro dela é normal para mim. Quando ultrapasso ela eu não avisto mais nenhum sinal da ilha, mas sei que ela ainda está ali. Me sento na embarcação e olho para frente, pois agora é lá que eu terei que chegar. Um novo reino...

Quando já estou remando há um bom tempo decido descansar. Por mais que eu tenha controle sobre as águas elas retiram uma grande energia de mim. Me escoro na borda da embarcação e olho para as estrelas.

- Zaquira e Telonis irão te guiar pelas águas, não tema, pois, até no lugar mais profundo a luz irá brilhar. Oh! Reis dos mares, reis dos mares. As águas são a

nossa luz, a nossa vida, nosso poder. A noite nós cantamos e celebramos, da água viemos e a água retornamos. – Canto.

Um barulho ecoa da parte da frente da embarcação e então levanto-me. Observo o pano preto mexer, no começo acho que é apenas uma impressão, mas acontece novamente e dessa vez fico em alerta.

- O que? – Sussuro para mim mesmo.

- Já saímos da ilha? – A voz de dentro do pano questiona, nesse momento sinto-me tontear, pois eu reconheço esse tom.

Me aproximo ainda um pouco tenso, me abaixo e então retiro o pano. Quando isso acontece levo um dos maiores sustos que já tomei. Deitado no chão está Jackson encolhido. Ele veste as roupas do nosso reino. Então um sorriso é esbanjado em minha direção. Tonteio e tenho que me sentar.

O humano levanta-se e olha em volta, estamos no meio do mar.

- Sim, já saímos. – Ele suspira, apenas fico a observar.

- Como... – Apenas balanço a minha cabeça. – Pensei que eles iriam te executar após a minha derrota. Como conseguiu fugir?

- Pelo jeito que está agindo parece que não ficou feliz. – Ele diz.

- Não. – Passo a mão em meu cabelo e sorrio. – É que é algo inesperado.

Jackson segue pela embarcação.

- Logo após sua derrota eu fui enviado até o reino dos Odini. O rei Serafim então ordenou que eles me prendessem no castelo em uma cela especial até você partir da ilha, pelos céus fiquei desesperado. – Ele conta. – Mas, alguém surgiu e agradeço aos céus por ter colocado esse Anjo na minha vida.

- Quem? – Pergunto. – César?

- Não. – Jackson sorri para mim. – O nome dela era Gliz, relatou que era a princesa do seu reino. Disse que seu pai iria me manter no castelo em um local escondido onde iria basicamente me torturar até descobrir o motivo de eu conseguir resistir aos seus encantamentos.

- Que ótimo rei. – Ironizo.

- Pois, é. – Jackson balança a cabeça. – Mas, Gliz disse que não poderia ver isso acontecer. Ela me ajudou a escapar logo que a noite chegou. Nós seguimos pela floresta e eu estava muito aflito de alguém descobrir, mas enfim conseguimos chegar até a areia da ilha. Quando o soldado do seu reino deixou a embarcação no mar eu logo adentrei e me escondi e então aqui estamos...

Ele abre seus braços e sorri para mim.

- Pelos mares! Que história mais insana. – Exclamo. – Quando eu voltar me lembrarei de agradecer a Gliz por isso, ela foi realmente muito corajosa.

- Assim como você. – Seu olhar pousa em mim. – Arriscou tudo por mim, sinto muito que tenha sido expulso do seu lar. Nunca foi a minha intenção.

Me levanto e me aproximo dele.

- Eu sei disso. – Digo a ele. – Não foi por sua causa que perdi, o rei Serafim fez algo para eu perder e ser banido, no entanto eu sei que irei voltar. Pensei que estaria sozinho nessa viagem, mas fico feliz que você esteja aqui.

Ele sorri para mim. Levanto meu punho e retiro a pulseira que ele me deu.

- Eu não ganhei, mas ainda consegui sua liberdade como prometido.

- Continue com ela. – Jackson acena. – Devolva para mim, quando você tiver certeza que terá como retornar ao seu lar.

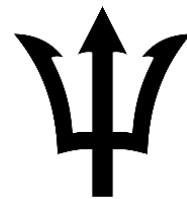
Olho para a pulseira e sorrio.

- Está bem!

Juntos seguimos pelas águas do mar, meu caminho nesse momento está totalmente embaraçado, mas mesmo em todo esse caos de escuridão eu consigo ver uma luz nela. Essa luz vai fazer com que eu consiga sobreviver a essas tempestades e possa emergir mais forte do que nunca.

Capítulo 14

Em terras humanas.



Mesmo sem contar o tempo eu já sinto que estamos bem longe da ilha.

- Eu tenho uma pergunta. – Jackson fala para mim, ele esfrega suas mãos demonstrando sua tensão assim como a forma de olhar.

- Pergunte. – Digo a ele. – Com tanto que não pergunte se eu sou um peixe está tudo bem.

- Não. – Melman ri. – No começo confesso que até pensei que vocês fossem “peixes”, mas logo vi que eram criaturas diferenciadas. A pergunta que eu tenho é se Serafim poderá vir atrás de mim logo que souber da minha fuga?

Levanto-me e caminho pela embarcação, após olho para ele.

- Não posso lhe dar uma certeza, porém é sempre bom ficar em alerta. – Sou sincero com ele mesmo que isso o deixe aflito. – Você é especial, foi o primeiro a resistir aos nossos encantos como eu já disse. Provavelmente quando sua tropa vir para a Terra eles tentem encontrá-lo.

- Mas, a tropa deles também não vem recolher informações? – Jackson diz.

Nesse momento olho para ele e sorrio de leve. Me aproximo dele e me sento ao seu lado, seus olhos escuros continuam pousados nos meus.

- Se eles não vêm por isso. – O humano fala. – Por que viriam para as nossas terras? O que mais eles poderiam desejar de nós?

- Sangue. – Respondo e ele engole em seco. – A cada dez anos eles também formam uma tropa, no entanto seu objetivo é completamente diferente daquele do nosso reino. Eles são doze no total, um para cada mês do ano que podemos ultrapassar as barreiras. Os guerreiros que são nomeados competem entre si para ver qual guerreiro consegue matar o maior número de pessoas em um mês. Aquele que consegue ser o campeão do Sudeste recebe honrarias do Rei.

Jackson fica paralisado me olhando, ele desvia seu olhar de mim.

- Isso só colocaria em risco o seu povo de ser descoberto. – Ele diz.

- Eles são sereias. – Digo. – Basta um encanto e sua raça é hipnotizada como o que aconteceu com seus companheiros. Nossa tropa no começo tentou evitar que o sangue da sua raça fosse derramado, mas chegou um momento em que desistimos, pois eles sempre conseguiam executar seus massacres.

O humano levanta-se, seu olhar muda e compreendo perfeitamente. Talvez ele possa vir a me odiar por isso afinal somos todos Sereias. No entanto, muitos humanos foram e são terríveis e nem por isso culpo toda a sua raça.

- Eu me recordo de histórias que meus pais contavam a mim. Sobre o período das trevas. Algumas pessoas dessas regiões mais próximas da ilha temem quando se passa dez anos porque sempre nesse ano muitas mortes acontecem em todos os lugares. – Ele fala enquanto observa o mar. - As pessoas chamam então de período das trevas. Sempre pensamos que eram psicopatas que tinham uma espécie de seita, mas a verdade é que é uma tropa de sereias que vivem em uma ilha escondidos do mundo. Que loucura!

- E seu povo nunca conseguiu encontrar os culpados. – Exclamo.

- Eles encontravam. – Jackson diz. – Só se...

- Sim. – Confirmo seu pensamento. – As sereias podem manipular algum humano para assumir a culpa, jamais vocês poderiam nos prender.

Jackson senta-se a frente e suspira.

- Isso é insano. – O humano mantém seu olhar em mim. – Se eles fazem tudo isso com certeza virão atrás de mim. Como farei para proteger minha família, eles não podem me perder e nem eu a eles.

- Eu o protegerei. – Exclamo com firmeza. – Afinal eu não tenho mais para onde ir.... Creio que possamos formar uma boa dupla e até mesmo possamos tentar descobrir o porquê de você não ser sucessível a nós.

- Eu simplesmente posso ser porque a natureza me fez assim. – Jackson fala quase parando, ele tem medo. – Não sou especial, nunca fui.

- Talvez seja hora de você mudar de ideia. – Digo a ele. – Como pode dizer que não é especial sendo que fez tudo isso para retornar a sua família?

Jackson olha-me por alguns segundos e então sorri, faço o mesmo.

- Tem certeza que você não tem influência sobre mim? – Ele diz.

- Por quê? – O questiono.

- Não sei. – Jackson olha de canto. – É uma sensação esquisita.

Então olho para o lado e sorrio, vejo que ele também faz o mesmo. Nesse momento me lembro daquilo que foi ensinado na ilha, “nunca se envolva com um humano, pois isso pode ser arriscado.” E é realmente verdade afinal todas as histórias que conhecemos de sereias que se envolveram com humanos terminou tragicamente. Nossa influência sobre eles pode destruí-los então quando nos afastamos isso os quebra por inteiro. Mesmo sabendo dos riscos ao olhar para Jackson eu me esqueço de tudo, porém eu não posso fazer isso. O humano não merece mergulhar nesse mar profundo.

Após algum tempo vamos nos aproximando de terras humanas, a praia vai surgindo assim como uma floresta. Não avisto nenhuma residência humana.

- Por que estamos aqui? – Questiono. – Não é a cidade principal, não é?

- Não. – Jackson me responde. – Seria um pouco estranho demais chegar na cidade trajados desse jeito, com um tridente. – Ele aponta para minha arma no canto da embarcação. – Você também é bastante...

- O que? – Olho com receio para ele.

- É que você não parece humano. – Jackson enfim diz.

Nesse momento olho para ele e rio com todas as minhas forças.

- Como não pareço um humano? – Aponto para mim mesmo. – Tenho dois braços, duas pernas. Sou praticamente um irmão seu.

- Que passou anos na academia. – Ele balança a cabeça rindo. – Mas, tem razão talvez eu tenha medo. Irá passar despercebido ou nem tanto.

Fico em silêncio e logo nós desembarcamos. Saímos da embarcação e puxamos ela até estar na areia. Olho em volta e o ambiente é silencioso, não escuto nenhuma voz humana. A frente apenas vejo as árvores se erguerem assim como uma montanha ao lado. Não é assim que imaginava suas habitações.

- Imagino que para ter nos trazido aqui é porque você conhece alguém. – Exclamo na esperança de estar certo.

- Sim, com certeza. – Jackson confirma com um sorriso. – Você conhecerá a minha melhor amiga. Kylie, não a Jenner é claro.

Sinto que é uma piada, porém não compreendo.

- Me siga! – Ele acena para mim.

Pego minhas coisas da embarcação e então sigo pela estrada da floresta, me pergunto que pessoa que vive dentro de uma floresta. Nem mesmo nós sereias vivemos dentro da nossa floresta, somente os guardiões. Talvez essa mulher seja uma guardiã, entretanto do que?

- Não pode contar a ela sobre eu ser uma sereia. – Digo a ele.

- Nem se eu contasse ela acreditaria. – Jackson sorri de canto.

Andamos cerca de uns dez minutos até uma moradia surgir. É uma bela casa feita de madeira, o telhado todo é decorado com flores amarelas. De dentro da casa avisto uma vela e um vulto passar, com certeza ela. Seguimos até estarmos em frente à casa, na varanda há um banco de balanço e mais flores amarelas.

- Kylie. – Jackson a chama. – Kylie, está aí?

- Jackson. – Levo um susto quando a voz fala de dentro da casa.

De repente uma mulher surge em frente à porta. Ela está trajada em um longo casaco marrom. Possui um longo cabelo cacheado e em cima dele vejo que há uma folha que não deveria estar ali. Sua pele é ainda mais morena que a de Jackson. Quando ela o vê corre e o abraça como se fosse quebrar seus ossos. Nesse momento apenas fico na varanda a observar.

- Quem é você? – Ela questiona.

Seus olhos castanhos seguem para mim e então ela sai dos braços de seu amigo e segue até mim. Suas expressões são engraçadas.

– Pelos céus. Parece que estou vendo a personificação de um Deus.

Não costumo a ficar envergonhado com elogios, mas dessa vez fico.

- Olá. – Exclamo e sorrio. – Meu nome é Ariel, Ariel Dramir.

- Prazer Ariel. – Ela levanta sua mão e eu aperto. – Eu me chamo Kylie Raiz e sou a melhor amiga desse ser que está com você.

Ela se vira em direção ao humano.

- Por acaso ele é seu....

- Não. – Jackson é rápido para interrompe-la, um sorriso sem graça surge em sua face. – Somos apenas amigos, novos amigos.

Não me manifesto e apenas deixo ele falar, seu olhar então segue para mim após sua amiga apenas observar nós dois em silêncio.

- Venham, entrem. – A gentil mulher acena.

Sigo os dois, mas fico mais distante. Adentro na casa que é cheia de decoração. Por aonde passo há um móvel. Muitas flores até mesmo aqui dentro, as cortinas avermelhadas tampam as janelas. Logo adentramos no que parece ser a cozinha, há coisas que eu nunca vi em minha vida. Há algo a direita grande e branco de onde um ruído ecoa, procuro me afastar.

Fico em pé próximo de uma mesa ao lado de Jackson.

- Kylie posso pegar o seu telefone emprestado? – Ele pergunta. – Preciso telefonar para a babá que ficou cuidando dos Melman. Vou avisar que cheguei mais cedo e que amanhã já estarei em casa.

- Sim. – Ela responde. – No canto a direita da televisão.

Jackson então segue até a sala me deixando só com sua amiga. Me escoro ao lado da parede de madeira e fico em silêncio enquanto a mulher prepara algo em sua chama, tento me recordar do nome do aparelho, mas não me recordo. No entanto, parece ser bem eficiente e rápido.

- Jackson disse que iria para uma expedição na zona de risco. – Kylie vira-se e olha para mim, ela está me analisando. – Que conseguiria uma boa quantia de dinheiro, mas vejo que retornou um tanto cedo. Por quê?

A pergunta que a mulher faz é um tanto difícil, porém eu fui preparado para situações difíceis. A resposta que eu der pode interferir em muita coisa. Então mantenho a tranquilidade e falo:

- Sim, eu estava junto nessa expedição. – Respondo. – Porém, não conseguimos concluí-la. Houve um acidente na embarcação e todos que estavam conosco desapareceram. Felizmente eu e Jackson conseguimos sair a tempo.

- Pelos céus! – Raiz fica tensa. – Sente-se, conte-me mais.

Nesse momento sinto vontade de fugir, mas lembro que não posso. Da sala ouço Jackson falar no telefone com os seus sobrinhos. Sigo até a cadeira e me sento, a mulher serve-me uma xícara do que parece ser um chá. Ela senta-se na cadeira a frente com seus olhos fixados nos meus.

- Quando chegamos na zona de risco o mar começou a agir violentamente e quase nos engoliu por inteiros. – Continuo na história falsa. – Porém, nós conseguimos pular antes da embarcação imergir. Por sorte nadamos até encontrarmos uma embarcação que nos trouxe até aqui.

Pego a xícara e bebo o líquido, o sabor é delicioso.

- Pelos céus, nem devo imaginar o quão difícil foi. – Kylie diz e também toma um gole do chá. – Eu orientei a Melman não ir até aquelas regiões afinal todos falam sobre elas e ninguém nunca retorna. Mas, o mais curioso nessa história é que vocês fugiram e não aparentam estarem molhados. Também nenhum outro pescador iria até aquele lugar, como encontraram alguém para ajudá-los? Sabe há muitas falhas em sua história.

Engulo em seco e continuo a olhar para ela.

- Talvez Jackson possa responder. – Exclamo.

- Eu nunca vi você. – Raiz sorri para mim, porém não me sinto intimidado ou como se fosse um alerta. – Conheço todos os amigos de Jackson e se o visse uma vez jamais esqueceria da sua aparência. Ariel.

Realmente a história que conto possui muitas falhas, porém foi a única que encontrei. Penso em encantar a mulher e fazê-la acreditar em mim, no entanto é a amiga de Jackson. Somente farei se julgar ser necessário.

- Não precisa temer. – A humana exclama com um sorriso. – Vamos fingir que eu acreditei nessa sua história, mas se outro alguém perguntar lembre-se de tomar mais cuidado aos detalhes. Porém, acredito que você encanta fácil.

- Certamente me lembrarei. – Digo a ela.

Jackson então retorna quando já terminamos de beber o chá. Ele para em frente à porta e olha para nós com um olhar desconfiado.

- Tudo bem? – Ele questiona nós.

- É claro. – Kylie levanta-se e sorri. – Seu amigo me contou uma história fascinante de como vocês fugiram da região mais temida do mar.

Jackson me encara e depois segue com sua visão para ela.

- Sinto muito Kylie, mas no momento não posso te dizer. – Ele fala. – Talvez eu possa contar a verdade a você, porém vai ser muito complicado.

Extremamente complicado penso afinal nenhum humano deveria saber da nossa existência. Jackson saiu da ilha, porém ele não pode sair contando para todo mundo que há uma ilha cheia do meu povo. É arriscado. Então lanço um olhar esperando que ele compreenda.

- Não precisam me dar explicações. – Ela é compreensível. – Chegaram até a minha casa e eu lhes recebi, se não podem contar o que aconteceu está tudo bem. Você me conhece Jackson. Aliás, creio que deva ser uma história bem íntima e que depois você possa me contar. Principalmente por estarem com essas roupas de soldados do passado...

Olho para Jackson e então contendo o riso, sua amiga está insinuando que eu e ele temos algo o que não é verdade, pelo menos não por enquanto. Melman apenas fica em silêncio como eu, não desmentimos sua suposição afinal é melhor ela pensar que somos parceiros do que eu ser uma sereia que foi expulsa do seu reino após ajudar um humano a fugir.

- Podemos dormir esta noite aqui? – Jackson a questiona. – Creio que está muito tarde para pegarmos a estrada, é melhor seguirmos pela manhã.

- Sem problemas. – Kylie fala.

- Eu posso dormir na sala enquanto você fica com o quarto reserva. – Jackson fala para mim.

- Não. – Digo para ele. – Posso ficar com a sala.

- De jeito nenhum. – Raiz me encara. – Nossos visitantes ficam no quarto reserva, Jackson está acostumado a ficar com a sala quando traz alguém.

Nesse instante Jackson encara sua amiga.

- Oh! – Ela ri em silêncio. – Que gafe a minha, me desculpe Ariel.

- Não precisa pedir desculpas. – Digo a ela. – É bom saber sobre o passado de Jackson, afinal sinto que somente ele sabe sobre mim.

Olho para ele que apenas sorri.

Após algum tempo Kylie se despede e vai se deitar. Sigo pela sala onde Jackson já está deitado e prossigo até a varanda. Me sento no balanço de madeira e observo a floresta e as estrelas. Após um tempo o humano surge na porta, caminha e logo senta-se ao meu lado.

- Não consigo dormir. – Ele comenta comigo.

- Eu também não. – Respondo. – Por mais que eu tenha sonhado em estar aqui nessas terras nunca foi o modo que eu quis que acontecesse. Por mais que eu tenha desavenças com o meu pai ele ainda é minha família.

- Eu te entendo. – Jackson olha em meus olhos. – Mas, creio que as coisas podem piorar daqui para frente, porém creio que se ficarmos juntos conseguiremos vencer essa onda de escuridão.

Sorrio com o canto dos lábios.

- Então. – Exclamo. – Você e Kylie se conhecem há muito tempo?

- Sim. – Jackson balança a cabeça. – Nós estudamos desde o ensino fundamental juntos o que foi há um bom tempo. – Ele sorri.

- São as escolas ondem ensinam as crianças, correto? – Questiono e ele confirma que sim. – É um tanto estranho pensar dessa forma, desde pequenos somos treinados para virarmos guerreiros.

- Acredito que também é estranho para mim pensar do seu jeito. – Ele diz.

Nesse momento rimos juntos. Por mais que sejamos semelhantes ainda há uma imensa distância dos nossos mundos. Não sei se vou me acostumar no seu mundo, mas eu tentarei. Entretanto, ainda desejo voltar para o meu lar. E pensar que uns tempos antes estava pensando que lá não era mais minha casa.

- Deve achar estranho ela morar sozinha em uma casa na floresta.

- Na verdade, nem tanto. – Digo a ele. – Eu moro em uma ilha, num castelo repleto de outras sereias. – Melman então ri. – Mas, fiquei curioso sobre ela.

- Na verdade, essa casa era dos seus pais. – Jackson me conta. – Os pais dela eram muito ligados a floresta e por isso moravam aqui, mas mesmo assim Kylie frequentava a escola e muitas vezes sofria perseguição das outras crianças por morar em uma floresta. Eu também não era muito aceito pelos outros... – Sinto um tom triste, mas que foi superado. – Então formamos uma bela dupla. Eu a vinha ver muitas vezes, principalmente quando eles morreram. Kylie manteve as tradições e ainda continua a morar aqui.

- As tradições... – Lembro-me das nossas. – É bonito da sua parte. Ainda mais por deixar você trazer pessoas para sua casa. – Sorrio sarcasticamente.

- Oh! – Jackson suspira e passa a mão em seu pescoço. – Acontecia somente algumas vezes, por mais que meus pais eram liberais eu preferia ficar mais reservado e esse lugar é perfeito para isso.

Me escoro na cadeira de balanço e sorrio para as estrelas.

- Eu entendo como é viver um amor em segredo. – Comento. – Eu e o príncipe do outro reino vivemos um, nos encontrávamos escondidos em uma caverna para que ninguém soubesse. Eu gostava disso.

Jackson vira-se para frente.

- Parece que as regras não começaram a serem descumpridas somente com a minha chegada. – Ele diz.

- Com toda a certeza não. – Respondo. – Na ilha eu sou bem conhecido por quebrar as regras, nunca gostei das pessoas me controlando. – Olho para ele. – Eu sempre preferi permanecer no controle.

- Até mesmo para o amor? – Sua pergunta é direta.

- Boa pergunta. – Permaneço com meu olhar no seu. – Eu já gostei de outras sereias antes e o que senti por César foi muito forte, porém eu acredito que ainda não tenha encontrado meu verdadeiro amor. Mas, voltando à sua pergunta eu sempre gostei de estar no controle do amor, porém as vezes não podemos controlar ele... não acha?

Jackson passa as mãos em suas pernas e seus olhos piscam demonstrando toda a sua tensão, eu gosto de deixá-lo dessa forma. Deslizo para o lado e isso só aumenta, mas ele logo consegue expressar um sorriso.

- Sim. – Ele enfim responde. – O amor acontece de forma inusitada, mas como você eu acho que nunca encontrei a pessoa ideal.

- Ainda dá tempo, você é jovem. – Exclamo.

- Sim e você também. – Olho para Jackson que sorri. – Digo sua aparência afinal você tem noventa anos, isso é tão insano.

- Bem estranho. – Digo. – Imagine que estranho eu ter o conhecido com uma aparência da idade de um humano de noventa anos.

Jackson olha-me em silêncio.

- Eu gostaria de você do mesmo jeito. – Ele diz. – Sempre me importei com o que uma pessoa mostra por dentro, isso é a parte mais bonita dela para mim.

Nesse momento sou eu quem perde as palavras, o meu único gesto é sorrir para ele. É estranho, pois eu costumo intimidar os outros e eu estou sentindo que aos poucos ele está conseguindo fazer isso comigo.

- Sabia que você poderia ser uma sereia? – Exclamo. – Pois, os seus encantos são naturais. As palavras, nunca perca isso.

Jackson levanta-se, vira o seu rosto e sorri. Após olha para mim.

- Tenho que me deitar. – Ele diz. – Não sei como funciona o sono para vocês? Mas, certamente devem dormir.

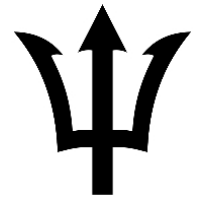
- Com toda certeza. – Confirmo. – Porém, ainda estou bem. Pode ir se deitar eu vou em breve. Boa noite!

- Boa noite! – Jackson acena para mim.

Me balanço no banco enquanto observo a floresta iluminada pelo céu estrelado. É estranho se sentir bem aqui? Mas, creio que esse sentimento seja por causa de Melman. Sua doçura com as palavras e preocupação lhe fazem especial. De uma coisa eu tenho certeza, cada dia que eu viver em terras humanas terá valido a pena e eu vou fazer de tudo para que essa viagem seja inesquecível.

Capítulo 15

Alamânia.



Logo que o sol bate na janela eu já me levanto. Sigo até a sala e avisto Jackson deitado entre as cobertas, a forma como ele dorme é um tanto engraçada. Sua boca permanece aberta o que faz parecer que ele levou um susto.

- Ele dorme assim desde pequeno.

Viro-me para o lado e lá está Kylie com as mãos na cintura.

- Venha. – Ela me chama. – Já preparei o café da manhã.

Em silêncio sigo atrás dela, mas com um certo receio afinal mesmo a mulher dizendo que não se importa com o que aconteceu eu ainda vejo que ela tem questionamentos o que é totalmente compreensível. Quando chego na cozinha há uma mesa de refeição preparada, um tanto diferente do castelo. Há alguns alimentos que eu não consigo reconhecer e que crescem somente no seu reino, embora Telonis e Zaquira tenham nos proporcionado quase tudo nem tudo foi possível crescer no nosso lar, porém nada que nos deixe fracos por isso.

Me sento na cadeira próxima a janela. Kylie já preparou os pães, pego um deles que tem a cobertura de um ingrediente desconhecido para mim. Mordo o alimento e aprecio o seu gosto, o sabor dos deuses. Logo devoro todo ele, a minha frente ela observa e ri de mim.

- Nunca havia comido doce de leite? – Raiz me questiona.

- Nunca. – Respondo. – Nós não temos isso no castelo...

No momento em que falo engasgo e coloco a mão na boca.

- Castelo? – A humana olha para mim.

- Me desculpe. – Passo o pano ao redor da boca e falo. – Me expressei mal, quis dizer em minha residência. Desculpe!

Kylie balança a cabeça com o olhar preso ao meu.

- Está bem. – Ela sorri com o canto da boca. – Pelo modo que falou até mesmo parecia um príncipe.

- Príncipe? – Nesse momento rio. – Não, sou apenas um humano.

Então consigo fazer ela rir também.

- Pelos céus! – Raiz exclama. – Você é muito estranho, porém gosto desse seu jeito. Creio que nunca conheci alguém parecido. – Com certeza não, penso, afinal eu sou uma sereia. – Onde você mora?

Tomo um pouco do café na xícara e observo a floresta irradiante no lado de fora. Me recordo de tudo o que eu aprendi nos livros sobre os humanos, os continentes, países, fauna e flora. Então encontro uma resposta.

- Brasil. – Respondo e balanço a cabeça. – Sim, Brasil.

- Brasil? – Nesse momento sinto que posso ter dado a resposta errada, a amiga de Jackson estanha seus olhos e sorri. – Eu sempre quis ir para o Brasil, vocês têm a floresta amazônica um lugar incrível. Uma pena que estão destruindo, mas com o que o ser humano não ferra não é mesmo?

- Sim. – Exclamo. – Sempre ferramos com tudo.

No começo nós tínhamos tudo até se voltarmos uns contra os outros. Mas, infelizmente não podemos nos dar ao luxo de pensar que um dia poderemos ter paz em todo lugar. Sempre haverá pessoas ruins ao redor do mundo, mas enquanto as boas não se calarem e resistirem aos seus pensamentos nós estaremos salvos. Entretanto, se as pessoas se curvarem para o maligno todos perecerão pela decisão de alguns.

Assim que acabamos de tomar café Jackson surge na cozinha ainda com o rosto um pouco inchado. Ele espreguiça-se e sorri para nós.

- Pelos céus! – Jackson diz. – Parece que eu dormi além da conta.

- Foi necessário. – Kylie fala. – Além do mais eu soube um pouco mais do seu “amigo desconhecido.” Por que nunca me falou que ele morava no Brasil? Teria tantas perguntas a fazer para ele.

Nesse momento olho para o humano e sorrio um tanto aflito.

- Talvez outro dia com mais calma. – Jackson se aproxima. – Mas, agora não será possível. Você sabe que eu tenho que retornar para meus garotos. Eles odeiam ficar com uma babá, principalmente Vitor.

- Com toda certeza. – Raiz sorri. – É melhor ir.

Esfrego minhas mãos no pano e seco. Após cumprimento Kylie.

- Muito obrigado pela sua hospitalidade. – Exclamo.

- De nada. – Ela acena. – Príncipe.

Sorrio para ela, coitada mal sabe a verdade.

- Eu posso pegar a moto emprestada? – Jackson pergunta para ela.

- Sim. – Raiz responde. – As chaves estão na porta, mas o que eu faço com o barco que vocês vieram ontem à noite? Ainda continua lá na areia.

Olho para Jackson.

-Oh! Pode deixá-lo lá. – O humano responde. – Ninguém costuma vir para esse lugar não é mesmo? Mas, nós retornaremos em breve para levá-lo.

- Tudo bem, só não se esqueça do seu tridente Ariel. – Ela diz.

- Sim. – Tento soar suave. – Não esquecerei.

Sigo com Jackson pelo corredor dos fundos.

- Voltem em breve. – Ouço a voz de sua amiga vindo da cozinha.

- Pode deixar. – Jackson grita em resposta.

Pelos titãs! Pensei que ela iria descobrir a verdade, mas apenas jogou algumas indiretas. É claro que Kylie quer saber sobre mim, entretanto ela ainda respeita seu amigo querer manter isso em segredo.

Seguimos por um corredor escuro, tropeço em algumas caixas e vasos de flores, mas após cruzamos por uma porta. Adentro em um local maior, a minha frente há um veículo que certamente deve ser um carro e ao lado uma motocicleta. Eles parecem bem velhos e nada protetores. Com toda certeza nesse momento preferia estar sob o controle de Zeus, ele me dá segurança.

Jackson retira as chaves de trás da porta e segue até a motocicleta. Ali ele fica olhando para mim, me esperando montar.

- Você não vem? – Ele me questiona. – Oh! Parece que o jogo virou...

- Como assim? – Questiono.

- Na Ilha eu não sabia montar em cavalos e seus amigos zombaram de mim, agora aí está você não sabendo o que fazer. – Jackson ri de mim. – Vamos, não deve ser pior do que montar em um cavalo.

- Com certeza é. – Sussuro.

Sigo até a parte de trás da moto e me sento no banco. É um tanto esquisito, não é como sentar em um corpo de um cavalo ou dragão. Tenho que colocar meus pés em cima de algo metálico. Eu sou um pouco grande então é esquisito. Quando Jackson liga a motocicleta e um estrondo ecoa eu me seguro nele.

- Me desculpe. – Jackson ri. – Sempre acontece isso, sabe Kylie não costuma usar muito a moto, ela prefere dirigir essa velharia.

Ele aponta para o veículo ao lado com tinta azul gasta.

- Pode se segurar em mim. – Ele diz.

- Eu preferia o contrário, mas tudo bem. – Digo ao humano.

- Ok! – Ele abaixa o a proteção do capacete. – Isso foi estranho.

Antes que eu possa responder Jackson acelera a moto e saímos da residência de sua amiga. Ela abana da varanda para nós enquanto seguimos pela estrada da floresta. No primeiro momento sinto o incomodo por causa do desnível no solo, as vezes até penso que vou cair da moto, mas me seguro firme no humano. Logo, nós saímos da floresta e seguimos pela estrada principal. Nesse local passam muitos outros veículos, muito melhores do que o de Kylie.

O vento bate em meu corpo e a sensação é única, é quase a mesma coisa que andar de cavalo ou dragão só que com mais proteção. Observo o humano pelo retrovisor.

- Bem-vindo ao meu reino, Sereia. – Por mais que a sua voz esteja abafada por causa do protetor mesmo assim eu consigo escutá-lo.

Nós chegamos na entrada da sua cidade. Passamos por baixo do arco onde está escrito “Bem-vindos a Alamânia”. As primeiras residências então surgem e todas elas são muito belas, é muito diferente do meu reino. Elas estão alinhadas em estradas diferentes, todas possuem cores chamativas.

Seguimos pelas estradas de sua cidade e ao avistar os humanos circulando pelas ruas eu me sinto ainda mais próximo deles. As suas vestimentas, os estilos diferentes, é tudo muito emocionante. Às vezes me assusto quando o barulho vindo dos veículos é soado, me lembra da trombeta de guerra. Ao virar para o lado vejo crianças brincando com seus animais em uma praça. Por mais que saibamos da escuridão do seu mundo eu ainda vejo beleza nele. Talvez nem tudo que tenha sido retratado a nós seja verdade. Mais coisas nos unem do que nos separam.

Após um longo tempo chegamos a um ambiente completamente diferente da Alamânia que eu estava vendo. Agora as cores nas residências vão ganhando um tom mais sombrio, não se vê mais aquele belo verde. As poucas pessoas que caminham na rua parecem cansadas e abatidas.

- Chegamos. – Ouço ele dizer.

Desço da moto e retiro o protetor. Balanço meus cabelos e passo as mãos nos fios para o ajeitar. Do outro lado da rua não muito longe eu vejo o mar que oculta qualquer escuridão que possa vir dessa região. Jackson segue por uma estrada de pedras brancas. Paramos em frente a uma casa de concreto. Ela é cinza, vê-se que tem algumas rachaduras na frente.

- Deixe que eu responda a maioria das questões, ok? – Jackson fala.

- Tudo bem. – Aceno.

O humano aperta em um botão ao lado da porta e um som é emitido de dentro da casa. Seria algo eficiente para colocarmos em nosso reino, assim não precisariam bater na minha porta quase derrubando ela.

Algum tempo depois a porta é aberta e uma criança surge em frente a ela. A doce menina possui cabelos cacheados e a pele escura como o seu tio. Ela veste um delicado vestido rosa e um laço na cabeça.

- Tio Jack! – A criança sorri animada.

- Minha pequena.

Jackson adentra e levanta a garota deixando ela em seu colo, olho para trás e depois adentro na casa em silêncio. Quando a garota enfim é colocada no chão o seu olhar pousa no meu um tanto com receio.

- Quem é esse? – Ouço ela perguntar para o seu tio.

- Um amigo meu. – Jackson diz.

A pequena garota dos cabelos cacheados se aproxima de mim.

- Meu nome é Lily. – Ela exclama. – Você?

- Ariel Dramir. – Respondo ela com um sorriso.

Então ela se aproxima ainda mais.

- Seu cabelo é grande e ruivo. – Lily observa. – E seus olhos parecem como esmeraldas, nunca tinha visto essa cor. De onde você vem estranho ruivo?

- Estranho ruivo. – Nesse momento lanço um suave riso. – Nunca me chamaram assim.

- Lily chega. – Jackson semicerra seu olhar. – Onde está Vitor?

A garota pousa seus braços atrás da cintura revelando tensão e quando olho para sua face eu afirmo isso. Há algo errado.

- Na escola. – Ela responde com um falso sorriso como quando eu respondia os meus pais sobre quebrar as regras do reino.

- Engraçado, pois a escola dele é a tarde. – Jackson balança a cabeça. – Ele está na pista de Skate não é mesmo? Não estou vendo a babá também, suponho que vocês tenham mandado ela embora pela manhã.

A menina balança seu vestido e sorri confirmando a história.

- O que é uma pista de Skate? – Questiono.

- O que? – Lily vira-se em minha direção boquiaberta, droga penso, eu e meus questionamentos fora de hora. – Ele não sabe o que é Skate? De que mundo você tirou o estranho ruivo? – Pergunta a seu tio.

- Nem queira saber de que mundo o tirei. – Jackson ri.

Sua sobrinha então olha para o tridente que seguro na mão esquerda. Então ela volta a se aproximar e passa a mão na arma.

- Pelos céus! – Ela sorri para seu tio e depois para mim. – Por que você tem um tridente? Você mata peixes com isso? De quem ganhou?

- Lily. – A voz de Jack torna-se mais grossa. – Agora não é o momento. Eu preciso mostrar a casa para meu amigo, a senhorita nos dá licença.

- Sim. – Ela me olha com o canto dos olhos. – Pelo menos esse é bonito.

- Lily.

Jackson a repreende e ela sai sorrindo. Me aproximo dele que me observa com um tanto de vergonha, mas não há o porquê disso.

- Crianças. – Ele diz.

- Eu já fui pior. – Comento.

A casa de Jackson é simples, porém bonita. As cortinas coloridas assim como o restante da decoração deixam a casa menos obscura. Quem vê por fora nem imagina o quão confortável ela é por dentro. Seguimos pelo corredor e vejo três portas seguidas o que devem ser os quartos. Adentramos no último.

- Desculpe a bagunça. – Jackson diz. – Quando sai não tive tempo de arrumar, vamos dizer que eu não sou muito organizado.

Tropeço em uma caixa em frente a cama e esbarro nele. Suas mãos param em meu ombro e então nossos olhares se encontram. Sorrio de leve.

- Estou vendo. – Exclamo. – Se minha mãe visse seu quarto penso que ela entraria em surto, sempre fui obrigado a me organizar.

Ele se afasta e segue em direção a porta.

- Nós temos quase a mesma medida. – Jackson diz. – Escolha qualquer peça que lhe for confortável e vista, acho melhor deixar essas de lado e por favor tome cuidado com esse tridente e tudo mais.

- Desculpe. – Digo.

- Vista-se e depois venha almoçar.

Jackson encosta a porta e sigo até em frente à sua prateleira de roupas, ele realmente não mentiu que é bem desorganizado. Passo a mão em cada peça, no entanto elas são estranhas. Retiro minhas roupas e visto novas. A bermuda cinza é confortável assim como a camiseta branca onde tem um nome marcado “Beyoncé” Por que pessoas tem seus nomes marcados em vestimentas?

Jogo meus cabelos para trás e amarro em um coque. Após saio do quarto e sigo pela casa. Chego ao que parece ser a sala, Lily está lá parada em frente a caixa que traz informações do seu mundo, penso como isso é estranho. Ver uma pessoa do outro lado de uma tela, pelos mares!

- Quem é você?

Viro-me para o lado e encontro um garoto. Ele tem uma estatura média, mas seu visual é bem diferente. Seus cabelos são curtos e platinados. Seu casaco é mais largo que o seu corpo, seus tênis reluzem ao vermelho.

- O estranho ruivo. – Lily responde do banco.

- Estranho ruivo? – Suas expressões pioram enquanto me observam.

- Meu nome é Ariel. – Respondo. – Sou um amigo do seu tio.

O garoto larga no canto algo de madeira que segurava em sua mão, o objeto é diferente e colorido, talvez seja isso o que chamam de Skate. Ele cruza seus braços e para bem próximo de mim. Então seu olhar segue para a pulseira em meu punho que seu tio me deu, nesse momento um sorriso surge em sua face.

- Amigo. – Sinto uma risada sarcástica. – Seja bem-vindo Ariel, mas você sabe dizer onde está meu tio?

- Eu estou aqui.

Jackson surge de repente na sala. Ele está mudado, agora com suas vestimentas Melman parece mais humano do que alguém do meu povo. Vê-lo vestido assim me faz recordar do momento em que nos conhecemos.

Tio e sobrinho trocam abraços. Olho os dois ali na minha frente e me recordo de Hector.

- Retornou mais cedo. – Vitor fala. – Pensei que você não voltaria logo, disse que a pesca iria demorar mais dessa vez.

- Infelizmente não deu muito certo. – Jackson fala e então percebo que seus sobrinhos não sabem que ele foi até a zona de risco. – Mas, a parte boa é que não passamos muito tempo afastados.

Lily levanta do seu lugar, pega um papel em cima da mesa e caminha até o seu tio. Então vejo as expressões de todos mudarem.

- Chegou ontem. – Lily fala.

- Eu darei um jeito. – Jackson exclama.

- Tio Jack eu consegui um emprego de manhã. – Vitor fala. – Posso ajudar a pagar o aluguel, será que assim conseguimos salvar a nossa casa?

Melman se aproxima e se escorra na guarda da cadeira.

- São muitos atrasados. – Ele soa preocupado. – Infelizmente acho que não temos muito tempo, mas obrigado pela iniciativa sobrinho. No entanto, não quero que vocês se preocupem. Eu darei um jeito.

Por mais que eu não conheça eles profundamente eu sinto a tristeza em suas almas. Eu perdi um lar e sei como é isso, porém não vou desistir para tê-lo novamente assim como eles também não irão.

- Vamos. – Jack acena. – Fiz lasanha para o almoço.

Seguimos até a cozinha. Me sento do outro lado da mesa ao lado de Jackson, a minha frente fica os seus sobrinhos que não tiram o olhar de mim. Tento me concentrar na comida que possui um sabor delicioso. Pelos titãs, as comidas daqui são ainda melhores do que no castelo.

- Então, como vocês se conheceram? – Vitor questiona. – Parece que você é dono de uma academia de boxeadores.

Sorrio afastando a minha tensão.

- Ele veio do Brasil. – Jackson responde. – Fez parte do nosso pequeno grupo de pescadores. Conheci ele há alguns dias, como Ariel pretende voltar somente daqui algumas semanas ofereci nossa casa para ele dormir. Algum problema para vocês?

- De jeito nenhum. – Lily fala enquanto limpa um pouco de comida ao lado de sua boca. – Se ele me deixar manusear seu Tridente é claro.

- Tridente? – Vitor olha para ela e após para mim. – Você tem um?

- Sim. – Respondo. – Ganhei do meu pai.

- Seu pai era o que? - O garoto olha para mim e ri. – O Rei dos mares?

- Digamos que sim. – Exclamo.

Ao meu lado Jackson ri com tensão.

Após que terminamos a refeição retiramos os pratos da mesa.

- Vejo que você tem bom gosto. – Lily diz para mim.

- Por quê? – Pergunto.

- Escolheu a camiseta da Beyoncé. – Ela aponta para a roupa que visto.

- Oh! – Digo. – Quem é Beyoncé?

Os olhos da menina se arregalam assim como do garoto que nem estava prestando atenção em nós. Os dois trocam olhares e riem juntos.

- Você está brincando? – Lily diz. – Quem não conhece Beyoncé? Você por acaso é homossexual?

- Não fale assim Lily. – Vitor se manifesta. – Até mesmo homossexuais conhecem Beyoncé, a primeira dama da música cara. – Ele ergue suas mãos fazendo um sinal de como eu sou ignorante por não saber disso.

Só balanço a cabeça e rio.

- Peguem leve. – Jackson diz. – Ele viveu muito tempo em uma ilha.

- Com toda certeza. – Lily fala e os dois seguem para a sala ainda se perguntando como eu não conheço essa Beyoncé.

Me aproximo de Jackson e cruzo os braços.

- Pelos mares! – Sussuro para ele. – Parece até mesmo alguém das sereias perguntando quem é Elísio. Essa Beyoncé é ou era uma rainha?

- Sim, digamos que sim. – Jackson sorri. – Ser homossexual nesse nosso mundo e não conhecer Beyoncé, Lady Gaga é um crime como ultrapassar as barreiras dos seus reinos em Teza.

- Oh! – Rio. – Depois você me ensine mais sobre isso.

Alguém bate na porta da frente, Jackson larga as coisas na cozinha e segue pelo corredor. Mesmo não sendo para mim eu o acompanho. Do outro lado da porta há dois grandes homens vestindo roupas azuis, uniformes. Em seu peito está escrito “Empresas Talis. ” Nesse momento olho firme para eles afinal foram os responsáveis por enviar aquela tripulação para a morte.

- Jackson. – Um deles fala.

- Sim. – Sua voz soa tensa. – Eu mesmo.

- Jaime deseja lhe ver hoje à tarde em seu edifício. – A postura do homem parece como a das sereias do lado Sudeste. – Já deve imaginar o assunto.

- Sim, estarei lá. – Melman acena.

- Estaremos aguardando. – O ruivo ao lado responde ainda mais ameaçador, seus olhos verdes pousam em mim me observando.

Eles então saem, do outro lado da rua adentram e um grande veículo preto, após somem nas ruas de Alamânia. Sinto a tensão no ambiente aumentar e as expressões de Jackson revelam isso.

- São eles. – Exclamo.

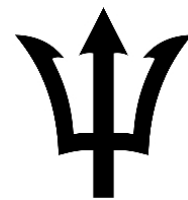
- O verdadeiro problema. – Jack suspira. – Ele vai exigir uma declaração minha de como retornei, o motivo de ser o único a sobreviver.

- O que dirá? – Pergunto.

- Tudo. – Seu olhar pousa no meu. – Menos a verdade.

Capítulo 16

Conquistadores.



As horas se passaram e a todo esse momento Jackson apresentou-se nervoso, sinto que ele não está me contando tudo sobre essas “Empresas Talis. ” Somente ao ver aqueles homens eu já senti uma energia negativa, a forma como olharam para nós como se estivessem nos ameaçando.

- Você entendeu o que devemos falar? – Jackson me questiona.

- Sim. – Balanço a cabeça e sorrio. – Você já perguntou isso umas dez vezes ou talvez quinze, já perdi a contagem.

Então ele suspira.

- Me desculpe. – Melman diz. – Só estou preocupado.

- O que eles podem fazer com você? – O questiono. – Eles lhe mandaram para o meu reino e assim você fez, não é sua culpa apenas você estar vivo.

- Tem razão. – Jackson exclama. – Vamos?

- Sim. – Aceno.

Quando passamos pela porta somos parados por Lily que coloca as mãos na cintura e seu olhar pousa em nós, ela é uma criança curiosa.

- Onde vocês vão? – Ela olha para as roupas do seu tio.

- Preciso resolver alguns problemas com os meus patrões. – Jackson responde e consegue esconder sua preocupação. – Não iremos demorar muito, apenas fique aqui com o seu irmão. Cuide dela Vitor, tudo bem?

- Sim.

O garoto responde, mas sem olhar para seu tio. Ele fica vidrado na tela de vidro enquanto as imagens passam. Em suas mãos segura algo grande que pressiona a todo o momento, as vezes se descontrola e acaba exclamando palavras inadequadas. Me pergunto qual a graça nisso, há tanto lá fora para explorar, mas quem sou eu para contestar as ações humanas.

- Você não está bem. – Sua sobrinha balança a cabeça. – Jamais me deixaria ficar sozinha com Vitor se não tivesse algo ruim acontecendo.

Para a sua idade ela é uma menina esperta.

- Apenas fiquem em casa. – Jackson fala e então olha para seu sobrinho. – Vitor Melman, não era para você estar na escola?

Então o garoto para de pressionar os botões. Ele se vira e encara seu tio expressando um sorriso retraído.

- Eu só faltei porque sabia que você teria que sair. – Vitor é esperto.

- Sim, foi sua bola de cristal que disse isso. – Jackson semicerra seu olhar e então lança um leve sorriso. – Esperem em casa pela nossa volta.

- Tudo bem general. – Vitor faz o gesto colocando a mão na testa.

Passo por Lily que continua a nos observar com curiosidade. Saímos da casa e Jackson encosta a porta, não sei o motivo dele se preocupar tanto. Nessa idade eu já poderia sair cavalgando sozinho pelo reino, entretanto nós somos de mundos diferentes. Porém, os humanos sempre complicam mais as coisas.

Ele me entrega o protetor para a cabeça e o coloco. Confesso que andar em sua moto é bom, mas ainda sinto saudade dos meus cavalos e meu dragão. Assim em cima da moto seguimos pelas estradas de Alamânia. Há tanta coisa em volta que eu vi em livros, porém vendo pessoalmente é muito diferente. Suas moradias são enormes, ao chegarmos mais no centro da cidade elas se erguem como grandes torres. Me lembra do castelo, mas não é nada parecido.

Enfim ele estaciona em um local embaixo de uma árvore. Observo em volta e o local todo está ocupado por veículos o que é um tanto atormentador.

- Pelos titãs! – Sussuro.

- O que foi? – O humano me questiona.

- Vocês não poderiam andar de cavalos? – O questiono.

- Acho que nós paramos de andar há séculos atrás quando os primeiros veículos foram criados. – Jackson ri levemente. – Mas, concordo que seria melhor. Dessa forma não iríamos poluir tanto o ar. No seu reino eu senti essa diferença com toda a natureza ao redor.

- Pelos menos possui alguma lembrança boa. – Sou sarcástico. – É melhor do que lembrar que um rei queria lhe matar e o outro apagar suas memórias.

Paramos em frente a um grande edifício. Ele é todo feito em vidro e possui uma belíssima arquitetura moderna. Quando estamos chegando próximos da porta algo acontece. Um homem vestindo roupas como de um soldado retira outro homem do edifício e joga ele ali mesmo. O pobre homem cai com seu instrumento musical que se reparte ao meio.

- O que está acontecendo? – Questiono o soldado.

- Ele estava perturbando a todos com essa música. – Ele me responde e lança um sorriso aterrorizante. – Olhe suas roupas, não é lugar para ele.

Nesse momento apenas fico olhando para sua face e me sinto horrível. Ao meu lado Jackson permanece em silêncio apenas a observar. Na vestimenta do homem há o seu nome escrito.

- Teseu. – Digo. - Por que você não poderia tê-lo mandado embora com educação? Não se trata ninguém dessa maneira apenas pela sua vestimenta, nem mesmo um Rei trataria aqueles de classes mais baixas dessa forma.

Pelo menos os nossos reis não.

- Você está me insultando? – Teseu dá um passo à frente.

- Nós temos que ir. – Jackson me puxa pelo braço. – Jaime está a nossa espera.

Semicerro meu olhar para o soldado e então sigo com Jackson. Lá fora vejo o pobre homem se levantar, juntar seu instrumento musical partido e seguir pela estrada enquanto o outro homem apenas sorri apreciando.

- Por que não me deixou terminar a conversa? – Pergunto a ele.

- Por quê? – Jackson fala alto e então sussurra. – Você estava praticamente partindo para a agressão, não quer ser preso, não é?

- Ele fez a mesma coisa com aquele homem. – O lembro.

- Eu sei. – O humano caminha e para na minha frente. – Mas, infelizmente no nosso mundo é assim que as coisas funcionam.

- Só é assim porque vocês ficam em silêncio vendo as coisas erradas.

O olhar de Jackson muda e ele suspira. Passa a mão em seu pescoço e me olha. Ao redor algumas pessoas nos olham, mas me sinto confortável. Sempre estive em contato com muitas sereias afinal era o príncipe do meu reino.

- Por que você tem que ser assim? – Ele pergunta com um sorriso.

- Assim como? – Não compreendo.

- Incrível, em todos os aspectos.

Antes que eu possa dizer alguma coisa ele vira de costas e começa a andar. Sorrio para mim mesmo, creio que isso seja positivo. Ao nosso redor muitas pessoas passam e algumas me deixam tontas. Elas carregam dispositivos, muitas falam tão rápido que tropeçam em suas palavras. Vejo no olhar delas a pressa.

Paramos em frente a uma grande bancada branca e do outro lado há o sobrenome “Talis” iluminado por uma luz vermelha no centro de uma coroa de louros. Algumas pessoas vestindo trajes formais ficam ali atrás.

- Meu nome é Jackson. – Ao meu lado ele fala para a mulher. – O Senhor Jaime pediu para que eu viesse hoje à tarde, temos uma reunião.

- Sim, Jackson. – Ela olha para o dispositivo à sua frente. – Pode seguir até o vigésimo andar, o senhor Talis já está no seu aguardo.

- Obrigado! – Ele acena.

Novamente o acompanho pelo corredor, noto que do outro lado da bancada algumas das mulheres ficam sorrindo em minha direção. Por educação faço o mesmo, quando paro dentro de uma caixa metálica Jackson olha para mim.

- O que foi? – Questiono.

- Por que você sorriu para elas? – Ele rebate com mais um questionamento.

- Elas estavam sorrindo para mim. – Digo. – Apenas correspondi. Será que elas viram algo de errado em mim? Pelos mares... – Sussuro.

- Pelo contrário. – Ele diz. – Muito pelo contrário.

Jackson aperta em um botão e as portas metálicas fecham-se. Então sinto um leve baque, me seguro nas bordas douradas. Sinto a estrutura em volta começar a subir, isso me causa angustia.

- Nós estamos subindo. – Comento.

- Sim. – Jackson me olha. – Não é acostumado com altura?

- Sou. – Falo. – Mas, eu gosto de ver o que tem a minha volta. Sinto como se essa caixa pudesse despencar a qualquer momento. Não tem medo?

- Olhe eu não tinha até você me lembrar disso. – Ele ri. – Não se preocupe Talis é um homem extremamente rico, investiu no melhor em seu prédio.

- Mas, falhas podem acontecer. – Digo.

Um barulho soa e as portas abrem-se, quando saímos fico fascinado pelo local. Ele é grande e possui o mínimo de decoração o que não diminui sua beleza. Caminho até o final da sala em frente a parede de vidro. Do outro lado dá para ver os outros prédios, a estrada. O sol iluminando Alamânia, é incrível. Vejo o meu reflexo no espelho e então sorrio.

- Ariel. – Jackson me chama e então me viro. – Eu vou entrar na sala, se ele precisar conversar com você nós te chamamos. Lembre-se de tudo. – Ele sussurra mostrando mais uma vez sua preocupação.

Observo Jack seguir até o final do corredor e adentrar em uma sala. Prossigo caminhando ao lado da parede de vidro ainda encantado com a vista.

- É bonito, não é?

Viro-me para o lado e encontro um homem sentado em um sofá. Ele possui cabelos escuros como a noite e seus olhos assumem um verde profundo. O homem veste roupas escuras que pelo pouco que andei por aqui representam as pessoas do nível maior de sua sociedade, como a família real das Sereias.

- Sim. – Respondo com um pouco de receio.

- Quando construímos esse prédio foi exatamente por isso. – Ele diz. – Nenhum outro pode nos tapar dessa bela visão, talvez torne o trabalho mais suportável... – O homem sorri.

Caminho e me sento no sofá a sua frente, é confortável.

- Qual é o seu nome? – Ele me questiona.

- Ariel Dramir. – Respondo. – O seu?

Nesse momento um sorriso sincero surge em seu rosto.

- Realmente está me perguntando isso? – Ele sorri de canto. – Viver em Alamânia e não saber quem sou eu é um tanto intrigante.

- Me desculpe. – Exclamo. – Sou novo nesse mundo.

O homem manuseia um copo com bebida, ele toma um gole e após poussa sua taça em cima da mesa a frente. Seus olhos verdes continuam a me fitar.

- Me chamo Jonas! – Ele diz. – Jonas Talis.

Então nesse instante paraliso.

- Você é o...

- Dono disso tudo? – Jonas completa. – Sim, sou em partes. Minha família inteira é envolvida nos negócios, foi assim que construímos nossa dinastia.

Me escoro nas almofadas e o observo com cuidado.

- Por que sinto que você não gosta disso? – Arrisco-me a dizer.

- Você é um bom observador. – Ele ajeita seu casaco. – Na verdade eu até gosto, mas no final quando ganhamos muito dinheiro. No entanto, cuidar dos negócios nunca foi meu forte. Isso eu deixo com meu irmão, Jaime.

Me pergunto se eu tivesse um irmão ou irmã, no nosso reino apenas um ficaria com a coroa. Será que eu ficaria bem em ver um deles comandando no meu

lugar? Penso que não. No entanto, para Jonas está tudo bem. Ao olhar para ele me sinto intrigado, até me lembro de César.

- Eu nunca o vi na cidade. – Jonas me observa. – Onde vive?

- Bem longe da cidade principal. – Respondo como Jack me orientou e sou convincente. – Cheguei há pouco tempo em sua cidade. Após meus pais morrerem peguei o barco e quis viajar pelo mundo, conhecer novos lugares.

- Bom. – O homem parece acreditar em mim.

Ele serve a bebida em outro copo e me entrega, aceito para não soar rude. Quando a bebida desce pela minha garganta sinto ela queimar.

- É forte. – Exclamo e sorrio, fecho os meus olhos e abro. – Pelos mares.

- Eu gosto de coisas fortes, ardentes. – Seu dedo circula em volta do copo e seu olhar se mantém preso no meu, posso até dizer que há algo.

Tomo mais um gole da bebida e fico em silêncio. Após pego algumas folhas que estão ao lado e começo a folhear. Há imagens de diversas pessoas, todas muito belas. Elas vestem vestimentas distintas e ao lado há o valor da peça. Pelo que eu estudei sobre eles isso significa um valor bem alto. Quando chego na última página há uma imagem de Jonas só que sem roupa apenas coberto com uma pequena peça. Então pouso meu olhar nele.

- Você tira fotos? – Questiono.

- Sim, sou modelo. – Jonas responde. – Mas, minha família não gosta muito disso então aceito apenas alguns trabalhos.

- Mas, não é o que você gosta? – Pergunto. – Me desculpe se estiver sendo invasivo demais.

- Sem problemas. – Jonas acena. – Sim é o que eu gosto, porém, os negócios da família vão acima de tudo isso. Não sei se me entende.

- Lhe entendo absolutamente! – Digo.

Volto a prestar atenção na imagem e ele é bem atraente, mas ainda mais pessoalmente. Pelo seu olhar para mim eu já sei que ele se interessou por mim, no entanto não estamos aqui para isso. Sempre coloquei meu dever à frente de qualquer coisa e irá continuar sendo.

- Ariel.

Ouçoo meu nome, viro-me para o lado e uma mulher me chama.

- Senhor Talis pediu para que você entre.

- É melhor você ir. – Jonas fala. – Meu irmão não gosta de atrasos.

- Tudo bem. – Levanto-me. – Foi um prazer conhecê-lo.

- O prazer foi todo meu. – Ele sorri.

Viro-me e sigo pelo corredor.

Coloco a mão na maçaneta e adentro, após fecho com cuidado. A vista desta sala é ainda mais bonita. No local há uma enorme mesa e cadeiras em volta. A minha frente senta-se Jackson e em pé em frente a uma tela está um homem. Ele possui cabelos curtos e loiros, olhos verdes como o seu irmão, mas os dele são da cor da grama. Embora eles sejam irmãos há uma grande diferença de um para o outro.

- Sente-se, Ariel. – Jaime acena para mim.

Olho para Jack que está nem um pouco feliz, me sento na cadeira do outro lado da mesa. O grande homem loiro então olha para mim.

- Soube que você salvou Jackson da zona de risco. – Talis diz. – Posso dizer que eu estou mais que impressionado. Ninguém volta daquela ilha, certamente para você estar navegando por aquelas regiões é porque você tem um bom conhecimento do mar.

- Sim. – Respondo sem hesitação. – Meus pais eram ótimos navegadores. Infelizmente já se foram, mas me ensinaram tudo o que eu sei. Quando cheguei na cidade e fiquei sabendo dessa zona de risco me despertou o interesse.

- Assim como o meu. – O homem diz.

Ele caminha e então se senta em sua grande cadeira.

- Para a sorte de Jackson havia alguém tão experiente navegando naquela região durante o terrível desastre. – Sinto que ele é um pouco ácido com as palavras e sarcástico. – Infelizmente somente Melman retornou... você tem certeza que não viu mais ninguém vivo?

- Sim, tenho. – Olho fundo em seus olhos. – Quando vi o corpo de Jackson na água ele já estava desacordado, nem mesmo se lembrava direito do que havia acontecido. A primeira coisa que fiz foi levá-lo até um lugar para se recuperar.

- Lamentável. – Jaime suspira. – Perdemos toda uma tripulação, mas que bom que Jackson ainda vive. – Ele sorri para nós. – No entanto, não conseguimos atingir as metas que desejávamos para a empresa.

- Também estou abalado. – Jackson enfim fala. – No entanto, todos sabíamos do risco. Creio que você não deva mandar mais ninguém para aquela zona, os boatos em sua maioria eram verdadeiros. As águas por lá são as mais violentas possíveis, não há nada que sua empresa possa ganhar.

Jaime meche em alguns papeis e após fecha a pasta. Quando ele olha para nós agora vejo expressões totalmente diferentes.

- Nós mandamos a embarcação para aquelas regiões, pois acreditávamos que havia algo nelas que poderia ser do nosso interesse. Talvez uma ilha perdida que pudéssemos transformar em um grande ponto de turismo.

Quando ele fala fico imaginando Teza recebendo visitantes humanos e então expresso um riso que logo contengo quando Jackson acena.

- Mas, pelo jeito esse lugar só traz mortes. – Jaime é frio. – Mandar outra embarcação agora seria suicídio. Lamento que seus companheiros tenham morrido Jackson, eu não posso fazer nada por isso, mas o nosso acordo ainda está mantido. Você navegou até aquelas regiões e merece seu pagamento.

Nesse momento Jackson surpreende-se.

- Sério? – Ele diz.

- Sim. – Jaime confirma. – Até o final da tarde já estará em sua conta a quantia que combinamos. As Empresas Talis sempre são justas.

- Obrigado! – Jackson acena.

- No final da tarde também emitirei um comunicado as famílias que perderam seus entes. – O homem soa solidário. – Também enviarei uma forma de consolo, sei que não os deixará menos abalados, porém pode ajudar.

Isso seria um bom gesto, pelo que Melman falou essas pessoas que aceitaram embarcar só aceitaram isso, pois estavam desesperadas pelo dinheiro.

Quando Jackson levanta-se eu faço o mesmo.

- Foi um prazer conhecê-lo Ariel. – Ele aperta minha mão e seu olhar fica preso no meu, sinto um leve incomodo. – Espero que possamos nos reencontrar, nunca saberemos o dia que posso precisar de um bom navegador.

- Para o que precisar, senhor Jaime. – Exclamo.

- Tenha um ótimo dia. – Jackson acena.

Seguimos pelo corredor enquanto Jaime fica a nos observar do outro lado. Olho para o canto da sala onde estava Jonas, porém ele não está mais ali. Não sei, mas há algo nele que eu gostaria de compreender.

Adentramos na caixa metálica e então começamos a descer.

- Você acha que ele acreditou? – Questiono Jackson.

- Espero que sim. – Ele me responde. – Só iremos precisar ficar longe da vista dele pelo tempo que você ficar aqui. Pela rapidez que ele mandou o recado

até a minha casa já estava a me observar. Os Talis são pessoas poderosas em Alamânia e em outros pontos do mundo.

- Eles são tão poderosos assim? – Digo.

- São donos dos melhores hotéis da cidade, restaurantes e demais áreas que a elite da nossa cidade frequenta. – Jackson sorri de canto. – Também há uma ilha que eles comandam. Quanto mais dinheiro mais riscos corremos. Então precisa tomar cuidado com eles.

Me escoro na parede e cruzo meus braços.

- Eu conheci o irmão dele, Jonas. – Conto a Jackson. – Me pareceu uma ótima pessoa pela breve conversa que tivemos.

Melman vira-se e me encara.

- Jonas Talis? – Afirmo que sim. – Ele está sempre nas manchetes e sabe o porquê? Pois, está sempre fazendo algo para chamar a atenção.

- Eu gostei dele. – Digo.

- Você chegou agora no nosso mundo, ainda não conhece a metade das coisas daqui mesmo que tenha estudado em seus livros. – Jackson nesse momento soa grosso como ele nunca havia sido.

As portas abrem-se e seguimos pelo prédio.

- Pelo menos ele lhe pagou. – Exclamo. – Agora você vai poder manter a sua casa com seus sobrinhos. Um lado positivo nessa história.

- Sim, pelo menos isso. – Jackson diz. – Porém, acredito que eu tenha me metido em algo maior. Nunca deveria ter aceitado essa proposta, o melhor que temos que fazer é ficar longe desse lugar e longe dessas pessoas.

Subo na moto e juntos nos afastamos do edifício Talis. Decido confiar em Jackson afinal ele vive aqui desde que nasceu e deve saber do que está falando. Pelo modo que Jaime falou e o observei vi que há algo escondido em sua alma, algo sombrio. Suas intenções não foram totalmente reveladas, porém se ele pretende invadir o meu reino eu não posso deixar.

Capítulo 17

As espécies que aqui habitam.



Depois que retornamos para casa Jackson ficou todo pensativo, quando perguntamos algo para ele o mesmo demora alguns minutos para perceber. Eu me sinto mal em vê-lo dessa forma, é obvio que as coisas não foram resolvidas nem mesmo com aquela quantia de dinheiro dada por Jaime. No entanto, ficar se martirizando é ainda pior.

Me sento ao lado de Vitor no sofá. Ele novamente está mexendo com aquilo que ele me disse que é um controle. Observo seus dedos mexendo rapidamente no controle e na tela de vidro alguns bonequinhos se movimentam um atirando no outro. É um jogo um tanto violento, mas nesse momento me lembro que nossas crianças treinam com espadas então...

- Quer jogar? – Vitor me questiona.

- Não. – Respondo. – Nunca joguei um desses, prefiro ficar afastado das suas tecnologias. Talvez se você quiser lutar de espadas, eu aceito.

Ele me observa e então ri.

- Você sabe lutar com espadas? – O humano me pergunta.

- Sim. – Respondo. – Aprendi desde os meus... – Nesse momento penso na nossa idade que é completamente diferente do seu reino. – Quando tinha dezoito anos. – Minto. – Meu tio me ensinou.

- Legal. – Vitor continua a jogar. – O máximo que meu tio me ensinou foi a pescar e eu sou terrível com isso. Confesso que odeio o cheiro de peixe.

- Eu ouvi. – Jackson fala do outro lado da sala.

Olho para os três ali juntos e não me arrependo do que eu fiz. Eles são uma família feliz e o melhor de tudo é que se amam. Não precisam me dizer isso é somente ver no olhar que um olha para o outro. Nesse momento eu sinto saudade da minha família, até mesmo do meu pai. Sei que eles estão fazendo de tudo para provar minha inocência no reino, mas não será fácil.

- Então quer dizer que você conseguiu o dinheiro? – Lily questiona seu tio.

- Sim. – Jack responde com um sorriso forçado. – Felizmente não vamos perder a nossa casa, com o dinheiro iremos conseguir ficar aqui por um bom tempo. Mas, eu estou pensando em uma forma de nos mudarmos para uma casa que seja nossa e não de outros. Precisamos de estabilidade.

Vitor desliga a tela e presta atenção na conversa.

- Isso é bom. – Ele diz. – Agora com meu emprego nós podemos juntar o pouco que temos e tentar conseguir comprar uma casa.

- Você tem apenas dezoito anos Vitor. – Jack exclama. – Não deveria estar se preocupando com isso. Sua única preocupação tem que ser a escola.

- É irônico você dizer isso. – Vitor se escora no sofá e olha para ele. – Afinal seus pais também morreram por volta da minha idade e então você e minha mãe tiveram que cuidar de todas as responsabilidades.

Nesse momento Jackson cruza os braços e nada fala. Eu sabia que eles tinham morrido, no entanto nunca tive coragem para perguntar como. Talvez esse momento ainda não tenha chegado. Fico refletindo como foi para ele e sua irmã, se eu perdesse meus pais ainda teria o meu tio, mas sinto que eles não.

- E é por isso que não desejo isso para você. – Jackson olha firme em seus olhos. – Mas, se é sua decisão não irei ir contra. Você já tem dezoito anos e está entrando na vida adulta é bom que já tenha responsabilidades...mesmo que eu ainda não aprove isso completamente.

Jackson é um ótimo tio como Hector. Mas, ao olhar para os irmãos Melman eu me pergunto onde está o seu pai. Talvez tenha morrido também, mas no momento decido não perguntar. Acho que devo questioná-los apenas quando estiverem abertos a falar sobre isso, ainda sou um desconhecido.

- Você vai voltar a trabalhar no barco? – Lily questiona Jack.

- Sim. – Jackson suspira. – Afinal esse é o nosso sustento, não é? Aliás, amanhã mesmo vou falar com Sasuke.

- Quem é Sasuke? – Questiono.

- O homem para quem vendo os peixes. – Ele responde. – Nós fazemos essa troca, eu tenho o barco, pesco e entrego para Sasuke. Como eu não sou muito bom e nem tenho local para vender ele faz isso por mim. Assim cada um fica com uma parte do dinheiro. Justo.

Não sei se me parece justo afinal ele faz a maior parte das coisas, no entanto se é assim que sobrevive decido não contestar. Na ilha cada grupo planta e faz a sua própria comida, é claro que uma parte é destinada ao castelo real, porém nenhuma Sereia jamais contestou isso afinal é a nossa cultura.

- Você vai pescar junto com ele? – A pequena olha para mim e questiona.

- Eu seria um ótimo pescador. – Sorrio para ela. – Digamos que os peixes gostam da minha presença no mar, porém não gosto de matá-los.

- Eles são peixes. – Vitor ri ao lado.

- Mas, ainda criaturas como nós. – Exclamo.

Eles olham para mim e me acham ainda mais estranho. Desde pequeno eu possuía esse contato com criaturas marinhas assim como todas as outras sereias da ilha, porém eu creio que vou além disso. Já consegui controlar alguns deles assim como também a água. Para muitos eu posso ser um herói, mas para outros também posso ser um risco. Na nossa história quem sempre teve grande poder fez algo ruim contra o nosso povo.

Na tela há uma imagem passando. Um grande lugar rodeado de pessoas. A imagem então focada em uma bela mulher trajada em um vestido preto, longo casaco escuro e luvas também escuras. Seu longo cabelo ondulado desliza pela sua pele negra e um sorriso contagiante pinta o seu rosto.

- As Bruxas. – Quando Lily fala eu olho para ela. – Eu queria ser uma.

- Espere. – Interrompo. – Todos sabem sobre as bruxas?

Todos me olham no mesmo momento e me sinto estranho.

- Sim. – A garota responde. – Isso aconteceu há um ano, foi o assunto mais comentado no mundo, como você não saberia?

- Como eu disse. – Tento arrumar uma saída. – Eu preferia ficar afastado do mundo, apenas com meus animais o mar. Porém, fico feliz que elas tenham se mostrado a todos afinal ninguém merece ficar escondido por ser quem é.

Me viro para frente e observo a mulher na tela. Embaixo há o nome, Diana Vareon. Atrás dela seguem as demais bruxas e bruxos, todos vestindo-se parecidos. Me recordo das suas histórias em nossos livros. Meu povo encontrou elas há muito tempo e retrataram como criaturas sombrias que carregavam grandes poderes, porém ainda haviam pessoas boas em sua espécie assim como em todas as outras. Assim como eles nós também vivemos escondidos na sombra do seu mundo, mas eles tiveram coragem de enfim se mostrar. Admiro sua coragem para isso, pois o mundo pode ser cruel com aqueles diferentes.

- Então, Diana? – Uma outra mulher pergunta para ela. – Como é para você celebrar um ano do tratado de paz entre as demais espécies?

- É uma grande vitória. – Diana Vareon responde. – Cada vez mais recebemos bruxos em nossa Irmandade. Evoluímos muito nesse último ano. Aprendemos a viver com a diferença do outro. Sei que sempre haverá aqueles que acham que o diferente destrói o nosso mundo, mas essa não é a verdade. Não importa sua raça, cor, sexualidade somos todos habitantes desse mundo. Se aprendermos a viver com amor e respeito o mundo será diferente.

Nesse momento fico fixado na mulher, ela é uma bruxa incrível.

- Uma bela mulher. – Comento com eles.

- Diana é incrível, ela é a Monarca dos bruxos e comanda todos eles. Por que eu nasci humana? Isso é desapontador. – Lily entristece.

- Não importa o que você é, mas sim o que você faz. – Digo a ela.

A garota olha para mim e então sorri.

Confesso que vê-los andando com os humanos me traz esperança. Se eles aceitaram bruxas por que não nos aceitariam? No entanto, não creio que o nosso povo vai querer se libertar e compreendo. Nossa ilha é o nosso lar mais precioso e seres humanos como Jaime existem por toda a parte.

- Eu prefiro ser humano. – Vitor se escora no sofá e diz. – Vocês já viram aquelas caminhadas perseguindo eles? Pelos céus nem desejo imaginar.

- Caminhadas? – Digo.

- Sim. – Jackson é quem me responde. – Algumas pessoas acham que eles são os demônios do mundo e já caçaram muitas bruxas que não estão com a Irmandade. Alguma delas até mesmo já foram mortas por isso.

- Isso é horrível. – Comento.

- Se elas quisessem matavam todos eles. – Lily diz.

- Mas, isso só aumentaria o ódio. – Ressalto. – Nós temos que aprender a viver em paz afinal isso é o melhor a se fazer. No entanto, se uma guerra surgir e ameaçar aqueles que amamos devemos lutar com toda a nossa força.

Vitor nesse momento me olha com receio.

- Você é bem estranho... – Ele diz. – Às vezes parece que eu não estou falando com um humano.

- Mas, eu não sou. – Exclamo e Jackson me olha assustado do outro lado e então sorrio. – Sou um bruxo.

Então todos eles gargalham juntos e eu também.

- Pelo seu tridente diria que é um Príncipe dos mares. – Lily exclama e mesmo tenso consigo sorrir. – O que você acha tio?

Jackson então me olha, fico no aguardo da sua resposta.

- Sim, pode ser. – Ele dá uma leve risada. – Mas, não está na hora de vocês irem para a cama? Afinal os dois precisam acordar cedo.

- Espere Alefrey chegar. – Lily fecha suas mãos e implora.

- Quem é Alefrey? – Questiono mais uma vez parecendo a pessoa mais burra do mundo e talvez seja.

- O Rei das Alcateias. – A pequena garota me responde e como minhas expressões revelam que não estou compreendendo ela suspira e continua. – Ele é um lobo e lidera as demais alcateias pelo mundo, pessoas que se transformam em animais no caso lobo por isso Alcateia.

Somente balanço minha cabeça e desvio minha visão. Nosso povo não sabe nada sobre pessoas que se transformam em animais, talvez eles tenham estado muito bem escondidos nessas alcateias. No entanto, isso somente revela a diversidade de espécies que temos no planeta. Os humanos nunca foram únicos.

Então eu julgo que esse Alefrey esteja na frente da tela agora afinal quem mais usaria uma coroa além de um rei? Por mais que ele tenha uma certa idade para um humano ainda continua atraente. A sua vestimenta é um tanto diferente. Ao seu lado caminham um garoto e uma menina.

- Aqueles são seus filhos. – Lily me explica. – Atena e Zeus Jahalla.

- Eu tenho um cavalo chamado Zeus. – No momento em que falo eles olham para mim e riem. – Ele é bem grande e bonito.

Viro-me para frente antes que eu possa falar algo indevido.

- Já conversamos com a Monarca das bruxas agora vamos falar com o Rei das Alcateias, Alefrey Jahalla. – A mulher sorri para ele. – Então o que você espera desta noite de união, Rei Jahalla?

- Que todos os meus lobos saiam vivos. – Alefrey soa sarcástico e eu gosto disso, seus filhos que estão do lado gostam também. – Brincadeiras à parte desejamos que seja uma bela noite para celebrarmos a união, amor e paz. Embora tenhamos nossas divergências devemos tentar de tudo para manter a paz.

Observo eles seguirem para dentro do salão e imagino todas essas criaturas andando uma ao lado da outra. Antes eu apenas caminhava com sereias e quando Jackson chegou eu senti que nada mudou, eles são quase como nós, mas há diferenças óbvias é claro. Me pergunto quantas espécies vivem em nosso mundo. Sei sobre os Anjos, os Nephilins filhos dos Anjos Caídos, mas sinto que há mais deles escondidos nas sombras desse mundo.

- Deu o seu favorito já passou. – Jackson exclama. – Quero todos na cama para amanhã levantarem bem.

- Nosso tio tem razão. - Vitor levanta-se e fala. Segue com o seu olhar para Lily que está sentada no sofá. - Vamos Lily você não está vendo que... devemos dormir cedo.

Lily olha para mim e sorri.

- Oh! – Ela finge se recordar. – É verdade, boa noite!

- Boa noite! – Digo.

Os dois seguem pelo corredor e adentram em seus quartos. Quando eles já estão longe Jackson se aproxima de mim, ele senta-se bem próximo de onde estou. Por um momento ficamos em silêncio apenas escutando as reportagens. Logo uma chuva começa a cair do lado de fora, eu aprecio o som.

- Eu estive pensando. – Jackson me olha e diz.

- No que? – Questiono.

- Eu vou ter que retornar a trabalhar amanhã. – Melman então desvia o seu olhar do meu o que me deixa angustiado. – Penso que era melhor eu lhe deixar na casa de Kylie por enquanto para Jaime não desconfiar de nada.

- Você tem muito medo dele. – Sou sincero. – Não deveria, sabe que se ele tentar nos atacar eu posso resolver isso. Já havia lhe falado que com um encanto meu eu poderia transformar ele, fazê-lo esquecer sobre isso.

- Eu não quero isso. – Jackson suspira. – Não me parece justo.

Cruzo os meus braços e então me viro para frente.

- Tem certeza que é por causa disso? – Questiono.

- Sim. – Ele é rápido na sua resposta. – Por que mais seria? – Não respondo. – Olhe nós ainda podemos nos ver no mar, se você quiser trabalhar comigo. Mas, penso que é melhor você viver na casa de Kylie nesse tempo.

Encaro o humano e então reflito. Ele não quer me dispensar, quer apenas fazer o que acha que será melhor para seus sobrinhos. Se Jaime descobrir que nós estamos mentindo ele tentará fazer de tudo para saber a verdade, vi nos olhos dele a sede pelo poder e vejo tanto de mim nisso. Quando uma criatura quer muito poder você deve temê-la, pois na maioria das vezes ela começa a perder o controle das coisas. Infelizmente só vi isso agora.

- Tudo bem. – Aceno. – Mas, sua amiga é muito curiosa. Ela vai me perguntar um monte de coisa sobre mim, sobre nós. Temo que eu possa cometer algum deslize como já aconteceu.

- Não precisa temê-la. – Jackson sorri para mim. – Raiz é uma pessoa extremamente confiável, se ela soubesse apenas iria atormentá-lo para saber toda a verdade, mas jamais contaria a alguém. Somos fieis um ao outro.

Sua relação me lembra muito da minha com Polaris e Ninfa, agora me lembrando deles penso como eles estão. Devem chegar logo em terras humanas e com certeza irão tentar me encontrar, espero que isso aconteça em breve.

Me aproximo ainda mais dele e olho fundo em seus olhos.

- Então está decidido. Eu ficarei na casa de sua amiga, mas por favor não se afaste. Sei que nos conhecemos recentemente, mas você significa muito para mim. Não desejo que nos distanciemos. – Digo o que eu sinto.

- Nos conhecemos recentemente, mas já passamos por tanta coisa. – Jackson fala e rimos juntos. – Nos separarmos não irá acontecer, eu também sinto o mesmo por você. Sereia. – Ele sorri.

- Humano. – Rebato.

Por longo segundos ficamos olhando um para o outro em silêncio. Sinto uma vontade enorme de me aproximar e tocar os seus lábios, mas me lembro dos ensinamentos da ilha de Teza. Além disso, não quero o ferir afinal um dia eu vou ter que voltar, será mais fácil para mim e para ele não nos envolvermos. No entanto, eu creio que isso já aconteceu.

- Boa noite. – Digo a ele.

- Durma no quarto. – Jackson exclama.

- Você sabe que eu não me sentiria bem. – Exclamo. – Além disso, estou bem confortável aqui. Apenas vá se deitar e me deixe aqui, sozinho.

Jackson olha com o canto do olho e sorri para mim, após segue pelo corredor. Noto que seus passos são lentos, mas logo a porta do seu quarto bate. Pelos titãs eu não deveria estar sentindo isso. Se eu não tivesse terminado com César talvez nada disso tivesse acontecido. Porém, não podemos explicar o destino. Cada ação nossa resulta em algo, sempre será assim.

Vejo alguns papéis jogados na prateleira do quadrado de vidro. Como estou sem sono me aproximo e pego um deles, a maioria está marcado com o nome de Lily e não me surpreende, pois, todos falam sobre bruxos e lobos.

“A perseguição contra espécies. ” – O título do texto.

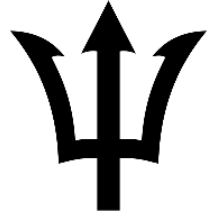
“Parece que antes dos lobos se revelarem para o mundo alguns humanos já sabiam da sua existência. As Alcateias nos últimos anos sofreram perseguições de uma Industria chamada Alexandria que na verdade não era uma indústria, mas sim um centro de perseguição contra a espécie dos lobos. Muitos deles foram mortos pelos humanos. Quando o Rei Alefrey revelou a verdade o mundo entrou em choque, mas como a Monarca dos bruxos ele assinou um tratado de paz com todas as outras nações do mundo. Quando isso aconteceu a sua espécie então parou de ser perseguida por Alexandria. Os edifícios de Alexandria foram confiscados, mas antes que os governos pudessem agir eles já haviam sido destruídos quando a verdade veio à tona. Porém, ainda alguns documentos da organização puderam ser

recuperados tendo a certeza que se tratava de um grupo que pregava ódio e a eliminação de espécies diferentes. Até mesmo houveram comparações com o que aconteceu no período de 33 a 45 na Alemanha. O mundo ficou em paz com o desaparecimento de Alexandria, nenhum líder ou pessoa foi ligada a essa organização, eles são como fantasmas. Mas, agora alguns lobos e bruxos voltaram a sofrer perseguições ao redor do mundo e todos já se perguntam, será que Alexandria ainda vive? ”

Fecho as páginas e então tenho certeza, os humanos não reagem bem ao descobrimento de outras espécies. Jamais aceitaria um deles perseguir alguém do meu povo, se fizessem haveria guerra. Então suponho que seja melhor ficar encoberto nas sombras do seu mundo. No entanto, também há aquele questionamento, viver para sempre nas sombras por causa de medo? Não é melhor enfrentar a verdade? São muitas perguntas que no momento não possuo resposta. Espero que algum dia eu as tenha.

Capítulo 18

Aquilo que foi escondido.



Levanto logo pela manhã e já arrumo as minhas coisas. Não trouxe muito e nem mesmo precisei afinal Jackson me emprestou todas suas roupas, por mais que algumas sejam justas ainda me servem. Mas, o mais esquisito é ficar andando com um Tridente pela casa. No nosso reino é normal, porém no deles parece que estou carregando uma de suas armas de fogo.

- Você não iria ficar mais alguns dias conosco? – Na minha frente Lily cruza os braços e me questiona, eu gosto da pequena humana.

- Sim. – Respondo com um sorriso. – Porém, as coisas mudaram repentinamente e terei que partir, no entanto eu ainda posso ver vocês.

- É claro. – A menina passa por mim carregando um pote de doce. – Afinal você é o namorado do meu tio, vai ter que vir vê-lo. O mais estranho é que nós não sabíamos de um namorado dele até voltar aquele dia da viagem.

Nesse instante coloco a mão na boca e tusso, após sorrio tenso.

- Primeiro. – Exclamo. – Eu não sou o namorado do seu tio. Segundo nos conhecemos na embarcação e ficamos amigos. Apenas isso.

Me sento na cadeira e ela do outro lado da mesa. Com tranquilidade leva a colher na boca ficando com uma marca acima dos lábios do doce.

- Você não precisa mentir. – Lily é insistente. – Por que mais ele lhe daria essa pulseira se não gostasse de você?

Estico meu braço e observo a pulseira prateada com o pingente de uma ancora na ponta.

- Significa muito para Jack, foi o seu pai que lhe deu.

- Mas, amigos também amam uns aos outros sem precisar ter desejos pessoais pelo outro. – Tento falar de um modo sem ser específico. – Então a senhorita tire isso da sua cabeça, somos amigos. – Pisco para ela.

Lily atira o pote do doce dentro do lixo e vira-se em minha direção.

- É talvez vocês sejam amigos... – Parece que ela fica decepcionada. – Sabe você é muito melhor que os outros com quem ele já ficou. Tenho que lhe confessar que nosso tio não tem uma boa mão para escolher namorados.

Nesse momento apenas fico paralisado observando, é estranho uma criança nessa idade falar tão bem sobre um assunto de “adultos. ”

- Ele já namorou bastante? – A questiono.

- Digamos que sim. – Lily sorri. – Mas, não conte a ele.

- Não contar o que?

Jackson surge na cozinha já trajado em suas vestimentas de pesca. Carrega uma pequena mochila e deixa no canto da parede. Então pega um pote de doce, vira-se em nossa direção e nos observa.

- Assunto restrito entre Lily e Ariel. – Sua sobrinha responde.

- Assunto restrito? – Jack ri. – Acho que estou começando a temer que Ariel possa estar me roubando de vocês.

- Isso nunca iria acontecer. – Exclamo. – Eles amam você.

Jackson me encara e lança seu melhor sorriso.

Viro-me para o lado e encontro Vitor com expressões nada agradáveis, parece que ele passou horas sem dormir e foi exatamente isso. Ontem à noite logo após todos dormirem eu me levantei, pois havia escutado um barulho vindo do seu quarto. Segui até lá e escutei o barulho dos jogos de computador.

- Pelos céus, Vitor. – Seu tio percebe. – Vai ir assim para o seu primeiro dia de trabalho? Se eu fosse seu chefe lhe demitiria na hora.

- Obrigado pelo apoio moral. – Ele esfrega suas mãos na face. – Apenas preciso tomar duas xicaras de café e estarei preparado para tudo.

Observo suas vestimentas mais formais e é estranho ver o garoto assim afinal ele prefere manter um estilo despojado.

- Tudo bem. – Jack diz. – Eu tenho que levar Lily a escola, se quiser pode me esperar que eu venho lhe buscar.

- Não é preciso. – Vitor fala. – Eu vou de Skate.

- Ok! – O humano joga o pote no lixo e se aproxima de mim. – Ariel você pode acompanhar Vitor, o trajeto até o trabalho dele é bem próximo do meu. Prometo que não irei demorar, se isso acontecer procure Sasuke que ele vai lhe deixar bem à vontade. Aliás, eu posso levar seus objetos.

- Pode ser. – Respondo mesmo com medo afinal eu só andei por essas terras em sua companhia, mas talvez seja hora de me arriscar mais.

- Pelos céus! – A garota comenta. – O que vão pensar quando chegarmos com um tridente na escola. – Rimos todos juntos nesse momento.

Após algum tempo fechamos a casa e saímos.

Seguimos pelas estradas de Alamânia, a essa hora do dia as pessoas começam a despertar. As janelas nas residências são abertas, os veículos começam a ganhar espaço nas estradas. Mesmo sendo bastante diferente do meu reino eu agora estou conseguindo me sentir mais à vontade, até mesmo com o barulho do som dos veículos.

- É muito longe? – Questiono Vitor.

Ele diminui a velocidade do Skate e fica ao meu lado.

- Não. – Melman responde. – Por quê? Já está cansado?

- Nenhum pouco. – Sorrio para ele. – Se você soubesse do que eu sou capaz jamais me perguntaria. Poderia facilmente lhe alcançar a pé enquanto você corre montado nesse negócio de madeira.

Vitor passa a mão em seus cabelos platinados e sorri.

- Então vamos lá. – Ele pisca para mim. – Arielzinho.

Nunca ele me chamou assim e o nome é um tanto engraçado tanto que me faz rir. Vitor então começa a correr montado em seu skate, deixo ele pegar um pouco de distância e então disparo. Sinto saudades dos meus treinos matinais e isso pode me fazer ficar em dia com meu corpo. Uso toda a minha força guardada e em questão de instantes estou correndo ao lado de Vitor, quando ele percebe me olha e expressa espanto, assim sorrio para ele.

- Você é humano? – Ele questiona.

- Não sei. – Exclamo. – Talvez não.

- Bobagem. – Vitor balança a cabeça.

Quando dobramos a esquina diminuimos a velocidade, limpo um pouco do suor da minha testa e então voltamos a velocidade normal. Noto em suas expressões que ele fez muito mais esforço do que eu.

- Aqui é o meu local de trabalho. – Vitor diz.

Nós paramos em frente a um edifício branco. Ele possui algumas árvores na frente cobrindo o local, mas ainda dá para ver uma placa “Centro de recuperação e

reabilitação. ” Observo algumas pessoas chegando no local, quase todas elas vestem vestimentas brancas.

- O que você faz aqui? – O questiono.

- Eu vou trabalhar mais na parte da recepção. – Ele responde. – Como eu sou um gênio dos computadores também ficarei responsável pela parte tecnológica aqui dentro, digamos que eu serei um faz tudo. Um estagiário.

- Estagiário. – Repito a palavra.

- Você quer entrar? – Vitor me questiona. – Meu tio vai demorar ainda para levar Lily na escola e retornar. Pode ver os maluquinhos.

- Maluquinhos? – Não compreendo. – O que é isso?

- Vamos. – Ele acena.

Sigo com Vitor até a entrada do edifício. Passamos pela porta e adentramos. Aqui dentro o ambiente é bem bonito. A cor clara predomina no local. Algumas pessoas esperam sentadas nos sofás. Já outras circulam acompanhadas de outras pessoas.

- Eai Ana.

Vitor fala com uma garota atrás de uma bancada, ela possui longos cabelos vermelhos, mas não ruivos naturais como o meu.

- Estou preparado para meu primeiro dia, devo sentar e atender os que chegarem? – Melman pergunta.

- Sim. – A garota olha para ele e após segue seu olhar para mim com desconfiança. – Quem é esse com você? - Ana sussurra como se eu não estivesse escutando, assim finjo que não ouço.

- Esse é meu amigo, Ariel. – Vitor sorri para mim e faço o mesmo. – Ele é estudante da Universidade de Alamânia, faz psicologia. Ariel queria ver o local, as pessoas para uma breve pesquisa.

Nesse instante encaro Vitor, estudante de psicologia? Eu?

- Não sabia que você conhecia estudantes da faculdade. – Ana continua a olhar para mim enquanto fala para ele. – Eu nunca vi alguém como você...

- É.. Ele é bonito. – Vitor diz. – Mas, não é tudo isso.

- É o seu primeiro dia. – Ana o lembra. – Mas, se você for breve posso lhe dar cobertura. A essa hora do dia aqui não é movimentado.

- Eu já disse que lhe amo? – Ele beija o seu rosto. – Obrigado.

Aceno para a garota que fica me olhando.

Sigo com Vitor por um corredor formado por janelas brancas. Lá do outro lado há um grande pátio externo onde muitas pessoas caminham. Algumas trajadas com roupas brancas e as outras com vários tons de azul.

- Você mentiu. – Digo a ele que apenas ri.

- Ana é de boas. – Vitor exclama. – Foi ela quem me arrumou esse estágio, conheço-a da escola. Quando soube que vagas seriam abertas falei com ela e expliquei que precisava muito de um emprego por causa da nossa dificuldade financeira. Felizmente ela conversou com seus chefes e apresentou meu currículo que não é nada ruim, agora trabalho aqui.

- Não deveria começar mentindo. – Exclamo.

- Só eu estou mentindo?

Nesse momento Vitor diminui a velocidade dos seus passos e me encara.

- O que? – Digo.

- Ariel Dramir. – Ele fala meu nome e sobrenome. – Por que não há nenhum registro seu na internet? Absolutamente nada...

Sinto minhas mãos suarem, mas me mantenho estável.

- Eu não gosto de tecnologias. – Tento responder convicentemente.

- Sim. – Vitor então expressa um leve riso. – Você praticamente não existe na rede, o que é um tanto estranho. Mas, não precisa se preocupar. Sei que você e meu tio estão escondendo algo, entretanto deve ser algo sigiloso demais para ele não revelar a nós. Por isso eu decido confiar em você, só não me decepcione e nem a minha família.

- Eu prometo. – Sussuro um pouco tenso.

Sinto uma leve ameaça em suas palavras, no entanto compreendo totalmente seu posicionamento. Vitor tentou pesquisar sobre quem eu sou, mas não me encontrou. Lógico que teria que ficar com medo afinal eu sou praticamente um estranho em suas vidas. Mesmo assim o garoto ainda está me dando uma chance, pelo seu tio. Gostaria de contar a verdade a eles, porém pode coloca-los ainda mais em risco.

Sigo com Vitor pelo corredor até estarmos atrás do edifício. Agora caminhando entre eles consigo notar mais de perto as pessoas vestindo roupas azuis. A maioria delas parece estar muito abatidas. Olhares profundos, outras sorrindo vagamente. Me sinto um tanto triste por isso.

- Quem são? – Questiono ele.

- Os pacientes são os de azuis. – Vitor responde. – Ana me explicou que quanto mais forte for o tom da sua vestimenta mais perigoso eles são, então procure ficar longe dos azuis escuro.

Como o aconselhado me afasto de um deles que passa ao meu lado.

- Por que eles estão aqui? – Pergunto.

- Muitos motivos. – Ele balança a cabeça. – Mas, a grande maioria envolve problemas psicológicos desenvolvidos por inúmeras razões. Eles são trazidos para cá para tentarem recuperar sua lucidez. É claro que isso é mentira. – O garoto sussurra. - Poucos conseguem se recuperar, as famílias só os jogam aqui, pois não desejam cuidar deles. Triste, mas é a verdade.

Suas palavras são diretas e um tanto atormentadoras. Jamais jogaria uma pessoa que eu conheço em um lugar assim, porém pelas suas expressões vejo que elas realmente necessitam de um tratamento. Pelos mares, graças aos titãs que nunca conheci uma sereia assim no nosso reino. Os considerados “loucos” na verdade são bem lúcidos em Teza, como Serafim.

Me viro para o lado e então ao olhar para um homem vem um vislumbre em minha memória. Era um dia chuvoso em Teza quando o barco dos humanos desembarcou em nosso lado na Ilha. O meu pai enviou uma tropa para pegar esses humanos, eu é claro segui em silêncio. Vi nossos soldados encantarem a criatura e levarem ela até a caverna onde foi mergulhada no lago do esquecimento. Nunca esqueci aquela face. Um homem extremamente branco com cabelos amarelos e uma cicatriz que cobria seu olho esquerdo.

- O que foi? – Vitor olha-me e me questiona.

- Eu acho que conheço ele. – Sussuro.

- O que? – O garoto fica confuso.

Sigo com calma e me aproximo do homem, observo ele trajado nas vestimentas azuis claras e reconheço a cicatriz em seu olho. É o mesmo humano que invadiu nossa ilha anos atrás e que foi enviado por nossos soldados. Mas, agora ao olhar para a sua face eu não vejo mais entusiasmo por chegar em nossas terras ou nada além disso. Apenas algo profundo e triste.

- Qual o seu nome? – Questiono o seu cuidador ao lado.

- Diedros. – O cuidador me responde.

- Ele chegou há muito tempo aqui? – Pergunto.

- Sim, há alguns anos. – O homem soa triste. – Foi encontrado na praia, apresentava um estado de loucura. Estava trêmulo e confuso. Sua família até mesmo tentou cuidar dele, mas após algumas semanas trouxeram a nós. Diedros sonhava com criaturas demoníacas e disse que até mesmo encontrou com algumas delas. Não reconhecia mais sua família, tinha medo de todos.

- Sinto muito. – Sussuro.

- Mas, agora ele já está melhorando. – O cuidador diz. – Após vários tratamentos Diedros apresentou uma grande melhora, não possui mais pesadelos com as criaturas e cada vez mais se lembra da sua família. Acreditamos que dentro de meio ano ele vai poder retornar ao seu lar.

- Fico feliz por ele. – Tento esboçar um sorriso.

Olho uma última vez para o homem com olhar vago e então me distancio e deixo eles a sós. Sinto tudo girar a minha volta, mas tento ficar estável.

- O que houve? – O garoto me questiona.

- Nada. – Respondo.

- Nada? – Vitor ri sem graça. – Você disse que o reconhecia, como isso é possível se você nem mesmo é daqui?

Então caminho e paro a sua frente, olho fundo em seus olhos.

- Por favor não faça questionamentos. – Exclamo. – É muito complicado explicar tudo isso. Confie em seu tio. – Suspiro. - Acho melhor eu voltar logo, você também tem que trabalhar não quero atrapalhar isso.

- Você é muito mais estranho do que eu pensava. – Ele sussurra.

Desvio do assunto e sigo com ele para a saída.

- Onde fica o local de trabalho de Jack? – Pergunto.

- Você segue a rua da frente daqui até chegar em um prédio vermelho. Após dobra a direita e segue até encontrar várias tendas e barcos que ficam no mar. O restaurante de Sasuke é inconfundível afinal há um papagaio anunciando, lembre-se de dizer bom dia a ele.

- Tudo bem. – Aceno. – Até mais.

Saio do edifício e sigo pelas estradas de Alamânia.

Sim, aquele homem que eu vi era o mesmo que chegou até a nossa ilha e que mandamos de volta. Nosso povo sempre disse que as pessoas que voltavam não sofriam nenhum dano, mas talvez isso seja mentira. Ao serem mergulhados na água isso pode desestabilizar seu corpo mentalmente. As sereias do Noroeste

pesquisaram muito sobre os efeitos e relatavam que todos eles ficavam bem, mas isso é mentira. Acabei de ver um homem que sofreu e teve sua vida perdida por causa disso. Será que somos realmente melhores que aqueles que habitam no Sudeste? Pelo menos lá eles morrem rápido e no nosso reino além de perderem sua sanidade ainda tem de sofrer por anos vivendo essa vida perturbadora.

Chego ao prédio vermelho e dobro avistando todos os barcos e o mar. Penso em Teza distante. Eu perdi muito quando parti, porém, estou descobrindo coisas que seria incapaz de compreender sem viver em terras humanas. Quanto mais tempo eu passo aqui mais consigo enxergar a escuridão dos nossos reinos e algo me diz que isso é apenas o começo.

Caminho próximo do mar em frente a algumas barracas e como Vitor me falou o restaurante de Sasuke é inconfundível. A fachada é toda vermelha com alguns desenhos desconhecidos para mim pintados na parede. Na frente do local em um buraco na janela um papagaio fala:

- Oferta, olha a oferta! – Sua voz é um tanto engraçada. – Sasuke está dando oferta, comam peixes e não papagaios.

Paro em frente à janela e ao avistar a criatura eu rio.

- Humano bobalhão. – Não entendo muito a última palavra, porém sinto que não é algo bom que as pessoas dizem. – Vai entrar e comer um peixão?

Fico olhando para a criatura ali parada e sinto um pouco de medo. Sigo para o lado e empurro a porta. O ambiente por dentro é bem bonito, um estilo cultural bem diferente. Há algumas luminárias no teto, mais desenhos nas paredes. A essa hora do dia o restaurante não é muito movimentado. Quando chego as pessoas que ali estão olham para mim, me sinto um pouco estranho e então me sento no banco mais próximo.

- Olha a oferta. – O papagaio irritante continua a cantarolar.

Um homem então começa a caminhar em minha direção. Ele não é tão jovem e nem tão velho. Possui curtos cabelos pretos e usa óculos. Suas vestimentas são diferentes para mim, mas ainda belas. Elas me lembram um pouco as nossas em Teza, mas o corpo é mais coberto.

- Você deve ser Ariel Dramir. – Ele fala para mim.

- E você deve ser Sasuke. – Digo.

O homem pousa suas mãos em seu colo e inclina levemente o corpo.

- Sou eu mesmo. – O seu sorriso é contagiante. – Jackson falou que você viria e iria ficar aqui. Fico feliz por conhecer os amigos de Jack. Soube que você o

salvou da zona de risco do mar. Foi muito corajoso.

Apenas sorrio levemente e me pergunto como eles já sabem disso.

- Apenas fiz o que deveria fazer. – Exclamo.

- Todos estão muito surpresos. – Sasuke diz. – Deve ter notado alguns olhares quando chegou... – O homem sussurra.

- Sim. – Olho em volta e após para ele. – Parece que aqui as informações chegam rapidamente.

- É claro. – Sasuke se aproxima ainda mais. – Quando você possui negócios com os Talis todos voltam sua atenção para você.

Pensei que tudo isso estava mantido em segredo, mas pelo jeito não está. Se antes duvidava da influência dessa família agora eu não tenho dúvidas. Era para eu chegar em terras humanas e não chamar muita atenção, porém isso não se cumpriu.

- Será que ele vai demorar? – Questiono o homem.

- Oh! Não. – Sasuke sorri. – Logo ele está aí. Como é um cliente novo irei lhe mandar trazer o especial de nosso restaurante, espero que aprecie.

Antes que eu possa dizer mais alguma coisa o homem já se despede e volta para a cozinha. Após algum tempo um homem traz algo em uma bandeja. Quando pousa em cima da mesa eu vejo que é peixe. Sorrio meio tenso para Sasuke do outro lado. Eu já comi peixe, porém não gosto de praticar isso. Principalmente as sereias do Noroeste optam por não comer tais criaturas.

Ouçó o sinal da porta e ele adentra. Jack passa por onde estou e segue para cumprimentar seu amigo e companheiro de negócios. Eles ficam conversando por alguns minutos e depois ele vem até mim. Senta-se do outro lado da mesa e observa o prato ali deixado.

- Você não quer experimentar? – Jack me questiona.

- Não sei. – Olho para o peixe e sorrio um pouco tenso.

- É o melhor da casa. – Ele diz. – Se você não experimentar pelo menos um pedaço Sasuke vai ficar muito triste, ele é meio sentimental para essas coisas.

Olho para longe e vejo que Jackson tem razão, Sasuke está de olho em mim. Então decido fazer esse sacrifício. Pego um garfo e faca e corto um pedaço do peixe, me sinto mal por isso. Levo ele até a minha boca e mastigo, realmente a carne é muito saborosa, assim sorrio na direção de Sasuke que acena para mim satisfeito.

- Você já conheceu o Loro? – Melman me pergunta.

- Loro o papagaio? – Digo e ele acena que sim. – Sim, ele me chamou de bobalhão e que eu deveria entrar para comer um peixão.

- Bobalhão.

Viro-me para trás e o papagaio fala isso novamente. Após olho para frente onde Jackson está rindo sem parar afinal ele não foi ofendido. Mesmo com esse insulto eu decido me entregar, é engraçado.

- Ele tem um espírito de humor. – Jackson diz.

Como um último pedaço do peixe para não fazer desfeita.

- Então, você vai ir pescar? – Pergunto.

- Sim. – Jackson responde. – Já deixei nossas coisas no barco, se você quiser podemos ir para lá agora.

Olho fundo em seus olhos. Nos levantamos.

- Sasuke já estamos indo. – Melman acena. – Volto no final do dia com os seus peixes prediletos, espero que a pesca hoje seja boa.

- Claro que será. – Sasuke sorri. – Agora você tem mais um mestre dos mares ao seu lado, será mais fácil que retirar doce de criança.

Mais fácil que retirar doce de criança? Que pessoa horrível faz isso?

Seguimos para fora do restaurante e após paro em frente à janela.

- Tchau papagaio bobalhão. – Digo ao animal que avança na janela.

Caminhamos pelas ruas de Alamânia.

- Parece que as pessoas estão me conhecendo bem nessas regiões. – Comento. – Já até mesmo sabem que eu lhe salvei.

- Desculpe. – Jack olha para mim envergonhado. – Eu contei a Sasuke, mas já tinha se espalhado antes. As famílias que perderam seus entes estão um tanto insatisfeitas porque somente eu voltei.

- Elas deveriam estar felizes. – Digo. – Não importa quem sobreviveu.

Seguimos pela estrada de madeira e os barcos ficam em volta. Jackson pula em um a direita e depois faço o mesmo. Ele é branco, nada muito luxuoso como alguns que tem em volta. Como na pulseira que ele me deu há a marca da âncora na janela. Jack caminha até o controle e logo deixamos a beira.

Adentramos do mar e após Alamânia já começa a ficar distante.

- Na ilha você disse que havia perdido o emprego. – Digo.

- Mas, eu perdi. – Jackson responde. – Trabalhar com Sasuke não mantém nossa família. Antes eu vendia peixes para os demais locais, porém como Alamânia foi crescendo surgiram cada vez mais pescadores e eles preferem aqueles com equipamentos melhores para pesca. Dou graças que ainda Sasuke compra meus peixes.

- É ele parece uma boa pessoa. – Comento. – Mas, você não tentou outro emprego que não seja relacionado com a pesca? Pelo modo que falava para mim sentia que você não gostava muito de pescar.

Jackson então se aproxima de mim, o vento bate em nossas vestimentas e o sol ilumina nossos corpos. A água está calma nesta manhã.

- O barco foi uma das últimas coisas que sobraram dos meus pais. – Ele então me conta. – Ensinaaram eu e minha irmã Telopea a navegarmos desde pequenos. Nossa renda sempre foi da pesca de peixe, quando eles morreram nós herdamos o seu legado. Sinto que ao fazer isso eu mantenho eles vivos.

A sua história é muito bonita.

- Talvez eles só desejam vê-lo feliz. - Exclamo. – Sei que isso mantém a memória deles viva, mas se não lhe faz feliz não deveria continuar. Acredito fielmente que apesar de tudo eles sempre estarão com você. Agora estou longe dos meus pais, porém ainda sinto eles comigo.

O olhar de Jackson então segue para o mar. Do seu casaco ele retira uma foto, consigo perceber que é ele mais jovem ao lado de uma garota. Ela possui longos cabelos preto e a pele morena como a sua, certamente sua irmã.

- Como foi que aconteceu? – O questiono.

- Eles haviam nos deixado em casa. – Jackson responde. – Foram comemorar a data de aniversário do seu casamento. O dia estava muito chuvoso e quando eles retornaram o carro derrapou na pista perto de um barranco. O carro despencou e explodiu com eles dentro.

Seu olhar segue para mim e não consigo dizer nada.

- Eu e minha irmã então tivemos que assumir o controle da família afinal só restavam nós dois. Sobrevivemos juntos um apoiando o outro. Quando minha irmã engravidou pela segunda vez ficou ainda mais difícil, seu namorado a abandonou quando soube da gravidez. Então eles ficaram sob os nossos cuidados. Infelizmente minha irmã morreu quando eles eram pequenos, um assalto no banco de Alamânia. Ela estava na hora e no momento errado.

- Eu não sei o que dizer Jackson. – Sou sincero com ele. – O que eu posso falar somente é que eu sinto muito, mas admiro sua bravura. Mesmo após tantos

acontecimentos ruins ainda está aqui lutando por aqueles que ama.

Seus olhos escuros se enchem em lágrimas. Me aproximo dele e delicadamente limpo suas lágrimas da sua face. Após alguns segundos ficamos em silêncio até que nos aproximamos ainda mais. Sinto sua respiração ofegante. Jackson então avança e eu tenho que colocar a mão na frente.

- Eu não posso fazer isso. – Digo a ele. – Quando nos relacionamos com humanos para vocês é muito mais intenso, pode o levar à loucura.

- Mas, você disse que eu sou diferente. – Ele sorri para mim. – Não sou encantado pelo seu povo. Além disso, tem um “pode” em sua frase o que quer dizer que nem em todos os casos isso ocorre.

- Sim. – Sussuro.

- Então não arrume desculpas. – Jack é direto.

Abaixo minha mão e então me aproximo dele. Deslizo minha mão pela sua nuca e toco os seus lábios. A sensação é indescritível, nunca uma sereia me causou tal sensação. Sinto como se estivesse dentro do mar boiando em águas quentes. O seu sabor é delicado, mas quente. Quando acabamos olho em seus olhos.

- Isso é perigoso. – Exclamo.

- Por isso é tão bom. – Jackson sorri. – Então quer dizer que esse é o beijo das sereias? Por que nunca encontrei com um de vocês antes?

Toco seus lábios mais uma vez e nos beijamos. Ali no mar parece que o tempo passa tão rápido ainda mais na companhia de quem gostamos. Quando já está chegando próximo do meio dia Jackson então se afasta e se concentra na pesca. Ele é um ótimo pescador, os peixes se jogam na rede como se estivessem fazendo isso de proposito o que é estranho.

Seguimos por Alamânia até nos aproximarmos da região onde nós chegamos em terras humanas. A floresta se ergue e logo avisto o barco de Teza. Quando paramos avisto Kylie se aproximando.

- Eu não quero lhe deixar. – Exclamo. – Não agora.

- Eu sei. – Jackson sorri um tanto retraído. – Mas, agora não podemos. Amanhã pela manhã eu venho o visitar. Combinado?

- Pode ser. – Digo. – Afinal para Teza eu não vou voltar.

Me abaixo e pego minhas coisas. Firmo meu tridente e pulo do seu barco. Caminho pela areia e me aproximo de sua amiga.

- Espero que vocês se deem bem. – Jackson acena.

- Sim. – Kylie acena. – Se ele não se comportar eu o afogo no mar.

Nesse momento eu e Jackson rimos. Melman então acena e dá meia volta, logo ele desaparece no mar. Fico refletindo sobre os nossos beijos no barco e o quanto isso foi intenso, não tem como esquecer. Pelos mares o que eu estou fazendo, se meu pai tivesse aqui ele me trancaria em uma cela. Ninfa e Polaris me alertaram sobre isso e no final eles tinham razão.

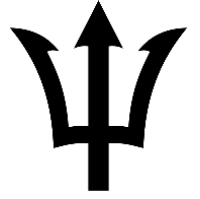
- Vamos entrar. – Raiz fala comigo. – Preparei chá de ervas, você gosta?

- Eu adoraria.

Juntos seguimos para dentro da floresta.

Capítulo 19

Em águas transparentes.



Após tomar o repugnante chá de ervas eu deixo minhas coisas no quarto reservado para a minha estadia. Ele não é muito grande, porém bem aconchegante. A essa hora do dia o sol bate bem em minha janela e a paisagem no lado externo é bela. Alguns pássaros pousam na janela e bebem em um pote pendurado no local. Ao olhar para a criatura eu sinto saudades das nossas em Teza, principalmente dos Seizels e seus instrumentos musicais.

Sigo pelo corredor até estar na cozinha. Em frente a pia está Kylie. Ela amarra uma blusa xadrez na cintura e prende seu longo cabelo em um coque.

- Vai sair? – A questiono.

- Sim. – A humana me responde com um sorriso. – Preciso pegar algumas plantas especiais que acabaram. Elas deixam tudo mais delicioso, a bebida, a comida. Meus pais me ensinaram desde pequena.

- Interessante. – Sussuro.

Se foram as mesmas folhas que estiveram naquele chá horrível que eu acabei de tomar sinto que não vou me dar muito bem em sua moradia. Nesse momento penso nas comidas deliciosas da residência Melman ou do reino.

- Quer vir comigo? – Kylie me questiona. – Adoraria uma companhia.

- Tudo bem! – Aceno. – Não tenho muito o que fazer.

Sigo a mulher para fora da moradia, olho para trás e estranho.

- Está tudo bem. – Raiz acena para mim. – O vizinho mais próximo é a quilômetros daqui, não tem nenhum risco. Só se algum animal entrar na casa, no entanto a maioria deles costumam ser gentis.

- A maioria. – Repito e sorrio. – Bom saber, irei verificar minha cama se no caso de uma serpente querer dormir ao meu lado.

Caminho ao lado dela pelas árvores.

- Não gosta de animais? – Ela pergunta.

- Oh! Claro que gosto. – Respondo. – Não gosto de lobos, eles costumam andar em, mas companhias. Já tive algumas experiências ruins com sua espécie.

Kylie pula por cima de um tronco e se equilibra para não cair.

- Você está se referindo ao lobo normal? – Ela me olha. – Porque você sabe que existem humanos que podem se transformar nesses animais, pelos céus isso pareceria loucura se eu estivesse dizendo há um tempo.

- Sim eu fiquei sabendo deles. – Exclamo. – Mas, me refiro a outros lobos. Com essas pessoas que se transformam eu não tive nenhum contato.

- Dizem que eles vivem em Alcateias nas florestas. – Kylie olha para mim e então ri. – Quando soube sobre eles procurei pela floresta de Alamânia, porém posso dizer que aqui não há nenhuma Alcateia.

- Um lugar normal... – Sou sarcástico. – É bom.

A floresta de Alamânia é bela e bem diversificada. Aqui há uma variação tão grande de árvores e flores, cada uma com o seu tipo de beleza. O terreno não é nada plano. Logo, temos que ficar subindo e descendo. Nem sei mesmo há quanto tempo já saímos de sua casa.

- É muito longe? – Questiono.

- Não. – Kylie diz. – Já estamos chegando.

Ouçó o som da água e então nos aproximamos de um pequeno rio, no mesmo momento me recordo de Teza e nos limites do nosso reino aquele que quebrei para salvar Jackson. É estranho como mesmo tão longe de casa eu ainda consigo encontrar semelhanças, e nunca poderia esquecer do meu lar.

- Não há nenhuma planta venenosa? – Pergunto. – Onde eu morava nós cuidávamos muito com quais plantas mexer.

- Eu entendo. – Kylie balança a cabeça. – Mas, eu sou bem treinada para identificá-las. Meus pais passavam a maior parte do tempo explorando essa floresta, estudando sobre fauna e flora.

- Pareciam pessoas incríveis. – Digo.

- E eram. – Raiz pausa por um momento e sorri para si mesma. – Sim...

Ela adentra em um local que cobre as suas pernas. Não reconheço o que é, mas não me parece muito bom colocar em alimentos ou bebidas. A humana então se abaixa e arranca uma pequena planta. Suas folhas são verdes como a grama. Raiz abre um pote que estava em sua bolsa e vai colocando dentro enquanto prossegue. Apenas fico a observar.

- E seus pais? – Ela então me questiona.

Olho para dentro do rio e avisto minha imagem, os cabelos soltos e uma leve barba crescendo, cada vez mais parecido com Alfred.

- Eu tenho uma relação mais próxima com minha mãe. – Conto a ela. – Desde sempre ela esteve ao meu lado, me dando conselhos, me repreendendo quando era necessário. Meu pai sempre ficou com a repreensão então por isso estivemos mais afastados. No entanto, depois que eu deixei o meu re... – Penso na palavra reino e logo modifico. – Meu lar eu sinto que nossa relação evoluiu. Espero retornar e concertar os anos perdidos.

Kylie olha-me com um sorriso enquanto eu conto a história.

- Sim, você terá essa chance. – Ela diz. – Eu daria tudo para ter meus pais de novo comigo, sinto tanta falta deles.

- Desculpe perguntar. – Exclamo. – Mas, como eles morreram?

- Já faz um bom tempo. – Kylie diz. – Eles foram navegar para muito longe próximos da zona de risco, infelizmente como as águas são violentas o barco virou e eles morreram afogados. Somente fui informada depois, foi um momento que não consigo esquecer. Ainda lembro do homem que entrou em minha casa para me trazer a notícia do falecimento dos dois.

- Sinto muito. – Digo.

Observo ela colhendo mais plantas da natureza. Reflito um pouco sobre o assunto. Seus pais estavam indo para a Zona de risco mesmo sabendo da fama que o nosso lugar tem. Pode haver algo de errado, mas também pode não ser nada demais. No entanto, preciso questionar.

- O que eles faziam naquelas regiões? – Pergunto.

O pote de vidro desprende-se da mão da humana e antes que ele caia no chão eu sou ágil e o pego em minha mão. Volto a minha postura ereta e entrego a ela que me olha um pouco nervosa.

- Desculpe se lhe deixei assim. – Noto o que fiz.

- Não peça desculpas. – Raiz olha fundo nos meus olhos. – É que esse assunto é muito complicado para mim.

- Eu te entendo. – Exclamo. – Não deveria ter insistido.

Kylie balança a cabeça e prossegue pela mata.

Chegamos embaixo de uma árvore que contem frutos alaranjados.

- Graças que você está comigo. – Ela sorri. – Poderia pegar para mim?

- Claro. – Sorrio. – Acho que você me chamou somente por causa disso.

Como sou bem mais alto que ela é só eu levantar meu braço que eu consigo retirar os frutos. Vou tirando um por um e alcançando para ela que vai colocando em sua bolsa, quando já está cheia paro de colher. Kylie fecha sua bolsa e sorri.

- Acho que acabamos. – Ela diz. – Podemos voltar.

- Espere. – Falo. – Tem algo lá.

Não muito longe caminhando entre as árvores há um animal. Ele então para e se vira para nós. A criatura fica em pé nas suas duas pernas e noto que em frente ao seu corpo dentro do que parece ser uma bolsa está outra criatura menor semelhante ao maior, seu filhote.

- Como se chamam? – Pergunto a ela.

- Os chamamos de cangurus. – Raiz responde. – Eles são típicos daqui. Vocês não devem ver nas florestas brasileiras.

Olho para ela e então rio, nem mesmo em Teza, penso.

- Tchau Cangurus. – Aceno para eles.

Seguimos pela estrada que viemos. Agora o sol já nos deixou e sinto que uma chuva está próxima o que não é nada bom.

- Então. – Kylie diz. – Como estão meus afiliados?

- Vitor e Lily? – Digo e ela acena que sim. – Eles estão indo muito bem. Lily é uma garota bem esperta para a sua idade.

- Sim ela é. – A humana concorda. – Muito curiosa também.

Até demais, penso.

- Vitor me pareceu um menino muito inteligente também. – Me lembro do seu aviso para mim. - Acompanhei ele em seu novo trabalho no centro de recuperação e reabilitação. Um lugar um tanto triste.

Fica ainda mais triste quando você sabe a verdade do que sou povo fez.

- Realmente é. – Kylie vira para frente e não sorri mais. – Mas, fico feliz por ele ter conseguido um emprego, vai ajudar muito eles. Jackson estava aflito demais na possibilidade de perder sua casa.

- Mas, não vai. – Quando falo ela vira-se em minha direção. – Nós fomos até o prédio dos Talis e Jaime foi generoso e lhe deu o que foi prometido.

A humana apenas balança a cabeça.

- Bom. – Ela diz.

- Há algo de errado? – Pergunto.

- Eu não gosto muito dessa família. – Kylie é sincera, concordo com isso em relação a Jaime, mas Jonas sinto que ele é diferente. – Sua reputação. Espero que Jackson não volte mais a trabalhar para eles.

- Sim. – Digo. – Nisso nós concordamos.

Tenho minha atenção focada no céu quando as nuvens acinzentadas cobrem a floresta e então os trovoes começam em todos os lugares. Pelos mares sinto os arrepios pelo meu corpo. Olho para a estrada e ainda não conseguimos ver a residência de Raiz.

- Acho que devemos nos apressar. – Digo a ela. – Não posso me molhar.

- Por quê? – Kylie questiona. – A chuva é boa.

- Posso imunidade baixa. – A maior mentira que já inventei, nós sereias em sua maioria possuímos uma resistência muito maior que os humanos.

- É. – Raiz sorri. – Podemos correr.

- Está bem. – Exclamo.

Começamos a correr pela floresta, não posso me apressar muito e então acompanho na mesma velocidade que ela. Para a minha má sorte eu nem mesmo peguei o casaco que Jackson me deu, estou com o meu corpo quase todo descoberto. Penso para aonde fugir, mas não encontro um local.

- Lá está. – Kylie aponta. – Vamos.

Finalmente a casa de madeira surge no meio da floresta, no entanto não há mais tempo. A água da chuva despenca por toda a floresta, sinto as gotas ultrapassarem pelas cachopas das árvores e então atingirem a minha pele. Em questão de segundos meu corpo todo está encharcado. Paro no mesmo instante e deixo Kylie seguir, mas antes que eu possa me esconder ela se vira em minha direção e é nesse momento que tudo desaba.

- Ariel?

Suas expressões mudam e seu olhar segue por todo o meu corpo. Ela passa a mão em seus cabelos limpando a água que escorre pela sua face. A humana então começa a avançar silêncio somente em minha direção. Kylie pega em minha mão e ergue. Em vários pontos da minha pele há uma camada mais luminosa que brilha quando em contato com a água revelando algo semelhante a escamas. Então seus dedos passam da minha mão para o meu rosto, nesse momento a humana me surpreende quando lança um enorme sorriso e não recua.

- Você não é humano. – Ela diz.

- Não. – Exclamo. – Não sente medo?

Kylie recua e então o sorriso se apaga.

- Não. – Sua resposta é firme. – Eles estavam certos, a todo esse tempo eu também pensei que estavam loucos, mas não.

- Não compreendo. – Digo.

- Vamos entrar. – Ela diz.

Fico quase sem reação, mas prossigo com ela para dentro da casa. Kylie fecha a porta e me entrega uma toalha para que eu possa me secar. Sigo para meu quarto e troco minhas roupas por secas. Por um momento fico dentro do ambiente, pois não sei como olhar para a humana depois que ela descobriu a verdade. Pelos mares! O que todos pensariam, mais um humano que sabe da nossa existência por minha causa.

Quando tomo coragem sigo para a sala onde Kylie está. O fogo dentro da lareira é acendido e lá fora o vento continua a aumentar assim como a chuva que cai sem parar. Sigo até o pequeno sofá e me sento em frente a ela. A humana então serve duas xicaras de café. Apenas aceno e tomo um gole da bebida que me desperta ainda mais, um bom sabor.

- Acredito que você queira explicações. – Sou o primeiro a falar. – Porém, não sei se devo lhe contar. Posso lhe colocar em risco depois de saber de tudo.

Kylie pousa a xicara em cima da mesa e me encara.

- Você é uma sereia. – No mesmo momento que ela fala eu paraliso com o meu olhar preso no seu. – Não precisa temer, não contarei a ninguém. Suponho que Jackson também saiba.

- Sim. – Digo. – Ele já sabe, mas a pergunta é, como você sabe?

De cima da mesa Kylie pega um livro e leva para o seu colo. Sua capa é marrom e possui o sobrenome “Raiz” em sua frente. Também vejo a assinatura dos membros da família. Deve ser algo muito importante para eles.

- Meus pais. – Raiz então diz. – Eles sempre foram abertos as coisas do mundo mesmo antes de bruxas ou lobos se revelarem. Sempre creram que nesse mundo existia criaturas além dos humanos. Nesse livro eles escreviam tudo o que pensavam que existia, mas ia além disso. Relatavam suas experiências. Quando eu era pequena sempre observava, mas antes de morrerem naquela viagem pelo mar eles me deixaram o livro.

Observo o livro em suas mãos, ela então me entrega. Pego com cuidado o livro e então abro. Vejo que dentro tudo foi escrito a mão e ao passar as páginas dá

para ver a diferença de duas letras, uma do senhor e outra da senhora Raiz. Há também algumas ilustrações. Não é muito grande.

- Eles queriam me deixar um presente. – Kylie sorri. – Além de suas perspectivas sobre o mundo eles contavam coisas importantes que aconteceram comigo, como quando eu falei pela primeira vez ou quando eu andei.

- É um bonito gesto. – Então sorrio para ela. – Mas, ainda não compreendo como isso tem a ver comigo.

- Página cem. – Kylie exclama.

Viro as páginas com cuidado afinal algumas delas já estão gastas. Quando chego na página cem então tenho uma leve tontura. Observo a figura ilustrada ao lado. A pintura retrata a praia bem próxima dessa residência por onde cheguei. De dentro do mar saem duas sereias do meu povo. Consigo perceber pela pintura mais iluminada em sua face e algumas partes revelando escamas. O título da página é “Os nossos amigos do mar”

- Meu povo. – Digo a ela.

- Eles escreveram sobre um encontro com pessoas que não eram humanas e que em um dia surgiram do mar. – Kylie diz. – Eles avistaram tais seres nessa mesma praia em que moramos. Minha mãe disse que logo no começo viram que eles não eram como nós. No primeiro momento eles se revelaram para as criaturas e falaram que estava tudo bem.

“As criaturas ficaram surpreendidas tanto quanto nós. ” – Leio. – “É claro, que outro humano sairia da floresta sorrindo um para o outro e comemorando por estarmos certos que nesse mundo não estamos só? Obviamente eles também foram atraídos por nós. ”

- As sereias deveriam ter encantado seus pais. – Digo a ela. – Está em nossas regras isso, nenhum humano pode saber da verdade.

- Porém, não foi o que essas fizeram. – Kylie exclama. – Meus pais revelam que eles convidaram essas criaturas para conhecer a nossa casa, nesse momento eu nem mesmo era nascida.

“No primeiro momento eles ficaram com receio se deveriam aceitar nossa estadia, mas após uma conversa as sereias então cederam. ” – Continuo a ler, cada vez mais surpreso. – “Tomamos chá com os dois, minha esposa fez bolinhos de chuva para eles o que o novo povo apreciou muito. Aos poucos fomos descobrindo que eles não eram muito diferentes de nós. O que era para ser uma breve conversa se transformou em uma amizade, trocamos informações sobre o nosso mundo e

eles contavam o que poderiam do seu reino. As sereias aprenderam a confiar em nós e ficamos tão gratos por essa experiência. ”

- Isso é muito mais que incomum. – Exclamo. – Deveriam ser alguns guerreiros da Tropa Sapien. Mas, no nosso reino nunca ficamos sabendo sobre isso, nem mesmo creio que o Rei soube de tal história se não as sereias seriam punidas. Fico feliz por não terem descoberto. – Sorrio e ela corresponde.

“Infelizmente nossos amigos estão voltando para casa. ” – As últimas palavras do livro. – “Foi uma experiência única e que jamais esqueceremos. Esperamos que um dia possamos contar para mais alguém, no entanto prometemos a eles que não faríamos isso. Talvez quando tivermos nossos filhos eles possam saber que não estamos sós nesse mundo. ”

Fecho o livro e então pouse na mesa.

- Seus pais foram incríveis. – Exclamo. – Jamais outra sereia iria ceder dessa forma se não vissem que seus pais tinham algo a mais em suas almas. Mais uma história que descubro em seu mundo, no final vou ter que agradecer por estar aqui, sem isso jamais saberia sobre isso.

Kylie sorri de canto.

- No primeiro momento que eu peguei o livro após a morte deles e enfim cheguei nas últimas páginas eu pensei que eles estavam loucos. – Ela diz. – Todos na escola falavam que meus pais eram loucos e então depois disso eu passei a acreditar neles, mas agora tudo mudou... eles sempre foram especiais.

- Sim. – Concordo. – Muito especiais.

- Se sua ilha fica nessa zona de risco. – Ela olha para a lareira. – E meus pais estavam indo para lá. – Seu olhar pousa no meu. – Eles então estavam tentando reencontrar seus antigos amigos. Por isso morreram.

Reflito se eles realmente encontraram a ilha, se fosse pelo nosso lado da ilha eles seriam devolvidos, mas se chegaram pelo lado Sudeste então o seu destino foi a morte. Seria difícil dizer isso a ela então oculto essa história. As sereias amigas de seus pais só lhe contaram o que poderiam e eu creio que quase nada tenha sido revelado.

- Talvez... – Digo a ela. – Mas, ficar alimentando esses pensamentos não é bom. Apenas lembre-se de como eles eram com você.

Raiz coloca as mãos embaixo do queixo e sorri.

- Tem razão. – Ela diz. – Então, como você conheceu Jackson?

Nesse momento me escoro na cadeira e rio.

- É um tanto complicado. – Sorrio enquanto me lembro. – Mas, eu estava salvando ele de uma parte do nosso reino que não é nada boa.

- Os outros. – Kylie me encara. – Foram mortos pelo seu povo?

Sinto um certo aperto ao tocar no assunto.

- Nós somos sereias. – Respondo. – Porém, vivemos em reinos diferentes e com ideologias distintas. Mas, eles foram mortos sim pelo meu povo que vive do outro lado da ilha.

- Por quê? – Ela questiona ainda mais.

- Nenhum humano pode saber sobre nós. No nosso lado da ilha nós devolvemos as pessoas ao seu mundo, já no outro eles as eliminam. – Digo a ela e dessa vez decido não omitir, ela merece a verdade. – Mas, pelo que eu estou descobrindo eles já sabiam da nossa existência.

- Bruxos, Lobos e agora Sereias. – Kylie balança a cabeça. – Realmente o mundo é muito estranho. Mas, eu gosto dessa diversidade. Eu gostaria de ser uma criatura diferente, não apenas uma humana.

- Mas, todos somos diferentes e especiais da sua maneira. – Digo. – Só temos que descobrir isso dentro de nós. Eu não me sinto superior a vocês por ser uma sereia, afinal todos dividimos esse mundo.

- Se tivessem mais humanos como você o mundo seria melhor. – Ela diz.

- E se tivessem mais sereias como os seus pais nós estaríamos melhor.

No dia chuvoso acompanhado de uma xicara de café conversamos um com o outro. No final disso tudo a minha mudança para cá foi feliz. Quando eu imaginaria que os pais de Raiz já soubessem de nós? Ou que ela fosse me descobrir por causa de uma grande chuva. Quanto mais próximo eu fico deles mais eu desejo ficar, há tanto nesse mundo que eu posso descobrir. Serafim tentou me jogar dentro das águas mais escuras do oceano, porém me imergiu nas águas mais claras.

CAPÍTULO ESPECIAL - Nífa Aendai

A queda da Dinastia.



Já faz alguns dias que Ariel se foi. Por mais que nós iremos embarcar em breve a saudade que tenho dele é inevitável e vejo isso também no rosto de muitas outras sereias de Teza. Ariel, era um bom príncipe adorado entre a maioria, mas para mim, e para meu irmão ele era como alguém da nossa família. Todo dia nos encontrávamos seja para ir ao lago ou para treinar. Tentamos fazer isso sem ele, entretanto não é igual, sempre falta a sua presença ali.

Visto o meu longo vestido preto e por cima tranço o pano azul que Ariel me presenteou há alguns anos, mas que nunca usei, porém hoje é ocasião. Ele disse que lembrava a cor dos meus olhos. Com cuidado coloco meus braceletes e por fim penteio meus cabelos curtos.

- Você está bem ajeitadinha.

Pelo espelho eu vejo Polaris parado ali na porta. Redireciono meu corpo em sua direção, como sempre ele cruza seus braços e lança o seu sorriso sarcástico. Me lembro desde pequena quando ele aprontava algo e após jogava a culpa em minhas costas, após tinha o prazer de vir sorrir em meu quarto.

- Obrigada, irmão. – Pronuncio. – Você também não está nada ruim.

- Faço o que posso. – Polaris diz.

Ao seu lado caminhamos em direção a nossa sala. Em frente a lareira está minha mãe e meu pai. Os dois um ao lado do outro, mesmo após tantos anos eu ainda vejo o amor entre eles. Desejo um dia poder encontrar o meu e que ele seja tão belo quanto os dos Aendai.

- Vocês estão incríveis. – Ao falar minha mãe leva a mão na boca para conter a tosse, após ela sorri para nós. – Meus filhos! Eu tenho muito orgulho de vocês, espero que essa expedição faça vocês crescerem ainda mais.

Me aproximo dela e me sento a sua frente, com cuidado toco em sua pele que a cada dia está mais frágil. Mesmo com tamanha preocupação por deixá-la no reino eu decido que não deixarei isso transparecer. Seria horrível deixá-la ainda mais preocupada com essa viagem.

- Obrigada por nos deixarem ir. – Pronuncio.

- Não tem motivos para nos agradecer, filha. – Meu pai fala de sua forma suave, a mesma forma que cantava as canções quando éramos pequenos. – Essa é uma oportunidade única, espero que fiquem bem!

- Nós iremos. – Polaris pousa as mãos na cintura e sorri. – Sabe, Ninfa estando comigo é como se ela estivesse com os deuses.

Então rimos uns com os outros.

Me viro e pouso meu olhar neles.

- Queria que vocês fossem a nossa despedida. – Profiro. – O Rei e a Rainha convidaram vocês para comparecer ao castelo.

- Diga a eles que somos muito gratos. – Minha mãe fala. – Porém, nossa despedida já é aqui filha. Mas, logo nos veremos em breve. Um ano passa muito mais rápido que nós vemos.

- Compreendo. – Aceno para eles.

No final dou um beijo e um abraço em cada um deles. Levanto-me e antes de deixar nossa residência olho para os dois abraçados em frente a lareira. Minha mãe com a cabeça pousada no ombro de meu pai. Não entendo, mas eu sinto um aperto em meu coração, talvez porque seja a nossa primeira viagem com um longo tempo. Deve ser normal, entretanto nos veremos em breve. Apenas sorrio para eles uma última vez antes de fechar a porta.

- Você pensou que isso seria tão difícil? – Indago.

- Difícil? – Polaris ri e então eu bato em seu ombro. – Sim, claro que é difícil. Porém, nós também temos nossa vida para seguir. Além do mais não é um tempo tão grande assim. Pense nas aventuras.

- Sim, grandes aventuras. – Olho para ele. – Lembre-se que nosso amigo está em terras humanas. Creio que essas aventuras serão muito perigosas, não sei o porquê, mas estou com um péssimo pressentimento.

- Deixe de bobagem.

Polaris como sempre nem se preocupa, apenas pensa em todas as diversões que a Terra pode oferecer. Eu não, já li bastante sobre aquele lugar e os perigos que podem ter para seres como nós. Hoje eles possuem armamentos que poderiam nos matar com facilidade. É ruim estar pensando sobre isso, porém não devemos ignorar o perigo. Quem o faz é tolo!

Monto em meu cavalo e seguimos pelas estradas do reino. Agora mais do que nunca Teza está movimentada. Depois que aquela tragédia aconteceu com

Ariel estamos em alerta. Ainda mais depois que Serafim descobriu que Jackson havia sumido do seu reino, supostamente ele suspeitou de nós e com razão. Os soldados ficam vigiando no ponto mais alto dos morros. Alguns também andam montados em seus cavalos no solo a observar todos que se aproximam.

- Não acha que é demais? – Polaris me questiona.

- Demais? – Olho firme para ele. – Serafim armou contra o nosso amigo para expulsá-lo do reino, sabe-se lá o que aquele rei louco pretende mais.

- Tem razão. – Meu irmão sussurra. – Mas, ele seria estúpido de atacar nosso reino. Nós temos os melhores guerreiros.

Olho para trás e avisto os soldados com suas armas. No céu então começa a trovejar anunciando que a chuva está chegando.

- A verdade é que não temos essa certeza. – Sou franca. – Apenas acreditamos nisso, mas pelo que vimos em seu reino eles também evoluíram. Se uma guerra eclodisse como creio que já aconteceu nós não sabemos o resultado.

- Pelos titãs! – Polaris vira para a frente e arqueia as sobrancelhas. – Você soa tão pessimista. Que tal falarmos do vinho que vamos beber esta noite.

- Sim. – Sorrio para ele. – Esse é um assunto muito importante.

Cavalgamos e passamos pela estrada principal. Há tochas acesas por todas as partes, nesta noite elas estão em maior quantidade. Chegamos em frente as portas do castelo. Descemos dos nossos cavalos e eles são levados pelos soldados. Desde que fomos eleitos guerreiros da Tropa Sapien o tratamento deles tem sido melhor conosco, até me sinto alguém da família real.

Passamos e adentramos no castelo. O salão principal está todo iluminado, nem parece aquele local triste de alguns dias atrás. O rei e a rainha ficaram extremamente abalados pela perda do seu único filho, mas desde então eles não se cansaram de procurar algo para inocentar Ariel, como todos nós eles falharam. Serafim foi extremamente cuidadoso com isso. Mas, o que sabemos é que alguém do nosso reino traiu e envenenou Ariel.

Sabrina começa a caminhar em nossa direção. Seu curto vestido violeta como a cor dos seus olhos, balança como ela anda. A guerreira passa a mão pelos seus longos cabelos loiros e sorri para nós.

- Fico contente em vê-los nesta noite. – Sabrina exclama.

- O prazer é todo nosso. – Meu irmão sorri para ela de uma forma tão estúpida, a verdade é que Polaris sempre teve uma queda pela guerreira e foi com uma das únicas que ele não conseguiu nada.

Apenas pego uma taça e lanço um falso sorriso para ela.

- Alfred é um ótimo rei. – Sua voz soa como jogadas de facas. – Jamais outro deixaria guerreiros que foram responsáveis pela expulsão do seu filho participar da Tropa Sapien. Somente Sereias dignas devem compor a tropa.

As coisas já estão ruins e Sabrina faz questão de piorar.

- Se somente Sereias dignas podem compor o que você faz aqui? – Não costumo ser grosseira, mas há pessoas que merecem. – Sim, todos falham. Mas, não se esqueça que nós somos os melhores desse reino assim como você. Mas, ao contrário de você nós não estamos sozinhos.

Pego na mão do meu irmão e passo por Sabrina que lança um olhar furioso para nós, mas logo sorri para cumprimentar os outros soldados.

- Essa Ninfa deveria aparecer mais. – Polaris ri. – Sabrina, é um monstro dos mares, mas infelizmente é tão atraente. Isso não é justo!

- Os demônios mais perigosos são os mais belos. – Comento.

- Isso foi bem sombrio. – Meu irmão sussurra. – Gostei.

O salão sem demora está quase cheio. A Assembleia de Teza ocupa o local, as pessoas mais influentes do reino que discutem os assuntos primordiais. Eles possuem sua autoridade, mas não tanto quanto o rei. Às vezes penso que isso é um tanto injusto afinal muitos não costumam escutar suas vozes. Como Ariel primeiro que matou toda a assembleia, pois eles queriam a punição da sua esposa que havia matado uma sereia do nosso reino por ciúmes do mesmo. A mulher era a primeira paixão do homem, ele nunca havia navegado em águas do amor e isso o prendeu no fundo do oceano. Ariel I não aceitou a decisão de julgá-la e assassinou toda a assembleia. O Rei enlouqueceu e após foi destituído do trono e outro Dramir assumiu a coroa, seu filho Otávio. Otávio Augusto sim foi um grande rei e reconstruiu a Assembleia dando mais direitos ao nosso povo, iniciando uma era de paz logo após tamanha tragédia.

Alfred se posiciona em frente ao trono e exclama:

- Sejam todos bem-vindos ao palácio. Mesmo após tantas tragédias nós precisamos comemorar esse momento. Todos os guerreiros que foram escolhidos merecem estar aqui e logo partirão em uma viagem que não é fácil e por isso escolhemos os melhores.

Nos alinhamos ao lado de Sabrina, Hugo e Délia.

- Que vocês possam desembarcar em Terras humanas e tenham uma experiência inesquecível, e que retornem com boas novas ao nosso povo.

O rei levanta sua taça assim como nós. Olho para o vinho dentro da taça e não decido beber. Sempre pensei que nesse momento Ariel estaria ao nosso lado. Não acredito que iremos trazer boas novas, creio que será o contrário. O mundo humano é um desastre e somente piora com o tempo, embora eles insistem em acreditar que estão evoluindo.

Pouso meu copo em cima da mesa e me sento no banco mais próximo. Observo do outro lado Cristal a mãe de Ariel. Somente de ver o seu olhar eu já vejo tamanha tristeza, os dois possuíam uma ligação forte como tenho com meus pais. Imagino a dor que ela está sentindo, se já para mim já é difícil para ela deve ser devastador. Só espero que tudo se resolva.

- Não vai beber?

Hugo senta-se ao meu lado. De perto sua marca de nascença é ainda mais bela. É como galhos com folhas que começam acima da sobrancelha e seguem ao lado do olho. Seus cabelos são amarelos e cacheados.

- Não estou muito animada. – Sou franca com ele.

- Oh! – Hugo entorta sua boca de um jeito engraçado que me faz rir e acredito que isso seja proposital. – Nem mesmo um gole?

Quando ele vai passar a taça para mim ela tomba em cima da mesa derramando todo o vinho, me afasto antes que caia em meu vestido. A sereia coloca as mãos na cabeça e olha para mim assustado.

- Sinto muito. – Hugo profere.

- Não foi nada demais. – Tento passar confiança. – Isso acontece com todos, meu amigo. Espere que eu vou dar um jeito.

Para a nossa sorte há um pano perto das bacias, pego ele e com cuidado limpo o líquido derramado. Logo, tudo está limpo novamente.

- Viu? – Sorrio para ele. – Não é nada demais.

- Obrigado! – Seu rosto cora na região das suas bochechas. – Eu sou um tanto desastrado, você deve saber. Todos falam sobre isso.

- Eles falam mais da sua inteligência.

Ele olha para mim e então esbanja um grande sorriso, fico bem por deixar sereias assim. Eu conheço Hugo há um bom tempo, ele gosta muito de passar o seu tempo na floresta estudando as plantas e os animais. Seus estudos nos ajudaram muito a compreender as coisas. Por mais que ele passe tanto tempo em um lugar que eu habito ainda assim não possuímos uma conexão tão grande e ao olhar para ele agora me pergunto o porquê. Hugo é uma excelente Sereia.

Levanto-me ao presenciar uma cena estranha acontecendo com meu irmão do outro lado do salão. Polaris está com o outro guerreiro da Tropa Sapien, Délio. Deixo Hugo ali na mesa e sigo para o canto onde escorado em um pilar está Délio.

- O que está acontecendo? – Indago.

- Délio não está bem. – Polaris fala. – Penso que devemos levar ele para os nossos curandeiros. Pode haver algo de errado.

Me viro para o lado no mesmo momento em que um membro da Assembleia dessaba no chão, logo muitas Sereias vêm socorrê-lo até mesmo o Rei. Nesse instante começo a ver que há algo de errado. Lá fora para piorar ainda mais a tensão uma forte chuva cai em Teza, raios e trovões.

- O que aconteceu? – Alfred questiona o homem caído no chão.

- Não sei. – O homem da Assembleia responde. – Me senti um pouco zozzo e meu corpo tombou no chão, não estou me sentindo bem. Talvez seja algo que nós comemos, provavelmente.

Me afasto deles e tenho uma visão ampla do local. Tudo piora quando a minha frente uma mulher da Assembleia tomba no chão. A taça que estava em sua mão rola pelo solo até parar em meus pés.

- Pelos titãs! – A Rainha então vê o acontecido. – O que está acontecendo?

Me abaixo e pego a taça com cuidado. Observo dentro dela e então passo o meu dedo dentro onde havia o vinho. Sinto algo escamoso e pegajoso grudado ali. Nesse momento eu não tenho mais dúvidas.

- Veneno. – Profiro e todos no salão me escutam. – Colocaram veneno nas bebidas, não bebam mais do vinho.

Ao meu lado um soldado joga a taça para o canto da mesa. O Rei então levanta-se e caminha em minha direção. Seu olhar demonstra o quanto ele está tenso, mas mais que isso, furioso.

- Pode ser o mesmo que usaram contra Ariel? – Alfred me questiona.

- Sim, meu Rei. – O respondo. – Alguém está nos traindo.

Outras pessoas começam a tombar no salão. Assim sendo, os soldados do reino já adentram no salão tentando ajudar os afetados pelo veneno. Espero que seja mesmo o que foi usado em Ariel e não um que possa ser letal para nosso povo.

- A Assembleia. – Alfred fala para a sua esposa. – Eles sabiam que nós estávamos no palácio, sabiam que as Sereias mais importantes estariam nesse salão. Precisamos emitir um alerta a todo o nosso povo.

- Pelos mares! – Cristal lamenta. – Espero que eles fiquem bem.

Ao meu lado meu irmão se escorra em mim, só pelo seu olhar eu já sei que ele bebeu do vinho envenenado. Passo a mão pela sua face que transpira muito, até mesmo já vejo sua pele um pouco abatida.

- Polaris. – Profiro. – Se mantenha firme.

Os pelos do meu corpo arrepiam quando o som da Trombeta de guerra ecoa por todo o reino. Os sons dos soldados lá fora eclodem, os gritos dos moradores. Nesse momento os soldados adentram no palácio eufóricos.

- Estão atacando o reino. – Um deles fala. – Os Odini.

- Merda. – Meu irmão sussurra no meu ouvido.

O Rei de repente tomba e se escora em sua esposa.

- Tranquem o palácio. – Alfred ordena. – E levem em segurança a Tropa Sapien até a saída do reino, essa é a nossa prioridade.

Após sua fala Alfred tomba no chão e os soldados se aproximam para socorrê-lo. Tudo acontece tão rápido que fico zonza. As portas do palácio são trancadas, as sereias começam a ser levadas pelos curandeiros. Seguro meu irmão com força enquanto espero as próximas ordens.

- Levem os membros da Assembleia para a ala médica e protejam o local com todas as forças. – A Rainha ordena. – Outros sigam comigo para levar os nossos guerreiros até a saída do reino.

Cristal manuseia uma espada e segue pelo corredor ao lado. Passo o braço do meu irmão no meu ombro e então começo a caminhar o mais rápido que eu posso. Tudo só piora com o som da guerra lá fora. Penso nos meus pais em como eles devem estar, nos meus outros companheiros lutando enquanto nós estamos fugindo da batalha. Isso é horrível, mas significa sobrevivência. Se Alfred deu essa última ordem então ele viu uma salvação para nós.

- Nossos pais. – Polaris sussurra e tosse.

- Eles ficarão bem. – Contenho minhas lágrimas. – Apenas fique firme.

Seguimos por um corredor escuro. Ao meu lado um soldado passa ajudando Hugo e Délio a seguirem. Quando o meu irmão tomba Sabrina surge do outro lado e por mais que tenhamos nossas desavenças quando estamos em guerra somos um único povo. Assim ela me ajuda a conduzi-lo.

Adentramos em uma sala escura e começamos a descer pelas escadas. É difícil quando você está carregando alguém doente. Quase toda a nossa tropa foi

afetada. Pelos mares eu não bebi daquele vinho, eu mesmo já estava sentindo que algo ruim viria a acontecer e realmente aconteceu.

- Pelos titãs! – A nossa frente Cristal exclama.

Paramos e observamos pela janela do castelo. Lá fora há um cenário atormentador como eu nunca havia visto, apenas por livros. As sereias dos dois reinos batalham umas contra as outras. O fogo se espalha em muitos cantos do nosso reino, mas logo é contido pela chuva. As casas nos morros estão sendo queimadas pelo fogo dos titãs. Creio que a nossa tropa não irá resistir por muito tempo.

- Vamos. – A Rainha ordena. – Precisamos sair o quanto antes.

Por mais que seja difícil ignorar eu assim faço. Rapidamente nos saímos por uma porta que eu nem mesmo tinha conhecimento que existia. Olho para o lado e lá está o mar e algumas das nossas embarcações na água. Sinto as gotas pingarem em minha pele e isso só vai piorar o estado dos nossos afetados. Mas, tudo se torna mais difícil quando guerreiros do Sudeste surgem a nossa frente.

- Onde vocês vão? – Ele fala enquanto manuseia a espada. – Seu reino caiu, todos vocês serão nossos servos a partir de hoje.

- Nunca. – Cristal soa incrivelmente poderosa, ela vira-se e pousa seu olhar no meu. – Vão, encontrem meu filho.

Alguns soldados caminham junto dela enquanto outros nos guiam para descer o morro. Deslizamos pela estrada e logo caímos na areia. Observo lá em cima os soldados lutando ao lado da Rainha, Cristal é extremamente forte. Ela acaba facilmente com os guerreiros que ali estão, mesmo ferida no braço ela continua a lutar.

O soldado a nossa frente é atacado e jogado na areia. Um lobo gigante do Sudeste põe suas patas em seu peito e antes que ele possa reagir arranca a sua cabeça. Eu nunca presenciei algo tão horrível quanto isso. Outros deles começam a invadir a areia em busca de sangue.

- Maldição. – Sabrina esbraveja.

Ela desvia pelo chão e pega a espada de um soldado morto. Quando um lobo salta em sua direção Sabrina gira sua espada e corta o pescoço do animal, outro ela acerta bem na região da sua cabeça. O animal desliza pela areia e para em seus pés. A guerreira sorri satisfeita.

- Polaris. – Solto um grito imediato.

Empurro ele para o lado e um lobo pula em meu peito. Ver o rosto do animal tão próximo do meu é assustador, aqueles dentes afiados como uma faca e os olhos sanguinários me fitando. Para a minha sorte eu nunca ando desprevenida. Rapidamente puxo a faca do meu cinto e antes que ele possa me morder eu acerto em seu olho direito, o animal sente a dor e tomba. Levanto-me e mesmo que eu tenha paixão pelos animais não êxito e cravo em seu pescoço.

- Vocês precisam sair. – Um soldado grita para nós. – Mais deles estão chegando, sejam rápidos.

Observo no morro acima mais guerreiros chegando, nem mesmo fazia ideia que eles eram tão numerosos assim. Talvez nós tenhamos subestimados eles que encontraram o momento ideal para nos atacar.

- Vamos Polaris.

Me abaixo e com a ajuda de Sabrina levanto o meu irmão. Os outros soldados nos ajudam e assim conseguimos adentrar na embarcação. Rolo o corpo do meu irmão para o lado que fica quase imóvel. Ao seu lado Hugo e Délio também estão em uma situação crítica.

Observo os soldados empurrando nossa embarcação para dentro da água, de repente uma flecha ultrapassa o peito de um que é coberto pela água do mar. Me abaixo quando uma flecha atinge nossa embarcação. A chuva atinge o nosso corpo, minha visão começa a ficar embaçada.

- Pelos titãs! – Sabrina levanta-se e exclama.

Me viro e então faço o mesmo. Ao longe a Ilha de Teza queima nas chamas mais ardentes dos titãs, outras são levadas pela chuva. O nosso reino que era tão belo agora está coberto pela destruição. Serafim conseguiu o que ele almejava. Baniu o príncipe para fora de Teza, derrubou a Assembleia, venceu sobre os corpos do nosso povo. Nosso reino desmoronou!

Capítulo 20

A verdade que vos liberta.



Quando a manhã chega eu me levanto. O sol bate na janela como se a chuva no dia anterior nem tivesse ocorrido. Visto uma regata azul e após sigo para a cozinha. Ali em cima da mesa a humana já preparou o café da manhã. Me sento na cadeira e devoro o que eles chamam de torrada e a bebida quente está deliciosa. Por um momento me esqueço daquele chá detestável que tomei.

É muito agradável estar em um lugar e sendo recebido assim tão bem. Para retribuir a sua hospitalidade eu limpo tudo aquilo que sujei, penso que é justo. No castelo eu não fazia isso, apenas ficava concentrado nos treinos e estudo. Mas, ao fazer tal ação vejo que isso não muda em nada, apenas acrescenta mais na minha vida. Sou um príncipe, mas ainda sou como qualquer outro.

Sigo para fora da moradia e lá na varanda sentada está Kylie, ela nem mesmo nota a minha presença. Está focada lendo o livro dos seus pais, por um momento fico ali a observar o seu sorriso enquanto lê. Penso como deve ter sido difícil imaginar que seus pais eram loucos quando na verdade eram extremamente sábios e lúcidos.

Kylie então fecha o livro e pousa na mesa a frente.

- Você está aí. – Ela olha para mim e leva um pequeno susto.

- Desculpe. – Me aproximo. – Não queria lhe assustar.

- Não foi nada. – Raiz passa a mão em seu cabelo e sorri. – Apenas estava concentrada, relendo muitas partes sobre o que eles escreveram sobre vocês.

Me sento ao lado no banco.

- Pelo que você me revelou ontem eu não consigo imaginar o seu povo como alguém ruim. – Kylie olha para mim e fala. – Meus pais escreveram tão bem sobre as Sereias que eram suas amigas.

- Com certeza elas não eram ruins. – Digo. – Mas, acredite em mim. Há muita escuridão em Teza. Tanto do nosso lado quanto dos Odini, mas ainda as sereias boas são a maioria. Como meus amigos Polaris e Ninfa que devem chegar dentro de alguns dias nesse reino.

- Isso é interessante. – Ela puxa seu chalé e se cobre. – Provavelmente eles irão tentar lhe encontrar, mesmo com a missão.

Me viro para frente e observo a floresta.

- Sim. – Exclamo. – Eles tentarão me encontrar, mas não sei se estou preparado para isso. Já senti como se algo ruim tivesse acontecendo? Um pressentimento sobre aqueles que você ama.

Olho para ela que se mantém séria.

- Sim. – Kylie me responde. – No dia da morte dos meus pais. Me lembro de estar deitada na cama dormindo quando senti algo me sufocar, levantei sem saber o que era, pensei que era apenas um pesadelo. No entanto, logo fui descobrir que eles haviam morrido. Então, sim. Eu acredito em pressentimentos.

Cruzo meus braços e reflito sobre o que pode estar acontecendo. Será que uma guerra eclodiu? Pelo olhar dos meus pais eu senti a fúria vindo deles. Eu sou seu único filho, aquele destinado a coroa. Agora isso passará para Viseris, pelos titãs se isso acontecer ele será o pior rei da nossa história e nós já tivemos muitos líderes ruins. No entanto, creio que meu primo será pior.

- Jackson vem hoje? – Questiono ela.

- Sim. – Kylie responde com um sorriso. – Ele me ligou quando você estava dormindo, como é dia que hoje não se trabalha ele e meus afilhados irão vir nos visitar. Creio que chegarão em breve.

- Ele ficará surpreso quando souber que você já sabe. – Rio.

- Eu sempre descubro coisas sobre pessoas que Jackson se envolve, querendo ele ou não. – Ela sorri com o canto da boca.

- Como o que? – A humana desperta minha curiosidade.

Kylie se vira em minha direção e se escorra no banco.

- Uma vez ele se envolveu com um garoto na escola. – Ela diz. – Por mais que ele falasse que o menino era uma boa pessoa eu sentia que tinha algo ruim nele. Então eu segui esse garoto, isso pode parecer um pouco maluco, porém eu considero Jackson como irmão e não quero que nada ruim aconteça com ele.

- O que você descobriu? – Pergunto.

- O menino vendia drogas na escola. – Kylie responde. – Para menores de idade. – Ela balança a cabeça. – Então eu entreguei ele para Melman que no mesmo dia pôs fim ao relacionamento dos dois e sabe o que o garoto fez? Disse que só estava com ele porque queria apenas você sabe o que....

- Pelos mares! – Digo. – Você é uma boa amiga.

- Sim. – Raiz concorda. – Por isso eu sabia que quando você entrou em minha casa que havia algo de errado em você, mas senti nada ruim. Apenas sabia que havia algo escondido, no final você é apenas uma sereia.

Rimos juntos.

- Isso é bem louco! – Exclamo.

Seu olhar pousa no meu em silêncio.

- Então eu preciso te perguntar. – Ela diz. – O que você sente por ele?

Nesse momento passo a mão no pescoço e sorrio.

- Eu não sei. – Respondo seu questionamento. – Só sei que é algo que eu nunca senti antes por nenhuma outra sereia. Quando estou com ele tudo parece mais calmo, mesmo que não esteja. Jackson é incrível, talvez uma das melhores criaturas que eu já conheci.

- Amor. – A humana cita a palavra com um sorriso.

- Talvez. – Digo. – Mas, eu sinto medo disso. – Sou sincero. – O nosso amor é algo arriscado, meu povo não costuma reagir bem a relacionamentos entre espécies. Sei que isso é ridículo, porém é o pensamento deles. Tenho medo de aprofundar essa relação e que isso coloque a vida dele em risco. Além disso, chegará um momento em que eu terei que voltar ao meu lar.

Kylie cruza os braços e me olha.

- Isso é mais que complicado. – Ela diz. – Porém, eu sinto que esse sentimento de vocês dois é recíproco. Por mais que eu pense que isso seja arriscado para Jackson eu sei que se você o ignorar isso será pior para ele. Tentem viver esse momento que você está aqui com a maior intensidade, depois vocês veem o que irão fazer. É melhor viver esse amor do que depois pensar como teria sido se vocês tivessem vivido.

Nesse instante esbanjo meu melhor sorriso.

- Agora entendo o porquê de Jackson ser seu amigo. – Exclamo. – Obrigado pelos conselhos, certamente eu irei segui-los.

- Eu sou boa em dar conselhos. – Kylie ri, um pouco tensa. – Mas, a minha vida amorosa é uma tragédia. Meu relacionamento mais duradouro foi de uma semana. – Rio, mas me controlo. – Sim, é trágico. Mas, quer saber? Eu nunca precisei de um amor. Se acontecer bom, se não bom também.

Sua forma de pensar é engraçada, mas boa.

- Quem sabe eu lhe apresente meu amigo Polaris. – Digo a ela. – Posso dizer com toda certeza que ele é um sedutor.

- Uma sereia. – Kylie sorri. – O sexo deve ser diferente.

Olho para ela e então rimos.

- Isso eu ainda não sei. – Sussuro.

- Ainda. – Raiz pisca para mim.

Ouvimos então o barulho de uma embarcação.

- São eles. – Kylie fala.

Ouçõ a voz dos três e logo avisto eles. Jackson carrega duas sacolas, Lily segue na frente e ao lado Vitor carregando um Skate.

- Meus afiliados. – Raiz solta um grito.

A humana corre e abraça Lily. Levanta ela para cima e a leva para seus braços. A garota sorri para ela.

- Kylie. – Lily diz. – Quanto tempo, madrinha.

- Quanto tempo digo eu. – Raiz coloca ela no chão. – Estão tão ocupados que não podem vir me visitar? Anotei seus nomes na minha lista.

Então a humana abraça Vitor que já é um pouco mais envergonhado.

- Por que você trouxe Skate? – Kylie ri. – Por acaso pretende surfar no mar com ele? – A humana é sarcástica.

- Não posso deixá-lo. – Vitor exclama. – É como andar sem roupas.

Jackson se aproxima de mim e joga uma sacola em meus braços.

- O que tem aqui? – Questiono. – Pedras do mar?

- Apenas algumas roupas de Lily. – Ele me responde. – Nem parece que ela veio só para ficar dois dias.

- Vocês vão ficar dois dias? – Sorrio para ele.

- Vamos. – Melman fala.

Sigo ele para dentro da moradia enquanto os demais ficam no lado de fora. Jackson então segue para dentro do quarto e larga a sacola em cima da cama. Faço o mesmo. Após fico na frente da porta e encosto ela um pouco.

- O que foi? – Ele me olha e questiona.

- É assim que as criaturas que vivem em seu reino se cumprimentam?

Antes que ele possa falar mais uma coisa eu penso no que Kylie falou e então ajo. Me aproximo e toco os seus lábios. Passo minha mão pela sua nuca e é incrível como essa sensação é única. Rapidamente sinto a temperatura elevar ainda mais. Após me afastar dele e sorrio.

- É assim que nós costumamos fazer. – Digo ao humano.

- Oh! – Melman passa a mão na nuca e ri. – É uma ótima recepção. Não está mais com medo de eu ser um humano?

- Não. – Sou rápido na resposta. – E acredito que sua amiga me deu um grande empurrão para isso acontecer. Nesse momento que eu ficar em suas terras eu quero aproveitar isso com você.

Jackson olha para o lado e depois para mim, um sorriso em sua face surge.

- Isso é bom. – Ele sussurra.

- Também não quero mais mentiras com aqueles que você ama. – Digo.

Melman então me olha desconfiado.

- Como assim? – Jackson diz.

Pego em sua mão e me sento ao seu lado na cama.

- Desde que eu cheguei você teve que mentir para todos aqueles que você ama e para mim não parece justo. – Digo a ele. – Após esse tempo que passamos juntos eu aprendi a confiar naqueles que estão em sua volta. Além disso, seus sobrinhos são bem espertos. Vitor já sabe que meu nome não está registrado em nenhum lugar do seu mundo.

Jackson suspira.

- Eu sei. – Ele fala. – Vitor até mesmo veio falar comigo, perguntar se você é algum tipo de espião ou criminoso que fugiu. Disse para ele que estava tudo bem, porém sei que não acreditou em mim. Confesso que é difícil mentir para eles, mas se for para seu bem não tem problema.

- Pensei sobre isso e não tem problema. – Respondo. – Confio que eles não contarão nada a ninguém e é melhor dizer a verdade do que ficar alimentando teorias em suas cabeças. Quero isso seja verdadeiro enquanto eu estiver aqui.

Nesse momento o humano me beija.

- Está bem. – Ele sorri. – Podemos fazer isso.

Após me levanto e me viro em sua direção.

- Há outra coisa.

- Diga.

- Sua amiga. – Sorrio para ele. – Ela já sabe.

Nesse instante Jackson estanha seus olhos, ele se levanta com calma com o olhar ainda preso no meu, um pouco confuso.

- Você contou? – Melman pergunta.

- Não. – Respondo. – Sabe a chuva do dia anterior? Pois é, nós fomos em um lugar distante na floresta buscar algumas plantas que ela desejava. Não consegui adentrar na residência antes da chuva e ela viu a minha pele, você deve lembrar quando a água entra em contato com meu corpo.

- Sim. – Ele sorri. – É bonito.

- Mas, há algo ainda mais estranho. – Exclamo. – Os pais de Kylie já sabiam sobre o meu povo, até mesmo escreveram em um livro que deram a ela. Eram amigos de duas Sereias que chegaram nesse lugar da ilha, um segredo mantido longe de todos.

Jackson coloca as mãos na boca demonstrando o espanto. Após ele fica alguns segundos em silêncio caminhando pelo quarto.

- O Senhor e a Senhora Raiz? – Ele pergunta e confirmo. – Pelos céus! Isso é mais insano do que eu imaginava. Então todo esse tempo eles sabiam da existência do seu povo. – Jackson ri. – Inacreditável.

- Nós dois tivemos a mesma reação quando descobrimos. Mas, o bom é que o choque não foi tão grande assim. – Exclamo.

Ouvimos uma batida na porta e Vitor surge do outro lado.

- Estou atrapalhando algo? – Ele questiona e acenamos que não. – Apenas vou deixar meu Skate aqui.

O garoto adentra e deixa o Skate ao lado da parede. Seu olhar fica preso no meu por alguns segundos com desconfiança. Após ele sai do quarto. Seguimos ele e nos posicionamos fora da moradia Raiz. O dia já está belo e agora com quase tudo revelado me sinto ainda melhor.

Jackson no canto da varanda conversa com Kylie, os dois trocam sorrisos e risos um com o outro, após seguem com o seu olhar para mim.

- Segredos. – Lily cruza seus braços e fita os dois.

- Parece que isso tem se tornado frequente. – Vitor olha para mim.

Fico em silêncio e espero Melman e Raiz se aproximarem. Jackson fica bem na frente dos seus sobrinhos, senta-se no banco e observa eles.

- O que foi? – Vitor diz. – Fizemos algo indevido?

- Eu não fiz nada. – Lily recua.

- Na verdade, nós fizemos. – Jackson responde. – Escondemos de vocês a verdade e acreditamos que está na hora de revelar.

- Eu sabia. – Lily pula do banco e sorri. – Vocês dois vão se casar.

- Não. – Jack é rápido na resposta, não conseguimos conter o riso. A menina então “murcha” suas expressões. – Mas, é sobre Ariel.

- Eu sabia. – Vitor olha para mim. – Você é um criminoso fugitivo.

Apenas coloco a mão na testa e sorrio, tenso.

- Não. – Digo. – Não sou um criminoso. – Penso no que eu fiz infringindo as leis do meu povo então talvez eu seja um criminoso.

- Parem de tentar descobrir, fiquem calados e escutem. – Jackson levanta-se, suspira e então fala. – A verdade é que eu fui até a Zona de risco e encontrei um reino desconhecido escondido de todos. Lá vivem criaturas que chamamos de Sereias. Elas possuem poderes que nenhum humano possui. As Sereias ruins encantaram nossa tripulação e mataram a grande maioria. Eu não fui encantado e por isso me prenderam. Lá eu conheci Ariel o príncipe do outro lado do reino, o lado bom da ilha. Ele me ajudou a escapar, mas após teve que combater com outro príncipe porque o Rei ruim descobriu que Ariel tentou me ajudar. Ariel perdeu e foi expulso do seu reino, felizmente a princesa do reino ruim me ajudou a fugir e embarcar junto com Ariel. Então aqui estamos nós.

Me viro para o lado e os sobrinhos deles ficam paralisados observando o seu tio como se ele fosse um lunático. Os Melman então viram-se e olham um para o outro, após viram-se novamente para seu tio. Após caem em uma longa gargalhada que dura minutos, até eles voltarem a se acalmar.

- Você deveria ser escritor, tio. – Vitor debocha. – Ariel uma Sereia Príncipe de um reino escondido? Um herói que o libertou do rei malvado. Isso me parece um pouco clichê, poderia ter melhorado a história.

- Sim. – Lily continua a rir. – Jack eu já tenho oito anos, talvez quando eu tivesse cinco poderia acreditar nessa história fantasiosa.

Jackson coloca as mãos na cintura e encara eles.

- É verdade. – Ele insiste.

- Sim. – Os dois continuam a rir.

Então me levanto e me aproximo do humano.

- Sim Jack, eles não iriam acreditar nessa história. – Exclamo e Melman me olha não compreendendo. – Desculpem crianças, a ideia foi minha. Pensei que vocês poderiam cair nessa história estúpida, mas vocês são inteligentes demais.

- O que? – Jack sussurra.

- Penso que nós devemos aproveitar esse sol e ir à praia.

Olho firme para Jackson que enfim compreende o que tenho falado.

- Sim. – Ele sorri. – Vão, preparem suas roupas de banho.

Vitor levanta-se e suspira.

- Eu amo a praia. – O garoto ri para mim. – Vamos ver se a sereia sabe nadar bem. – Ele é irônico, mas não por muito tempo.

Pegamos nossas coisas e descemos rumo à praia. A temperatura está bem alta, o sol iluminando todo o local, um momento ideal para um banho de mar. Já no nosso reino nós preferíamos ir ao lago afinal eu tinha outras intenções. Ao lembrar de César me pergunto como ele está, seu pai não desejava lhe dar a coroa, assim como ele já havia me falado. Somente desejo o bem dele e de sua irmã, nenhum dos dois escolheram nascer naquela família.

Vitor e Lily estendem um grande pano na areia e se posicionam embaixo dos galhos de uma árvore. Aqui a temperatura está mais baixa e o vento é refrescante.

- Não vão entrar na água? – Questiono.

- Pode ir, Sereia. – Lily sorri para mim.

- Tudo bem. – Digo. – Vejo vocês em breve.

Jackson se aproxima de mim e sorri.

- Só não vai se afogar. – Ele é sarcástico.

Todos eles ficam ali posicionados na praia. Enquanto eu retiro a minha roupa e começo a caminhar rumo ao mar. Adentro na água e já sinto ela cobrir os meus pés, quando ela entra em contato com a minha pele sinto o poder despertar. Então eu corro o mais rápido que posso e mergulho na água, a água aqui é diferente da do nosso reino. Efeitos da poluição.

- Onde ele está? – Ouço Lily perguntar ao longe.

Nado mais para o fundo do mar e as criaturas logo começam a me cercar. Os peixes amarelos e laranjas, belas criaturas. Ao nadar entre eles sinto a conexão, também sinto que poderia ordenar eles a fazerem o que eu quero, mas não desejo

isso. É bom ver eles livres. Também é bom sentir o meu poder se expandir, sinto que terei que usar ele em breve.

Então giro o meu corpo e avisto lá em cima o mar e a areia. Nado o mais rápido que eu posso e então salto para fora da água. O maior pulo que eu já dei em minha vida. No momento em que isso acontece os sobrinhos de Jack correm para a borda da praia. Pouso na areia com um joelho no chão. Sinto a água passar pelas minhas mãos e então ao levantar eu abro os meus braços e faço com que a água que se erga ao lado do meu corpo.

- Pelos céus! – Vitor entra em choque. – Você é...

- Uma sereia. – Completo o que ele não consegue dizer.

Abaixo minhas mãos com calma e faço a água voltar para o mar. A minha frente Lily se aproxima com sua boca aberta ainda admirada. A pequena pega em minha mão e passa a sua em cima da minha sentindo minha pele.

- É brilhante. – Lily sorri para mim. – Parecem escamas.

Ela me puxa tão forte que tenho que me abaixar, assim ela passa sua mão pela minha face me tocando como se fosse um objeto.

- Seu rosto, seus olhos. – A garota então ri. – Incrível.

- Você pode controlar a água? – Ao lado Kylie pergunta.

- Sim. – Respondo. – Sou um pouco diferente das outras sereias. Elas têm uma grande conexão com a água, mas não conseguem o controle que eu tenho. Em nossa história apenas dois reis antes de mim conseguiram isso, por isso eu me chamo Ariel III Dramir.

Jackson cruza seus braços e sorri para mim.

- Isso ainda parece surreal para mim. – Vitor coloca as mãos na cabeça e me olha com um pouco de receio. – Você é uma sereia e um príncipe?

- Sim. – O respondo com calma. – Sou um príncipe, do lado Noroeste da ilha. Sou da família real das sereias e o melhor guerreiro de Teza.

- Uau. – Lily continua a sorrir. – Se antes eu já o queria como namorado do meu tio agora eu quero que vocês se cassem. Eu posso ir ao seu reino? Eu posso ser uma sereia? Gostaria de não morrer afogada na água.

Nesse momento rimos.

- Eu e Ariel estamos juntos. – De repente Jackson fala e todos ficam fixados com o olhar nele. – Certo? – Ele olha para mim.

- Sim. – Concordo. – Estamos.

- Isso é incrível.

Lily chuta a areia que vai parar no rosto de Vitor que sai reclamando enquanto limpa sua face com a camiseta.

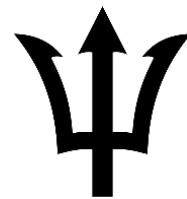
- Depois meu tio que me chamava de irresponsável. – Vitor lhe encara com um sorriso. – Mas, fico feliz que você não seja um criminoso, Ariel III Dramir. Espero que vocês sejam felizes, bem-vindo a família. Sereia.

O garoto aperta a minha mão.

Nos sentamos na areia da praia enquanto observamos o mar. Trocamos algumas informações, explico para eles como funciona as coisas no meu reino e os humanos me explicam o que está acontecendo no seu mundo. É uma das manhãs mais incríveis que eu já tive nos meus 90 anos. Não há mais mentiras entre nós, apenas a verdade. Dizer a verdade faz tudo ficar mais leve e melhor sem aquele sentimento de apreensão o tempo todo. Talvez eu nunca mais os encontre quando eu voltar a Teza, porém eu sempre me lembrarei de momentos como este. A minha viagem a terras humanas!

Capítulo 21

Alerta de risco.



Passar esses dias ao lado de Jack e sua família foram a melhor coisa que poderia ter me acontecido nesses últimos tempos. Conseguimos trocar muitas informações uns com os outros, sobre o seu reino e o meu, as diferenças que muitas vezes são gigantes, mas que mesmo assim conseguimos encontrar nossas semelhanças. É claro que a cultura em si é muito distante uma da outra, entretanto ao lado deles eu não me sinto diferente, me sinto igual a eles e isso me faz sentir bem. Todo aquele receio que tinha com todos os humanos passou.

Os Melman ajeitam suas mochilas para deixar a residência Raiz. Seguimos até a varanda e paramos sob o brilho das estrelas que iluminam o céu, me recordo das vezes que ficava as observando da janela do meu quarto no castelo.

- Foi muito bom tê-los aqui. – Kylie sorri em sua direção. – Só espero que a próxima visita não demore como da outra vez.

- Certamente não. – Vitor olha para mim e sorri. – Meu tio tem muitas coisas para fazer por aqui, não é mesmo?

Jack semicerra seu olhar para ele.

- Sim. – Melman sorri de leve. – Temos muito o que fazer aqui.

- Eu queria ficar. – Lily suspira. – Mas, amanhã tenho aula. Adoraria ficar na companhia de vocês ao invés daquelas aulas chatas.

- É a sua escola. – Jackson repreende. – Todos devem ir à escola.

- Ariel ia treinar em campo de batalha quando pequeno. – A garota olha para mim com o canto dos olhos escondendo um riso.

Me aproximo dela e me abaixo.

- Sim. – Exclamo. – Afinal eu sou uma sereia e você pequena é uma humana que deve ir à escola. Quem sabe se seu tio deixar eu posso lhe ensinar como manusear uma espada, tenho algumas coisas comigo.

- Isso seria incrível. – Lily abre um enorme sorriso entusiasmada.

- De jeito nenhum. – Jack balança a cabeça em negação. – Ariel mal chegou e já quer transformar vocês em soldados. – Ele ri.

Levanto-me e a pequena repreende seu tio com o olhar.

- Temos que ir. – Jackson fala. – Nos vemos em breve.

- Eu vou junto com você. – Digo.

No momento em que falo todos os olhares se prendem em mim.

- Como assim? – Jackson sorri em tensão. – Não pode.

- Sim. – Confirmo. – Posso e vou.

- Eu também acho arriscado, Ariel. – Em frente à porta Kylie cruza os braços e olha para mim. – Os Talis estão em toda parte.

Puxo o meu casaco cobrindo-me.

- Vocês esquecem que eu sou um príncipe, mais forte que qualquer outro humano dessa cidade. – Exclamo com convicção. – Mas, não é por isso que eu vou. Meus amigos já devem ter chegado a Alamânia, o dia marcado era para esta semana. Sinto que devo procurá-los.

- A noite? – Jack suspira ainda não concordando.

- É o melhor momento do dia. – O respondo. – Assim não chamo muita atenção. Será uma breve passagem pelos lugares que eu tenho certeza que eles poderiam ir, as moradias das sereias nesse reino.

- Deixe ele ir. – Vitor puxa seu skate para debaixo do braço. – Ele é como um guarda nosso, alguém que controla os mares, acabaria facilmente com um soldado dos Talis. Apenas relaxe tio.

Jackson pousa seu olhar no meu e sorrio.

- Está bem. – Ele enfim concorda. – Mesmo se eu dissesse não ele acabaria por ir, então é melhor ir conosco. Mas, após essa visita na cidade você vai me prometer que voltará.

- Entendido, general.

Jack bate em meu braço e os outros riem.

- Até mais Kylie. – Digo a humana que fica na varanda olhando nós partir.

Seguimos pela floresta, a forte chuva há alguns dias fez alguns galhos caírem bloqueando boa parte da estrada, mas nada que atrapalhe nossa saída. Logo, chegamos a praia onde está a embarcação dos Melman e não muito longe escondida entre alguns galhos a minha.

- Como você vai voltar depois? – A pequena garota me questiona.
- Pelos mares. – Digo a ela. – Estou sentindo saudade da água.
- Sim. – Jackson fala. – Só cuide para ninguém o ver.

Jack segue na parte de frente da embarcação no controle do veículo enquanto nos sentamos mais atrás. Observo a água e após a região onde a nossa ilha fica, aqui apenas vemos o risco do mar como se ele não possuísse fim.

- Às vezes ele é super protetor. – Vitor fala para mim. – Mas, não veja como algo ruim, é que muita coisa aconteceu em sua vida. A morte dos seus pais, da nossa mãe, isso o faz temer perder mais alguém.

Olho para Jack parado observando o mar e me preocupo com isso, não há como evitar pensar no dia em que terei que partir.

- Eu compreendo. – Digo ao seu sobrinho. – Nenhum momento isso me incomoda. Os meus amigos geralmente são assim, principalmente Ninfa. Eu gosto de pessoas que demonstram seus sentimentos.

- Espero encontrar com eles. – Lily caminha a minha frente e sorri. – Pelo que você contou eles devem ser legais.

- Realmente são. – Concordo. – Também espero que vocês se encontrem, Polaris vai amar conhecer crianças humanas. – Rio internamente.

Não demora muito para que a cidade principal de Alamânia comece a surgir. As luzes da cidade a noite são belas, os altos edifícios iluminados. Entretanto, ainda sinto saudade das luzes das tochas. Por mais que a sua tecnologia seja atraente eu ainda prefiro as nossas tradições.

Me aproximo de Jackson e o observo.

- Você está bem? – Questiono.

- Sim. – Ele não me olha. – Tudo ótimo.

- Não precisa se preocupar. – Exclamo e ele me observa. – Juro que está tudo bem, eu só sinto que devo ir encontrar meus amigos. Sabe aquele pressentimento ruim, pois é eu comecei a sentir há alguns dias.

Jackson então demonstra leveza.

- Desculpe ser assim. – Ele diz. – Parece um pouco estúpido, eu sendo controlador sendo que nós começamos a nos conhecer melhor recentemente. Não quero ser esse cara controlador, me desculpe.

Pego em sua mão.

- Não tem problema. – Sorrio para ele. – Eu gosto desse seu jeito, o general Jackson Melman. – Ele ri. – Entendo a sua preocupação, mas não tem motivo. Confia em mim?

- Sim. – Jack acena em minha direção. – Eu confio.

Encostamos o barco na zona das embarcações. A essa hora da noite vemos apenas algumas luzes dentro de algumas embarcações, certamente o povo que mora dentro delas. Melman me contou sobre isso, muitos deles não têm condições de ter uma casa e por isso se alojam em suas embarcações. Penso que é algo triste, mas muitos deles escolheram essa vida no mar.

Seguimos pelo local e passamos em frente ao restaurante de Sasuke. Para a minha felicidade o papagaio tagarela não está ali.

- Você realmente sabe onde são essas casas das sereias? – Vitor me pergunta. – Sabe, Alamânia não é muito grande, porém é possível se perder.

- Não se preocupe. – Digo. – Eu estudei muito o mapa de vocês, aprendemos as localizações desde pequenos. Ainda temos nossos instintos.

- Só cuide para não ser assaltado. – Lily é sincera.

- Se alguém tentar me roubar eu o encanto com a minha voz. – Sussuro. – Certamente os deixarei bem afastados. – Pisco para ela.

Os dois garotos ficam para trás e Jackson se aproxima de mim. Ele retira de sua jaqueta um aparelho telefônico para comunicação, algo um tanto surreal, mas útil. Poder falar por um dispositivo em qualquer lugar do mundo. Seria eficiente para uma guerra.

- Eu já ensinei como me ligar. – Jack suspira. – Se acontecer alguma coisa por favor me telefone no mesmo momento, e quando chegar na casa de Raiz por favor me escreva. Certo?

Me aproximo dele e toco seus lábios, após me afasto.

- Tudo bem! – Aceno.

Assim cada um segue para um lado. Dobro a direita e sigo por algumas ruas escuras de Alamânia, muitas vezes vejo pessoas nas ruas, mas elas não são perigosas, no entanto fico em alerta. Pelo mapa que temos vejo que não mudou muita coisa. A essa hora do dia é melhor caminhar, pois não há tanto movimento assim na rua, aquele barulho dos carros me deixa atordoado.

“Edifício das pedras brancas bem no final da estrada próximo ao boneco do sorriso de boca. Avenida Dre, número 870.” Me recordo de um local específico dado a tropa Sapien. Sempre cuidei os detalhes que todos trabalhavam.

Paro em frente a uma loja. Em um pilar há uma grande imagem, os irmãos Talis um ao lado do outro vestindo elegantes roupas. Em cima disso a escrita “vista-se como um Talis. ” É um tanto estranho como isso pode comprar as pessoas, apenas uma propaganda, como eles chamam. Mas, é inegável que aqueles que estão em uma classe mais alta tem influência sobre outros, sei bem disso, pois também acontecia em Teza e comigo.

- Gostou da foto?

Viro-me para trás e um enorme carro está parado na rua. Saindo da escuridão e colocando a cabeça na luz surge Jonas Talis. Não teria como esquecer os cabelos escuros e os olhos esverdeados marcantes assim como seu sorriso.

- O que faz aqui? – O questiono.

- Acho que a pergunta é minha. – Talis sorri para mim. – Mas, respondendo. Estou indo a uma festa e você?

- Apenas dando uma volta. – Coloco as mãos na jaqueta e respondo. – Gosto de caminhar a noite sob o brilho das estrelas.

Jonas me observa em silêncio, não sei se ele acreditou, mas não importa.

- Mas, foi bom ter te encontrado. – Jonas exclama. – Estava mesmo precisando conversar com você, um assunto particular.

Olho firme para ele.

- Assunto particular? – Pergunto. – Que assunto?

- Entre no carro e me acompanhe, assim eu lhe darei todas as informações. Creio que você não irá se arrepender, é do seu interesse meu querido. – Jonas é firme ao falar. – Prometo que não irá se arrepender.

Observo o homem dentro do veículo, talvez se fosse seu irmão eu teria receio em entrar, mas sinto que posso confiar em Jonas. Desvio minha visão e olho mais ao longe o boneco com o grande sorriso e atrás dele o edifício de pedras brancas. Tão perto...

- Será breve? – Pergunto a ele.

- Com certeza. – Jonas responde. – Se você quiser.

A porta do carro é aberta, me aproximo e coloco a mão na porta. Olho novamente para o edifício, por mais que tenha vindo aqui para isso eu sinto que devo partir com o homem, dessa vez decido seguir meus instintos. Adentro no carro e fecho a porta rezando aos titãs que eu esteja certo. O veículo então parte.

- Aceita?

Jonas me oferece um drink avermelhado. Antes de tomar eu olho para dentro da bebida para ver se não há algo estranho, da última vez alguém me envenenou sem eu nem mesmo perceber.

- Não se preocupe. – Jonas sorri de canto. – Não está envenenado, mas se Jaime lhe oferecer algo por favor desconfie.

Até mesmo o seu irmão me alerta sobre isso. Me viro para frente e após alguns minutos o veículo estaciona. A porta é aberta pelo motorista e saímos em frente a um lugar iluminado pelas luzes mais coloridas possíveis. Há uma longa fila pela rua na espera de entrar. Pessoas com os mais diferentes estilos.

- O que fazemos aqui? – Pergunto a ele. – Você disse que tinha um assunto importante a tratar comigo.

- E tenho. – Jonas fala. – Porém, acredito que precisamos ficar mais à vontade afinal o assunto é muito delicado.

Nesse momento penso que o homem possa estar me fazendo de idiota, afinal eu sinto que ele possui uma atração por mim. No entanto, também sinto que tenho que seguir com ele e então prossigo. Passamos ao lado da grande fila e quando Jonas se apresenta logo a entrada é liberada.

- Essa é a melhor balada de Alamânia. – Ele me conta. – Aqui eu me senti liberto de toda a minha família. Por isso coloquei ela somente em meu nome.

- Mais um negócio Talis... – Sussuro.

Prossigo ao seu lado pelo corredor luminoso e logo estamos no centro do local que possui um alto volume que me incomoda em alguns momentos. Entretanto, logo me acalmo, pois, a música meche com o meu corpo. Há muitas pessoas circulando pelo local e quando eu passo seus olhares seguem em minha direção, assim procuro me esconder atrás de Jonas o que só piora. Vejo até mesmo alguns homens piscando em minha direção, é um tanto engraçado.

Subo alguns degraus e adentramos em uma área mais reservada com um número extremamente menor de humanos. Nos sentados em bancos confortáveis e a vista da janela dá para ver toda a pista lá embaixo. Os corpos balançando ao som da melodia enquanto eles bebem, bebem mais que Polaris.

- Você não costuma ir em baladas? – Jonas me questiona.

- Não. – Respondo com um sorriso. – No lugar em que eu vivo há algumas festas, mas nada comparado a essa. Porém, me parece divertida.

Jonas apenas sorri para mim, após alguns empregados trazem bebidas para nós. Confesso que me viciiei na avermelhada, seu sabor faz o meu corpo despertar e

querer entrar naquela pista e dançar muito. Porém, respiro profundamente e me concentro.

- Então. – Começo o assunto. – O que você tinha para me falar?

Jonas desliza o copo pela mesa e se escora no sofá.

- Têm a ver com a minha família. – Ele diz, mas não me surpreendo. – Principalmente com o meu irmão. Mas, agora também envolve você.

- Não compreendo. – Digo.

- Jaime já sabe Ariel. – Jonas é direto. – Que na verdade, você não se chama Ariel. Nossos melhores informantes tentaram lhe encontrar em qualquer parte do mundo, mas não o acharam. É praticamente um fantasma.

Nesse instante recuo, reflito e falo:

- Eu me chamo Ariel Dramir. – Sorrio.

- Está bem! – Jonas também sorri. – Então pode explicar o motivo do seu nome não aparecer em nenhum sistema do mundo? Fantasma.

- Não sei. – Dou de ombros. – Deve ser apenas uma falha.

Tomo mais um gole da bebida para me acalmar. Obviamente se Vitor descobriu logo eles também saberiam.

- Meu irmão está preocupado com você. – Jonas diz. – Você sabe, nossa família é extremamente rica, e com isso acumulou muitos inimigos em todas as partes. Jaime está pensando que você pode ser algum espião ou inimigo infiltrado em Alamânia para nos destruir.

Nesse momento me permito rir.

- Espião? – Balanço a cabeça. – Não sou isso que você falou.

- Eu também sinto isso. – Jonas soa sincero. – Porém, deve admitir que a sua identidade fantasma é um tanto curiosa. Por que mentiria para meu irmão que resgatou Jackson da zona de risco?

Largo o copo na mesa e o observo, o assunto está ficando mais delicado.

- Eu não menti sobre Jackson, eu o salvei. – Digo.

- Tudo bem! – Jonas exclama. – Porém, Jaime não confiou muito em sua história. Você estar naquela região bem no momento em que Melman necessitava, principalmente em um lugar de risco que todos sabem.

- Coincidências acontecem. – Eu falo.

- Como você conhecer a amiga de Jackson?

Nesse instante me torno mais frio. Pousei meus braços em cima da mesa e cravo meu olhar em Jonas, isso está começando a me enfurecer.

- Não precisa me temer. – Jonas fala. – Mas, saiba que meu irmão está de olho em você e na família Melman. Ele não acreditou nenhum pouco em sua história e estará em alerta se algo estranho acontecer.

- Por que está me contando isso? – Questiono. – Ele é o seu irmão e eu sou apenas um desconhecido que o viu apenas uma vez.

Jonas então ri e após sorri.

- Eu senti uma forte conexão com você. – Seus olhos verdes pousam no meu e sinto a intensidade. – Por mais que eu veja que você esconda segredos ainda creio que não é uma pessoa ruim. E tenho que lhe alertar que meu irmão é capaz de tudo para conseguir o que deseja.

- O que ele quer? – Repito. – Me seguir? Tentar revelar a minha identidade? Afinal agora eu descobri que sou um fantasma. – Sou sarcástico. – Pode me seguir ele não descobrirá nada além disso.

Escondo o meu temor, afinal não sei bem o que ele pode ter visto. Se alguém nos seguiu até a moradia de Raiz será que eles viram os meus poderes se manifestar? Se isso aconteceu é terrível. Porém, eu não sei e isso me atormenta viver na incerteza. Pelos mares, depois de Serafim agora há um Jaime.

- Mas, ele pretende encontrar algo em mim. – Olho firme em Jonas e consigo enxergar isso. – Que possa levar ao que ele deseja.

- Você é um ótimo observador. – Jonas sorri. – Além do espião há uma outra opção. Mas, para você entender isso deve compreender os negócios da família. Os negócios da dinastia Talis sempre passam para o filho mais velho, na maioria das vezes isso pode acontecer pela morte paterna ou materna, mas em outros casos também acontece quando o chefe da família já está em uma certa idade. Augustus Talis o nosso pai, foi o integrante mais novo a passar os negócios da família para meu irmão Jaime. Ele não gostava muito de controlar tudo, enquanto meu irmão nasceu para isso e é por isso que nosso avô o amava.

Parece que nossas dinastias não são assim tão diferentes, no entanto o meu pai não me passou o controle sobre o reino enquanto Jaime recebeu. Confesso que me vejo muito no irmão de Jonas, a ânsia pelo poder e é claro que isso corrompeu a sua alma.

- Viva ao rei Jaime. – Sou sarcástico.

- Continuando... – Jonas prossegue. – Antes de morrer o nosso avô Vladi deixou uma caderneta de anotações que continham muitas informações. Nela

estava que com um informante Vladi descobriu sobre essa zona de risco no mar da Oceania que ninguém ultrapassava, mas que um homem tinha ido além e visto uma magnífica ilha cheia de riquezas.

Passo as minhas mãos pelas minhas pernas e sinto elas suarem assim como todo o meu corpo. É obvio que Jonas está falando de Teza, assim fico calado enquanto tento manter a minha estabilidade.

- Todos para quem esse navegador contava o chamavam de louco afinal pensavam que lá só existia mar e águas violentas que levavam todos a morte. Porém meu avô Vladi decidiu dar ouvidos a esse homem, com uma pesquisa na região descobriu um “centro de reabilitação” onde mais pessoas alegavam ter visto criaturas misteriosas por essas regiões. – Jonas diz.

Sinto ainda mais a pressão. É o mesmo lugar onde Vitor trabalha e que vi aquele homem que esteve presente em nossa ilha. Agora todas as coisas estão se interligando e isso é assustador. Mantenho-me firme, ou tentando.

- Vladi então pediu para nós seus netos que nos mudássemos para essa cidade e continuássemos a sua pesquisa, pois ele sabia que nesse lugar encontraríamos a maior riqueza da nossa dinastia. – Jonas ri demonstrando nenhum convencimento. – Então nós Talis nos mudamos para Alamânia, compramos ainda mais negócios e investimos. Jaime foi o mais entusiasmado pela procura, no começo não confiou, mas após começou a repensar sobre o assunto por causa do centro de reabilitação e tudo mais.

Pego meu copo e bebo todo o líquido, após deslizo ele pela mesa e pousei meu olhar no de Jonas. Então esbanjo o meu melhor sorriso.

- E você, Jonas? – Exclamo. – Acredita que possa existir uma ilha cheia de riquezas ou criaturas misteriosas que caminham por Alamânia?

Jonas passa a mão pelos seus cabelos escuros e ri.

- Obviamente isso é uma estupidez. – Ele diz e então sorrio. – Meu avô decidiu acreditar em um louco e após quis nos convencer disso, infelizmente meu irmão começou a crer em suas loucuras. Acha que essa ilha pode estar na zona de risco, mas todas embarcações que ele manda não retornam. Já fazia um tempo que ele não mandava mais embarcações e então enviou a que Jackson estava, novamente aconteceu o mesmo, porém Melman sobreviveu e com isso surgiu você um homem extremamente estranho.

Me escoro no banco e o observo.

- Jaime está obcecado por encontrar essa ilha dos tesouros. – Jonas ri e depois que fixa seu olhar em mim fica frio. – Com essa obsessão ele se torna

perigoso e é capaz de tudo. Agora entende o motivo de ter te contado? Não quero que meu irmão faça mal a ninguém por causa de uma loucura.

- Por quanto tempo ele ficará de olho em mim? – Pergunto. – Ele tem algum soldado me vigiando o tempo inteiro?

- Eu não sei tudo sobre meu irmão. – Jonas diz. – Mas, sim eles o seguiram algumas vezes. Descobriram que você chegou de moto na residência Melman, e que foi deixado por ele na casa dessa mulher amiga de Jackson. Além disso, não sei o que mais ele pode saber.

Suspiro e cruzo meus braços, mais problemas.

- Obrigado pelo aviso. – Digo a Jonas. – Foi muito bom saber que há alguém me perseguindo. Nunca pensei que teria minha privacidade assim tão violada, nem meus pais faziam isso. Mas, eu digo uma coisa. Se seu irmão pensar em me atacar eu irei revidar.

Jonas se escorra na mesa e se aproxima mais.

- Meu irmão é perigoso. – Ele sussurra.

- Eu sou muito mais. – Ranjo os meus dentes. – Se você pode avisá-lo diga para ele ficar longe da família de Melman, eles não têm nada a ver com isso.

- Infelizmente não posso dizer nada. – Jonas torce a boca. – Se ele soubesse que eu estou lhe contando isso nem sei o que faria comigo. Por isso lhe trouxe para esse lugar que é da minha inteira confiança e que nenhum parceiro de Jaime ousa entrar. - Noto que até mesmo ele sente medo de seu irmão. – Mas, posso tentar tirar isso da sua cabeça.

Levanto-me.

- É o melhor que ele pode fazer. – Digo.

- Já vai? – Jonas fala. – Ainda está cedo.

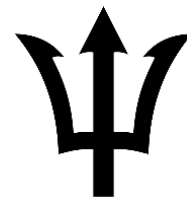
- Tenho muitas coisas para fazer. – Falo. – Mais uma vez, obrigado.

- Nos vemos em breve, fantasma. – Ele pisca para mim.

Prossigo pela pista passando entre as pessoas até estar no local de fora da boate Talis. Puxo o capuz e escondo os meus longos cabelos ruivos. Já sentia que Jaime não me deixaria em paz, mas agora tudo desmoronou. Terei que encontrar um modo de contornar essa situação. Nem que eu tenha que encantar Jaime e fazê-lo esquecer tudo isso. Pelos titãs, mais uma tempestade paira sobre mim, mas não temerei. Sou o maldito príncipe da Dinastia Dramir!

Capítulo 22

O reencontro de Teza.



Volto a caminhar pelas ruas de Alamânia, agora ainda mais preocupado. A todo momento olho para o lado para ver se não há alguém me seguindo e certifico-me que estou só. Agora as estradas estão ainda menos movimentadas, apenas o barulho dentro dos grandes locais da cidade. Isso aumenta ainda mais a minha ansiedade, é como se aquele dia incrível com a família de Jackson nem existisse. Só consigo pensar no que de ruim pode acontecer.

Assim prossigo até passar por um grande boneco de um enorme sorriso, de perto ele é esquisito como se a qualquer momento pudesse se levantar e correr atrás de mim. Talvez eu esteja começando a ver coisas. Logo estou em frente ao prédio das pedras brancas. Abaixo o meu capuz e adentro, não é um local muito luxuoso, é mais discreto, porém confortável. Sigo até a recepção onde está uma mulher trajada em vestes verde grama.

- Olá. – Exclamo.

- Olá. – A mulher responde com um sorriso. – Em que posso ajudar?

Observo com cautela tudo à minha volta e por fim em frente à sua bancada eu vejo o símbolo das sereias, o tridente dentro de um broche de ouro.

- Teza. – Digo.

O sorriso no rosto da mulher se expande ainda mais, ela olha para os lados e após se aproxima mais. Seus olhos escuros pousam nos meus.

- Bem-vindo ao reino humano. – A mulher fala.

- Obrigado. – Aceno. – Eu vim atrás de uma informação.

- Sim. – Ela se escora na cadeira. – Qualquer coisa que estiver ao meu alcance, somos só um povo, certo?

Balanço a cabeça.

- Queria saber se dois soldados passaram por aqui recentemente. – Exclamo. – Ela se chama Ninfa e ele Polaris, são irmãos.

- Oh! – A mulher é gentil. – Sim, eles chegaram ontem e pediram um quarto para ficar. Segundo andar, quarto 22.

- Obrigado. – Aceno.

- Qual é o seu nome? – Ela questiona antes de eu partir.

- Ariel Dramir.

Quando eu falo o meu nome e sobrenome os olhares mudam, até mesmo um homem que estava ao lado presta atenção em mim. Antes que eu possa ser questionado sobre qualquer coisa eu viro de costas e prossigo até entrar no único elevador que há no local. Pressiono o botão dois e logo as portas fecham-se.

- Pelos mares! – Suspiro.

Passo a mão pelos meus cabelos ruivos e me observo no espelho. As vestes humanas sem nada do meu reino, eu não me pareço em nada com uma sereia e nesse mundo isto é bom, no entanto ainda sinto falta de algo que me lembre do meu lar. Confesso que tenho saudades das armaduras, de manusear uma espada.

As portas abrem-se e eu saio no corredor, as luzes aqui piscam repentinamente. Com calma prossigo até chegar em frente ao quarto de número vinte e dois. Meu coração começa a acelerar e minhas mãos suarem, faz tempo que eu não vejo meus amigos, isso é bom, mas estou com um pressentimento ruim.

Bato com leveza na porta.

- Já vai.

Mesmo a voz um pouco abafada ainda consigo decifrar que é de Ninfa.

- Não pressione forte. – Ela esbraveja.

O trinco da porta é puxado e então a porta é aberta. Em minha frente está Ninfa trajada em vestes humanas, um conjunto preto que cai perfeitamente em seu corpo. Mas, ainda sua essência está ali. O seu olhar azulado marcado e as sardas que a deixam única.

- Pelos titãs! – Ela sussurra.

Ninfa pula em meus braços, sinto todo o seu aconchego. Faz tempo que eu estava precisando de um abraço familiar. Após alguns segundos ali nos afastamos e trocamos os sorrisos mais sinceros.

- Você está vivo. – Ninfa suspira.

- Sim. – Digo. – Vocês também.

Adentro, minha amiga fecha a porta. Do outro lado Polaris pula pelo sofá e abraça minhas pernas me erguendo para cima. Após me abaixa e me dá um tapa

nada delicado no peito, exala uma felicidade única.

- Nosso amigo. – Polaris diz. – Finalmente juntos novamente.

- Estava aguardando a vinda de vocês. – Exclamo. – Os outros também já chegaram ao reino, imagino.

- Sim. – Ninfa sorri de canto nada animada e eu reconheço quando algo de errado está acontecendo.

- O que houve? – Sou direto e questiono.

- É melhor se sentar. – Polaris balança a cabeça.

Sigo ao lado do sofá e me sento na ponta. Ninfa pega o controle e desliga a televisão e após se senta ao lado do seu irmão bem na minha frente.

- Pelos mares! – Digo. – Odeio quando fazem essas expressões. Meu dia foi bem ruim, então podem falar que eu aguento.

Polaris não consegue ficar sentado e então levanta-se.

- A dinastia Dramir caiu. – Suas palavras me atingem como uma de suas adagas, diretamente sem poder me defender.

- Polaris. – Ninfa coloca a mão na cabeça.

- É melhor assim. – Seu irmão diz.

Cruzo os meus braços e pouso meu olhar neles.

- Como assim a Dinastia Dramir caiu? – Pergunto.

- É verdade, Ariel. – Ninfa suspira mais uma vez e após pouso seu doce olhar no meu, sinto tristeza. – Serafim armou um plano para derrubar a assembleia e atacou o nosso reino, acreditamos que perdemos.

Sinto uma leve tontura.

- Calma. – Digo. – Expliquem os detalhes.

- Isso vai ser mais difícil que eu esperava. – Ninfa também se levanta e caminha a minha frente enquanto fala. – Nós havíamos marcado uma cerimônia como de costume para celebrar nossa partida ao reino humano, mas muitas Sereias da Assembleia começaram a passar mal no salão. Eu descobri que alguém havia envenenado o vinho de todos, felizmente eu não bebi, mas os demais, sim. Logo, a trombeta da guerra foi soada, as portas do castelo fechadas. Os soldados de Odini invadiram nosso reino.

Essa é a pior notícia que poderia estar recebendo, olho para meus amigos ainda não crendo que isso possa ser real. Eu desejo que isso seja um sonho.

- Seu pai deu a ordem para a nossa tropa evacuar do reino e pediu para que nós o encontrássemos. – Polaris continua. – Sua mãe ajudou na nossa evacuação, ela nos levou até a saída e lutou contra os soldados de Odini.

- Eles morreram? – Pergunto e temo a resposta.

- Não sabemos. – Meu amigo responde. – Infelizmente não sabemos. Quando saímos os envenenados estavam mal, a guerra havia eclodido. Após não vimos mais nada, porém é obvio que foi um golpe para a tomada de poder.

- Maldição.

Empurro uma almofada para o chão e levanto-me, sinto o meu corpo arder nas chamas da fúria. Prossigo até a janela e coloco minhas mãos na borda tentando recuperar o controle e lucidez. Após volto minha atenção a eles.

- Serafim é insano. – Digo. – Sabe-se lá o que eles podem fazer com os meus pais, minha família. Meu tio estava lá? – Pergunto. – Viseris?

- Seu tio estava com as tropas, não foi até o salão. – Polaris responde. – Enquanto seu primo não os vimos naquele dia, sabe como Viseris é, só o encontram quando ele deseja. Mas, deve estar vivo.

Passo as mãos pelos meus cabelos e sinto-me sufocado.

- Foi por isso que Serafim me envenenou, quis me afastar da ilha e desestabilizar ainda mais o nosso reino. – Digo. – Ele jogou aos poucos contra nós e conseguiu vencer. Derrubou nossa dinastia. Mas, o que me deixa mais em fúria é que eu tenho certeza que a mesma pessoa que me envenenou fez isso contra os nossos principais líderes.

- Pensamos da mesma forma. – Ninfa fala. – Há alguém infiltrado que é bem próximo do castelo. Talvez um guarda, alguém da cozinha. Até mesmo um dos servos dos seus pais. São muitas opções.

Me sento no sofá e abaixo minha cabeça. Deixo o sentimento ruim fluir. Polaris senta-se ao meu lado e bate levemente em minhas costas.

- Não fique assim, meu amigo. – Polaris fala. – Nós vamos conseguir achar um jeito de contornar tudo isso e retomar o nosso reino.

- Como? – Viro-me e o olho. – Nós não temos um exército, certamente aquele que tínhamos foi derrotado em campo de batalha. Estamos sozinhos.

Nesse momento eles ficam em silêncio.

- Nós fomos cercados de um lado e perdemos. – Exclamo. – Agora há mais um lado que quer destruir ainda mais o nosso lar.

- Como assim? – Ninfa fica preocupada. – Pelos mares, humanos.

- Sim. – Confirmo com a cabeça. – Alguns deles já sabem da verdade. Sabe aquele barco que levou Jackson? Pois é, ele pertence há um homem extremamente ambicioso. O avô desse homem sabia da existência do nosso povo por um embarcador que conseguiu escapar da ilha. Agora Jaime está convicto na ilha e vai fazer de tudo para provar que ela é real. Até mesmo havia alguns homens me seguindo querendo saber quem eu realmente sou.

- Não pode ser. – Polaris fala. – Ninguém foge da ilha, e aqueles que voltam tem sua memória totalmente apagada. Não tem como.

Sorrio e balanço a cabeça.

- Sabe, os humanos têm um centro de reabilitação que tenta recuperar pessoas que possuem problemas mentais na cabeça. – Exclamo. – Eu visitei esse lugar e adivinhem? Encontrei com um homem que havia estado na ilha, me lembrava dele. Sabe o que mais eu descobri? Que ele teve toda a sua vida mudada, o lago do esquecimento afetou sua estabilidade mental. Nosso povo o deixou endoidecido assim como outras pessoas.

Os dois trocam olhares espantosos.

- Não. – Ninfa diz. – Todas as pessoas que passam pelo lago voltam ao normal quando chegam no reino humano.

Levanto-me e observo as estrelas da noite.

- Mais uma mentira. – Falo. – Há pessoas que não conseguem se recuperar, e isso acaba com a vida delas. Foram inúmeras famílias e vidas que foram perdidas por causa disso. A verdade é que para cada humano há um efeito diferente do nosso poder sobre eles.

- Maldição. – Polaris diz. – Estamos perdidos.

Viro-me para eles e observo seus olhares tristes, não queria causar isso, mas precisamos enfrentar a realidade.

- Pensem. – Rio, de tensão. – Nós temos que recuperar um reino inteiro e também encontrar uma forma de neutralizar os humanos e tudo isso, com no máximo dez pessoas, nem mesmo tudo isso.

- A Tropa Sapien ajudará. – Ninfa diz. – Mas, mesmo assim não é o suficiente. Nós vamos ter que armar um plano muito bom para conseguir essa façanha, se conseguirmos isso nada vai nos impedir. Sim, nós vamos conseguir isso. Certo? – Ela força um sorriso.

Polaris olha para ela e ri.

- Está sendo positiva? – Ele diz e ela semicerra o olhar. – Está bem, nós vamos conseguir. Só dois exércitos, para que temer?

- Vamos nos reunir com a tropa amanhã. – Ninfa diz. – Você precisa vir conosco, é bom ter o príncipe do reino ao nosso lado.

- Sim.

Respondo e no mesmo momento me recordo da promessa que fiz a Jackson. Eu teria que voltar para a casa de sua amiga esta noite, no entanto isso não é mais possível. Meus amigos precisam de mim, creio que ele irá compreender. Além disso, se eu ficar ao lado deles ficarão em perigo ainda maior.

Volto a me sentar no sofá e dessa vez estou processando tudo de uma maneira melhor. Tento me acalmar e não deixar que a raiva tome conta. Mas, só de pensar em como está a minha família nas mãos de Serafim fico atordoado. Por algum motivo sei que eles estão vivos, ou é o que eu necessito acreditar.

- Agora que já contamos as coisas ruins. – Polaris sorri. – Aconteceu alguma coisa boa nesse tempo em que estive aqui?

- Certamente sim. – Ninfa fala antes de eu responder. – Era para você ter ido a algum lugar das sereias nesse tempo, mas não. Procuramos e ninguém sabia da sua chegada. Certamente ficou com o humano.

Olho para ela e sorrio.

- Sim. – Respondo. – Eu fiquei na casa de Jackson e após na residência de sua amiga, Kylie. Mais uma surpresa. – Rio. – Todos eles já sabem.

- Ótimo. – Polaris se joga na guarda do sofá. – Daqui a pouco o mundo todo já sabe da nossa existência. – Ele suspira. – Isso é tenso.

- Primeiro quem descobriu minha existência foi a amiga de Jack.

- Jack. – Polaris repete e ri, semicerro o olhar em sua direção. – Tudo bem.

- Ela descobriu sobre eu ser uma sereia, mas o mais esquisito era que seus pais já sabiam sobre isso. Quando eles morreram deixaram anotações para ela e nesse livro contava sobre duas criaturas que eles haviam encontrado e feito amizade, duas sereias. Ela não acreditava nisso até me ver. – Falo.

- Quantos humanos sabem de nós? – Polaris sorri vagamente. – Pelos mares, parece que estávamos visíveis esse tempo todo.

- Você falou sobre eles serem amigos, Ariel. – Ninfa diz. – Quando as Sereias chegam elas não podem se vincular aos humanos ou muito menos contar a eles sobre nós. Pelos mares, que desordem...

- Pois é. – Digo. – Fomos enganados por um longo tempo. A verdade é que as regras foram descumpridas há muito tempo. Agora estamos perto de sermos expostos para toda a humanidade e isso é o risco.

Polaris vira a garrafa de vinho e serve em sua taça.

- Mas, pensando por um lado isso não seria ruim. – Ele diz. – Nós vimos em um vídeo que o povo bruxo se revelou ao mundo e pelo que parece está dando certo, tirando algumas mortes é claro. Há também aqueles cachorros.

- Isso é ofensivo. – Sua irmã diz. – São lobos.

- Que seja. – Polaris dá de ombros. – A questão é que as espécies que viviam na escuridão estão se revelando ao mundo. Todo mundo sabia que mais cedo ou mais tarde isso iria acontecer, é o destino.

Polaris vira sua taça enquanto observo em silêncio.

- Mas, agora pense em uma coisa. – Ressalto. – Se os humanos revelarem o nosso povo que nesse momento está sob controle de um rei insano eles terão uma péssima imagem de nós. Sabemos que qualquer pessoa que se aproximar da ilha Serafim irá atacar e isso pode gerar ainda mais mortes. Eles podem nos ver como criaturas que são uma ameaça ao seu povo.

Meu amigo vira a taça mais uma vez e após pausa na mesa.

- Seu maldito. – Ele diz. – Você está certo.

- Quem sabe podemos fazer isso depois de tomar o controle. – Ninfa fala e a observo, ver ela dizer isso é um tanto estranho. – Não me olhem assim. – Ela percebe. – Se isso está acontecendo sabe-se lá que outro humano sabe sobre nós, é melhor se revelar e criar uma política de segurança como os demais povos do que sermos massacrados.

A sua visão é perfeita.

- Eu aceito uma taça de vinho. – Digo ao meu amigo.

- Sim, nós precisamos disso.

Polaris pega uma taça na prateleira e me serve em uma taça, após caminha até mim e me entrega a taça. Aceno em agradecimento.

- A derrota dos Odini, mal posso esperar pela sua queda. – Ele diz.

Fico parado olhando para Polaris e suas palavras martelam em minha cabeça fortemente, como se uma luz se acendesse.

- Espere.

Olho para o vinho na taça e após para ele.

- Repita o que você disse. – Exclamo.

- O que? – Polaris ri e observo ele seriamente. – Tudo bem. A derrota dos Odini, mal posso esperar pela sua queda.

Sou guiado pelas minhas memórias. O momento em que estávamos no castelo prestes a partir para o outro reino para o combate. Estava me despedindo de Polaris e sua irmã. Ao meu lado nesse momento estava Hector e Viseris, no instante em que me despedi dos meus amigos não olhei para trás e nem para o lado, estava focado neles. Lembro do sorriso de Viseris para mim e o momento em que ele me ofereceu uma taça de vinho.

“A sua vitória, primo. A derrota dos Odini, mal posso esperar para ver suas faces derrotadas. A Dinastia Dramir.” Ele disse.

- Não. – Exclamo e após grito. – Pelos titãs!

Pouso a taça em cima da mesa e o líquido derrama, após me levanto em fúria. Meus amigos ficam me olhando espantados.

- Mas, que porra é essa? – Polaris olha para mim e diz.

- O que houve, Ariel? – Ninfa me questiona.

- Foi o meu primo. – Respondo. – Viseris envenenou a taça de vinho naquele dia que estávamos no castelo antes da minha partida. Ele esperou eu me distrair com vocês e envenenou o vinho.

- Maldição. – Polaris sussurra. – Eu nunca gostei daquele imbecil.

- Espere, Ariel. – Ninfa diz. – Tem certeza?

- Sim. – Sou firme no meu convencimento. – Quando eu bebi o líquido senti um sabor ainda mais doce, porém nem mesmo percebi naquele momento. Depois tanta coisa aconteceu que nem deu tempo de refletir sobre isso, principalmente que meu primo seria capaz de uma coisa dessas. Mas, eu enxergo a verdade agora. Foi Viseris.

Quando vou bater na parede eu paro meu punho. Abaixo o meu braço e suspiro fortemente, não tem como controlar essa raiva. Preciso socar algo, então bato na minha própria mão.

- Por que ele faria isso? – Ninfa questiona.

- A coroa. – Eu respondo. – Ele se aliou a Serafim, Viseris sempre foi ambicioso pelo poder. Até mesmo julgava meu tio por não ter sido rei no lugar do meu pai. Comigo fora do reino a coroa passaria para ele. Certamente Serafim o convenceu que o deixaria governar, estúpido.

- Sim, faz total sentido. – Polaris serve mais uma taça de vinho. – Aquele olhar venenoso que ele tinha, em algum momento faria uma besteira. Mas, confesso que uma traição desse tamanho vai contra tudo o que acreditamos.

- A coroa corrompe as pessoas. – Digo. – Ou melhor, o poder corrompe as pessoas, principalmente aqueles que já são inclinados para a escuridão.

Caminho até em frente à mesa após me acalmar e me sirvo uma taça de vinho. Sinto o líquido engasgar na minha garganta e a imagem de Viseris me entregando a taça continua a passar na minha frente.

- Eu vou destruir todos eles. – Exclamo.

- Você consegue. – Polaris me olha com um sorriso maligno. – Vimos o tamanho do seu poder quando deixou a ilha, o poder sobre o mar. Certamente Serafim teme você, por isso apreciou o seu afastamento do reino.

- Mas, eu voltarei. – Me observo no espelho da janela, agora qualquer traço piedoso se foi. Sinto a fúria mais profunda. – Invocarei todo o mar contra ele e se for preciso até mesmo os raios. Mas, naquele reino ele não vai reinar.

Capítulo 23

Efeito borboleta.



Tanta coisa aconteceu recentemente que demorou para que eu conseguisse dormir e quando isso ocorreu meu corpo relaxou. Acordo tarde o que não é o meu costume. Quando me viro para o lado percebo que a luz do aparelho eletrônico que Jack me deu está acesa. Mesmo ainda sonolento eu pego o dispositivo. Como ele me ensinou desbloqueio a tela e vejo que há muitas mensagens dele. Em sua maioria perguntando onde eu estou.

- Pelos titãs! – Esfrego minha mão na testa.

- O que foi? – Ninfa surge ao meu lado segurando uma xícara, somente pelo cheiro percebo que é café.

- Me esqueci de avisar Jack. – Respondo. – Estava tão atormentado, mas eu deveria ter me lembrado. Ele deve estar muito preocupado.

Minha amiga senta-se na beirada do sofá, ela pousa suas mãos em seu colo e após seus olhos azuis pousam no meu, e já sei o que é.

- Sim, nós estamos juntos. – Falo antes do questionamento. – Pensei que tinha ficado claro ontem à noite.

Ninfa então vira-se para outra direção.

- Olhe. – Digo. – Eu sei que nós temos nossas leis e que isso vai ser um choque para todo mundo, mas quer saber? Eu realmente não me importo com isso. Apenas sei que o meu sentimento por Jack é verdadeiro.

Aendai entrega-me a sua xícara, pego e a observo.

- Sim é arriscado. – Ela então fala. – Mas, eu vejo somente pelo seu olhar ao falar sobre o humano que o sentimento que tem é verdadeiro. Não irei ir contra se você deseja isso, somente tome cuidado para não o ferir. Sabe que sua espécie é diferente da nossa.

- Pelo tempo que passei aqui percebi que sim. – Sorrio para ela. – Mas, também vi que temos muitas coisas parecidas. Espero que você também possa mudar essa sua visão. Sei que é difícil conviver ao lado deles, entretanto se você se esforçar é como se estivesse no nosso reino.

- Quem sabe. – Ninfa exhibe um leve sorriso. – Acredito que você deveria informar seu namorado? – Ela pergunta. – Seu humano. – Nesse momento eu rio. – Ok, Jackson. Deveria informar Jackson que você está aqui conosco.

- É o que eu farei. – Exclamo.

Pego o celular e sigo até a janela. Lá embaixo Alamânia já despertou. Todos os lugares abertos, os veículos e pessoas circulando. Por mais difícil que seja por causa do barulho eu estou começando a me acostumar.

Digito o número de Jackson e então levo o telefone no ouvido.

- Ariel. – Ele soa um pouco bravo do outro lado. – Pelos céus, onde você está? Perguntei a Kylie e você não foi dormir lá.

- Alguns imprevistos ocorreram. – Exclamo.

- Espero que seja um bom. – Jack diz. – Afinal para você não ter nem tempo de digitar uma mensagem ou ligar para algum de nós. Pelos céus, pensei que o pior poderia ter acontecido.

É um tanto bom sentir sua preocupação comigo.

- Você está rindo? – Ele ouve meus sussurros.

- Não. – Exclamo e sorrio. – Agradeço a preocupação, mas eu estou bem. Ontem foi uma noite bem complicada. Que começou com Jonas o irmão de James me abordando na rua, pois precisava conversar comigo.

Nesse momento um silêncio ecoa.

- O que ele queria? – Melman então pergunta.

- Me alertar sobre o seu irmão. – Digo. – Jaime colocou alguns humanos atrás de mim, pois ele não se convenceu muito da nossa história. Jonas também revelou que o avô deles mandou que eles viessem a essa cidade, pois acreditava que existia uma ilha cheia de riquezas e criaturas místicas.

Ouçó um barulho do outro lado.

- Desculpe, derrubei um copo. – Jackson suspira. – Como assim ele já sabia? Pelos céus, mas agora entendemos o porquê dele ser tão obcecado pela zona de risco. Mas, se ele colocou soldados atrás de você, será que ele não sabe a verdade?

- Acredito que não. – O respondo. – Se não ele já teria agido. Porém, ele sabe que eu cheguei com você na cidade. Também sabe que eu me hospedei na casa de sua amiga, isso é o mais preocupante.

- Droga! – Melman fala. – Eu sabia que deveríamos ficar em alerta.

- Mas, não se preocupe. Eu estou bem. – Tento soar calmo. – Meus amigos chegaram a Alamânia e nesse momento eu estou com eles.

- Ninfa e Polaris?

- Sim. – Respondo. – Quem sabe logo vocês podem se ver.

- Isso seria bom. – Jack fala.

- Mas, temos que tomar cuidado com Jaime. – Exclamo. – Creio que nesse tempo é melhor nós ficarmos afastados. Quem sabe ele canse de me procurar e veja que eu sou apenas um humano.

Um longo silêncio é estabelecido.

- Acho que ele desligou. – Digo a Ninfa.

- Ainda estou aqui. – Noto que a voz de Jack muda. – É um pouco difícil ter que nos afastar logo agora que finalmente assumimos. Maldito Jaime que tem que atrapalhar tudo, porém se isso será o melhor é o que devemos fazer.

- Isso não é uma despedida. – Digo. – Apenas teremos que encontrar outro jeito de nos encontrarmos, mais a noite quem sabe. Cuidarmos por onde seguirmos, entretanto arrumaremos uma forma. Só eu não posso mais dormir na sua casa ou de sua amiga, por segurança.

- Tudo bem. – Mesmo não o vendo sinto que ele sorri.

- Se cuide. – Exclamo.

- Você também. – Melman diz. – Agora, por favor entre em contato comigo sobre qualquer coisa que acontecer. Não suma novamente!

- Eu prometo. – Falo.

- Até qualquer hora, meu príncipe.

- Até qualquer hora. – Nesse momento rio. – Meu humano.

A chamada é desligada e quando eu me viro para o lado parado ali na frente está Polaris com o olhar preso no meu enquanto segura um pão.

- Meu humano. – Meu amigo ri. – Pelos mares, isso é tão meloso.

- Cale-se. – Levanto-me e roubo o seu pão. – Precisam se arrumar para encontrarmos a tropa Sapien.

Eu limpo a minha face e após visto uma camiseta que pelo que eu noto foi deixada por alguém desse local. A camiseta é verde bem semelhante à que as pessoas da frente do hotel usam. Amarro meu cabelo em um coque, Polaris se aproxima e coloca em cima da minha cabeça o que os humanos chamam de boné.

- Isso é tão desconfortável. – Comento. – Nem quando eu batalhava usava capacete por causa da irritação.

- Você ficou uma graça. – Polaris ri. – Vamos!

Todos nós estamos vestidos discretamente. Seguimos até o elevador, pressionamos no botão do térreo e ele começa a descer. Noto em suas faces o mesmo desconforto que eu senti quando andei pela primeira vez.

- Isso seria eficiente para subirmos no castelo. – Polaris fala. – Será que podemos levar algumas coisas dos humanos?

- Com certeza. – Sua irmã responde. – Retire isso aqui que deve pesar toneladas e carregue nas costas, irmão. Ninguém verá, confie.

- Ela está mais ácida ultimamente. – Polaris olha para mim e diz.

- Acho que todos estamos. – Falo.

Passamos pela recepção e acenamos para os mesmos que nos receberam na noite anterior. Seguimos pelo corredor e logo estamos fora do hotel. O sol paira por toda a Alamânia e traz um calor escaldante. Pelo menos o boné contribui para o sol não atingir a minha face.

- Não tem ninguém nos seguindo? – Sussuro.

- Há muitas pessoas aqui. – Ninfa me responde. – Mas, pelo que parece não. No entanto, é sempre bom ficar em alerta.

Passa cerca de dez minutos até chegarmos a um local bem diferenciado de Alamânia. Aqui os prédios estão pintados com os mais diferenciados desenhos. Em uma parede há uma bailarina com um vestido rosa, bem ao lado dela sentada no gramado está o que parece ser sua mãe.

- Eles são criativos. – Ninfa fala. – Mas, ainda prefiro nossos pintores.

Um carro buzina quando uma bicicleta passa na sua frente, nesse momento Ninfa se joga para o lado me agarrando.

- Que maldição! – Ela esbraveja. – Levei um tremendo susto.

- Eu gostei desse barulho. – Polaris fala. – Será que não tem um dispositivo que eu possa levar para assustar os demais?

- Que demais? – Ninfa diz.

Nesse momento seu irmão se cala.

- O que acham que aconteceu aos seus pais? – Pergunto.

- Eu não sei. – Polaris é quem responde. – Eles estavam na casa próximos a floresta, talvez tenham sido poupados ou não. A verdade é que eles não eram uma ameaça tão grande. Espero que estejam bem.

Ninfa não responde, apenas fica focada na estrada. Então logo chegamos em frente a um prédio amarronzado. Bem na entrada há algumas flores mortas o que é um tanto macabro. Adentramos e o visual não é tão melhor.

- Por que eles não ficaram lá? – Questiono.

- Há uma restrição. – Ninfa responde. – Somente dois podem ficar por hotéis. – Não sabia sobre isso, ninguém explicou. – Mas, esse lugar serve para reunião de algumas sereias que moram em Alamânia.

Lembro que o número dessas sereias é bem pequeno, nada que possa formar um grande exército. Afinal há uma restrição para aqueles que ficam aqui, você ganha a permissão do rei ou foge. Quase nunca acontece o segundo, entretanto ainda tem Sereias que fazem, seja por amor ou ambição. Aqueles que ficam tem que tomar um cuidado redobrado quanto aos humanos.

Na recepção há um homem extremamente velho. Ele fica se balançando na cadeira e apenas aponta para o corredor. Prosseguimos em silêncio. O lugar é um tanto ruim, há sujeira por todo o lado. Me esquivo de uma teia de aranha, mas enfim chegamos a única porta do local.

- Acho que era melhor conversarmos na rua. – Polaris reclama.

Ninfa empurra a porta e adentramos em uma sala que não é muito grande. Há uma grande mesa e em volta dela ficam os integrantes da Tropa Sapien. No fundo da parede há um quadro com a pintura do símbolo do nosso povo. Ao canto uma grande janela, a visão é um corredor e do outro lado outro edifício.

Retiro o boné e solto meus cabelos.

- Finalmente o vemos novamente. – Hugo é o primeiro a me receber.

- Olá. – Digo a todos. – Fico feliz em ver que vocês estão bem na medida do possível, já soube de tudo o que aconteceu na ilha.

A Sereia dos longos cabelos loiros passa por mim, seus olhos violeta pousam no meu. Sabrina a mestre de combate físico, treinamos algumas vezes, mas eu sempre optei pela companhia de meu tio Hector.

- Parece que todos estavam certos quando acusaram o reino Sudeste de sabotar o seu duelo. – Sabrina fala para mim. – Após atacaram mais uma vez da mesma forma, como fomos tolos.

- Deveríamos ter resistido. – Délio lamenta.

- Infelizmente nós não sabíamos que o traidor estaria entre os integrantes da minha família. – No momento em que falo todos olham para mim. – Eu tenho certeza que o responsável por tudo isso foi Viseris Dramir, meu primo.

Suas expressões revelam espanto.

- Isso é horrível. – Hugo fala. – Como alguém trai seus próprios familiares e fica ao lado dos detestáveis Odini?

- Poder. – Nífa o responde. – Ele almejava a coroa.

- Faz total sentido. – Sabrina exclama. – Em breve Viseris poderia ser coroado, mas além de trair Ariel ele fez isso com todo o reino. Certamente foi o responsável pelo envenenamento da Assembleia, creio que ninguém mais no nosso reino seria capaz disso. Somos fieis ao sudeste.

Me aproximo da janela e me viro observando todos ali dentro.

- Mas, agora nós precisamos pensar em como iremos deter eles. – Digo. – Teremos que invadir Teza e matar Serafim.

Nesse momento alguns sorrisos surgem.

- Há alguns lugares que é de fácil penetração em Teza, até mesmo locais escondidos onde eu levava... – Polaris se empolga ao falar, mas logo percebe. – Enfim lugares que podemos passar despercebidos.

- Mas, o castelo estará muito bem vigiado. – Hugo diz. – Serafim sabe que nós que deixamos a ilha tentaremos retornar a Teza para tomar o poder.

- Sim. – Falo enquanto ando pela sala tentando pensar. – Por isso devemos ter cuidado. Além disso, teremos que arrumar mais armamentos. Acredito que o vocês trouxeram não é o suficiente.

Polaris retira suas adagas do bolso e gira em seus dedos, após sorri.

- Em alguns locais das Sereias há alguns armamentos que poderemos usar. Entretanto, só armamento não irá adiantar. – Sabrina exclama. – Teremos que encontrar mais Sereias dispostas a nos ajudar. Eu já pesquisei na cidade e elas são menos que dez e mais da metade possui uma idade avançada.

Isso é preocupante, mas não demonstro a eles.

- Podemos ser poucos, porém seremos os melhores. – Exclamo. – Alias nós somos os melhores. – Não devemos ser humildes agora. - Cada um que veio para a Ilha foi escolhido porque merece. Somos os melhores guerreiros em combate físico, armamento. Só precisamos do plano perfeito...

Délio abre um grande papel em cima da mesa, na folha há a planta desenhada do reino de Teza, fico impressionado com os detalhes.

- Quem desenhou?

Ninfa questiona e após olha para Hugo ao meu lado, então os dois trocam sorrisos um com o outro. Poderia dizer que estou sentindo uma forte química.

- Por onde podemos entrar? – Questiono Polaris.

Meu amigo passa o dedo pelo mapa e então para.

- Pela montanha do dragão. – Ele diz. – Há vários pontos na montanha que podemos facilmente entrar sem sermos vistos. Mas, para isso precisamos passar primeiro pela areia. Teremos que contar com a sorte que essa área não estará sendo vigiada.

Observo o mapa mais à frente.

- Certamente Serafim deve estar no trono Dramir. – Sabrina fala. – Ele não fez toda aquela guerra em vão, então podemos ter certeza que o encontraremos lá. Mas, é claro que alguém deve ter ficado no seu castelo também.

- Se houver algum prisioneiro estará no nosso castelo. – Observo. – Nossas celas são muito mais seguras, o que torna um empecilho. Entretanto, nós conhecemos o local muito melhor que eles.

Nos sentamos em volta da mesa um olhando para o outro.

- Nossas afirmações são vagas. – Ninfa fala. – Podemos supor tudo isso, mas não sabemos a verdade. Entrar lá dentro nesse momento seria suicídio.

- Infelizmente concordo com Ninfa. – Seu irmão fala. – Precisamos de um plano anterior a esse.

Todos viram suas atenções para mim.

- Precisamos de alguém que nos dê essas informações. – Exclamo. – Para isso teremos que sequestrar um soldado. Certamente alguém ficará cuidando da ilha, eu posso fazer isso. O sequestramos, retiramos informações e depois então atacamos.

- Mas, terá que ser na mesma noite. – Sabrina olha para mim. – Eles certamente notarão o sumiço de um de seus soldados. Precisaremos de uma embarcação para levarmos o soldado até lá e então preparamos nosso plano.

Ninfa e Polaris olham para mim.

- Eu conheço alguém como uma embarcação. – Digo. – Não é nada muito grande, mas é discreta e pode passar despercebida se for deixada longe.

- Perfeito. – Délio fala. – Mas, quando faremos isso?

- Amanhã logo que o sol se pôr iremos partir a Teza. – Digo. – Preparem suas armaduras, armas e estejam prontos na costa de Alamânia.

- Eu irei comunicar as demais Sereias da cidade. – Sabrina fala e lança um sorriso tenso. – Espero conseguir pelo menos três.

Dou a volta na sala enquanto reflito.

- Há algo mais que vocês precisam saber. – Digo. – Preciso que vocês tomem cuidado ao andar por Alamânia, sejam os mais discretos possíveis. Pois, há um homem chamado Jaime Talis que já tem conhecimento sobre nós. Ele é o dono da última embarcação que chegou a ilha. Agora colocou alguns humanos atrás de mim em busca de informação. Creio que pode fazer o mesmo se virem pessoas desconhecidas como vocês caminhando pelas ruas.

- Humanos sabem sobre nós? – Hugo se apoia na mesa. – Isso é insano.

- Ótimo, mais problemas. – Sabrina diz. – Mas, esses nós podemos resolver apenas com um encanto e tudo estará resolvido.

- Os Talis são muito mais que isso. – Exclamo. – Não devemos subestimar seu poder porque eles são humanos. Sua dinastia praticamente controla essa cidade e fazer qualquer coisa contra eles pode chamar muita atenção. O que nós podemos fazer nesse momento é ficarmos longe.

- Tudo bem! – Délio fala. – Seremos discretos, não queremos arrumar mais problemas logo agora.

- Nos vemos amanhã. – Exclamo. – Na costa das embarcações.

Todos eles acenam para mim em concordância.

Seguimos pelo corredor.

Quando chegamos na recepção temos uma surpresa. Em frente a bancada estão posicionados cinco grandes homens, todos trajados em roupas pretas como soldados. Noto que em cima da mesa há algumas imagens e quando me aproximo vejo que são de fotos tiradas da Tropa Sapien caminhando pelas ruas de Alamânia ainda trajados em vestes do reino.

- O que está acontecendo? – Pergunto a Sereia que está atendendo.

- Eles querem saber se vimos algumas pessoas. – O homem olha de canto para mim ainda temeroso.

O homem careca que estava conversando com o recepcionista então vira-se em minha direção, mas seu olhar não segue para mim, porém sim para meus

amigos que estão ao meu lado.

- São os dois. – O homem careca acena para os demais soldados, Aquiles o nome gravado em seu pescoço.

- O que vocês desejam com os meus amigos? – Pergunto.

- Apenas alguns questionamentos. – Aquiles fala. – Nós cuidamos da segurança de Alamânia.

- Mas, nós não fizemos nada de errado. – Ninfa diz, após pega uma das fotos em cima da mesa. – Somos apenas visitantes e pelo que parece vocês não são ninguém da polícia, ou estou enganada?

O forte indivíduo lança um sorriso fatal.

- Ninguém desconhecido pode chegar na cidade? – O questiono. – São apenas pessoas comum querendo conhecer esta bela cidade.

Aquiles dá um passo à frente e fixamos nossos olhares.

- Como eu disse, nós cuidamos da segurança. – Ele diz. – Apenas temos alguns questionamentos a fazer para seus amigos, pois acreditamos que algo suspeito esteja acontecendo em nossa cidade.

- A mando de quem? – Falo. – Jaime Talis?

O homem à minha frente congela. Rapidamente de sua cintura ele retira uma de suas armas, e após aponta em nossa direção. Os demais soldados fazem o mesmo. Logo, temos cinco armas apontadas em nossa direção. Nesse momento recuamos.

- É ele. – Outro ao lado de Aquiles fala. – Observe os cabelos ruivos, os olhos esmeraldas como Jaime mostrou. Foi o primeiro a chegar.

- Talis ficará muito contente com todos vocês. – Aquiles sorri. – Agora fiquem bem calmos e digam onde estão os demais.

- Que voz é essa? – Ouço a voz de Sabrina no corredor.

O restante da Tropa Sapien surge imediatamente.

- Humanos. – Hugo sussurra.

- Parece que você estava certo. – Délio olha para mim e fala.

Eles observam a tropa. Nesse momento dou um passo à frente e sinto o meu poder exalar. Logo, atinjo suas mentes com o canto da sereia. Os humanos com meu comando abaixam as armas.

- O que Jaime sabe sobre nós? – O questiono.

- Ele desconfia de você. – Aquiles olha para mim e responde, fecha seus olhos tentando relutar, mas é inútil. – Sobre ter uma identidade falsa, talvez que você seja uma criatura não humana. Porém, Talis ainda não tem certeza.

- E meus amigos? – Pergunto.

- Quando eles chegaram fomos alertados, tentaram encontrá-los em qualquer banco de informação na internet ontem à noite, porém nada foi achado. Jaime então emitiu o alerta para os procurarmos e interrogá-los a fim de obter informações concretas. Ele tem um forte palpite que vocês são as criaturas que seu avô tanto falava. – Aquiles responde.

Os soldados guardam suas armas e continuam calmos.

- Escutem-me. – Ordeno. – Vocês irão até Jaime e dirão a ele que não encontraram ninguém que está nessa foto. Esse encontro entre nós nunca existiu. Se ele comandar vocês a buscarem por nós vocês farão, porém nunca nos encontrarão. Se nos virem na rua não reconhecerão nossas faces mesmo que vocês as vejam nas fotos. Compreendido?

- Sim, senhor. – Eles repetem juntos.

- Agora podem ir. – Aceno.

Os soldados Talis seguem para fora do edifício. Quando eles saem me sento na cadeira mais próxima, pois me sinto exausto após usar meus poderes. Abaixo minha cabeça, suspiro e após observo todos.

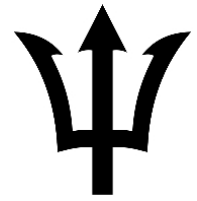
- Foi uma boa solução. – Polaris diz para mim.

- Seus poderes expandiram. – Sabrina a minha frente me observa assim como os outros. – Nenhuma outra sereia consegue controlar tantas mentes assim de uma só vez, você é diferente Ariel III.

Me sinto estranho com todos me olhando, mas Sabrina possui razão. Sinto cada vez mais meus poderes aumentarem, entretanto tenho medo do que posso me tornar. Ceder para o lado da escuridão, eu não quero isso. No entanto, eu sinto que para essa guerra eu terei que abraçar o meu lado mais obscuro, meu reino deve estar à frente de qualquer coisa. Até mesmo do amor.

Capítulo 24

Mestiços.



Dentro do mar eu me sinto livre, ao meu redor as criaturas passeiam. Logo seguimos em direção ao topo e saímos na praia em frente a floresta, agora o sol já não está muito forte e a noite começa a surgir. O vento frio percorre pela floresta enquanto passamos pela estrada.

- Uma humana viver dentro da floresta é algo estranho.

Ao meu lado Polaris comenta.

- A residência era dos seus pais. – Digo a eles. – Aqueles que já sabiam sobre nós, Kylie é uma boa humana.

- Só espero que o nosso povo não descubra isso. – Ninfa diz. – Sabem o que eles podem fazer com aqueles que sabem a verdade.

- Sim. – Respondo. – Poderiam matá-los, mas olhe o atual estado da nossa sociedade. Vivemos um golpe e perdemos a coroa, então creio que essa não vai ser a maior preocupação deles no momento.

Seguimos pela floresta até estarmos em frente à casa de Kylie. Na varanda lá estão os quatro sentados em volta de uma mesa enquanto jogam um jogo que eles chamam de baralho, não entendo muito as regras, mas não me atrai. Preferia nossos jogos no reino como caça a bandeira.

- São eles. – Lily é a primeira a notar.

Os quatro se levantam e vem nos receber.

- Pensei que viriam só mais tarde. – Digo a Jackson.

- Eles insistiram para termos um tempo maior para conversar. Principalmente Lily que desejava conhecer seus amigos que você tanto falou.

Jackson responde.

Ninfa se aproxima da garota e passa a mão nos seus cachos.

- Você tem um cabelo lindo, criança. – Aendai sorri para ela.

- Obrigada. – Lily retribui com um sorriso. – Seus olhos são perfeitos.

- Mas, os meus são mais bonitos. – Polaris se escorra no pilar, cruza os braços e lança aquele sorriso. Então seus olhos focam em Jackson. – Então foi você que roubou o coração do meu amigo?

Apenas olho para ele e reviro os olhos.

- Relaxe. – Polaris fala. – Já me sinto em família.

- É bom ver vocês aqui. – Melman diz. – Sabe, da última vez estávamos correndo dos assassinos do seu povo.

- Oh! – Polaris ri. – Isso sempre acontece.

- Se aproximem. – Kylie fala. – Eu fiz alguns bolos, se vocês desejarem experimentar. Não sei se costumam comer isso em seu reino, mas no livro dos meus pais relatava que as sereias que eles conheceram aprovaram a receita. Espero que vocês tenham a mesma opinião.

Me aproximo da mesa e pego um bolo, após me sento na guarda da varanda. Ninfa se senta ao lado de Lily e Polaris fica ao meu lado de pé parado ao lado do pilar enquanto observa a tudo. Mordo um pedaço do bolo e eu não havia experimentado desse, é maravilhoso.

- O sabor dos deuses. – Ninfa é a primeira a comentar.

- Realmente é muito bom. – Polaris fala. – Gostaria de copiar uma de suas receitas e levar para os nossos pais, se eles sobreviveram é claro.

O jeito que Aendai fala parece horrível, entretanto é a verdade.

- Falando em sobrevivência. – Jackson exclama. – Vocês realmente se livraram dos soldados de Talis? Não tem perigo de mais aparecerem?

- Eu encantei eles. – O respondo com confiança. – Então farão tudo o que eu ordenei. Não sabemos se Jaime vai acreditar que eles não nos encontraram, mas por momento parece que estamos longe da vista desses soldados.

- Ótimo. – Kylie fala. – Esses homens podem ser perigosos. Não me espantaria que logo eles viessem revistar a minha casa já que agora eles sabem que você passou por aqui.

Olho para Raiz e me sinto um pouco culpado, pois eu também sinto que eles virão até a sua residência e sim é a minha culpa.

- Nós queremos proteger vocês. – Digo a eles. – Nós temos o endereço de um hotel das sereias para vocês ficarem enquanto acharmos que não é seguro. Lá vocês terão tudo, comida, hospedagem. Espero que isso contribuía para algo.

- Concordo que vocês deveriam aceitar. – Jackson diz. – Certamente eles virão em algum momento, lá estarão protegidos.

- Um carro vai chegar mais a noite. – Ninfa fala. – Podem levar os pertences que vocês desejarem, estarão em segurança.

Noto o olhar triste de Kylie para a sua casa.

- Kylie eu sinto muito. – Digo a ela. – Por trazer essa onda de guerra até vocês, eu juro que nunca foi a nossa intenção causar isso.

- Não se culpe, Ariel. – Raiz me responde. – Os Talis são os verdadeiros culpados por isso. Mas, eu aceito o abrigo para ficar com as crianças.

- Está bem. - Aceno.

Lily pega uma mochila rosa e coloca em cima da mesa.

- O bom é que eu faltarei escola nesse tempo. – Ela é sincera.

- E eu o meu emprego. – Vitor sorri. – Mas, é aquela coisa, prefiro ficar sem emprego e continuar vivo.

Rimos por mais que seja horrível.

- Em quanto tempo vocês acham que a gente vai conseguir resolver esse problema? – O garoto a minha frente me questiona. – Um mês?

- Não temos esse tempo todo. – Polaris é quem responde. – Teremos que resolver tudo em semanas ou semana. Restaurar a ordem no nosso reino e após livrar vocês dessa Dinastia que controla sua cidade.

Levanto e pego mais um bolo, me sento ao lado de Jackson.

- A embarcação já está pronta para hoje à noite? – Pergunto.

- Está perfeita. – Ele sorri para mim.

- Bom. – Digo. – Prometo que vou cuidar dela até recebê-la de volta.

- Quem disse que você vai cuidar dela? – Jackson fala. – Eu vou junto.

Olho para ele e então depois para os demais, pois eu sei que qualquer coisa que eu falar não vai adiantar nada e Melman virá conosco.

- Jackson, é arriscado demais. – Kylie diz a ele. – Eles irão guerrear contra sereias e nós somos apenas simples humanos.

- Eu ficarei na embarcação afastado da ilha. – Jackson tenta tranquilizar a todos. – Não me colocarei em risco e tenho certeza que partirei tranquilo afinal meus queridos sobrinhos estão com a pessoa que mais confio.

- Eu sei me cuidar sozinha. – Lily o encara.

Polaris manuseia sua adaga na sua mão direita e logo atrai a atenção.

- Você pode me ensinar? – A pequena Melman questiona.

- Não creio que seria uma boa ideia. – Polaris sorri. – Acho que você poderia se cortar facilmente, então melhor não. Eu demorei uns quarenta anos até ter controle absoluto sobre isso, agora sinto como se fosse parte minha.

- Vocês são super velhos. – Vitor olha para nós e ri. – Eu realmente gostaria de chegar em suas idades dessa forma, até parecem a Avril Lavigne.

- Avril, quem? – Ninfa fica perdida.

- Eles não sabem nada de cultura pop. – Lily olha para seu sobrinho e suspira, após foca em nós. – Quem são seus ídolos na ilha?

- Os guerreiros mais famosos. – Ninfa a responde. – Principalmente os reis, aqueles que são bons é claro.

- Vocês soam um pouco pré-históricos. – Kylie diz. – Sério que ainda mantem essa estrutura de poder? Um rei acima de todos, na nossa história isso realmente não deu muito certo. Separar as pessoas em nobres ou não.

Nesse momento observo e tenho que concordar.

- Sei que é difícil entender nossas tradições assim como também é para nós, porém vivemos assim desde o começo dos tempos. – Ninfa responde. – A coroa passando da Dinastia Dramir um para o outro.

- Uau. – Jackson coloca a mão no pescoço e sorri. – Me desculpem, mas é difícil de entender. E se por exemplo outra pessoa merecesse mais? Eu sou totalmente a favor de votos para eleger nossos políticos.

- Parece que não está dando muito certo no seu reino. – Polaris ri.

- Ele tem razão. – Vitor exclama. – Viva o socialismo!

Sua família ri enquanto apenas lançamos leves risos. Nós estudamos sua história, mas só os pontos extremamente importantes. Há coisas que não compreendemos e por isso é bom estar aqui.

Ali em volta da mesa enquanto a noite vai tomando conta da floresta nós conversamos e trocamos experiências uns com os outros. Ver os meus amigos interagirem tão bem com eles me faz sentir ótimo e por um momento me esqueço que logo iremos partir em uma guerra. Mas, nesse instante prefiro aproveitar o momento ao lado deles.

No final sigo para dentro da casa para organizar as minhas coisas. A sacola de livros ainda está lá, eu transpasso ela em meu corpo. Me abaixo e pego o meu

Tridente, quando eu entro em contato com ele me sinto poderoso. Penso mesmo que é possível invocar os raios com ele, entretanto são somente pensamentos.

Todos já estão na sala com suas malas prontas, Kylie fecha toda a casa.

- Você vai levar os livros? – Ninfa me questiona.

- Não. – Digo. – Vou deixar que Lily leve, você leva? – Questiono-a.

- É claro. – O sorriso surge em sua face.

Entrego meu tridente a Polaris e então retiro a sacola, quando Lily pega de mal jeito dois livros caem no solo.

- Pelos céus! – Ela espanta-se. – Sinto muito.

- Eles são resistentes. – Rio a fim de acalmá-la.

Me abaixo e pego os dois livros, após coloco dentro da sacola.

- Viu? – Falo a pequena. – Eles estão bem.

- Ariel, caiu isso de dentro do livro. – Jackson diz.

Me viro para o lado e ele segura uma carta o que é muito estranho.

- Uma carta. – Demonstro a surpresa.

Pego o papel e viro. Bem na frente está escrito “De: George”

- Uma carta de George? – Ao meu lado Ninfa vê. – Acho melhor você abra-la, se ele colocou dentro do livro é importante.

- Sim. – Sussuro.

Me sento no sofá a frente e então abro a carta.

“Olá Ariel, se você está lendo essa carta é porque já está em terras humanas. Deve se perguntar o porquê dessa carta e então eu vou lhe explicar. Eu tive uma filha há muito tempo, uma criança que eu não assumi e que me arrependo até hoje. Seu nome era Raenis. Novamente deve se perguntar o porquê de estar lhe contando isso Mas, a questão é que algo inusitado aconteceu na ilha. Um humano, aquele a quem você lutou para conceder sua liberdade. Ele é especial, não consegue ser encantado pelo nosso povo e eu creio que para isso tenha uma justificativa. Talvez ele possa ser o filho de Raenis, meu neto. Por favor leia a história dela no livro secreto, página 20, que escrevi e veja se isso realmente é verdade. Se for concluído que o meu neto vive eu peço para que você o proteja, faça algo que eu não consegui fazer pela minha filha. ”

No mesmo instante tenho uma certa tontura, eu fecho a carta e engulo em seco. Pouso meu olhar em Jackson e não sei o que falar.

- Pelos mares. – Polaris diz a mim. – Parece que você viu Serafim.

- Pode ser pior. – Sussuro.

Levanto-me e abro a sacola de Lily, pego o livro secreto daquele onde a carta estava. Sento-me novamente e agora abro na página 20.

- Ariel. – Ninfas me chama. – O que está acontecendo?

- Me deem um minuto. – Digo a eles.

Leio o que está escrito.

“Raenis era o seu nome de batismo na ilha, mas logo ela se tornaria Iara em terras humanas. Raenis foi uma guerreira escolhida para integrar a tropa Sapien. A guerreira desembarcou em terras humanas para colher informações, porém nesse trajeto conheceu um homem, Daniel. Logo um amor foi construído. Ela quebrou as regras ao revelar para ele a identidade das sereias. Passaram um ano inteiro escondidos vivendo esse amor em segredo e quando chegou o momento de Raenis voltar ela não desejou e fugiu com Daniel para longe das regiões das Sereias. ”

“Os guerreiros ficaram sem saber o que estava acontecendo na ilha por Raenis não ter voltado, não imaginavam o que teria acontecido. Quando se passou dez anos alguns guerreiros tentaram encontrá-la, e uma conseguiu só que essa mesma era sua amiga. Raenis então entregou uma carta para essa guerreira para que então sua amiga entregasse ao seu Pai, George. George teve ela há uns cento e cinquenta anos com uma fazendeira, mas nunca assumiu sua filha, pois não era seu desejo ter filhos. Após a morte de sua mãe Raenis já era uma excelente guerreira e pode viver bem, mesmo com a rejeição ela se aproximou do seu pai antes de partir. Daniel e Raenis tiveram um casal de gêmeos. Eles nunca quiseram contar aos gêmeos sobre a verdade e preferiram manter eles como se fossem humanos afinal Raenis não pertencia mais as Sereias. ”

Embaixo veem uma fotografia de Raenis e Daniel. Ela com seus longos cabelos loiros e os olhos verdes como a grama. Ele preto, com cabelos ondulados. Os dois sorriem um para o outro enquanto seguram duas crianças em seus braços e então eu não tenho mais dúvidas.

- Pelos titãs! – Sussuro.

Deixo o livro cair pelas minhas mãos, levanto-me e fico perdido.

- O que aconteceu? – Polaris pergunta.

- Jackson. – Me viro em sua direção. – Qual era mesmo o nome de sua mãe e de seu pai? Por favor me diga.

Jackson olha para todos e depois para mim.

- Iara e Daniel Melman. – Ele responde.

- Maldição. – Sussuro.

- Por quê? – Ao seu lado Kylie questiona.

Polaris e Ninfa são os primeiros a lerem a carta e o que está escrito no livro, como eu demonstram o maior espanto possível.

- Maldição. – Polaris fica boquiaberto.

- Vocês estão me assustando. – Jackson fala. – Deixem me ver.

Fico ao seu lado enquanto ele lê a carta. Após lê o que está escrito dentro do livro, quando chega no final da página onde há a foto o homem tonteia no mesmo instante. Para sua sorte estou ao seu lado e o seguro.

- Tio. – Lily assustasse.

- Tragam um copo de água. – Digo a eles.

Deixo Jackson sentar-se. Entrego um copo de água a ele e após me abaixo a sua frente, seguro suas mãos que estão geladas.

- Jackson. – O chamo, mas mesmo olhando para ele sinto que o homem não está presente. – Jackson. – Falo mais alto e então ele desperta.

- Eu sou.... – Ele treme.

- Metade humano e metade Sereia. – Respondo. – Por isso você conseguia resistir aos nossos encantos, você e sua irmã foram um milagre. Nunca de uma relação entre espécies surgiu crianças, mas seus pais conseguiram gêmeos.

- O que? – Vitor coloca as mãos na cabeça.

Lily pega o livro e então sorri para o que está escrito.

- Não somos humanos. – A garota ri. – Eu sabia, eu sabia. Não somos bruxos ou lobos, mas somos Sereianos.

O nome que ela dá é engraçado, mas não consigo rir nesse momento. Apenas fico ali com Jackson que ainda está em choque.

- Como alguém poderia suspeitar disso? – Ninfa fala. – Nos nossos livros não conhecíamos a história de Raenis, certamente foi algo que todos desejaram apagar para não incentivar futuras fugas.

- Sim e George como responsável pela biblioteca teve poder suficiente para isso, mas estou surpreso por alguém conseguir manter esse segredo por tanto tempo. – Polaris diz. – Principalmente uma filha, nem sabíamos sobre isso.

- Ele disse que rejeitava ela. – Comento. – Felizmente parece que eles conseguiram se acertar após ela enviar a carta para George. Somente assim soubemos agora que a família Melman é descendente de uma Sereia.

Jackson passa as mãos pelo seu rosto e balança a cabeça.

- E eu pensei que meus pais tinham segredos. – Kylie fala.

- A foto. – Jackson aponta para ela dentro do livro. – São meus pais, eu e minha irmã em seus colos. Pelos céus, como eles conseguiram manter isso em segredo de nós? Parte essencial da nossa existência.

- Eles fizeram isso para protegê-lo. – Digo a ele.

- Mentir não é proteger.

Jackson levanta-se e caminha pela sala, daria tudo para poder acalmá-lo, mas ele precisa desse momento.

- Eu sou um maldito de um mestiço, minha família são seres do relacionamento de duas espécies. É claro que deveríamos saber sobre isso.

Todos ficam em silêncio observando-o.

- Pense por um lado, tio. – Vitor se aproxima e fala. – Melhor descobrirmos a verdade tarde do que nunca. Além disso, seria perigoso revelar a crianças algo tão importante. Seus pais o amaram.

- Mas, sua mãe nunca vai saber da verdade. – Jackson entristece.

- Mas, isso não fez diferença para ela, tio. – Lily pega em sua mão e sorri tentando acalmá-lo. – Viveu uma vida sabendo que era humana e nunca viveu com essa dúvida. Mas, você conseguiu. Nós conseguimos!

Jackson então consegue expressar um leve riso.

- E eu pensando que era apenas uma coincidência não ser encantado por Sereias. – Melman senta-se no sofá e suspira. – Agora descubro que minha mãe era uma Sereia do seu reino e seu nome não era Iara, mas sim Raenis. É algo que é difícil de pensar, porém é algo incontestável. As provas estão todas na mesa!

Levanto-me e me sento ao seu lado.

- Agora entendo o motivo de ir tão bem nas aulas de natação. – Jackson ri.

- Isso não muda em nada o que você é. – Digo a ele. – Continua sendo esse homem preocupado, que cuida da sua família. Ser metade sereia lhe faz diferente, mas não de uma forma ruim. A diversidade do mundo é o que o move.

Jackson sorri para mim.

- Tem razão. – Ele diz. – Eu sou um Sereiano. – Rimos juntos. – Mesmo sabendo disso nada mudou ou talvez um pouco, quem sabe eu posso movimentar a água como você. – Melman brinca. – Mas, fico contente de saber a verdade nesse momento.

Levanto-me e ofereço minha mão a ele.

- Agora penso que devemos ir. – Digo a todos. – Afinal temos que salvar o meu reino, que agora julgo que é parte de vocês também.

Jackson segura minha mão e levanta-se.

- Tudo bem, vamos salvar o nosso reino.

- Isso é tão incrível. – Lily fala aos suspiros. – Vamos salvar o nosso reino, avante Sereianos e Sereias.

- Você vai para um lugar seguro, minha querida.

A residência Raiz é trancada e seguimos com a certeza que lutaremos para reconquistar aquilo que é nosso.

Capítulo 25

Angelus.



Tenho que confessar, olhar para Jackson agora e o imaginar sendo filho de uma Sereia é um tanto estranho, mas prazeroso. O fato é que nunca houve registro de “Sereianos” antes. Ou eles podem ter nascido e foram escondidos como os gêmeos Melman, entretanto, o fato é que Jackson vive e nós sabemos da verdade. Imagino que o risco que ele está correndo é muito maior agora, muitos do nosso povo podem os ver como uma ameaça. Relacionamentos entre espécies sempre foram proibidos, antes não se temia tanto afinal nenhuma criança poderia ser gerada, até os Melman nascerem.

- Você está preocupado. – Ele pousa seus olhos no meu.

Levanto-me e fico ao seu lado enquanto navegamos.

- Penso que no momento não é bom revelar a verdade. – Digo. – Vamos esperar as coisas acalmarem para então dizermos que mestiços como vocês vivem, é claro se assim você desejar.

- Eu não me importo se outros vão saber ou não. – Jackson diz. – O que importa é que eu realmente sei minhas origens agora. Creio que é melhor isso não ser dito agora afinal estamos no centro de uma guerra. Se nós já somos uma ameaça como humanos acredito que fica pior como Sereianos.

- Exato! – Ninfa um pouco atrás fala. – Se Serafim souber que você e sua família são descendentes de uma Sereia ele fará de tudo para eliminar vocês. Sorte a sua que ele não descobriu no tempo em que estava na ilha.

Sentado ao canto Polaris sorri para nós enquanto manuseia uma adaga.

- Não precisam se preocupar. – Meu amigo diz. – Logo nós tomaremos o controle do nosso reino e expulsaremos Serafim. Acredito que está na hora de derrubarmos o seu reino que tanto nos prejudicou nesse tempo.

Caminho pela beirada da embarcação e observo o mar.

- Também acredito que seus líderes devam ser mortos. – Exclamo. – Mas, ainda há pessoas boas no seu reino. Como César e Gliz. Vamos dar a chance a eles de reconstruir o seu reino, desejo unificar Teza e não criar ainda mais a divisão. Esse foi o erro dos nossos líderes, nos dividir.

Jackson vira-se e sorri para mim.

- Você é um bom líder. – Ele diz.

- Descobri minha essência em suas terras. – Exclamo. – No dia da celebração do crescimento eu não estava pronto, hoje agradeço o meu pai por não ter me dado a coroa. Eu precisava passar por tudo isso para apreender.

- Pelo menos isso podemos tirar da guerra. – Ninfa diz. – Nos fez evoluir.

- Eu preferia ficar estagnado. – Polaris humoriza. – Mas, só espero que nós consigamos chegar a tempo e que nossos pais estejam vivos.

Me aproximo dele e coloco a mão em seu ombro.

- Vai tudo ficar bem, meu amigo. – Digo com confiança.

Paramos no meio do mar, lugar onde decidimos nos encontrar. Não tão afastado da costa e não tão longe da zona de risco. Ficamos esperando por longos minutos, eu começo a caminhar de um lado para o outro. Me aproximo do relógio na parede da embarcação e o tempo já correu muito.

- Era para eles estarem aqui. – Exclamo.

- Sim. – Polaris olha em direção a Alamânia. – Os guerreiros da Tropa Sapien são extremamente pontuais. Aconteceu algo.

Sinto um frio percorrer pela minha espinha.

- Eles vão chegar em breve. – Para Ninfa ser a única confiante entre nós a situação está bem crítica.

Me aproximo da beirada da embarcação quando vejo uma movimentação na água. De repente uma Sereia pula da água e cai de joelhos no chão do barco. Hugo levanta-se a nossa frente. Suas roupas humanas estão rasgadas e em seu braço o sangue escorre, suas expressões são amedrontadoras.

- Pelos céus, Hugo. – Ninfa se aproxima dele. – O que houve?

- Estamos sendo atacados. – Ele tosse nesse momento.

- Como assim sendo atacados? – Pergunto.

Ninfa ajuda o homem a se sentar. Ele então senta-se e me olha.

- Estávamos prestes a deixar Alamânia quando eles surgiram. – O guerreiro treme ao falar. – Os soldados mandados por Serafim.

- Maldição. – Polaris ao meu lado sussurra.

- Sabrina conseguiu abrir caminho para eu vir até vocês. Nossa Tropa precisa urgentemente da sua ajuda, eles são muitos. – Hugo nos conta.

Me abaixo e pego a espada e o escudo, após me levanto.

- Temos que ir. – Sou direto. – Agora!

- Eu vou com vocês. – Hugo levanta sua mão e volta a tossir.

Ninfa a sua frente se abaixa, rasga um pedaço de sua blusa e amarra em volta do machucado da sereia que geme ao ser amarrado.

- De jeito nenhum. – Ela diz a ele. – Você vai ficar aqui com Jackson, está sem a mínima condição de lutar. Por favor cuide dele.

Jackson acena para ela e depois se aproxima de mim e me dá um beijo.

- Cuide de seus amigos. – Ele diz para mim. – Eu cuido desse.

- Está bem. – Aceno. – Agora vamos!

Impulsiono minhas pernas e fico em cima da beirada da embarcação. Olho para Jackson ao lado de Hugo e sei que eles ficarão bem. Após me viro em direção ao mar, pulo e mergulho nas águas de Alamânia. Ao meu lado meus amigos me acompanham pelo mar, usamos todas as nossas forças. Nunca nadei tão rápido em minha vida. Chega um momento em que eu perco os dois.

“Vá com calma. ” – Ninfa fala.

“Acho que nesse momento não precisamos de calma. ” – Respondo. – “Vejo vocês na batalha, por favor não morram. ”

“Bom incentivo. ” – Polaris diz.

Impulsiono o meu corpo com toda a força e sigo pelo mar até avistar a areia da praia se aproximando. Inclino meu corpo e pulo para fora do mar caindo na macia areia da praia. O céu nebuloso paira na cidade de Alamânia, a areia da praia está um caos. Os guerreiros da Tropa Sapien batalham contra os guerreiros do Noroeste que já estão bem feridos.

- Ariel.

Sabrina desvia de um golpe de uma espada e acerta com a sua diretamente no peito da outra Sereia, empurra seu corpo que cai na areia. Ela permanece em pé e com um longo sorriso no rosto apreciando a guerra.

- Que bom que chegou. – Ela exclama.

- O Príncipe expulso.

Uma tropa das sereias se aproxima de mim, conto quatro.

- Parece que ele gostou das vestes humanas. – Um deles sorri. – Quem sabe até mesmo já virou um deles.

Toda a tropa ri nesse momento.

Giro a espada com meu punho e aponto para eles.

- Vocês não deveriam estar aqui. – Exclamo. – Os humanos podem os ver.

- Acredito que não. – A mulher loira diz. – E não nos importamos.

Olho para não muito longe da praia onde estão as casas dos embarcadores, os restaurantes. Todos estão fechados devido ao grande vento que se espalha, o céu anunciando a chuva. Logo os trovoes começam a surgir ocultando qualquer som da nossa guerra. Parece que Telonis e Zaquira desejam essa guerra.

- Sim, os titãs estão ao nosso favor.

Um deles me ataca pela direita. Ergo meu escudo e sua espada se choca nele. Na minha frente a mulher investe com sua espada, porém sou rápido e intercepto seu ataque. Infelizmente não consigo evitar o ataque pela esquerda e sinto o corte se abrir em meu braço, a dor é instantânea.

- O príncipe sangra. – Um lunático sorri para mim.

Impulsiono meu corpo para o lado e derrubo a sereia da esquerda. Giro tão rápido que o que recebe o ataque nem mesmo percebe, somente quando coloca a mão em sua garganta onde ela foi cortada. Ele cai de joelhos, morto. Eu nunca desejei matar, mas eles estão me obrigando a isso.

Sinto um corte na minha coxa e a calça é rasgada. A guerreira pula em cima de mim, mas levanto minha espada e a intercepto. Após pela areia eu acerto suas pernas e a faço tombar de costas. Mas, ela é rápida e consegue me acertar com suas pernas me fazendo recuar.

- Serafim deseja minha morte. – Tento distrai-la. – Ele está com medo que eu retorne e retire sua falsa coroa?

- Você é o último empecilho. – Ela sorri. – O último.

“Último empecilho. ” Sinto uma dor tremenda, pois ela acaba de dizer que aqueles próximos a mim foram mortos. As chamas despertam em meu corpo e agora eu não desejo nada mais do que vingança, nada importa. Eles estão mortos.

Ergo meu escudo e ela bate nele. Pulo e sua espada cruza embaixo dos meus pés. Abaixo eles e sua arma tranca sendo desvinculada de sua mão. Após cravo minha espada diretamente no seu peito. Me aproximo dela e seu olhar esverdeado me fita, após um sorriso sádico surge. Então empurro ela para trás e seu corpo cai morto no chão.

Ouçó um barulho de um estrondo. Viro-me para trás e um guerreiro Odini está morto na areia com uma flecha em suas costas. Saindo da beirada do mar surgem Ninfa e Polaris. Ela com seu arco apontado em minha direção.

- Obrigado. – Aceno.

Um guerreiro parte contra eles, mas logo é impedido por uma adaga de Polaris que o acerta bem em seu pescoço. O homem gira e acerta outra na cabeça de um guerreiro que estava pronto para cortar o pescoço de Délio. Délio se levanta imediatamente e pega sua lança.

- Na hora certa. – Délio ri tensamente. – Obrigado, amigo.

- Aceito uma cerveja humana como recompensa. – Polaris diz.

Sabrina tomba pela areia e ajudo-a levantar. Ela joga seus longos cabelos loiros para trás revelando as marcas de batalha em sua face.

- Há mais deles? – Questiono.

- Não. – Ela olha-me e me responde. – São todos os que vieram.

Observo na areia os corpos mortos e são mais de vinte, ainda em pé restam dez. Realmente Serafim preparou bem a sua Tropa para nos matar, mas o engano dele foi pensar que isso seria suficiente.

Os dez se reúnem a nossa frente. Olho de canto para o lado e aceno para Sabrina que se afasta no mesmo instante. A flecha cruza pelo nosso meio e acerta o peito de uma guerreira que tomba no mesmo instante. Porém, um arqueiro da sua

tropa é revelado e ele dispara contra Ninfa que é acertada em sua perna. Ela cai no mesmo momento e geme em dor.

- Maldito. – Polaris entra em fúria.

Ele gira sua adaga que é tão precisa que acerta o guerreiro que disparou contra sua irmã bem no seu olho. A cena é repugnante, viro-me para o lado e acerto minha espada bem na perna de um guerreiro, ele perde o equilíbrio e se ajoelha. Giro pela areia ficando atrás dele e acerto um golpe em suas costas abrindo um grande ferimento, mas ainda o deixando vivo.

- Você fica. – Sussuro.

A lança de Délio passa bem ao meu lado acertando o peito de um guerreiro que vinha me atacar. Do outro lado ele acena para mim antes de uma espada atravessar o seu peito. O guerreiro cai de joelhos enquanto o de Serafim ri do outro lado apreciando o seu sangue sendo derramado. O olhar de Délio então se torna frio e distante.

- Não. – Grito em sua direção.

A espada é retirada do seu corpo e o guerreiro que a manuseia passa o seu dedo pelo metal e após o sangue de nosso amigo em seus lábios. Os raios disparam pelo meu corpo na fúria mais profunda. Corro contra o guerreiro que se defende e após me acerta um golpe no braço.

- Se eu matar um príncipe serei recompensado. – Ele diz. – O sangue de um Dramir, esse sempre foi o meu desejo.

Olho para o lado, o corpo morto de Délio caído e após o encaro.

Giro minha espada em meu punho e acerto a sua mão que é cortada caindo na areia da praia. O guerreiro cai de joelhos e grita em dor, gritos que são abafados pelos trovoes nos céus. Me aproximo dele que agora mantém um olhar assustado para mim, e eu aprecio o seu medo.

- Pode ter o meu sangue, não minha alma! – Exclamo.

A lâmina da minha espada corta a sua garganta e o último guerreiro Serafim tomba. Na areia o sangue toma conta. Entre os corpos dos nossos inimigos está do nosso amigo. Me aproximo de Délio e o viro, encaro ele por uma última vez e então fecho os seus olhos.

- Que os titãs o acompanhem! – Sussuro.

Mesmo feridos meus amigos também se aproximam. Ninfa escorada no ombro de Polaris enquanto manca. Sabrina com os inúmeros cortes em seu corpo, mas ainda sim uma guerreira resistente.

- O nosso melhor nadador. – Polaris fala.

- Precisamos levar o corpo deles. – Sabrina exclama. – Se não, os humanos podem ver isso quando amanhecer. Temos que ser rápidos.

- O ritual. – Ninfa lembra. – Délio merece isso.

Largo minha espada e meu escudo, após me levanto.

- Coloquem o mais próximo da água que eu os levo. – Digo.

Junto com meus guerreiros juntamos os corpos dos inimigos bem próximos da água. Após com cuidado pego Délio em meus braços e levanto-me. Caminho pela areia e vou adentrando na água do mar até estar imerso.

Sinto o poder da água percorrer pelo meu corpo e então faço ela trazer os corpos dos guerreiros inimigos que vão sendo imersos até estarem atrás de mim. Me aproximo o mais profundo no mar.

- Sereias. – As vozes ecoam no fundo do mar.

Assim sendo, as Angelus começam a surgir, um monte delas. Quando uma sereia morre na ilha é o nosso ritual entregar o corpo morto as criaturas. O rei é o responsável por isso, mas aqui o mais perto disso sou eu. As Angelus foram criaturas abençoadas por Telonis e Zaquira que no começo nadavam sem rumo pela escuridão abissal, mas que com eles encontraram seu destino. Levar os corpos mortos aos seus titãs, enterrando seus corpos no mais profundo do mar para que suas almas possam seguir até o encontro de nossos criadores.

Elas rondavam em volta dos corpos mortos e uma Angelus para a minha frente. Seus longos cabelos brancos, um rosto nada humano como se seus olhos fossem pedras azuis preciosas. Seu corpo brilhante como as estrelas no céu, uma longa calda de peixe da cintura para baixo. Uma criatura magnífica.

“Levem-no.” – Digo a ela. – “Sei que não sou o rei, mas por favor levem meu guerreiro para que ele possa encontrar a paz.”

“Você não é rei?” – Seus olhos azuis brilham. – “Mas, será. Uma nova era vai se iniciar com o seu reinado, o seu povo precisará do seu comando na era do apocalipse.”

O meu corpo treme ao ouvir suas palavras em minha mente.

Délio é movido pela água até a Angelus o ter abraçado contra o seu corpo assim como os demais mortos. Logo, elas seguem com eles para a região mais profunda, então eu não vejo mais o brilho dos seus corpos, apenas a escuridão. Mas, com a certeza que Délio teve um final digno.

Retorno as terras humanas e a chuva cai fortemente em Alamânia limpando qualquer sinal de sangue na areia. Desejava que a água fizesse o mesmo com a nossa dor e levasse tudo de ruim deixando somente as coisas boas.

- Como elas são? – Polaris me questiona.

“Mas, será. Uma nova era vai se iniciar com o seu reinado, o seu povo precisará do seu comando na era do apocalipse. ” As palavras ecoam em minha mente ao ser questionado e confesso que tenho medo, pois foi uma profecia. Muitos reis em nossas histórias relataram que ao levar algum corpo para as criaturas recebiam uma profecia delas e que sempre se cumpriu. Mas, nenhum deles recebeu uma sobre o Apocalipse.

- Ariel. – Ele me chama mais uma vez.

- Oh! Sim. – Desperto do pequeno transe. – Elas são magníficas como os outros reis contam. Disse que não era o rei, mas elas aceitaram levar todos.

Oculto a parte mais importante, não precisamos nesse momento de mais preocupações.

- Você tem o sangue real. – Ninfa diz. – É o que importa.

Escondo minha tensão atrás de expressões frias.

- Se tivesse como eu teria botado fogo no corpo dos nossos inimigos, eles não mereciam ser entregues as Angelus. – Sabrina exclama.

Apenas me sento na areia e observo o mar.

- O que faremos agora? – Ninfa me questiona.

- Temos um sobrevivente.

Sabrina joga o corpo do homem que feriu, mas não matei. Ele está mal, porém vai sobreviver. Pelo menos por enquanto.

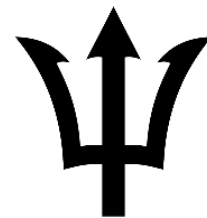
- Agora não precisamos sequestrar nenhum outro para retirar informações.
– A guerreira soa fria.

- Vamos esperar a tempestade acalmar.- Digo. – Amanhã vemos o que iremos fazer, creio que nenhum de nós está capacitado para enfrentar outra batalha. Precisamos estar bem, assim derrubaremos Serafim.

Hoje um guerreiro da nossa Tropa se foi, mas antes outros se foram. Agora sinto um medo por não ver mais aqueles que eu amo, eu nunca pensei que a morte pudesse ser algo tão doloroso, mas todos dizem que um momento isso passa. O problema não é só conviver com isso, entretanto, eu também sou um assassino. Por mais que eu fui obrigado a isso eu não sou uma boa Sereia, creio que nenhum de nós seja. Por mais que relutamos contra a escuridão ela ainda está lá esperando para nos levar para o mais profundo do mar!

Capítulo 26

No centro do alvo.



Na casa de Raiz nós repousamos, agora sem a presença deles o lugar é um tanto quieto. Lá fora o céu continua nublado mesmo no dia, parece que tempos sombrios realmente chegaram a Alamânia, mas na verdade eles sempre estiveram aqui, só que agora a parte sombria está mais viva do que nunca.

Jackson senta-se na poltrona e atende o celular.

- Oi. – Ele fala. – Chegaram em segurança?

- Sim. – Kylie responde do outro lado. – O lugar em que estamos é bem aconchegante e fomos tratados bem desde o começo.

- Tem um monte de jogos. – Ouço a voz de Vitor. – Comida também, então não poderíamos estar melhores hospedados.

- Fico feliz por isso. – Jack sorri. – Cuidem um do outro.

- Espere. – Kylie fala. – Vocês foram até o reino? – Ela questiona.

- Não. – A voz de Jackson falha.

Me aproximo e me sento ao seu lado.

- Aconteceu um imprevisto. – Conto a eles. – Guerreiros inimigos chegaram na ilha, mas agora estamos todos bem. – Penso em Délio. – O perigo já passou, agora iremos montar um plano para partir ainda hoje.

Um silêncio é estabelecido do outro lado.

- Pelos céus! – Kylie enfim diz. – Estamos todos apreensivos por vocês, por favor cuidem-se com esses inimigos.

- Sem dúvidas. – Jackson tenta parecer calmo. – Agora tenho que desligar, temos trabalho a fazer. Retornamos quando voltarmos.

- Beijo tio. – Lily grita do outro lado.

Jackson sorri e desliga a chamada. Após seu olhar fica distante, então pouse minha mão no ombro dele e ele me encara.

- Vai ficar tudo bem com eles. – Exclamo. – E com você também, não deixarei que nada de ruim aconteça com nenhum aqui. – Olho para todos que estão na sala. – Perdemos Délio e não iremos perder mais ninguém.

Todos eles acenam para mim. Mas, a questão é que em uma guerra tudo é imprevisível. Ninguém sabe realmente o que pode acontecer. Logo, perdas acontecem. Sempre foi algo que eu pensava ao ler nossos livros, todas aquelas grandes batalhas do passado, inúmeras sereias do nosso povo, mortas. Motivo? Poder de se sentir maior e melhor que outros.

- Está na hora de alguém acordar. – Sabrina diz.

Levanto-me e sigo até o centro da sala onde nós amarramos o guerreiro inimigo. O homem é jovem, possui cabelo raspado e uma pintura em sua cabeça que retrata a cabeça de um lobo, algo provocador.

Pego o copo de água e atiro em sua face. No mesmo instante o homem desperta como se estivesse sendo afogado, se isso fosse possível para nós. Ele então balança os seus braços amarrados e depois que vê que não irá conseguir se soltar ele para e sorri para nós, seus dentes afiados como lâminas.

- Qual é o seu nome? – Paro em sua frente e o questiono.

- Tritu. – O homem responde com um sorriso.

- Tritu. – Digo. – Nós precisamos de um favor seu.

Os olhos escuros do homem observam os outros guerreiros na sala.

- Por que eu ajudaria uma sereia do Noroeste? – Ele diz. – Principalmente um príncipe que foi expulso do seu próprio reino porque não conseguiu vencer um duelo contra o nosso príncipe.

Polaris então dispara um soco na face do homem que quase cai da cadeira. Levanto minha mão e assim meu amigo se afasta. O soldado inimigo ri enquanto o sangue escorre pela sua boca.

- Eu não direi nada a vocês. – Tritu exclama. – Nunca!

- Eu falei. – Sabrina se irrita. – Vamos cortar a orelha dele.

- Não será necessário. – Digo e olho firme para a sereia inimiga. – Tritu será um bom aliado que irá cooperar, sua vida deve ser mais importante que a do seu mestre, presumo eu. E se não cooperar você morrerá!

Jackson desvia seu olhar nesse momento, eu odeio ter que agir assim, mas é necessário. Me vendo nessa posição me lembro do meu pai quando julgava os criminosos, pensava que era horrível, mas agora eu compreendo.

- Eu vou morrer da mesma forma. – Tritu sorri. – Pensa mesmo que eu vou acreditar em suas palavras? Falso príncipe.

Confesso que ele está me irritando, mesmo assim fico estável.

- Você tem duas saídas. – Digo. – Uma é morrer sem revelar nada e sem a chance de saber que eu irei cumprir a promessa, outra é se arriscar e no final ver que as minhas palavras são verdadeiras.

A sereia inimiga então fica pensativa e calada.

- Você tem família? – Ninfa em frente à janela questiona-o.

- Sim. – Tritu responde. – Minha esposa e a minha filha de dez anos.

- Então faça isso por elas. – Aendai soa calma e doce. – Se dizer a verdade a nós podemos o libertar e assim poderá voltar para ela, caso contrário nunca mais verá sua filha e quem sabe até mesmo elas podem morrer.

Eu nunca vi Ninfa dessa forma, mas parece que é algo que faz o soldado inimigo repensar. Ele abaixa a cabeça e depois pousa seu olhar no meu.

- Está bem. – Tritu responde. – Eu aceito, mas com condições.

- As condições. – Sabrina novamente se irrita. – Olhe onde você está para ficar exigindo condições, apenas responda a nossos questionamentos.

Apenas lanço um olhar para ela e logo a guerreira se cala.

- Quais são essas condições? – Pergunto a ele.

- Vocês desejam invadir a ilha. – Tritu antecipa. – Derrubar Serafim, então isso quer dizer que vai custar para o meu povo. A minha condição se vocês conseguirem é poupar a vida da minha família. Freia minha esposa e Four minha filha. Apenas isso. Você promete cumprir essa promessa sob o julgamento dos titãs caso descumpri-la?

- Eu prometo. – Exclamo. – Mas, se você ousar mentir sobre o que vai dizer a nós para nos levar a uma armadilha eu juro por todos os deuses que a sua família vai ser a primeira a ser morta. – Sou frio.

O guerreiro lança um leve sorriso.

- Então vamos lá. O que querem saber? – Tritu pergunta.

- Primeiro. – Temo já a reposta. – Minha família assim como a dos Aendai ainda vive? Alguém morreu em batalha? Todo nosso povo morreu?

O homem ri e isso me irrita, apenas suspiro e permaneço olhando ele.

- Não, sua família ainda vive. Os Dramir estão presos no castelo sob o controle do rei. – A resposta dele me alivia. – Muitos do seu povo morreram durante a batalha e os que sobreviveram tiveram que se ajoelhar e jurar lealdade aos Odini. Famílias menos importantes morreram, como os Aendai.

Nesse momento meus amigos são atingidos. Ninfa abaixa a sua cabeça e senta-se no sofá com as mãos no rosto. Polaris então caminha e senta-se ao seu lado, o choque é tanto que ele não consegue chorar, apenas minha amiga. Dói ver as lágrimas descendo pela sua face.

- Sinto muito. – Digo a eles.

- Por que prenderam os Dramir? – Sabrina o questiona.

- Serafim sabia que Ariel pretendia retornar. – Tritu responde. – Por isso ele os prendeu, para serem algo para manipular Ariel. Se ele invadir o reino e conseguir vantagem Serafim irá ameaçar a sua família. Como todos sabem, o príncipe irá ceder e será morto. Além disso, Serafim está gostando de torturar cada um deles por todos os anos que perdemos para os Dramir. Também, os demais guerreiros que restaram ao ver seus reis derrotados decidiram se ajoelhar.

Torturar, essa palavra me causa náuseas.

- Hugo. – Aceno para o guerreiro.

Hugo pega a folha onde desenhou e estende sobre a mesa em frente à Tritu que sorri, cada vez que ele faz isso me sinto angustiado por causa dos seus dentes.

- A mapa de Teza. – Hugo diz. – Precisamos saber qual é o local mais seguro e com menos guardas por onde podemos entrar. Necessitamos não ser vistos e chegar o mais rápido à onde Serafim estiver.

- Serafim está no castelo Dramir. – Como o esperado. – Ele reforçou a segurança no salão, logo é difícil de invadir. Mas, para entrar em Teza vocês devem entrar pela região do poço do esquecimento. É onde há o menor número de guardas e também não é muito longe das celas.

- Ótimo. – Digo. – Nós precisamos chegar primeiramente as celas e libertar minha família para termos alguma vantagem nisso tudo.

- Mas, cuidado. – Tritu ri e o sangue escorre pelo lado da boca. – Lobos do Sudeste guardam aquelas celas e eles estarão famintos. Além disso, outros guardas protegem o lugar.

Realmente esses animais são sanguinários, mas de qualquer jeito teremos que encontrar uma forma de combatê-los.

- O nosso dragão ainda vive? – Polaris então fala depois do impacto de saber sobre a morte dos seus pais.

- Sim, nas montanhas. Preso. – Tritu diz. – O animal não gosta muito dos nossos guerreiros, por isso eles preferem ficar afastados.

- Ótimo. – Aendai diz.

- A montanha do dragão não fica muito longe do lago do esquecimento. – Hugo observa. – Podemos nos dividir, libertar um dragão que causará um tumulto atraindo os soldados da região por onde precisamos adentrar.

Sorrio para ele, sua estratégia é boa.

- Certamente isso deve adiantar. – Tritu fala. – Mas, não terão como fugir da luta, principalmente se desejam ser regicidas.

- Não seremos regicidas. – Ninfa exclama com fúria. – Ele nunca foi e nunca será o nosso rei. Ele pagará por tudo!

Me aproximo mais do soldado.

- O restante do nosso povo. – Digo. – Onde eles estão?

- Espalhados. – Seu olhar crava no meu. – Muitos servem nossos soldados, outros foram despejados de suas residências e vivem no relento. Quando seu rei e rainha caíram eles perderam a fé. Ainda mais na sua ausência.

Confio plenamente em suas palavras, ver figuras tão importantes sendo derrotadas causa exatamente isso. Mas, no momento em que eu surgir talvez eles se inspirem novamente e lutem pelo nosso lar.

- César e Gliz onde estão? – Questiono.

- No castelo Serafim. – O homem sorri. – São os nossos príncipes.

- Viseris Dramir? – Questiono.

- Preso no Sudeste. – Ele responde. – O ajudante do golpe, um integrante estúpido de sua família que acreditou que o rei iria dar a coroa a ele. – O homem ri. – Serafim só não o matou por consideração pela sua ajuda.

Sorrio por dentro, pois é o seu carma.

- Que horas devemos atacar? – Pergunto mesmo sabendo.

- A noite, na madrugada. – O homem ri. – Por mais que o rei tenha proibido a bebida enquanto você ainda vive e estamos em risco de ataque, os nossos guerreiros são bêbados e a essa hora apagam.

- Já temos as informações que desejávamos. – Sabrina fala.

- Sim já temos. – Digo.

- Agora podem me matar. – Tritu ri. – Ou pensaram que eu acreditei que me libertariam? Mas, eu não me importo. – Ele fica sério. – Apenas mantenha a promessa de manter a minha família viva, se vocês sobreviverem, é claro.

Sabrina se posiciona atrás dele, pega sua faca e corta sua garganta. Me viro quando a sereia começa a tremer na cadeira, mas Tritu não cede e mantém sua postura, no final acaba morrendo com um sorriso na boca.

- Meus pais. – Ninfa diz.

Me abaixo a sua frente, pego em suas mãos e a encaro.

- Nós vamos vingá-los. – Digo a ela. – Eu prometo!

Os Aendai acenam para mim.

Levanto-me e me aproximo de Jackson, pego em sua mão.

- Está tudo bem? – Pergunto.

- Está. – Jack diz. – É só que...

- Isso não é para você, essa violência. – Exclamo. – Por isso queria que você não viesse conosco, não quero que tenha essa imagem minha.

Melman passa a mão em meu rosto.

- Eu continuo te amando. – Ele diz. – Mas, se isso faz parte do seu mundo agora também faz parte do meu. Aliás, minha mãe fazia parte disso. – Jackson sussurra. – Estarei aqui por você.

Chego próximo dele e toco em seus lábios, estando ao seu lado mesmo em momentos ruins eu me sinto bem. Jackson é paz para mim e o seu jeito doce e amoroso me faz lembrar da luz que ainda habita em mim.

Escuto um barulho vindo da floresta e então me aproximo da janela.

- O que está havendo? – Pergunto.

- Veículo humano. – Hugo me responde.

Saio pela varanda da residência e observo um veículo preto parar não muito distante da residência Raiz. Somente pelo símbolo da coroa de louro na frente eu identifico, os Talis.

- Peguem suas armas. – Digo a eles.

Desço um degrau e aceno para meus amigos ficarem atrás. De dentro do carro saem quatro grandes homens, todos carregam fortes armas. Alguns deles apontam para nós. Na varanda Ninfa já está com seu arco posicionado.

- Pode atirar. – O homem alto na frente fala. – Mas, depois disso todos vocês já estarão mortos. Acredito que não irão querer isso.

Assim levanto minha mão e Ninfa abaixa o arco.

- Estúpido. – Sabrina ri. – Acha que pode nos deter.

- Temos algo para mostrar. – O soldado Talis exclama.

Me aproximo quando ele abre uma maleta e dentro dela há um dispositivo de transmissão. Quando ele clica no botão um vídeo é executado. Nele está acontecendo a batalha da outra noite, em vários momentos focam no meu rosto, principalmente quando mato um soldado inimigo. A câmera então se afasta, ela estava instalada em um poste, percebo pela altura.

- O que desejam? – Questiono.

- Jaime deseja conversar com você. – Ele diz. – Se não aceitar esse vídeo será divulgado para as autoridades e vai chamar muita atenção para seu povo. Os assassinos dos mares. Convenhamos que será difícil qualquer humano ver esse vídeo e não se surpreender com suas habilidades no mar, os corpos sendo levados pela água. Todos focarão em tentar descobrir a verdade.

Olho bem para ele e então viro de costas.

- Se fizerem qualquer coisa contra nós Jaime estará vendo, há câmeras instaladas no carro que fazem transmissão ao vivo. – Ele me alerta. – Então não façam nada estúpido, criaturas.

Prossigo até os meus amigos. Subo os degraus e eles se aproximam.

- Eles têm o vídeo. – Jackson fala.

- Eu vou com eles. – Exclamo. – Jaime deseja que eu vá até ele.

- Como assim? – Polaris diz. – Isso é insano, uma armadilha.

- Eu sei. – Respondo o mais baixo que posso. – Mas, se isso vazar o mundo inteiro vai olhar para nós e não precisamos disso nesse momento. Se ele quer minha presença eu irei até ele e se for preciso matarei todos com o meu encantamento. Preciso apenas que me esperem retornar.

- Isso não é uma boa ideia. – Hugo diz.

- Eu sei que não. – Exclamo. – Mas, é a única alternativa. Se fizermos qualquer coisa aqui nós seremos expostos. Sabem do meu poder de encantamento, eu sou capaz de controlar eles, mas para isso preciso ficar face a face com Jaime. Compreendem?

- Ariel tem razão. – Sabrina concorda comigo. – Ele junto com todos eles pode encantá-los facilmente. Deixem que ele vá, essa situação precisa ser neutralizada o quanto antes. É melhor encerrarmos agora antes de partirmos para a ilha. Tem meu apoio Ariel.

- Obrigado. – Aceno e encaro os demais. – Prometo que tomarei cuidado, apenas confiem que eu posso resolver isso. Sabem que é a única saída no momento e por isso não farão nada estúpido.

Todos eles acenam em concordância.

- Cuide-se. – Jackson fala.

Viro de costas e prossigo. O homem abre a porta do carro para mim. Olho e observo meus amigos na varanda, sinto uma sensação ruim. Mas, nós não temos outra saída, Jaime nos encurralou, entretanto eu sairei dessa. Assim sendo, adentro no carro. Fico entre dois soldados armados.

- Foi a escolha mais sábia. – O motorista diz.

O carro se afasta da residência Raiz e logo estamos percorrendo pela floresta. Observo na frente onde há uma luz vermelha ligada e pelo que eu já vi isso indica que a câmera está ligada. Minha intenção era encantá-los antes de chegar no edifício, porém não posso se não Jaime saberá. Dessa forma, tenho que me manter tranquilo até que eu esteja rodeado por eles.

Seguimos pelas ruas de Alamânia, mesmo pelo pouco tempo em que estou aqui eu vejo que tomamos um rumo diferente daquele que leva ao prédio dos Talis. Adentramos em uma rua onde os prédios são menores. Enfim o carro para e então saímos. Estamos em frente a um prédio antigo, suas janelas estão todas fechadas. Em volta há apenas algumas lojas, a única criatura que vejo é um gato preto passando do outro lado da rua. Não sinto uma sensação boa. Eles me trouxeram para um lugar escondido, pois a intenção é não me fazer voltar.

- Vamos, não-humano. – Um deles atrás de mim ri.

Sigo em silêncio e adentro, passamos por um corredor escuro onde há muitos papéis jogados. Subimos uma escada e dobro a direita, adentro em uma grande sala, não há quase nada dentro do prédio. Ali na sala estão muitos guardas segurando armas e mais ao fundo em frente a uma mesa branca fica Jaime.

- Enfim chegaram. - Jaime sorri.

O homem levanta-se e prossegue até mim, ele veste um colete cinza. Seus olhos verdes como a grama pousam no meu e um sorriso amedrontador surge. Jaime Talis não me enganou desde o início, seu olhar demonstra a ânsia por poder. Nele encontro um pouco de Serafim.

- Por que estou aqui? – Pergunto.

- Pode se sentar. – Jaime aponta para a cadeira em frente à sua mesa.

Puxo a cadeira e sento-me. Ele caminha em volta da sua mesa e para do outro lado. Se apoia nela e novamente volta a me observar.

- Você sabe exatamente porque está aqui, Ariel. – Talis diz. – Aquele vídeo seu e dos seus amigos. Nunca acreditei em uma palavra sua desde aquele nosso encontro. Com o vídeo somente confirmei o que havia pensado, você não é um humano. Ou ainda vai insistir nisso?

Observo seus guardas atrás dele.

- Se eu não sou um humano o que eu seria? – Questiono.

- Você é bom nisso. – Jaime sorri para mim, após puxa uma caderneta de sua gaveta e coloca em cima da mesa. – Meu avô Vladi descobriu sobre sua espécie, mas todos achavam que ele era lunático. Tentei anos provar que vocês existiam e então você surgiu num estralar de dedos.

Olho para o livro e então sinto-me ainda mais tenso.

- Talvez você tenha salvado Jackson. – Talis continua. – Afinal ele podia estar com você na ilha, assim vocês vieram para cá. Talvez você tenha traído o seu povo por um amor humano?

Sorrio para ele ao ouvir “humano. ”

- Você acha que pode fazer qualquer coisa por ter toda essa sua dinastia, mas você não vai querer ir contra a minha. – Exclamo. – Só um conselho, não mecha com reinos que não conhece.

Jaime pega o livro e sorri para ele. Após dá a volta na mesa e segue para junto dos seus guardas. Me levanto quando reconheço as faces que surgem, são os mesmos soldados que hipnotizei naquele dia. Caminho suavemente pelo salão e estou encurralado. Atrás de mim não há nenhuma janela, apenas uma parede escura.

- Pessoal! – Jaime vira-se em direção ao grupo. – Vocês por acaso sabem quem é esse homem na minha frente? – Ele aponta para mim.

Os soldados olham um para o outro e então todos dizem:

- Não.

Jaime esfrega a mão embaixo do queixo enquanto sorri, após seu olhar ameaçador volta a me fitar. Porém, ainda não é o momento.

- É muito estranho, Ariel. – Jaime diz. – Eu mandei eles atrás de você, até mesmo entreguei uma imagem sua a eles. No dia em que voltaram eu estranhei que eles não o encontraram afinal são os melhores da cidade e que nunca falharam em seus serviços. Mas, agora eu compreendo. Você não é humano e de alguma forma os enfeitiçou.

- Quanta imaginação. – Sou sarcástico. – Mas, talvez esteja certo. Você nunca deveria ter nos ameaçado, humano!

Jaime então ri.

Um homem surge. Ele veste um longo casaco branco mesmo não estando frio, também um cachecol com a mesma cor, o que difere são as calças acinzentadas. Em sua cabeça há um chapéu antigo, também branco. O desconhecido caminha até ficar ao lado de Jaime. Ele esfrega suas mãos cobertas por luvas brancas e então o olhar obscuro me fita. Sinto uma energia diferente vindo dele, algo que nenhum humano possui.

- Adam. – Jaime olha para o homem e diz. – Conheça, Ariel. Ele também não é humano. Só que uma espécie nova, uma Sereia.

Adam então olha para mim.

- Olá Ariel.

O homem possui um sorriso ainda mais sombrio que o de Talis.

- Nunca estudamos uma criatura como você em Gauteber.

- Gauteber? – Questiono.

- Escola de Magia Negra da França. – Adam responde.

Ao seu lado Jaime sorri e isso me amedronta. O homem está aliado com uma criatura mística que tem poderes, isso é preocupante.

- Imagino o que você deve estar pensando. – Talis dá um passo à frente e Adam continua a me observar. – Eu tenho amigos muito influentes e eu tomei as precauções necessárias contra uma criatura mística.

- Eu amo uma amizade beneficiadora. – Adam ri.

Diante da ameaça eu começo a cantar, entretanto seu bruxo é rápido. A criatura levanta suas mãos e exclama:

- Ant Acae.

De repente duas correntes rompem do chão e não sei de onde elas surgiram, não sou rápido o bastante e elas se fecham em volta dos meus punhos. Tento puxar,

entretanto é impossível arrebentar. Me concentro olhando para eles, porém eu não consigo cantar, estou bloqueado.

- É inútil, mon amour. – O bruxo Adam sorri. – Essas correntes bloqueiam qualquer tipo de magia. Pensei que poderia não dar certo em você, mas pelo visto também serve para as Sereias.

Jaime pega um controle na mão, dá alguns passos à frente e então pressiona um botão. Olho para cima ao escutar um barulho e então grades começam a descer até fecharem em volta do meu corpo, ótimo libertei Jack de uma cela e agora eu estou preso em uma.

- O que você quer? – Pergunto.

- Eu quero sua ilha. – Jaime exclama. – Todas as riquezas que a sua terra tem, e você vai me ajudar a conquistá-la.

- Eu nunca vou fazer isso. – Me debato nas correntes em fúria.

- Você vai me ajudar. – Talis sorri. – Por isso nós teremos que buscar os seus amigos, logo eles virão fazer companhia para você.

- Não. – Uso minha força para gritar.

- Será um incentivo para você. – Jaime é sádico. – Infelizmente não encontrei as crianças, mas elas não são importantes quando se tem um monte de criaturas novas em Alamânia.

O bruxo pega um copo de água, se aproxima das grades e então arremessa a água em minha face. Olho para ele em fúria e nesse momento desejo que os raios o atinjam. Os homens apenas sorriem ao me ver.

- Incrível. – Jaime fica contente.

- Alguns animais revelam sua verdadeira face quando entram em contato com o ambiente que é o seu natural. – Adam fala, ele me chamou de animal.

- Quando eu sair daqui eu vou matar todos vocês. – Exclamo. – Juro por Telonis e Zaquira que vocês sofrerão.

Os dois inimigos se afastam.

- Vamos. – Jaime acena. – Precisamos trazer os demais.

Corro até as grades, mas as correntes me puxam para o solo. Assim, observo os homens deixarem o edifício enquanto partem pela busca dos meus amigos. Nesse momento me sinto estúpido por ter aceitado vir, eu subestimei a sua força. Jaime é aliado de outras criaturas místicas, quem sabe realmente o tamanho do seu poder. Mas, agora não há tempo para lamentações.

Capítulo 27

As três pontas.



Não sei há quanto tempo estou preso dentro dessa cela, não há nada para olhar a não ser para as paredes cinzas enquanto penso como posso sair desse lugar, no entanto sei que no momento é impossível. Jaime é um grande inimigo e ele vai fazer de tudo para pegar minha família, rezo aos titãs para que isso não aconteça. Por mais que eles sejam humanos possuem recursos que nós não temos, os Bruxos são criaturas ainda mais poderosas que havia pensado.

Me sento no solo úmido e encosto minhas costas nas grades. Tento me manter estável para quando a hora chegar e não demora muito para que isso aconteça. Após uns dez minutos respirando profundamente eu ouço um barulho vindo das escadas e um falar dos guardas de Jaime.

- Prendam todos eles. – O homem repugnante diz.

Enfim todos passam pela porta, meus amigos inconscientes sendo carregados pelos guardas. Levanto-me no mesmo instante. As celas ao lado da minha são abertas. Polaris, Ninfa e Jackson são jogados em uma das prisões e no outro canto caem Hugo e Sabrina.

- Malditos. – Esbravejo enquanto puxo as correntes. – O que fizeram?

O olhar verde de Talis me fita assim como seu sorriso doentio.

- Apenas sedativos. – Jaime soa tranquilo. – Não queríamos criar problemas com as grandes sereias da zona de risco. – Ele debocha.

O bruxo Adam toma a frente e levanta suas mãos em nossas direções.

- Ant Acae. – Novamente ele repete o feitiço.

As correntes surgem do chão prendendo as mãos dos meus amigos. O único que fica livre é Jackson que consegue levantar logo quando me vê. O humano corre em minha direção e coloca suas mãos nas grades.

- Você está bem? – Pergunto a ele.

- Estou um pouco tonto.

Melman fecha seus olhos e depois retoma a concentração.

- Mas, estou bem. Esses homens surgiram do nada na residência da Kylie, não tivemos tempo de reagir ainda mais com aquele homem.

Jack aponta para Adam que apenas sorri para nós.

- Está tudo bem. – Tento acalmá-lo. – Eu irei resolver as coisas.

Melman acena para mim e logo volta a se sentar, pois está muito fraco. Olho para Ninfa e Polaris que fecham e abrem seus olhos seguidamente e isso me desperta uma raiva profunda, no entanto tenho que agir com sabedoria assim como meu tio Hector me treinava para essas situações.

Dou um passo à frente e fico de pé diante dos inimigos.

- Ora, ora. – Jaime bate uma palma e sorri, seu olhar venenoso segue para Jack e depois para mim, acompanhado de um grande sorriso. – Parece que temos uma relação entre espécies aqui, magnífico.

- Seja direto, humano. – Exclamo. – O que você quer?

Jaime coloca as mãos no bolso e se aproxima da grade.

- Você sabe o que eu quero. – Ele diz. – Conquistar sua ilha, fazê-la parte da minha Dinastia. A maior riqueza das nossas terras.

Apenas sorrio para ele a fim de desestabilizá-lo.

- Por que você acha que é a maior riqueza da Terra? – Digo.

O homem acena para o guarda aos fundos que traz uma sacola e joga a frente das grades. Dali de dentro eles retiram espadas, escudos e por fim o meu Tridente dado pelo meu pai. Quando Jaime o pega me debato nas correntes e o encaro com a intenção de jogar um raio em sua cabeça. O humano pega o Tridente e manipula em sua mão como se fosse um brinquedo.

- Nós nunca vimos materiais como esses. – Jaime exclama.

- Realmente. – O bruxo ao seu lado concorda. – Sinto o poder exalar dessa arma e foi algo que eu nunca senti em toda minha vida, talvez nenhum outro bruxo tenha sentido tamanho poder.

Talis aponta o tridente para mim e ri como se fosse uma piada.

- Exato! – Ele diz. – É isso que eu quero, suas riquezas. Imagino quantas preciosidades vocês devem esconder lá e que me dariam milhões, bilhões, trilhões de dólares. É algo que não posso evitar pensar, sou um homem de negócios.

Observo o homem firmemente e quando eu vou falar Ninfa e os demais levantam-se. Eles puxam suas mãos para se libertar das correntes, mas é impossível. Assim sendo, levanto minha mão acenando para eles pararem.

- São mágicas. – Digo a eles. – Nenhum poder nosso funciona com elas.

- Pelos titãs. – Sabrina ao lado grita para os homens. – Eu juro que quando eu sair dessa prisão eu vou arrancar a cabeça de vocês e dar aos tubarões.

- Quanta raiva. – Jaime olha para ela e sorri. – Eu gosto de mulheres assim, elas se tornam mais atraentes.

Sabrina apenas o encara com ferocidade.

- Nosso povo vive na ilha. – Exclamo. – É impossível vocês adentrarem sem serem vistos, eles são os protetores de qualquer riqueza então sinto muito, mas vocês terão que ficar sem elas.

Talis diminui seu sorriso e caminha pelo local.

- Você ainda não entendeu, criatura dos mares. – Ele diz. – Eu não estou pedindo um favor, isso é uma ordem. Mas, se você insiste em permanecer desse jeito talvez nós devêssemos lhe dar um empurrão.

Um soldado caminha até a cela ao meu lado e a abre. O grande homem se abaixa e puxa Jackson pelo seu punho o arrastando, como o humano está debilitado ele nem mesmo consegue ir contra a ação.

- Soltem ele. – Grito com toda a minha força. – Jaime. – O chamo. – Não faça nada contra Jackson, ele não faz parte disso.

- Está enganado. – Ele me olha de canto. – Jackson faz parte, ele é o seu calcanhar de Aquiles.

Uma cadeira é puxada para o centro da sala onde colocam Jackson. Empurram seus braços para trás e amarram suas mãos em correntes assim como os seus pés. O humano fica ali parado, aos poucos ele vai retomando a sua consciência, mas é impossível de escapar.

- Me soltem. – Jackson usa suas forças para falar.

- Não se preocupe, meu anjo. – Jaime diz. – Se Ariel cooperar você estará a salvo, mas se ele se negar talvez você tenha um encontro com a morte mais cedo.

O grande soldado entrega uma arma humana para Jaime que manipula em sua mão, seus dedos deslizam pela arma apreciando o poder. Após ele segura e aponta em minha direção, quando ele sorri seu braço se movimenta em direção ao peito de Jackson que treme ao olhar para a arma.

- É sua escolha. – Jaime fala.

- Não faça isso. – Jackson olha para mim e exclama. – Eles vão matar todos nós do mesmo jeito, por favor não diga nada.

Eu realmente queria não fazer isso, mas a sensação de perigo vai contra qualquer ensinamento que aprendi nesses anos. Pensar na possibilidade é muito diferente do que ver acontecendo a sua frente. Eu amo Jack como nunca amei ninguém, não posso perdê-lo logo agora.

- Eu farei como você pediu. – Digo a Jaime.

O homem abaixa sua arma e vira seu corpo em minha direção.

- Estou aqui para lhe escutar. – O humano sorri.

- Teza era dividida em Noroeste e Sudeste sendo governada por duas Dinastias, os Odini e a da minha família os Dramir. – Conto. – Mas, recentemente sofremos um ataque e perdemos o nosso reino que agora é somente controlado pelos Odini que governam sobre toda Teza.

- Fascinante. – Jaime diz. – Então você era da família real.

- Sucessor ao trono. – Falo. – Mas, isso não acontecerá enquanto nossos inimigos sentam em nosso trono. O rei Serafim é implacável. – Instigo sua competição despertar. – Se você invadir a ilha ele irá lhe destruir assim como todos que pisarem em Teza, então não tem como você querer aquele lugar.

Jaime troca olhares com seus aliados e depois olha para mim.

- Se vocês sofreram um golpe. – Ele diz. – Então planejam retomar o poder e é por isso que tanto de vocês estão aqui. – O homem é inteligente. – Vejamos que isso pode ser uma boa troca de favores entre todos nós.

- Troca de favores? – Exclamo.

- Sim. – Jaime começa a caminhar de um lado para o outro. – Vejamos, eles devem ter um exército e vocês são apenas isso, eu não. Com meu dinheiro eu posso comprar o exército mais bravo para invadir sua ilha e com vocês ao nosso lado como conhecedores do local irão nos ajudar.

Apenas fico olhando para ele.

- Você é insano. – Sabrina diz. – Por que nós faríamos isso?

- Nós matamos todos eles com o armamento necessário. – Jaime é frio. – Vocês retomam o poder da ilha de e deixam meu povo explorar suas riquezas, um grande trato.

- Grande trato. – Sorrio tensamente.

Olho para Jaime e me pergunto se ele pensa que somos burros. Sei que no momento em que invadíssemos a ilha e derrotássemos Serafim ele iria nos

aniquilar para ficar com o poder supremo. Ao olhar para o homem eu sei que ele não se contenta em dividir as coisas, senti isso quando ele estava com Jonas.

- Para eles viverem na ilha devem ter uma grande fauna e flora diferenciada das nossas terras. – O bruxo diz. – Criaturas místicas desconhecidas e que valeriam milhões no mercado lá fora. Sei de um bruxo em Las Vegas que colecionava essas criaturas, mas agora a maioria está sob controle da Irmandade Bruxa. Patéticos... – Ele soa como se detestasse a Irmandade.

- Seria perfeito. – Jaime diz. – Vocês nos darem como um presente um casal de cada espécie da sua ilha, os mais desconhecidos, é claro. A extração da sua ilha seria perfeita para o nosso desenvolvimento.

- Colonizadores. – Nífa enfim desperta e fala, ainda com dificuldade ela levantasse e olha para eles. – Só desejam nos roubar assim como seus antepassados fizeram com diversos povos. Vocês dizimaram povos inteiros por pura ambição, destruição da sua fauna e flora por pura cobiça. Agora pretendem fazer isso com um lugar abençoado pelos titãs.

- É a humanidade, querida! – Talis nem mesmo se importa assim como os demais. – Aceitem a nossa proposta, pois uma melhor vocês não irão encontrar. Pensem que todos vão sair ganhando, vocês ficarão vivos.

Olho para ele e controlo minha raiva.

- Quem nos garante que não irá nos matar? – Questiono.

- Não seja patético. – Jaime diz. – Nós precisamos de vocês.

Olho para meus amigos a minha volta e me comunico mentalmente com eles apenas com um olhar. Nós não temos saída.

- Aceitamos a sua proposta. – Exclamo. – Afinal não temos escolha.

- Você é uma criatura inteligente. – Jaime diz. – Mas, não pensem em nos enganar, pois se não todos vocês irão morrer e eu não terei misericórdia.

Um soldado inimigo puxa uma mesa e coloca à frente da nossa cela, após joga o papel desenhado por Hugo em cima do local.

- O mapa da ilha? – Adam questiona.

- Exato! – Digo.

- Onde eles possuem menor proteção? – Jaime questiona.

- Nas montanhas onde fica o dragão. – Hugo responde.

Nesse instante todos do outro lado olham entre si e após focam em nós.

- Dragão? – Um deles sussurra ao lado.

- Sim, o nosso dragão da ilha. – Exclamo. – Esse é o lugar mais seguro para se entrar, o animal me obedece então fiquem tranquilos.

Jaime caminha em volta da mesa a observar.

- Vocês entrarão com uma tropa por essa região, mas nós cercaremos o resto da ilha. Quando eles focarem em algo nós atacamos de surpresa. – Ele diz.

- As sereias sentem suas presenças. – Exclamo. – Terão que ficar além da neblina para que não chamem tanta atenção.

- Não se preocupe, nós teremos os melhores navios. – No momento em que ele fala no plural eu fico preocupado. – Eles nem mesmo irão ver de onde serão atingidos, mas é claro sem destruir muito da sua ilha.

O homem ri e Ninfa ao lado puxa suas correntes.

- Uma coisa que observamos foi seu armamento. – Jaime diz. – Ele é bastante antiquado, com uma arma das nossas matamos muitos de vocês.

Sabrina ao meu lado apenas sorri, eles não sabem onde eles estão se metendo. Nós temos os melhores guerreiros da Terra naquela ilha.

- Espero que apreciem a hospitalidade. – O homem sorri. – Volto amanhã de manhã. Agora tenho que entrar em contato com meus amigos distantes, iremos precisar de uma grande tropa para a conquista. Durmam bem, amigos!

O papel em cima da mesa é fechado e os homens começam a deixar a sala, quando o bruxo e Jaime saem o ar fica mais respirável. Por fim Jackson é jogado dentro da sala e soldados no final do corredor se posicionam perto da porta para guarnece-la.

Tento pela última vez arrebentar as correntes e novamente eu falho.

- Não acredito que nós teremos que ceder para eles. – Sabrina exclama em fúria. – As primeiras Sereias a se curvarem para esses humanos.

- Estamos sendo sábios. – Hugo ao seu lado fala baixo. – Se fossemos contra suas ordens ele teria matado um de nós, não podemos perder mais ninguém. Por Délio temos que sobreviver...

Caminho até o fundo da cela e observo todos, após um tempo os soldados que na porta estavam deixam o local e descem pelas escadas.

- Em algum momento eles terão que nos libertar. – Digo. – E nesse momento nós vamos ter que revidar com muito cuidado, o primeiro passo é desarmar, suas armas de fogo são extremamente letais.

Todos eles acenam em concordância.

- Mas, se eles chegarem até a ilha. – Polaris fala e olha para mim. – Será uma destruição completa do nosso reino, Jaime não vai recuar enquanto não se apropriar de tudo. – Ele possui o mesmo pensamento do que o meu.

- Nossa ilha dominada por humanos. – Ninfa balança a cabeça. – Nem mesmo nos meus piores sonhos isso acontecia. Nesse momento todo o nosso povo está em risco, não importa lado noroeste ou sudeste.

- Se nós não conseguirmos nos libertar eu não farei parte da destruição do nosso povo. – Sabrina é dura, mas verdadeira. – Prefiro morrer do que ser atormentada para sempre com o remorso de fazer parte do nosso fim.

Desvio minha visão e eles possuem razão. Eu não posso fazer parte disso. Nem mesmo que eu tenha que sacrificar minha vida, se no fim nosso reino se manter em pé é o que importa. Nós liamos todas aquelas histórias dos reis lutando pelo seu povo pensando que queríamos ser aqueles “heróis”, mas eles nunca foram heróis, mas sim pessoas condenadas a destruição.

Deito minha cabeça na parede, fecho meus olhos e me recordo do canto de minha mãe que me acalmava durante as noites tempestuosas. “Zaquira e Telonis irão te guiar pelas águas, não tema, pois, até no lugar mais profundo a luz irá brilhar. Oh! Reis dos mares, reis dos mares. As águas são a nossa luz, a nossa vida, nosso poder. A noite nós cantamos e celebramos, da água viemos e a água retornamos. ”

Acordo quando ouço o barulho dos raios e da chuva vindo do lado de fora. Olho para o lado e quase todos os meus amigos estão dormindo, o único que está acordado é Polaris que canta ao som do barulho. Passa suas mãos pelas grades e se mantém dentro da sua bolha, após um tempo seu olhar pousa no meu.

- A quanto tempo está aí? – Ele pergunta.

- Desde que vim por vontade própria para uma emboscada.

Rimos juntos mesmo diante dessa situação.

- Só você para me fazer rir nesse momento. – Polaris fala. – Queria estar dormindo e fingindo que nada está acontecendo como eles.

Observo Ninfa que se mexe de um lado para o outro, inquieta.

- Acho que eles estão vivendo pesadelos. – Exclamo.

- Certamente sonhando com Ariel II, parece como o dia que ele inundou Teza com seu poder. – Polaris responde com um sorriso de canto. – Bem que você poderia ser essa criatura.

- Eu já tentei. – Respondo. – Mas, isso. – Levanto as correntes. – Impede que meus poderes despertem, infelizmente.

Polaris cruza os braços e balança a cabeça.

- Pensando melhor acho que você deve continuar sendo o Ariel III. – Ele estanha seus olhos.

Sorrio de canto, é verdade. Me recordo das histórias do Rei Ariel II. Foi um líder extremamente sábio e poderoso. Há lendas que dizem que com o Tridente dos reis ele conseguia invocar os raios do céu. Ele governou em um tempo difícil que estava acontecendo no lado Noroeste da ilha. Houve uma separação do nosso povo, os que acreditavam que ele seria um salvador por possuir tamanho poder, mas outros que falavam que Ariel poderia ser uma ameaça ao reino. O homem podia controlar a água dos mares, criaturas marinhas, além do poder de uma sereia normal. Nessa época o Rei Odini que governava pretendia atacar o lado Noroeste da ilha após saber da existência de Ariel. E o Rei Odini fez exatamente isso, não temeu tamanho poder de Dramir e comandou uma invasão no reino do Noroeste. Os soldados batalharam e quase dizimaram os Odini sob a liderança de Ariel II. Mas, no campo de batalha Ariel II perdeu o seu melhor amigo e isso o descontrolou afinal ele era como um irmão para ele. Segundo as lendas Ariel com seu tridente convocou um raio dos céus que partiu o castelo Odini ao meio levando quase toda a família do reino a morte. Mas, é claro são apenas lendas, pois ninguém viu, apenas quando ele retornou da floresta após a destruição. Quando Ariel II voltou ele não era mais o mesmo, ficava quase todo o tempo no local onde morava seu amigo. Logo, houve um momento que ele se descontrolou e inundou quase toda Teza destruindo moradias e tudo mais. Nessa inundação Ariel II sumiu, muitos dizem que ele morreu, mas outros creem que ele fugiu afinal era o ano da Tropa Sapien partir do reino. Entretanto, são apenas suposições e ninguém sabe da verdade. Após ele sumir a sua filha assumiu, Eletricis.

- Sim. – Balanço a cabeça e Sussuro. – Acho que não devemos repetir essa mesma história, desejo permanecer com vocês ao meu lado.

- Eu sei que você nos ama. – Polaris pisca para mim. – Mas, tirando essa parte eu gostaria de uma inundação agora.

- Eu também. – Sussuro e exclamo com confiança. - Nós iremos recuperar nossa ilha. Iremos derrotar Jaime e seus soldados, eu sinto isso. Apenas precisamos ficar unidos como sempre foi, com nossas vidas protegemos o reino.

- Eu também confio nisso. – Polaris soa sincero. – Os humanos mexeram com as sereias erradas, eles sentirão a fúria dos oceanos.

Sorrio de canto.

- É exatamente isso que eu desejo. – Digo. – Se eu conseguir me libertar das algemas mágicas no mar eu posso destruir todos eles, eu sei que consigo.

- Confio em você. – Polaris me olha firme. – Rei Dramir.

Rio em silêncio.

- Se nós realmente conseguirmos passar por isso acho que merecemos um título de honraria. – Exclamo. – Certamente nunca mais esquecerão da gente.

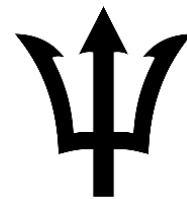
- No caos as lendas surgem... – Polaris deita no solo. – Agora penso que devemos dormir, amanhã precisaremos de todas as nossas forças.

- Boa noite! – Sussuro.

Abaixo minhas pernas e observo a mesa em frente as grades onde em cima dela está o Tridente de todos os reis. Para vencer essa guerra eu terei que fazer o impossível, talvez agora eu esteja acreditando nas lendas que percorrem pela nossa ilha. Seria perfeito convocar os raios dos céus, o controle da água e das criaturas eu já possuo, só me falta esse. Agora eu não temo tamanho poder, pois sei que posso controlá-lo e se eu me perder pelo caminho eu sei que meus amigos estarão lá por mim para me trazer para a luz novamente.

Capítulo 28

Os raios que te atingem.



Ouço um forte barulho vindo lá de baixo e acordo no mesmo instante. Me escoro na grade e retomo minha consciência, sinto que não faz muito tempo que deitei e que certamente não é Jaime afinal ele disse que viria somente amanhã. O barulho da chuva ainda permanece, porém com menor intensidade.

- Você ouviu o mesmo?

Viro para o lado e lá está Ninfa acordada com seus olhos azuis fitando a porta ao fundo, do local outro barulho ecoa e soa como se alguém fosse derrubado das escadas. Outro humano grita mais ao longe.

- Acordem. – Exclamo bem alto para todos ouvirem.

Fico olhando em direção a porta, logo todos já estão em pé completamente confusos sobre o que está acontecendo. Aqui dentro está muito escuro, a pouca luz vem da porta então fica difícil enxergar.

- Já é outro dia? – Hugo questiona. – Sinto como se não tivesse deitado mais de cinco horas, estranho. – Ele passa a mão nos seus cachos.

- Ainda é madrugada. – O respondo. – Algo está acontecendo.

Outro som ecoa e dessa vez esse soa mais perto, o barulho vem da parede e logo ouço como se um corpo caísse no solo. Mesmo temendo o que possa ser não há nada que nós possamos fazer, estamos presos.

- Jack, vá para trás. – Digo a ele.

O Sereiano se distancia das grades e se aproxima do fundo. Eu caminho o quanto as correntes podem ir e me aproximo.

- Quem está aí? – Grito.

Dois grandes homens passam pela porta e eles não vestem as vestimentas dos soldados de Jaime. São roupas feitas em couro escuro, mas não menos luxuosas. Quando os homens se separam ele passa no meio deles. Mesmo no escuro seu cabelo preto reluz, sem demora os olhos verdes profundos fitam em mim, assim como seu sorriso tentador.

- Jonas. – Sussuro.

- Olá Ariel! – O homem diz. – Sabia que iria reencontrá-lo, porém não pensei que seria dessa forma, atrás de uma grade.

Ele sorri e por algum motivo a tensão diminui.

- Não é o melhor dos encontros. – Exclamo. – Mas, o que faz aqui? Não me diga que está junto do seu irmão doentio.

- Sem chances. – Jonas observa os demais enquanto fala. – Mas, nunca pensei que meu irmão teria razão sobre vocês. No momento em que ele mostrou as provas para mim entrei em estado de choque.

- Típico dos humanos. - Sabrina sussurra ao canto.

- Ainda mais por termos tido uma conversa. – Talis continua. – Revelei os segredos da minha família para você e nenhum momento foi sincero comigo. Por quê? Pensou que eu também lhe trancaria atrás das grades?

Olho firmemente para ele, suas dúvidas são justas.

- Não poderia colocar a vida do meu povo em risco. – Digo.

- Eu compreendo. – Jonas coloca as mãos nos seus bolsos e me fita. – Entendo a cobiça que isso traria para mentes como a do meu irmão que nesse momento só pensa em invadir a sua ilha e roubar tudo o que vocês têm. Jaime sempre foi ambicioso, mas agora ele está indo além.

- Se você tem controle tanto quanto ele. – Ninfa fala. – Por que você não tenta impedi-lo de fazer tantas coisas ruins?

Jonas caminha e para em frente à cela ao lado.

- Antes eu tinha medo do meu irmão. – Ele sorri de canto. – Não que eu não tenha agora, mas aprendi que posso enfrentá-lo. Nesse momento é exatamente isso que eu pretendo fazer, não posso vê-lo cometer tantas atrocidades sabendo que eu posso intervir.

- Você veio nos libertar? – Questiono.

O homem acena que sim e então sinto um dos maiores alívios da minha vida. Talis acena para seus homens que rompem com os cadeados das celas e logo elas são abertas, só que no momento em que tento me mover lembro-me.

- As correntes. – Digo. – Não conseguimos nos libertar.

- Ariana. – Jonas chama.

Uma mulher passa entre os homens, ela é alta e extremamente atraente. Seus longos cabelos ondulados arrochados são o seu diferencial. Enquanto ela

caminha o seu salto ecoa, logo ela para a nossa frente.

- Bruxa? – Arrisco-me a perguntar.

- Sim. – Ariana sorri para mim. – Sereia?

- Sim. – Também respondo com um sorriso.

Ela levanta suas mãos em nossa direção, fecha seus olhos e sussurra algo. Em instantes as correntes que nos aprisionavam são quebradas como o gelo e se desprendem dos nossos punhos, sinto um alívio enorme.

- Até que enfim. – Polaris levanta seus braços para cima e ri. – Estava me sentindo um dragão aprisionado, muito obrigado, criatura bela.

Ele pisca para a bruxa que retribui com um sorriso.

Saio da cela e me aproximo de Jonas.

- Seremos eternamente gratos pela sua ajuda. – Digo a ele. – Mas, você tem consciência que isso pode afetar a relação sua com seu irmão?

- Nossa relação já está afetada há anos. – Jonas diz. – Infelizmente ninguém ensinou que Jaime não pode ter tudo o que quer, porém não é tarde para lhe ensinar uma lição.

Sorrio para ele, é realmente um humano corajoso.

- Nós temos que partir. – Ninfa se aproxima e fala.

- Sim. – Jonas acena. – Tenho um veículo que pode levar todos vocês onde desejarem, é somente falar o lugar que ele deixará todos vocês lá.

Me aproximo da mesa e pego o Tridente em minha mão, após seguimos pelas escadas. Quando passamos pelo local vemos muitos guardas de Jaime caídos no chão, não mortos, mas sim inconscientes. Sabrina quando passa por um deles chuta seu estomago que com certeza irá doer quando ele acordar.

- Jaime lhe deu a localização de onde estávamos? – Pergunto.

- Não. – Jonas diz. – Por isso foi difícil encontrá-los, entretanto, eu sei de todos os esconderijos que meu irmão tem. Imaginei que ele iria preferir um lugar um tanto afastado da cidade principal, esse edifício é perfeito.

Quando a porta é aberta sinto as gotas da chuva se chocarem em minha pele, pelos céus como eu senti falta da água nesse tempo. Lá fora há uns três veículos que imagino ser de Jonas, os outros dois são de Jaime, me recordo.

- Você virá junto conosco? – Pergunto a Jonas.

- Agora não. – Ele me responde. – Creio que chamaria muita atenção, então seguimos por estradas opostas, mas sim eu vou querer visitá-los.

- Salvando a nossa pele é sempre bem-vindo. – Polaris bate em seu ombro e se aproxima de sua amiga. – Você também pode ir, meu bem!

- Dizem que as Sereias são encantadoras, pelo visto estavam certos. – A bruxa Ariana possui uma personalidade semelhante à sua.

Passamos pelo corredor no meio da chuva, como eu imaginei ainda está noite, mas parece que não vai demorar para clarear. Quando estamos prestes a entrar dentro do veículo ouvimos um barulho de carros ao longe, então quando me viro avisto quatro deles entrarem em formação do outro lado da esquina.

- Droga! – Jonas fala. – É o meu irmão.

- Como ele soube? – Me espanto.

- Jaime é esperto. – Ele suspira. – Mas, entrem logo na vã. Severos é um ótimo motorista, levará vocês em segurança enquanto distraímos eles.

Jonas e sua amiga correm para outro veículo e nós pulamos dentro da vã. Logo, a porta do meio é fechada e antes que nós possamos nos sentar o veículo começa a se mover. Para não cair me seguro na barra de ferro acima. Ninfa tomba e cai de frente em Hugo.

- Me desculpe. – Ela fica envergonhada.

Hugo apenas sorri tensamente.

Ouvimos barulho das armas de fogo sendo disparados.

- Malditos. – Sabrina se atira ao meu lado. – Você não pode fazer nada? – Ela olha para mim e questiona. – Usar a água da chuva?

Levanto-me no mesmo instante e sigo até a traseira do veículo. Observo pela pequena janela de vidro a estrada. Estamos em alta velocidade. Atrás de nós seguem sete veículos sendo três deles de Jonas. Os outros dois ao fundo possuem humanos que estão atirando com suas armas. Observo a estrada onde a água da chuva corre, mas é insuficiente.

- Acho que não posso fazer nada. – Exclamo. – A água da chuva não terá força suficiente para movimentar o seu carro, mas talvez eu possa deter.... Se escorem na parede e se afastem. – Ordeno.

De repente um enorme barulho ecoa. Um carro de Jonas explode em chamas e o outro o motorista que dirigia leva um tiro e perde o controle virando o carro na estrada. Mas, dois veículos de Jaime também são afetados e param.

Puxo o que prende as portas da vã e abro elas, quando faço isso todos que estão na rua espantam-se, principalmente Jonas que está próximo. Olho bem firme no carro ao fundo onde está Jaime que sorri para mim.

- Fechem as portas. – O motorista grita da frente.

Levanto minhas duas mãos e me concentro na água que flui ao lado. Quando os atiradores pensam em movimentar os seus dedos eles são atingidos. Faço a água do solo se agrupar e atingir seus corpos que estão para fora da janela com toda a força. Um deles cai imediatamente e rola pela estrada, o outro perde sua arma, mas é segurado por outro.

Do meio do carro de Jonas a bruxa sai. Seus longos cabelos roxos voam com a força do vento e então ela movimenta suas mãos na direção dos inimigos. De repente é como se duas serpentes de fogo saíssem das suas mãos e atingissem os veículos. O de Jaime consegue se livrar, mas ainda é atingido, o outro capota no meio da estrada pegando fogo.

- Eu amo as bruxas. – Polaris suspira ao fundo.

De repente sinto a pechada de nosso veículo. Quando isso acontece como eu estou mais próximo da beirada sou jogado para fora e caio no meio da estrada, rolo pelo solo e antes de ser atropelado o motorista de Jonas consegue frear. Sinto os cortes por todo o meu braço.

Olho para o lado e o veículo que nos levava está parado. Meus amigos se machucaram, mas mesmo assim eles conseguem caminhar e sair do local. Me esforço para levantar e observo por cima do veículo. Os soldados de Jaime caminham na chuva enquanto ele segue no meio.

- Acabou. – Jaime fala. – Estão encurralados.

A porta do carro de Jonas é aberta e seus soldados saem. Eles carregam suas armas e apontam em direção aos inimigos que correspondem com o mesmo ataque, mas logo param quando Jaime acena com sua mão.

- Se rendam e ninguém morre. – Jaime exclama. – Principalmente você irmãozinho, nunca pensei que seria o traidor da nossa Dinastia.

A minha frente Jonas se escorra no veículo, ele está assustado. Viro-me para trás quando mais soldados opositores surgem. Todos eles manuseiam suas armas apontadas para nós. Entre eles o bruxo Adam.

- Ariana. – Adam sorri para a bruxa. – A traidora de Gauteber.

- Com muita honra. – Ariana se expressa com raiva. – Esperaria nunca mais vê-lo Adam, mas ficarei feliz por ser o motivo da sua morte.

Quando os dois levantam suas mãos uma onda energia obscura explode, a sensação é horrível. Os dois disputam entre si e o momento ideal surge. Os soldados de Jonas então atiram nos demais e muitos deles são atingidos, mas nesse momento eles também revidam. Corro e pulo em Ninfa antes que o humano dispare, os tiros acertam o veículo atrás.

- Mors cinere. – Ariana grita.

Do outro lado o bruxo Adam explode em cinzas quando atingido pela magia, é uma das coisas mais sombrias que já vi em toda a minha vida. É como se seu corpo nunca tivesse existido, agora são apenas cinzas em meio a chuva.

- Murum lux. – A bruxa invoca o feitiço.

Uma parede de energia nos cobre dos ataques, as balas atingem o feitiço, mas são ineficazes.

- Ninfa.

Em frente ao carro caído no solo está Polaris, ele passa suas mãos em sua barriga e quando olhamos ela está cheia do seu sangue. Sinto meu coração acelerar, mesmo em meio aos ataques nós corremos e nos ajoelhamos em frente a ele. Ninfa coloca suas mãos em sua face.

- Polaris. – Ela diz. – Fique comigo, por favor, irmão!

A pele de meu amigo empalidece.

- Está perdendo muito sangue. – Jonas se aproxima. – Precisamos leva-lo ao hospital mais próximo.

- Não há tempo. – Sabrina pega uma das armas ao lado. – Não temos como sair daqui com eles nos cercando.

Passo minha mão pelo seu cabelo, sua pele está gelada.

- Me prometam uma coisa. – Sua voz está cansada.

- Não. – Paro antes que ele continue. – Você vai sobreviver.

Puxo sua camiseta e quando vejo o ferimento sinto um enjoo e preocupação. Está muito profundo e ele não recebeu apenas um ataque.

- Me prometam que vocês irão salvar o nosso reino.

Polaris sorri para nós como quando brincávamos de jogar terra um no outro quando pequenos em frente ao lago. Ao olhar para ele agora só consigo sentir uma dor profunda, mas mesmo em meio ao caos seu sorriso é o sol.

- Irmão... – Ninfa não controla suas lágrimas.

Seguro forte suas mãos e puxo as de Ninfa. Olho para os três e contengo minhas lágrimas, apenas sorrio para os dois.

- Juntos até o fim. – Exclamo. – Prometemos que iremos salvar o nosso reino.

- Eu prometo. – Ninfa soluça, mas diz.

- Eu amo vocês, minha família.

Polaris fala e sorri para nós enquanto uma lágrima cai do seu olho direito, quando toco em sua face eu sei que acabou. Me aproximo de meu amigo e lhe dou o abraço mais apertado, sinto o seu cheiro pela última vez. Ninfa não contem seus sentimentos e desaba em um mar de choro sem fim.

- Meu irmão... – Ela sussurra em seu ouvido.

Me desvinculo de sua mão e levanto-me. Olho para os Aendai ali abraçados. Uma das pessoas que eu mais amei em toda a minha vida agora está morta e eu não pude fazer nada para evitar, mais uma vez.

- Ariel. – Jack se aproxima e pega em minha mão. – Eu sinto muito.

Apenas aceno para ele.

Caminho pela estrada de chuva e me ajoelho em frente ao Tridente dos reis, me abaixo e pego ele com a maior força. Levanto-me e sinto o poder correr pela arma, como eu nunca senti. Percorro atrás do veículo e pulo em cima dele, caminho até estar no topo observando a todos.

Do outro lado está Jaime esbanjando o seu maior sorriso.

- Eu disse que era apenas você se render. – Jaime fala. – Mas, ainda é hora para se ajoelhar perante mim, Sereia. Faça isso e mostrarei misericórdia.

Estico meu braço e deixo toda a raiva que eu acumulei fluir. Sinto como se os raios se movimentassem pelas minhas veias. Sinto a água da chuva se chocando em meu corpo. Olho para o céu onde as nuvens acinzentadas estão.

- Telonis e Zaquira. – Exclamo. – Me ajudem!

Quando ergo meu Tridente o céu clareia. Uma onda de raios desce das nuvens e eu deixo que ela atinja o meu corpo. Sinto a energia me contaminar, como nunca houve. Quando abro os meus olhos vejo os raios dançarem em volta do meu corpo até se envolverem em volta do Tridente.

- Pelos céus!

Jaime espanta-se assim como todos a minha volta.

- Um rei nunca se ajoelha. – Exclamo.

Giro o tridente em meu punho e então aponto para seus soldados que não hesitam em tentar fugir no mesmo instante. Mas, eu não terei misericórdia. As ondas de raios são disparadas do Tridente atingindo seus corpos, os gritos soam como melodias para mim. Aos poucos cada um deles vai caindo até só restar Jaime que vê que não pode mais fugir e então para de correr.

Desço do veículo e caminho pela estrada. Quando eu miro a arma para ele Jonas surge ao meu lado com as mãos erguidas.

- Por favor, não. – Jonas clama por misericórdia. – Eu sei que ele fez coisas horríveis, mas ainda é meu irmão. Por favor, Ariel!

Olho para Jonas e após para Jaime que está como uma estátua, mas quando ele percebe que posso ceder levanta sua arma em minha direção. Assim, com minha arma disparo um raio em sua mão que a torra e ele cai aos gritos no solo. Após miro em seu corpo e o atinjo. Os raios dançam nele, mas nada que possa mata-lo, apenas ferir gravemente.

- Está vivo. – Digo a Jonas.

Viro de costas e sigo para os meus amigos e ele para seu irmão.

Do outro lado os soldados inimigos também estão todos mortos assim como meu amigo, Ninfa ainda continua ao lado do corpo de Polaris.

- Não eram lendas. – Hugo ergue sua mão, mas não encosta em minha pele. – Você é o Supremo dos mares.

Olho para meu Tridente e então os raios somem.

- O que iremos fazer agora? – Sabrina questiona.

- Iremos destruir Serafim. – Ninfa olha para nós e diz. – Iremos destruir qualquer um que se levantar contra nós, por Polaris e por todos aqueles que morreram. Nós iremos recuperar o nosso reino, nem que para isso tenhamos que transformar o mar em sangue!

Caminho pela areia da praia enquanto carrego em meus braços meu amigo, eu pensei que esse momento nunca chegaria e que iríamos partir juntos. Mas, a morte é imprevisível, quando menos esperamos ela bate na porta para nos levar e não há nada que possamos fazer, apenas acolhe-la.

Mergulho na água do mar profundo.

- Sereias. – As vozes exclamam.

As Angelus então surgem, esbeltas como sempre. Uma delas nada em nossa volta e então para a minha frente. Seus olhos azuis me fitam e sua longa calda balança.

“Levem-no” – Digo. – “Ele foi uma Sereia brilhante”

“Sim meu, Rei. ” – A Angelus se comunica.

Quando entrego o corpo do meu amigo para a criatura sinto uma dor profunda em meu peito, mas sei que ele está bem. Polaris então descansa sua cabeça no ombro da Angelus e então ele parte, prefiro pensar que foi para um lugar distante e que um dia iremos nos reencontrar para contar tudo o que aconteceu assim como fazíamos todos os dias no reino.

“Os bruxos. ” – Duas Angelus se envolvem em meu corpo. – “Trarão o Apocalipse. Os cavaleiros devem marchar para a salvação trazer. Você é o supremo dos mares, salve seu reino, salve seu povo. ”

Depois das palavras as criaturas partem para a escuridão. Me sinto em pedaços, pois perdi o meu amigo e novamente as Angelus retornam com suas profecias do Apocalipse. Mas, sei que não posso ignorá-las. No entanto, no momento só penso em recuperar o meu reino. Fizemos uma promessa a Polaris e se eu não conseguir cumpri-la nada fará sentido.

Capítulo 29

A fortificação.



O que aconteceu na madrugada anterior foi um choque para todo mundo em diversos sentidos, entretanto temos que continuar. Logo, quando acordo preparo um café, algo que se tornou rotina em terras humanas. Caminho com duas xícaras pela casa de Kylie que serviu de abrigo para todos nós, um lugar perfeito escondido no meio da floresta e longe do caos.

Sigo até a varanda onde ela está sentada. Ninfa puxa seu manto e se balança enquanto olha para um animal que está parado do outro lado, por um leve momento vejo um sorriso surgir em sua face, mas logo depois passa. Me aproximo com cuidado dela, então seu olhar pousa no meu.

- É um pouco cedo. – Exclamo.
- Não consegui dormir. – Ninfa diz. – Pelo visto você também não.
- Creio que todos estão assim. – Falo.

Ergo minha mão em sua direção e entrego a xícara.

- Obrigada. – Ela acena.

Confesso que a bebida não está muito boa, mas serve para nos acordar. Me escoro na guarda da proteção e olho para a floresta, a essa hora do dia um ambiente extremamente calmo. Como eu desejava que nossa vida fosse assim.

- Elas o levaram? – Ninfa então diz.

- Sim. – Respondo. – Ele foi entregue as Angelus, pode ter certeza que onde ele estiver estará melhor do que nós. Tenha fé nisso!

Minha amiga toma mais um gole da bebida. Ao olhar para ela até sinto vontade de contar sobre as profecias que recebi, no entanto isso só traria mais caos. Não quero atormentá-los com mais preocupações embora eu creio que essa seja gigante. Entretanto, prefiro guardar esse peso só para mim.

- É estranho acordar sem ouvir a sua voz. – Ninfa sorri. – Polaris falava tanto, antes eu reclamava, mas sentirei saudades. Sempre estávamos juntos, brigando é claro, mas sempre juntos.

Ela passa a mão pelo seu cabelo e logo seus olhos estão em lágrimas. Pouso minha xícara na madeira e me aproximo dela. Pego em sua mão.

- Está tudo bem sentir-se triste. – Digo a ela. – Você sabe que eu me sinto da mesma maneira, nós não éramos irmãos de sangue, mas eu sentia que sim. Mas, agora só devemos pensar nas lembranças boas que temos dele.

- Eu sei. – Ninfa olha para mim. – Mas, mesmo com a morte de toda a minha família de sangue eu ainda tenho você. – Ela sorri de canto. – Então por favor me prometa que não me deixará sozinha.

Seguro firme sua mão.

- Eu prometo, Ninfa! – Exclamo. – Estaremos juntos nessa. Iremos conseguir recuperar o nosso lar, por eles, por nós. Ninguém aqui está sozinho. Eu sei que as vezes é difícil seguir em frente, mas é o que devemos fazer.

Ela pousa sua xícara na guarda do balanço e me dá um longo abraço. Passo meus braços pelas suas costas e ficamos ali por longos minutos em silêncio apenas um na companhia do outro. Após nos afastamos e recuperamos o equilíbrio, ou pelo menos tentamos.

- Iremos partir esta noite? – Ninfa me questiona.

- Sim. – Respondo. – Devemos terminar com isso o quanto antes.

- Perfeito. – Ela acena.

Levanto-me e prossigo quando escuto a voz de Melman. Ele está lá na cozinha preparando a refeição para os outros, sua preocupação com os demais é tocante. Certamente de todos que já conheci ele é o que possui o coração mais puro e eu fico contente que eu tenha o conquistado. Entretanto, também sei que fui um dos motivos por arriscar sua vida.

Seus olhos escuros pousam no meu.

- Está tudo bem? – Jack pergunta.

- Na medida do possível. – Exclamo. – Estamos recém processando tudo o que aconteceu, mas logo temos que estar bem afinal iremos partir.

Melman balança a cabeça enquanto corta o pão.

- Você sabe que eu irei junto até a ilha. – Ele diz.

Caminho e paro ao seu lado.

- Eu sei disso. – Respondo. – Mas, ainda acho muito arriscado. Você viu com os próprios olhos a guerra em que estamos. Quando chegarmos a Teza creio que as coisas serão ainda piores e eu temo que possa perdê-lo.

Ele larga as coisas e foca somente em mim.

- Você não vai me perder. – Melman diz. – O que criamos vai além desse plano, estamos ligados para sempre. Eu te amo e quero estar ao seu lado sempre, mesmo em momentos perigosos como já aconteceu.

Seguro sua mão e olho firme para ele.

- Ontem você me viu fazendo coisas horríveis. – Digo. – Eu não quero que você tenha essa visão minha, que eu sou apenas um soldado treinado para matar. Que eu sou uma sereia horrível e sem piedade.

Sua mão toca o meu rosto e um sorriso surge.

- Ariel não fale isso. – Ele diz. – Jamais pensaria isso de você. Além disso, olhe onde nos conhecemos. Desde aquela época já senti algo por você mesmo em meio a tanto caos. Então, sim eu sei onde estou pisando. Antes poderia sentir medo, mas agora estou tranquilo, ou tentando. Aquele local foi onde minha mãe nasceu, de onde ela era, se eu posso ajudar no mínimo que for para salvá-lo eu quero fazer isso.

- Eu não o mereço. – Digo.

- É... – Ele ri. – Você não me merece.

Sinto seus lábios tocarem nos meus, quando estamos juntos tudo à nossa volta para e por um momento tudo está bem. Quando me afasto e olho em seus olhos eu sei que encontrei o amor para minha vida. Enfim entendi que o momento certo chega para todos e que você sabe disso quando acontece.

Alguns minutos depois todos já estão acordados em volta da sala.

- Será que não estamos quietos demais? – Hugo ao lado da lareira nos questiona. – Digo, fomos atacados recentemente, deveríamos estar em alerta.

- Creio que não será necessário. – O respondo. – Jaime foi atingido gravemente e era ele quem controlava todos os humanos em Alamânia que queriam nos destruir. Agora com Jonas no poder creio que estamos em paz.

- Não confiaria tanto nisso. – Sabrina cruza a sua perna e manipula uma taça de vinho em sua mão. – Você queimou o irmão dele, tudo bem que o homem era uma péssima pessoa, mas ainda era o seu irmão.

Olho para a guerreira e nada respondo afinal ela tem razão. Foi Jonas que nos libertou, sem ele não teríamos conseguido fugir. Mas, também seu irmão foi responsável por tudo isso, incluindo a morte de Polaris. Não teria como deixar passar sem ao menos puni-lo. São consequências!

- Serafim também não mandou mais guerreiros. – Hugo observa. – Com certeza ele está focando toda a sua defesa em Teza depois que seus excelentes guerreiros não retornaram. Ele estará assustado.

- Isso pode ser bom. – Digo. – As pessoas quando estão com medo ou com excesso de raiva estão mais propícias a cometer erros. Por isso devemos nos acalmar e agir com sabedoria para então atacar.

- Vai ser um pouco difícil. – Nífa ao meu lado diz. – Mas, é o que faremos. Sabrina levanta-se e pega no meu Tridente. Manuseia e aponta para mim.

- Agora nós temos uma arma secreta. – Ela sorri arditosamente. – Serafim tem consciência do seu controle do mar, mas não dos raios. Quando todos verem do que você é capaz muitos irão se ajoelhar, supremo dos mares!

Antes eu me sentia melhor quando ouvia que era um líder, mas agora me sinto um pouco inquieto, no entanto é o que eu sou. Tenho sangue Dramir correndo em minhas veias, sou o sucessor ao trono.

- E é desse jeito que você iguala os exércitos. – Hugo estala os dedos e quase derruba o vaso da mesa ao lado. – Podemos não ter muitos, mas serão suficientes para reconquistar nosso reino.

- Assim espero. – Sussuro.

Levantamos quando ouvimos o barulho de veículos do lado externo.

Paramos no meio da varanda. Em frente à residência há três veículos, nada luxuosos como dos Talis, mas ainda bonitos. De dentro do primeiro saem os irmãos Melman ao lado de Kylie. Jack corre pelos degraus e abraça todos eles.

- Estão todos bem? – Jack questiona e eles acenam que sim.

- Fomos bem recebidos. – Kylie diz. – Tínhamos tudo o que necessitávamos e até mesmo em alguns momentos mais do que isso.

A pequena Lily retira de sua sacola um escudo não muito grande, mas belo. Ele é todo dourado e facilmente manuseável para a sua altura.

- Olhe o que eu ganhei. – Ela sorri.

Jackson semicerra o olhar para ela.

- Perfeito. – Sorrio para ele. – Eu também tive um desses quando pequeno, é o primeiro passo antes de manusear uma arma. Saber se defender. Talvez algum dia eu possa ensiná-la as verdadeiras artes das sereias.

Melman olha para mim e balança a cabeça.

Do outro lado dos veículos saem outras cinco sereias.

- Vamos todos entrar. – Jack convida-os.

A sala de Kylie é bem grande e cabe todos nela.

- Soubemos do que aconteceu. – Vitor diz para mim.

O garoto me entrega o que eles chamam de jornal. Pego e na primeira capa já vejo a imagem de Jaime Talis. O homem está com seu corpo envolto de vários panos brancos e está completamente irreconhecível, por um momento sinto remorso, mas ele passa logo em seguida quando olho para Ninfa. Em cima há o título “Jaime Talis o grande empresário sofreu um acidente de carro que quase custou a sua vida. ” Logo embaixo há a imagem de Jonas. “Enquanto Jaime se recupera seu irmão Jonas Talis comandará as indústrias de sua família. ”

- Um problema a menos. – Sussuro.

- Preferia vê-lo em um caixão humano. – Ninfa ao meu lado diz.

Pouso o jornal na mesa e então me dirijo aos demais na sala.

- Creio que vocês são as sereias que irão nos acompanhar. – Digo.

A mulher dos cabelos loiros toma a frente.

- Soubemos do lamentável caso que aconteceu em Teza. Os Odini passaram de todos os limites e devem ser parados, urgentemente. – Ela diz.

- Concordo. – O pequeno homem ao lado trajado em um casaco xadrez exclama. – Ainda mais agora que estamos sofrendo ameaças humanas, aliás, sinto muito pela perda do seu irmão. – Ninfa acena para ele. – Devemos estar juntos nessa, podem contar com todos que estão aqui.

Os outros acenam.

- E nós agradecemos por isso. – Digo. – Vamos precisar de todas as forças possíveis para derrotar Serafim e o retirar do nosso trono. Então, vamos as táticas de batalha. Trouxeram suas armas?

Eles olham uns para os outros e sorriem.

Usamos a mesa de centro da casa de Raiz e estendemos o nosso mapa. Começamos definindo como e onde cada um irá entrar. Também vamos trocando estratégias que serão mais favoráveis, todos contribuem para isso, até mesmo Vitor que possui uma boa mente. Depois de algum tempo o mapa está marcado com vários pontos vermelhos e enfim o plano está feito.

Enrolo o mapa e digo:

- Agora é só esperar a noite chegar.

Deito no quarto ao lado de Jack enquanto a noite começa a surgir, quando tudo está escuro eu levanto-me para me arrumar. Visto uma armadura trazida pelos guerreiros da cidade. A couraça dourada cintila assim como o restante da armadura. Visto enfim as grevas. Puxo meu longo cabelo ruivo para trás e amarro em diversas tranças, quando me olho no espelho me sinto imparável.

- Você está perfeito. – Jack sorri pelo reflexo.

Me viro para ele e amarro a sua armadura.

- Nunca vestiu uma dessas? – Pergunto.

- Digamos que eu nunca lutei em uma guerra. – Ele ri. – Então, não.

Jackson me entrega o meu Tridente. Quando olho para ele me recordo dos meus momentos tensos matando os soldados de Talis, mas sem isso não teríamos vencido. Aceito o que sou. Pego com toda a força, manuseio até ele estar em pé ao meu lado. Quando me olho trajado para a guerra me lembro das pinturas do meu pai quando era mais jovem.

Ninfa surge na porta com o arco cruzado em seu corpo.

- Está na hora. – Ela fala.

- Já vamos. – Digo.

Minha amiga acena e nos deixa a só.

Pego nas mãos de Jack e olho fundo em seus olhos.

- Tome cuidado. – Exclamo. – Qualquer sinal que você ver que não conseguiremos vencer eu quero que retorne ao seu reino o quanto antes. Não tente enfrentá-los, mas se isso acontecer atire sem pensar duas vezes. Eles não estarão lá para aprisioná-lo dessa vez, mas sim o matar.

Jack fica um pouco tenso, mas balança a cabeça em concordância.

Seguimos para a saída onde Kylie, Lily e Vitor nos esperam.

- Boa sorte para todos vocês! – Kylie fala. – Vençam essa guerra.

Melman abraça os seus sobrinhos que estão temerosos, e não é para menos. Ele é o único vínculo de sangue que os resta.

- Eu amo muito vocês. – Jack diz. – Prometo que irei voltar!

Os Melman acenam. Logo, depois eles veem até mim. Me abaixo para que a pequena garota me dê um abraço, é um dos mais confortáveis que já senti. Quando ela se afasta Lily esbanja um sorriso para mim.

- Fique bem. – Ela sussurra. – Rei.

Levanto-me e aperto a mão de Vitor.

- Por favor retorne. – Ele pisca para mim. – Ainda quero ser padrinho do casamento do meu tio, ele precisa desencalhar.

Somente o garoto para nos fazer rir em uma hora dessas.

Descemos pelas escadas, olhamos uma última vez eles abanarem da varanda e então focamos na estrada da floresta. Passamos pela areia e adentramos no barco dos Melman. Logo, estamos navegando pelo mar de Alamânia. Quando olhamos novamente para trás a floresta já se foi e estamos rodeados pela água.

- Enfim retornando a Teza... – Exclamo.

- Infelizmente ainda não para casa. – Ninfa ao meu lado diz. – Estamos entrando em outro campo de guerra!

Capítulo 30

Embate de titãs.



As águas próximas de Teza estão bastante agitadas como se sentissem a nossa presença. Não muito longe de onde estamos avistamos a neblina que esconde o nosso reino. Posicionamos o barco atrás de uma grande rocha. É só olhar para a face de Jackson que sinto o seu medo. Ele nem precisava vir, no entanto não contestei. Agora Teza também faz parte dele, um Sereiano. Penso o que os outros irão pensar, mas só sei que estarei ao seu lado como Jack sempre esteve comigo em terras humanas.

- Só fique em silêncio aqui. – Exclamo a ele. – Se as Sereias vierem você terá que se defender, segure isso com força.

Aperto a arma humana em sua mão. Seu olhar pousa no meu.

- Entendido. – Ele balança a cabeça. – Eu consigo.

- Ainda acho uma péssima ideia tê-lo aqui. – Sabrina é sincera, ela gira uma faca em sua mão enquanto nos observa. – Nosso povo foi treinado para a guerra e é nítido que Melman não foi. Pode resistir a uns dois, mas quando mais chegarem ele não será palio. Sinto muito, mas é a verdade!

- Ele não estará sozinho. – Digo.

- Você pretende ficar? – Nífa me olha desconfiada.

- Não. – Sorrio. – Mas, meus amigos sim.

Me aproximo da beira do barco e levanto minhas mãos em direção a água, fecho meus olhos e sinto as vibrações externas. Sigo com minha visão por dentro da água e então consigo estabelecer comunicação com eles. Quando abro os meus olhos há muitos deles circulando em volta do barco.

- São barbatanas. – Jackson olha espantado para a água. – Se eu cair na água eles irão me comer? – Nesse momento solto um leve riso.

- Não se preocupe. – Coloco a mão em seu ombro e o acalmo. – Eles estão aqui para fornecer proteção, qualquer inimigo que vier eles atacarão.

- Agradeço pela guarda! – Melman sorri.

Os outros guerreiros começam a se alinhar e pular no mar. Me aproximo de Jackson, pego em sua mão e olho fundo em seus olhos. Só o pensamento que pode acontecer algo ruim com ele já me atormenta.

- Tenhamos fé! – Exclamo.

Dou-lhe um último beijo, talvez o mais intenso que já damos. Quando me afasto dele opto por não olhar mais para ele. Então viro-me de costas e pulo dentro da água até estar totalmente imerso. Olho para os tubarões que circulam embaixo do barco e aceno para eles em forma de agradecimento.

Impulsiono meu corpo e enfim passamos para dentro da neblina chegando nas águas de Teza. Descemos um pouco mais para o fundo, não sabemos se Serafim colocou seus guardas também dentro da água. Mas, temos a resposta logo em seguida quando avistamos duas Sereias mais no topo, trajadas nas armaduras do Sudeste. Por momento passamos despercebidos.

“O que faremos?” – Hugo se aproxima de mim e se comunica.

“Deixem comigo.” – Respondo.

Abro meus braços e sinto a movimentação da água, concentro minha força e faço a onda ganhar mais intensidade onde eles estão. Eles são sugados em nossa direção sem poder revidar, a água em sua volta fica como o gelo. Logo, estou com a mão presa no pescoço de um deles. O outro já tem a faca de Sabrina presa em seu coração. Olho para o soldado inimigo e o jogo para as águas mais profundas onde um grande animal cinza surge e o engole.

“Vamos subir.” – Os chamo.

Pelo visto não há mais soldados dentro da água, pois nós subimos tranquilamente. Como o planejado Ninfa, Hugo e mais outras três Sereias seguem por um lado oposto ao nosso. Para sua proteção eu controlo algumas criaturas que seguem atrás deles, sinto o efeito da carga em meu corpo, mas resisto.

Para a nossa sorte há bastante rochas espalhadas pela região da praia nesse local, quando saímos na areia corremos para algumas delas e nos escondemos. Com cuidado olho por cima dela e avisto alguns soldados na parte mais de cima, mas não tantos como o soldado prisioneiro havia falado.

Sabrina olha para mim, assim aceno para ela. Com cuidado ela retira duas adagas do seu cinto e manipula em suas mãos, nesse instante recordo-me de Polaris, a sua especialidade. A guerreira então levanta-se e atira as armas que se chocam nos corpos inimigos que tombam no mesmo instante. Quando outro surge eu me apresso e pego uma pedra do chão, sem demora acerto sua cabeça que se choca contra a rocha.

- Vamos. – Sussuro.

Passamos entre as rochas, mas logo estamos descobertos. Subimos o pequeno morro em silêncio e rapidamente estamos na estrada, ouvimos apenas alguns sons, no entanto não próximos. Caminhamos e descemos as escadas até estarmos dentro da caverna do esquecimento onde há três soldados inimigos.

- Ariel. – Um deles se espanta quando me avista.

Antes que ele possa tocar em sua pequena trombeta eu o ataco com meu Tridente. Bato em suas pernas e o faço tombar, então fico a frente dele onde os pequenos raios saem da arma e se chocam contra o seu corpo o levando a morte. As demais Sereias ficam encarregadas de conter os demais. A arqueira loira acerta facilmente o coração de um e o outro com sua espada detém o último. Sem demora, os soldados de Serafim morrem.

- Está demorando para o sinal. – A arqueira diz.

- Calma. – Exclamo. – Eles vão conseguir.

Nesse instante uma leve preocupação eclode, mas a contenho. Hugo e Ninfa são especialistas e um dos melhores guerreiros. Isso só se confirma quando logo depois ouvimos o barulho do rugido de Trovão que estremece o complexo. Nos escoramos na parede quando os passos dos soldados ecoam do lado de fora, eles caminham em direção as montanhas.

Saímos da caverna e subimos as escadas. Caminhamos bem próximos das montanhas. Subimos alguns degraus e então estamos próximos do castelo. Observo lá em cima o palácio do nosso reino, senti saudade de vê-lo. Em silêncio nos escondemos atrás de uma biga. Do outro lado ficam as celas do Noroeste. Obviamente em frente à porta estão bastantes soldados, todos com os seus escudos e espadas posicionados.

Levanto-me sozinho e saio de trás do veículo. Logo, todos os olhares se voltam em minha direção. As pontas das espadas apontadas para mim.

- Ariel. – O da frente sorri. – Sabíamos que você viria.

- É um prazer retornar ao meu reino. – Digo. – O príncipe legítimo tem que retornar quando o rei impostor toma o seu trono.

Quando o do fundo levanta sua mão para tocar a trombeta ele recebe uma flechada em sua mão, seus gritos se misturam com outros ao longe e então a guerra eclode. Partimos para cima dos soldados. Bato na perna do seu general e a quebro, quando ele está de joelhos acerto sua cabeça com o tridente.

- Abaixese. – Sabrina exclama.

A adaga passa por cima da minha cabeça e atinge o peito do inimigo. Rolo pelo solo e tombo três deles no mesmo instante. Quando me levanto sinto uma ardência em meu braço, olho para a região e levei um ataque de uma espada. Encaro o soldado inimigo que vem novamente. Bato em sua mão e sua espada cai. Giro meu corpo e acerto o seu peito, a sereia voa longe como um papel e seu corpo é jogado para baixo em meio as rochas.

O último que cai é um guerreiro que leva uma flechada no peito e fica preso na porta das celas. Aponto o tridente e explodo a tranca. Adentramos rapidamente e seguimos pelo corredor iluminado pelas tochas. Somente vim aqui umas duas vezes, mas meus pais sempre disseram para ficar longe. Não é à toa, o lugar possui uma energia extremamente negativa.

- São eles. – Sussuro.

Descemos o último degrau e então estamos dentro da caverna das celas. Elas são todas feitas em vidro. Me aproximo da direita quando os avisto. Coloco minha mão no vidro e sinto um tremendo alívio por ver suas faces mais uma vez. Do outro lado está minha mãe, é nítido em sua face o abatimento.

- Mãe. – A chamo e depois mais alto. – Mãe!

Enfim ela percebe assim como meu pai que está na cela ao lado. Os dois correm até mim e colocam suas mãos nos vidros. Noto que o rosto do meu pai possui muitos cortes, manchas roxas dos ataques. Até mesmo o seu longo cabelo ruivo foi cortado, Serafim é um monstro torturador.

- Filho. – Cristal mistura o sorriso com o choro. – Que bom que está aqui.

- Eu voltei. – Exclamo.

- Nunca duvidamos disso. – Meu pai olha para mim e sorri.

Aceno com minha mão para eles se afastarem.

- Irei explodir as portas. – Digo. – Vão para trás.

- Como você vai fazer isso? – Minha mãe questiona.

- Apenas confie...

Quando estou prestes a lançar os raios eu sou jogado para o solo, sinto meu tridente se desprender da minha mão. Viro-me e então encontro o gigante lobo do Sudeste com seu olhar e presas em minha direção. Coloco meus braços na frente quando ele ataca, sinto sua mordida e grito pela dor que surge. Ao meu lado um soldado de Alamânia cai e é esfaqueado pelo lobo.

- Maldito. – Sussuro.

Bato com meu punho na cabeça do lobo e o afasto. Levanto-me apressadamente e do meu cinto eu retiro uma faca. O olhar maligno do animal me encontra e a saliva escorre pela sua boca. O lobo corre com toda a sua força e pula em cima de mim. Me esquivo e acerto um soco em sua cabeça fazendo o animal tombar em frente à cela. Giro a faca e acerto no centro da sua cabeça.

- Ariel. – Sabrina me chama.

Nos alinhamos e do outro lado mais lobos surgem, não imaginei que possuíam tantos assim, mas parecem que procriaram. No fundo também surgem outros soldados, o número é bastante desigual. Me abaixo e pego o meu tridente.

- Agora seria uma boa hora. – Sabrina exclama.

- Minha energia não é inesgotável. – Digo a ela. – Tenho que guardar para a grande guerra, já estou sentindo os efeitos.

- Libere as celas. – A arqueira ao meu lado diz.

Ela tem razão. Na última cela eu avisto o meu tio que acena em minha direção. Giro o meu punho e concentro-me. Quando bato com a arma no solo eu sinto as descargas se separarem e eu a controlo para seguir por onde desejo. Os raios são como a água, eles invadem as celas e em instantes estouram os vidros que até então eram impenetráveis.

- O que? – O soldado de Serafim espanta-se.

- Filho. – Do outro lado meu pai me analisa. – Você pode controlar os raios. – Ele fica pasmo assim como todos.

Não há tempo para explicações. Os inimigos partem para cima de nós. Meu tio Hector pula de sua cela arrastando um dos enormes lobos contra a parede onde ele quebra seu pescoço facilmente, assim vejo toda a sua fúria e o porquê de ele ser considerado o melhor guerreiro do reino.

Sabrina entrega uma espada ao meu pai e a arqueira uma lança a minha mãe. Juntos como nunca avançamos contra a tropa opositora. Deslizo pelo solo e acerto com meu tridente no pescoço do lobo, o empurro para o lado e subo em cima do animal. Quando outro vem em minha direção eu retiro a arma e jogo em sua direção, o lobo desliza pelo solo, morto.

- Eu sabia que você voltaria. – Hector sorri em meio a sua face coberta pelo sangue inimigo, estava com saudades de ver seu sorriso.

Ele me oferece sua mão e levanto-me.

Observo meu pai e minha mãe trabalharem em sincronia. Ele dispara um soco no lobo que tomba em direção a Cristal que crava sua lança no animal, nunca

tinha a visto lutar dessa maneira. Os reis são imbatíveis. Quando um se aproxima logo tomba.

- Juntos? – Hector ao meu lado diz.

- Eternamente. – O respondo.

Ele chuta o peito de um soldado que cai em meus braços, logo giro seu pescoço e ele cai a minha frente. Giro por cima dele e acerto a cabeça de outro que é jogado para dentro da cela e logo tem uma flecha presa em seu peito.

Meus sentidos estão extremamente aguçados. Sinto o vibrar de uma flecha vindo em minha direção, levanto minha mão e seguro ela em meio a minha palma. Olho para a Sereia ao fundo e antes que ela possa fugir já está com sua arma cravada em seu peito, assim ela tomba ao lado de outro lobo que é morto pelas mãos de minha mãe.

- Faz tempo que não me sentia assim. – Cristal diz.

O último lobo corre em minha direção e pula, mesmo sem meu Tridente eu sinto os raios presos ao meu corpo. Eles então caminham em torno do meu punho e quando acerto a cabeça do lobo eles disparam. O animal tomba para a parede da cela rachando ela ao meio como nunca visto antes. Sinto uma leve tontura, mas logo recupero o equilíbrio.

Minha mãe pega em minha mão.

- Pensávamos que eram somente lendas. – Ela exclama. – Mas, todos estavam certos. Você descende dos poderes de Ariel I e II.

- O Supremo dos mares! – Meu pai sorri como eu nunca tinha visto, ele aperta sua mão em meu ombro. – Eu sempre soube do seu potencial, filho!

- Obrigado. – Sorrio para eles. – Eu amo vocês!

- Hein. – Sabrina nos chama, ela limpa seus longos cabelos loiros da baba de um lobo. – Não querendo atrapalhar o momento pais e filhos, mas nós temos uma guerra para batalhar. Será que podemos?

- Oh! – Minha mãe diz. – Vamos.

Subimos as escadas e logo estamos do lado de fora da caverna. Então, a trombeta de guerra é acionada. Ao longe ouço o rugido de Trovão e então o grande dragão surge. Ele é guiado até parar em frente as rochas, quem diria que veria montada nele Ninfa que agora mantém um grande sorriso. O animal desce seu longo pescoço em minha direção e acaricio.

- Também é bom revê-lo. – Digo.

Mais soldados inimigos surgem, Trovão então vira-se em direção a eles e joga sua onda de fogo mais potente. Em questão de instantes todos eles se transformam em cinzas.

- Os soldados do nosso reino já sabem da sua chegada. – Ninfa fala. – Venha, você precisa comandar o exército da frente.

Olho para meus pais e meu tio que acenam para mim.

- Vá. – Alfred diz. – Rei!

- Iremos comandar a cavalaria. – Meu tio sorri de canto para mim. – Creio que já está preparado para guiar o nosso exército.

Sinto meu corpo romper nos raios mais fortes. Subo pelo corpo de Trovão e tomo a frente de Ninfa. Bato em sua pele e então o animal impulsiona suas patas e levantamos voo. Sobrevoamos sobre Teza que já está em um perfeito caos. Vários guerreiros do nosso reino se libertam e colocam fogo. Mas, por momento eles ainda são paráveis.

- Hugo conseguiu? – Questiono.

- Espero que sim. – Ninfa responde. – Aliás, eu confio que sim.

Passamos pelas residências do nosso reino e quando avistamos uma tropa inimiga se formar eu faço o dragão descer rasamente e com sua onda de chamas ele leva todos os inimigos por onde passa. Algumas flechas sobrevoam em nossa direção, mas Ninfa levanta seu escudo e nos protege.

Inclinamos novamente ao solo em frente a floresta. Descemos no meio do meu povo. Muitos deles conseguiram fugir e agora eu noto a esperança novamente em seus olhos, não são mais aqueles que o prisioneiro havia nos contado. Nós trazemos juntos conosco a esperança.

- Se abaixe. – Ninfa diz.

Ela se posiciona a minha frente com o escudo quando flechas são disparadas em nossas direções. Até mesmo Trovão sente algumas delas. Como muitos dos nossos estão desprotegidos eles morrem. Mas, não posso deixar assim. Pego um escudo ao lado e avanço em frente a todos. Noto em cima do moro onde muitos arqueiros inimigos estão posicionados.

- Meu povo não! – Exclamo.

Levanto meu tridente e convoco os raios. Quando lanço eu atinjo perfeitamente. Em sequência os arqueiros começam a evaporar até o último deles ser transformarem em cinzas. Outros que estavam ali começam a recuar.

- Príncipe. – Os que estão em volta começam a dizer.

Muitos deles olham para mim, sorrindo, já outros espantados, mas ainda contentes. Não me sinto mal ao receber tamanha adoração. Eles precisam disso para nos tornarmos mais fortes e eu creio que está dando certo. Porém, eu nunca havia disparado tantos ataques assim seguidamente.

- Ariel. – Ninfa para a minha frente. – Você está bem?

Passo a mão pela minha pele que transpira muito.

- Estou. – Digo. – Só preciso me recuperar um pouco.

- Não efetue mais tantos ataques assim. – Ninfa se vira em direção a floresta e sorri. – Acredito que não iremos precisar.

Em frente a floresta eles surgem. Ao lado de Hugo cada um dos filhos de Serafim, César e Gliz Odini. Os dois trajados em suas armaduras de batalha, seguidos deles muitos outros soldados que se alinham em meio ao nosso exército com seus escudos e armas. Outros distribuem armamento.

- Você conseguiu sobreviver. – César sorri para mim.

- Fiz de tudo para isso. – Exclamo. – Obrigado por estarem ao nosso lado, sei que será difícil lutar contra o seu pai.

Ao lado Gliz Odini ri intensamente. Ela passa uma de suas mãos na parte branca do seu cabelo enquanto a outra alisa com uma adaga.

- Na verdade, não será tão difícil. – Gliz diz. – Nosso pai trouxe caos ao reino e muitos soldados não ficaram contentes com isso. Pode ver!

Realmente são muitos deles que estão ao nosso lado.

- Acreditem. – César olha firme para mim. – Há muitos no nosso reino que são contra as suas atitudes e nós soubemos achar. Tínhamos consciência que um dia teríamos que golpear o nosso pai pelo bem do nosso reino.

Serafim é realmente uma das sereias mais odiadas da nossa história.

- Está na hora de recuperar o nosso reino. – Exclamo e olho em direção aos olhos de César que são como tempestades. – Espero que quando isso acabar também acabe a nossa rivalidade.

O príncipe estende sua mão e então apertamos.

- Como nunca houve antes. – Ele diz. – Um Odini e um Dramir lutando lado a lado, certamente estaremos nos livros de história das futuras gerações.

Pego meu Tridente e caminhamos em frente ao nosso exército. Odini e Dramir, todos hoje lutam como um só reino, como um só povo.

- A guerra. – Exclamo.

Em formação nós invadimos o reino. O exército de Serafim já está preparado do outro lado, levanto meu escudo quando adentramos no campo de batalha. As flechas se chocam e atingem um e outro que estão desprotegidos. Quando chego próximo de um arqueiro bato com meu escudo nele e a sereia tomba, com meu tridente é fácil, apenas uma batida e ele apaga.

Muitas residências começam a pegar fogo e a fumaça começa a se espalhar por todo o reino, mesmo com dificuldade para respirar eu percorro em meio ao caos. Sou rodeado por cinco guerreiros, mas com a ajuda de César conseguimos imobilizá-los. Com seu punho ele bate em um deles e quando o homem vem em minha direção eu bato com meu tridente e ele desliza pelo barro.

- Traidor. – Um grande soldado Serafim brande para César. – Seu pai lhe deu tudo e é assim que você retribui? Traindo o seu povo?

- Você nunca foi meu povo. – César diz.

Antes que o homem possa levantar o seu machado ele é golpeado por Gliz. A garota acerta sua lança no grande guerreiro e ele cai de joelhos na grama. Após ela pega um chicote e enrola em seu pescoço o trazendo para trás. César gira o machado em sua mão e acerta na garganta do homem, o gramado até então verde se torna roxo.

- Seu tempo expirou. – Gliz ri enquanto observa o homem, ela gira seu cabelo em torno do seu dedo direito. – Eu também nunca gostei daquele.

Ela mira sua lança e acerta o peito de outra sereia do seu reino.

- Pelo menos isso papai nos ensinou bem. – A garota ri.

César limpa seu machado e se aproxima de mim, juntos caminhamos em meio aos soldados até estar no centro do gramado. Não muito longe dali está o castelo Dramir, até o momento intacto pela guerra.

- A cavalaria. – Ninfa ao meu lado exclama.

Ouvimos o barulho dos cavalos e então os cavaleiros de Serafim surgem montados em seus grandes animais. A frente deles está ninguém menos que o maior traidor dos reinos, Serafim Odini. O rei veste uma poderosa armadura preta com diamantes esverdeados, seus olhos acinzentados percorrem até pousarem em seus filhos e então um sorriso doentio surge. O que mais o deixa amedrontam-te é o fato de estar montado no maior lobo que já vimos.

- Meus filhos. – Decifro os seus lábios e então ele exclama alto. – O príncipe de Teza veio revogar aquilo que é seu por direito. – O rei ri. – Mas, acabou. A coroa já é minha assim como o seu reino, vocês estão condenados à morte.

Antes que possamos partir para o Ataque em meio as residências outra cavalaria chega e dessa vez sendo guiada por meu pai e meu tio. Lado a lado como irmãos, foi algo que eu sempre esperei ver. Minha mãe fica no centro dos dois. Os flecheiros então tomam a frente e disparam.

- Fechar escudo. – Rei Serafim branda.

Muitos estavam despreparados e então são atingidos. Nesse momento levanto meu Tridente e todos os demais levantam suas armas em direção ao céu.

- Por Teza. – Exclamo.

- Por Teza. – Eles correspondem.

Desvio de uma lança que atinge o guerreiro que está atrás de mim, após bato na mão do inimigo o desvinculando da arma. Ataco mais uma vez com o escudo fazendo o sangue jorrar de sua boca e o finalizo com um golpe na cabeça. O próximo consegue acertar uma espadada em minha perna, perco o equilíbrio e caio de joelhos. Somente dá tempo de eu levantar meu escudo e me defender.

- Hein. – Ouço a voz de Nínia. – Não mexa com minha família.

Ela mira seu arco e dispara, a flechada é certa no coração do homem que tomba para mim que o jogo para o lado. Minha amiga oferece sua mão para mim e levanto. Ao observar o campo vejo o caos que está.

- Bem ruim. – Ela diz.

- Poderia estar pior. – Sorrio.

A nossa frente Sabrina passa rolando com outra guerreira pelo gramado até ela parar em cima da inimiga e cortar sua garganta com sua adaga. Ela sorri bem próxima da face da outra guerreira e então levantasse.

- Ninguém toca no meu cabelo. – Sabrina diz.

Observo não muito longe dali César encurralado por outros soldados. Logo, ele perde o seu machado e escudo e fica desprotegido. Sem pensar duas vezes eu corro até ele e miro meu Tridente no que está prestes a proferir um ataque. Os raios atingem o guerreiro que cai imóvel no chão. Assim, dá tempo do príncipe se abaixar, pegar sua arma e contra-atacar.

Bato no escudo de um que cai em frente a César. Odini então finca seu machado no peito do inimigo e após levanta e gira em seu pulso.

- Você controla raios? – Ele ri de tensão.

- Sim. – Exclamo. – Ariel III, lembra-se?

César sorri para mim, por um momento me esqueço da batalha.

Dois lobos vêm correndo em nossa direção, um deles é interceptado pela minha mãe. Cristal mira com seu arco e acerta na cabeça do animal que escorrega para o lado e é pisado pelo cavalo do meu pai que passa logo em seguida. O próximo pula em minha direção, deslizo pelo solo e levanto meu tridente. A arma prende-se no animal. Uso toda a minha força e o jogo para o lado fazendo abrir uma pequena cratera no chão.

Quando me levanto vejo mais cinco animais vindo em nossa direção.

- Quantos lobos seu pai criou? – Olho para César e me espanto.

- Nem mesmo eu fazia ideia disso. – Ele diz.

Ouvimos um enorme rugido e o do céu desce Trovão. Temos que nos abaixar para ele não nos tombar, o animal percorre rasamente pelo solo seguindo em direção as criaturas. Sua onda de fogo atinge muitos deles levando-os a morte, mas outros dois conseguem pular em Trovão que desliza pela grama. Antes que eu possa fazer alguma coisa sinto um chicote se enrolar no meu pescoço, não sou rápido o bastante e sou puxado para trás sendo arrastado.

- O príncipe de Teza. – O cavaleiro ri em seu cavalo.

Coloco minhas duas mãos no chicote e então puxo. Minha força é tanta que até mesmo o cavalo tomba. Sou rápido e consigo me levantar enquanto o homem passa por mim rolando pelo gramado até cair do outro lado. Seguro o chicote nos meus punhos e me recordo do meu treinamento. Quando ele pensa em levantar eu ataco e a corda se enrola em seu pescoço. Quando um cavaleiro do seu reino está chegando perto eu o puxo e o animal passa por cima dele.

Entre o caos eu avisto o meu tio rodeado por quatro lobos do Sudeste, ele desvia do ataque de um, mas de outro o Dramir não consegue. O guerreiro então leva uma mordida em seu ombro. Ouvir seu grito é atormentador. Quando dou um passo à frente para começar a correr uma tropa de guerreiros fecha um círculo a minha volta. Não muito longe dali Serafim observa montado em seu grande lobo com um sorriso em sua face, apreciando a dor.

Estou desarmado, quando um deles me ataca com a espada eu desvio, mas logo vem outro e me bate por trás me jogando ao solo. Caio na grama e tento fazer meus raios agirem, no entanto eles são neutralizados. Coloco minhas mãos no chão e então levo um chute em meu rosto me fazendo permanecer no solo. Tento novamente ativar os raios e nada acontece, me sinto impotente, talvez eu tenha usado demais. Já estava me sentindo mais fraco, mas agora não é a hora.

- Hector. – Sussuro.

Meu tio tomba no solo e as criaturas sobem em cima dele. Um deles morde as suas costas e assim ele não tem mais forças para levantar, seu corpo está machucado demais. A última cena que avisto é o seu sorriso em minha direção, as próximas eu prefiro fechar os olhos. Somente ouço o seu grito que atinge o meu coração como o raio mais potente. Me esforço e então abro meus olhos novamente e encontro meu tio morto no gramado, os lobos depois do acabado saem e vão caçar os demais.

- Um fraco príncipe.

Olho para cima e vejo Serafim parado a minha frente. Seu grande lobo com os dentes prontos para me atacar, mas ele ainda não faz isso. Recebo outro ataque em minhas costas e sinto o sangue em minha boca. No canto a esquerda um cavaleiro ataca minha mãe e a derruba do cavalo, meu pai é imobilizado por dez guerreiros que o tem em suas correntes.

- Sua dinastia acabou! – Serafim diz. – Aceite.

- Nunca.

Cuspo o sangue a frente.

Sinto como se estivesse no meio de uma tempestade, mas eu não sou aquele que vai ser atingido, eu sou a própria tempestade. Quando o seu lobo pretende me atacar eu desvio para o lado e rapidamente me levanto. Em segundos eu acerto com meu punho em sua face e o animal desliza pelo gramado levando seu dono junto, mas o rei é rápido e logo está em pé.

- Sem o seu Tridente você é patético. – Serafim fala com raiva.

Um soldado dele me ataca, me esquivo do seu ataque e tomo a lança de sua mão. Giro ela em meu punho e acerto ele, me abaixo quando uma lança cruza por cima da minha cabeça. Deslizo pelo solo e cravo a arma no peito do arqueiro. Forço para o lado e jogo seu corpo contra outro soldado. Em questão de segundos estou rodeado pelos corpos dos opositores.

- Você nunca foi um rei. – Exclamo. – Apenas um lunático que pensou estar no controle. Até mesmo seus filhos se viraram contra você, que espécie de líder consegue provocar a ira dos seus próprios filhos fazendo eles se aliarem aos inimigos? Patético!

Dessa forma eu consigo desequilibrá-lo.

- Você deveria ter morrido no combate. – Serafim brande. – Pena que meu filho não herdou a mesma coragem minha, mas eu não irei hesitar.

Ele levanta a sua mão e seu lobo corre até mim, desvio para o lado do seu ataque, mas seus dentes são afiados e longos. Sinto a ardência em minha pele quando ele me corta. Acerto um soco diretamente ao lado de sua face, ele perde o sentido, mas logo retorna. Com minhas duas mãos eu abro a sua boca, seguro fortemente para que ele não feche.

“Me prometam que vocês irão salvar o nosso reino. ” – Sinto como se Polaris estivesse sussurrando as palavras no meu ouvido, ao olhar para o lado tenho a sensação de ver seu cabelo escuro com as duas pontas soltas balançando pelo vento.

Sinto o meu corpo eclodir no mais intenso poder. Quando abro os meus olhos vejo novamente minha pele rodeada pelos raios, eles percorrem pelo meu corpo como se estivessem dançando. Nesse momento liberto a energia, com toda a minha força eu abro a boca do animal arrancando sua cabeça. O temido lobo cai no solo e eu fico com o sangue escorrendo pelas minhas mãos. Do outro lado Serafim observa o meu corpo distribuindo energia.

- Impossível. – Ele diz.

- Apenas um príncipe patético. – Rio.

Serafim joga uma lança em minha direção, mas apenas com uma descarga eu faço a sua arma se transformar em cinzas. A sereia então vê que não conseguirá me deter e nesse momento começa a correr para o mais longe possível.

- Impeçam-no. – Serafim ordena, o medo está presente no seu falar.

Os soldados fecham sua frente. Apenas fecho os meus punhos e abro os meus braços, os raios se dispersam acertando toda a sua formação que se separa. Alguns conseguem resistir, mas esses mesmos não retornam para Serafim. Eles apenas olham para mim e começam a correr. Do outro lado em frente às árvores surge meu pai montado em seu cavalo branco.

- Acabou Serafim. – Ele diz.

Serafim se vira e olha para mim, seus olhos acinzentados ficam mais escuros. Mesmo na sua situação ele ainda consegue sorrir.

- Não acabou. – O rei exclama. – Esse é apenas o começo do fim. Vocês acham que podem controlar Teza, mas estão enganados. Nunca o Sudeste irá se ajoelhar para um Dramir. – Ele grita descontrolado.

Olho para o lado alguns guerreiros jogando suas armas, no centro deles estão os irmãos Odini. Eles olham para o seu pai com nenhum sentimento, nem mesmo o de tristeza ou piedade.

- Eu os criei. – Serafim continua a gritar. – Traidores. Todos vocês são uma vergonha para Telonis e Zaquira. Vocês não seguem seus ensinamentos, não são tementes a eles. Falsos seguidores, falsos líderes. Eu sou o rei!

O Rei corre contra mim, apenas bato o punho em seu braço e a sua espada cai no solo. Com minha mão eu seguro em seu pescoço. Diminuo a intensidade dos raios e trago o seu olhar acinzentado para o meu, ele continua a sorrir enquanto o sangue escorre pela sua boca.

Ao meu lado Ninfa surge e joga o Tridente para a minha mão. Com a outra levanto Serafim ainda mais alto enquanto todos observam, até mesmo os seus soldados mais leais param para observar a sua queda.

- Últimas palavras? – Questiono.

- Como sente em ser um regicida? – Ele ri.

- Eu não sou um regicida. – Digo a ele. – Você nunca foi o meu rei. Mas, obrigado. Foi pelos seus atos que eu me tornarei um Rei.

Serafim grita para mim e então eu acerto o Tridente no seu peito. Seguro a arma e levanto o seu corpo. Bato com a arma no chão e a cravo no solo. Os raios dançam pelo local enquanto o corpo de Serafim está preso, dessa vez completamente morto. Fico em frente ao rei e todos do outro lado começam a se ajoelhar um atrás do outro. Até mesmo os do lado Sudeste. Não me sinto um vitorioso, ainda vejo a destruição que não deveria ter acontecido. O nosso belíssimo campo transformado em um cemitério.

Caminho pelo gramado e me ajoelho em frente ao corpo de Hector. Com delicadeza eu fecho as suas pálpebras. Me aproximo do seu rosto e o beijo no rosto, sinto a dor mais profunda, mas sei que ele deu tudo o que pode por nós. Desde o começo, Hector é insubstituível.

- Descanse em paz. – Exclamo no seu ouvido.

Passo a mão pelo seu rosto e então levanto-me.

Os guerreiros que não estão muito feridos começam a juntar os corpos dos mortos, tanto de um reino quanto de outro. Mesmo que tenhamos lutado em linhas diferentes nós ainda somos um só povo. Esse talvez seja o primeiro ato de união.

Assim, a biga parte levando o corpo do meu tio.

- Nós conseguimos. – Olho para Ninfa, seus olhos imersos em lágrimas. – Cumprimos a nossa promessa.

Me aproximo dela e abraço-a.

- Onde ele estiver estará contente. – Exclamo. – Certamente está no salão dos titãs bebendo do melhor vinho e comemorando a nossa vitória.

Ninfa limpa suas lágrimas e mistura o sorriso com o choro.

Caminhamos em meio ao caos, quando encontro a biga mais próxima eu me sento. Sinto como se um dragão estivesse pousado em minhas costas, as dores agora percorrem por cada parte do meu corpo.

- Nós vencemos. – Hugo corre e me dá um abraço e suas mãos vão bem onde estão meus ferimentos mais profundos, ele então se afasta. – Desculpe.

Apenas aceno.

- O que nós iremos fazer agora? – Sabrina questiona, noto que parte do seu cabelo foi queimado pelo fogo.

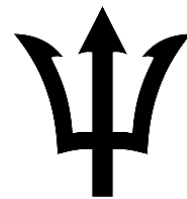
Meus pais se aproximam também.

- Creio que temos uma nova celebração para fazer. – Minha mãe diz. Seus olhos azuis da cor do céu pela manhã me fitam assim como seu sorriso doce.

Deito na biga e então olho para o céu estrelado. Enfim acabou, pelo menos derrotamos Serafim Odini e Jaime Talis. Há as profecias ditas pelas Angelus, mas nesse momento eu prefiro ignorá-las. Apenas desejo apreciar o sabor da vitória, algo que não é bom nem ruim, mas que é preferível o sentir. Essa guerra foi decisiva para o nosso povo e não digo somente a nossa parte da ilha, porém sim toda ela. Está na hora de mudanças acontecerem, um novo reinado. Uma nova época surgir, pois eu sinto que pelo que vem pela frente teremos que estar todos unidos para sobreviver, mais uma vez!

Capítulo 31

O novo reinado.



Caminho pelo meu quarto e observo tudo à minha volta. Antes quando eu morava aqui não valorizava muito e não sabia dos riscos maiores que poderia encontrar além dessas paredes, além dessa ilha. Me aproximo da janela e agora observo Teza tentando se estabilizar. As moradias que pegaram fogo agora vão sendo reconstruídas, a grama encobrindo os sinais da guerra. É como se nada tivesse acontecido, entretanto, nós sabemos que aconteceu, pois carregaremos marcas internas para sempre.

Quando me olho no espelho não me sinto mais aquele garoto obcecado por uma coroa, aprendi que a vida é muito mais que isso. Nem sempre quem está no topo tem as melhores decisões e se um dia você pretende chegar lá você terá que ter uma longa trajetória para merecer estar ali. Hoje me considero um merecedor, hoje entendo a preocupação do meu pai.

Ninfa atrás de mim ajusta os últimos retoques da minha armadura. Ela é uma das mais belas que já vesti, o dourado cintila em sua cor perfeita. O manto que cruza pelo meu peito foi feito especialmente para mim, azulado e no centro dele há um dragão pintado, é como as sereias estão me chamando agora. Nosso dragão, outras me chamam de Supremo dos mares, já outros também somente me chamam de Rei. Na verdade, eu não me importo muito como me chamam, somente aprecio que meu povo confia em mim.

- Está pronto? – Ninfa me questiona.

- Creio que sim. – Me viro e respondo. – Esperei por esse momento há muito tempo, mas tudo acontece no momento exato.

Aendai acena para mim e prossegue. Para em frente à janela onde observa o sol pairar em Teza. Um leve sorriso surge em sua face.

- Também estou contente em voltar.

Digo a ela que olha de canto para mim e sorri.

- A sensação de estar aqui agora é diferente. – Ninfa diz. – Sinto que uma parte minha se quebrou junto com minha família, ontem visitei onde nossa casa

ficava e foi muito difícil. Cada coisa que eu via me recordava deles. Mas, sei que isso não voltará, agora são apenas lembranças.

- Eu também sinto isso. – Exclamo. – Me recordo dos lugares onde meu tio me treinou, das vezes que passeávamos a cavalo pelo reino. São ótimas lembranças e é assim que deve permanecer. A morte chegará um dia para todos nós e apenas teremos que acolhê-la.

Ninfa se aproxima de mim.

- Polaris iria ficar contente em vê-lo assim. – Ela diz. – Estava tão entusiasmado quanto você para assumir a coroa. Assim, como para integrar a Tropa Sapien. Pelo menos um desses ele conseguiu realizar mesmo que isso tenha custado a sua vida. Nem sempre temos aquilo que nós queremos.

- É duro. – Exclamo. – Mas, é a verdade.

Ouçoo som da porta se abrindo e a vejo do outro lado. Minha mãe.

- Rainha! – Ninfa passa por ela e acena. – Vejo vocês no salão.

Minha amiga sai e minha mãe adentra. Ela veste um lindo vestido azul com joias claras do mar. Exuberante como sempre, nem em meio a tanto caos a beleza de minha mãe parou de brilhar. Seu sorriso também ilumina como o sol.

- Meu único filho! – Cristal exclama. – Eu esperei tanto por esse momento, não sei se rio ou choro de tanta felicidade por você.

- Apenas sorria. – Digo. - Se não estraga a maquiagem.

Limpo uma lágrima que cai da sua face, então ela se contém.

- Antes de entrarmos naquele salão eu gostaria de lhe dar um presente.

Minha mãe segura uma caixinha em suas mãos.

- Um presente que seu tio tinha feito para quando assumisse a coroa. Ele sentiu que algo ruim poderia acontecer e então o deixou comigo. Me fez jurar que um dia eu entregaria para você se algo acontecesse a ele. – Ela diz.

Cristal abre a caixa e então dentro dela vejo lindos braceletes.

- São perfeitos. – Sorrio para ela.

Estico meus punhos e então ela coloca em mim. Quando mexo eles o azul muda de cor, é uma das coisas mais incríveis que já foram feitas.

- Nunca vi algo parecido. – Exclamo.

- Seu tio queria um presente especial. – Minha mãe sorri. – Então ele pediu para o nosso ferreiro encontrar no mar um material especial que somente um Rei

poderia usar.

- Mesmo longe Hector não cansa de me surpreender.

Sorrio e olho para ela.

- Eu vou sentir tanta falta dele, dos seus conselhos.

- Todos sentiremos, querido! – Cristal diz. – Mas, sabia que Hector confiava em você mais que tudo. Agora ele deve estar no salão de Telonis e Zaquira bebendo em comemoração ao seu coroamento. Não devemos pensar em coisas tristes, devemos pensar em coisas boas para que o seu reinado comece rodeado por energias positivas.

- Tem toda razão, rainha! – Digo.

- A partir de hoje fico feliz em ser apenas sua mãe.

Ela me dá um dos abraços mais apertados e aconchegantes que já recebi. Estava com tantas saudades dos seus abraços, do seu sorriso. Já valoriza isso antes, mas depois de tudo que passei comecei a valorizar muito mais. É estranho que para a gente valorizar aquilo que temos nós tenhamos que perdê-los por um momento para então ver a verdadeira riqueza que tínhamos.

Cristal segura firme minhas mãos.

- Chegou o momento. – Ela diz. – Preparado?

- Sim. – Sorrio e suspiro.

Seguimos pelos corredores e então minha mãe se separa de mim.

Saio do castelo e prossigo pelo seu lado. Os soldados ficam em volta, mantenho minha postura e enfim chego à frente da porta principal. A trombeta então soa e dessa vez em uma melodia mais agradável, não como a da guerra. Mas, mesmo assim sinto os pelos do meu corpo arrepiarem, um frio intenso em minha barriga. Logo, não contengo em deixar um sorriso transparecer. Embora, nenhum outro rei tenha feito isso, mas eu sou acostumado a fazer o que os outros nunca fizeram.

Os soldados de Teza vestem o manto azul e seguram o nosso estandarte. Agora o Tridente é substituído por outro, o dourado dele cintila no pano azul enquanto é rodeado pelos raios. Uma última ordem do meu pai! Ele está tentando fazer de tudo para que esse seja um recomeço e eu aprecio, pois depois de tanto tempo me sinto próximo dele.

Prossigo pelo corredor principal enquanto algumas sereias acenam para mim, reconheço todas elas. Principalmente aqueles que lutaram ao meu lado. Na fila principal está ele, o meu alicerce em terras humanas. Jackson veste uma roupa

típica do nosso reino, o branco deixa sua pele ainda mais bonita. Ele sorri para mim e eu sorrio de volta.

Me ajoelho em frente ao trono e após levanto-me.

- Ariel III, filho de Alfred Dramir, sucessor ao trono. – Meu pai exclama enquanto todos ouvem. – É comum durante a celebração do coroamento o Rei somente proclamar outro, sem nenhuma outra fala. – Ele sorri. – Mas, todos aqui sabem que Ariel costuma ser um quebrador de regras.

Todos no salão riem e eu também.

- Mas, você meu filho é um líder único. – Alfred diz. – Banido do nosso reino por um ato de traição daquele da sua própria família. Encontrou no mundo humano inimigos poderosos, entretanto nunca cedeu. Batalhou a cada instante para retornar ao seu reino e salvar o seu povo. Se hoje estamos aqui comemorando essa vitória é porque você foi um grande líder.

As palavras de meu pai me tocam profundamente, mas controlo-me para não chorar, ao contrário de minha mãe que já está imersa em lágrimas.

- Ariel III. – O rei exclama. – Aquele que controla as águas, as criaturas do mar e também os raios do céu. Nunca outro Rei deteve tamanho poder, muitos podem pensar que isso pode ser um risco ao nosso reino, entretanto eu tenho consciência que você utilizará disso para nos levar para uma nova era. Uma nova era que nós possamos celebrar a vida, que possamos respeitar mais uns aos outros. Como um quebrador você quebrará as correntes que nos restringiam de evoluir!

Meu pai segura o Tridente dos reis e então bate no solo. Ele desce com calma pelos degraus do trono e então para a minha frente.

- Neste dia. – Alfred exclama. – Eu Alfred Dramir proclamo Ariel III como Rei e protetor de Teza.

As sereias a nossa volta começam a aplaudir e os soldados a baterem em suas armas. Apenas curvo-me perante o meu pai e então sinto sua mão tocar em minha cabeça onde a coroa pousa. Então ele oferece a sua mão e eu levanto até estar olhando diretamente em seus olhos. Um sorriso como ele nunca esbanjou surge em sua face.

- Acredito que isso já lhe pertencia.

Alfred me entrega o Tridente, seguro com força.

Novamente quebrando as regras ele me dá um abraço. Meu pai quebrou tantas regras nessas últimas semanas que nem durante toda a sua vida ele poderia superar. Após se afasta de mim para que eu possa prosseguir.

- Ao Rei. – Todos no salão dizem e levantam suas taças.

Subo os degraus e em alguns momentos sinto minhas pernas falharem. Minha mãe passa por mim, passa a mão em meu ombro e sorri para mim. Quando me viro para frente avisto todos ali, um número um tanto grande. Agora sinto o que meu pai realmente sentia ao se sentar nesse trono, o peso que é ver tantas vidas a sua frente as quais você precisa liderar.

- Eu não vou dizer que eu nunca me imaginei nessa posição, pois sim quando eu era pequeno e entrava por aquela porta eu me imaginava sentado nesse trono e com essa coroa. – Eles me observam e sorriem. – Mas, eu pensava que ser um Rei era apenas uma honra e que tudo era feliz. Agora eu vejo que ser um Rei vai além disso. Durante o meu reinado eu não pretendo ver os mesmos erros que cometemos desde o início e apenas ignorá-los, precisamos corrigi-los. Precisamos quebrar as barreiras que nos separam, pois nós somos um só povo. Não quero divisões, desejo união.

O povo corresponde a minha fala.

- Vamos todos juntos fazer desse reinado o melhor. – Exclamo. – Pois, ele não depende somente da Sereia que aqui senta, mas sim de todos do reino.

Me sinto inspirado.

- Como Rei eu devo eleger os membros da Assembleia. – Digo. – Peço que Ninfa Aendai, Sabrina Spell, Hugo Teor e Deb Hill para que se aproximem.

Os quatro guerreiros saem do meio da multidão e se aproximam em frente ao trono onde se ajoelham e após ficam em pé.

- Ninfa, Sabrina, Hugo foram guerreiros que estiveram ao meu lado e sem eles essa vitória não seria possível. – Exclamo. – Assim, como também Délio Hill e meu melhor amigo Polaris Aendai que morreram pelo nosso povo.

Suas irmãs balançam a cabeça. Deb possui o mesmo tom de pele que Délio tinha, seus cabelos são cacheados e escuros, os olhos azuis da cor do mar também lembram o jeito que ele olhava.

- Seu irmão lhe amava. – Digo a Deb. – E também sei que ele lhe preparou para ser a sua sucessora e esse momento chegou. Cada um de vocês que integram a Assembleia tem um lugar a ocupar perante a nossa sociedade, com um único objetivo. Fazer com que o nosso reino prospere e eu confio que vocês estão preparados para isso. Então a partir desse dia eu os declaro membros da Assembleia do novo reinado.

Bato com o Tridente no solo e todos aplaudem.

Desço os degraus do trono e me aproximo deles. Os soldados retiram os seus mantos que são substituídos por longas capas azuis. Após uma pequena sereia caminha ao meu lado carregando os colares da assembleia, lindas joias com um pingente de cristal na ponta. Pego com delicadeza e coloco no pescoço de Ninfa que sorri para mim. Assim, como rei coloco em todos eles. Por fim eles se abaixam e fazem a reverência.

Me sento no meu trono e os membros da Assembleia sentam-se abaixo nos seus devidos lugares. Algo que eu pedi para meu pai que lhe fossem colocados, pois eles exercem um grande poder em nosso reino e merecem isso.

Do fundo do salão ouço as suas reclamações. Assim sendo, Viseris cruza no meio do corredor algemado enquanto é vaiado por todos presentes. Digo que aprecio tal momento, pois ele merece isso. Quando o soldado o joga em frente ao trono eu bato com meu Tridente e todos se calam. Viseris então levanta-se. Ele joga seus cabelos castanhos para o lado e os seus olhos da cor do mel que de nada doces possuem me fitam.

- Viseris Dramir, meu primo. – Exclamo. – Acusado de traição ao seu próprio reino. Cedeu a Serafim Odini o nosso trono. Durante o combate envenenou minha bebida para que eu perdesse para o príncipe do outro reino. Colaborou na morte dos membros da nossa antiga assembleia. Tem algo a alegar em sua defesa?

Viseris olha para todos em volta e após me fita.

- O que espera que eu diga? – Ele exclama. – Que eu sinto muito em ter traído esses malditos aqui presentes? – O homem ri. – Não, eu não sinto muito e espero que todos vocês morram queimados.

O público enfurece e começam a dizer várias coisas para ele, os soldados tem que intervir para que nada passe dos limites. Quando bato meu tridente eles calam-se novamente. Apenas levanto-me e olho firme para meu primo.

- Seu pai foi o melhor guerreiro que eu já conheci. – Digo a ele. – Sinto muito que ele tenha tido um sucessor tão decepcionante quanto você.

O sorriso em Viseris desaparece e a raiva toma conta. Quando ele tenta avançar um soldado bate com a lança em suas pernas e ele tomba. Após as armas ficam apontadas em sua direção, assim ele volta a sorrir.

- Sempre o predileto da família. – Viseris ri, noto o seu ressentimento. – Todos o temem, pois consegue controlar tudo, mas sabe de uma coisa? Você nunca me controlará. Se eu pudesse trai-lo eu faria milhões de vezes de novo somente para ver você se queimar no caos.

Desço pelos degraus e me viro em direção a Assembleia.

- Assembleia. – Digo. – Qual é a sua posição?

- Culpado. – Todos dizem juntos, sem exceções.

Viro-me em direção ao meu primo.

- Viseris Dramir você é condenado culpado. – Exclamo.

- Eu não tenho medo da morte. – Viseris ri.

- Quem disse que você morrerá?

Quando eu falo todos a minha volta olham-me. Então caminho em volta do prisioneiro até estar olhando em seus olhos novamente.

- Viseris está condenado as prisões oceânicas. – Digo.

Todos olham um para o outro e então Viseris vê-se acabado, o falso sorriso do seu rosto desaparece e o espanto toma conta. As prisões oceânicas são o pior castigo para uma sereia, elas foram desativadas há anos por Ariel II, mas hoje serão uma grande condenação. As prisões ficam no profundo oceano onde nada escutasse, aprisionados em meio a solidão. Muitos enlouquecem e eu desejo isso a Viseris, pode soar terrível e até mesmo seja, mas ele merece. Nosso reino quase caiu por sua culpa, centenas do nosso povo morreram por sua culpa. Tudo aquilo que você faz gera uma reação e essa será a sua.

Os soldados arrastam Viseris pelo corredor.

- Ariel. – Ele grita. – Meu rei, por favor tenha piedade. Nós somos família.

Apenas continuo a olhar para ele.

- Seu maldito. – Viseris esbraveja quando vê que não irei fazer nada. – Quero que você morra, quero que todos vocês morram. Malditos!

A sereia deixa o salão caminhando rumo a sua prisão.

O sol paira em Teza, mas já sentimos os ventos frios chegarem. Pela rua eu sou acompanhado pelos soldados. Chego até o local onde está Zeus, me aproximo e acaricio sua cabeça branca como a neve, ele passa sua língua pela minha mão.

- Também estava com saudades. – Exclamo. – Mas, agora nos veremos sempre. Você é o cavalo de um rei, sintase honrado. – Digo.

O animal relincha para mim.

Subo em Zeus e assim cavalgamos por Teza. Por aonde eu passo as Sereias me cumprimentam, mantenho sempre um sorriso aberto e não é difícil, já estava acostumado com isso desde quando parti. É melhor ter o povo ao seu lado do que contra, um líder somente é forte por causa do seu povo.

Seguimos então pela floresta proibida ultrapassando as águas que nos separavam. Os soldados olham entre si afinal ainda é estranho, levará um tempo até todos se acostumarem. Logo, adentramos na pequena ilha de sangue onde uma estrada foi aberta. Zeus para quando os avistamos. Do outro lado estão os soldados de Odini. Eles vestem suas armaduras típicas, o preto. Mas, em seus estandartes há uma mudança, o pano continua preto, mas agora sem o lobo, somente com o símbolo do Tridente ao centro, como o nosso.

Deixo Zeus ali e sigo acompanhado da Assembleia. César está sentado em uma cadeira com as pernas cruzadas. Ele não veste uma armadura típica, é bem ousado como sempre foi. Boa parte do seu corpo está amostra, há um colar em seu corpo de onde saem correntes que se espalham por todo ele. O homem levanta e sua capa vermelha balança. Seus olhos escuros e com maquiagem me fitam.

- Rei Ariel III. – César acena para mim.

- Rei César. – Aceno também. – Fico contente que o seu povo tenha aceitado os novos acordos, acredito que não tenha sido muito fácil.

- Isso é recíproco. – Ele sorri para mim. – No entanto, depois da guerra todos viram que precisávamos de uma mudança. Guerras internas não levam a nada, sempre fomos um só povo, mas esquecemos disso.

- Fico contente de lembra-los. – Exclamo.

Um corredor é aberto aos fundos onde passa Gliz Odini, me espanto por ver uma mudança bruta em seu visual. Seus cabelos agora estão soltos, mas ainda entre o preto e branco, mas agora mais gracioso. Ela usa um longo vestido preto onde algumas correntes estão presas, como o seu irmão. Em sua cabeça também há a mesma coroa escura com um cristal vermelho no centro.

César dá a mão para a sua irmã que se aproxima.

- O Sudeste agora tem um rei e uma rainha. – Ele exclama. – Eu e minha irmã combinamos de dividir o trono.

- César me fez aceitar a ideia. – Gliz olha para ele e sorri. – Nunca pensei em ser uma rainha enquanto nosso pai governava, mas agora eu acredito que as coisas serão diferentes no novo reinado.

- Sim, elas serão. – Exclamo. – Mas, antes de assinarmos qualquer coisa eu quero agradecer a você Gliz por ter liberto Jackson naquela noite em que parti. Sem o seu ato de coragem creio que nem mesmo estaríamos aqui. Você me entregou o presente mais precioso para a minha vida.

Gliz passa a mão em seus cabelos e sorri.

- É o que deveria ser feito. – A rainha diz. – Cada ação nossa resultou em estarmos aqui, fico contente com isso. – Ela pisca para mim. - Espero que você seja muito feliz com o meu presente.

- Certamente serei. – Aceno.

- Vamos ao tratado. – César olha para nós e sorri.

Me sento na cadeira e eles sentam-se do outro lado. Um soldado de cada reino traz um pergaminho. As palavras escritas são iguais em cada um. Nela abolimos as antigas leis. Agora todos os indivíduos podem cruzar por qualquer terra, não há limites para cada reino. Nela também decretamos que qualquer humano que se aproximar não deverá ser morto, juntos os reinos irão decidir como agir não importando por qual lado da ilha ele chegue. Também abolimos o julgamento por combate, algo extremamente injusto e que acabará. Os Odini prometeram acabar com a sua Tropa enviada a cada dez anos para matar humanos, é claro que eles não ficaram muito contentes, mas cederam. As novas leis tornam as coisas em nossa sociedade um pouco mais justas, com o tempo as novas leis podem ser modificadas, mas somente para melhor. Declaramos que nossos sucessores terão que respeitá-las para nunca retroceder.

Passo a caneta na tinta e assino embaixo dos dois papéis, os reis do Sudeste também fazem o mesmo. Os membros da nossa Assembleia também assinam como testemunhas e a do outro reino também. No final enrolamos os pergaminhos e colocamos dentro de duas garrafas de vidro. Cada garrafa ficará em um canto especial na sala do trono.

Dou uma mão a Gliz e outra a César.

- A partir de hoje decretamos o fim das antigas leis e estabelecemos as novas. – Exclamamos juntos. – Reinos diferentes, mas não rivais. Somente um povo, somente uma Teza. Desse dia, para sempre!

Os soldados em volta batem suas armas nos escudos.

Seguimos pela pequena ilha de sangue até chegarmos na areia. Do outro lado no mar estão as barcas carregando os corpos dos soldados mortos em batalha. São centenas de soldados mortos, triste.

- Quem imaginou que o nosso encontro no lago terminaria no meio da floresta assinando um novo acordo. – César olha para mim e sorri. – O destino prega peças conosco, as vezes boas surpresas.

- Sempre pensávamos em sermos melhores reis. – Exclamo. – De acabarmos com as leis que nos perseguiram e enfim temos poder para isso. Eu sempre soube que você seria um ótimo rei, você tem um bom coração.

- Você também Dramir. – César diz. – Uma pena termos rompido aquilo que havíamos construído, mas vejo que você encontrou um verdadeiro amor.

- Sim. – Sorrio. – Eu encontrei.

- Todos nós merecemos amar e sermos amados. – Ao seu lado Gliz sorri enquanto mexe em suas correntes. – Acredito que boa parte das coisas ruins que acontecem é porque há a falta de amor.

- Você está certa. – Exclamo.

Adentramos dentro do mar e mergulhamos, prossigo até estar embaixo da barca de onde ele foi colocado. Logo, os corpos começam a serem jogados para fora, pego o seu corpo quando ele cai dentro da água. Seguro meu tio Hector em meus braços. Uma vez ele me disse que a única sereia que poderia o levar para as Angelus era eu, por mais triste que seja eu fico feliz que assim tenha sido.

Ao meu lado César carrega o seu pai, por mais horrível que o rei tenha sido ele ainda era o seu pai. Assim, nós levamos os corpos para o mais profundo do oceano até as criaturas luminosas surgirem.

“Sereias. ” – As Angelus falam em coro.

“São magníficas. ” – Gliz olha para elas hipnotizada.

Angelus se aproxima de mim e com cuidado eu entrego Hector em seus braços assim como César entrega Serafim a uma delas. É notório que a Angelus que carrega Serafim não fica muito contente, mas é o seu dever levá-lo. Assim, cada uma delas pega uma ou mais sereias e levam para a escuridão.

Como sempre algumas delas ficam e eu tenho medo quando elas se aproximam, pois, as últimas profecias não foram nenhum pouco positivas.

“Os novos reis. ” – Elas falam em coro. – “Os cavaleiros do apocalipse. Mantenham Teza firme, pois os invasores um dia irão chegar. A verdade para o mundo vocês devem revelar para eles afastar. Chamas e água, o apocalipse levará para o fim levar. ”

César e Gliz olham um para o outro completamente assustados, apenas olho normalmente apesar das mensagens serem atormentadoras. Logo após as Angelus nos deixam e assim subimos rumo à praia. Quando nos levantamos eles voltam a olhar entre si e após focam em mim.

- Apocalipse? – César diz. – É uma profecia.

- Começou em terras humanas. – Conto a eles. – Quando eu entreguei Délio a elas, a partir daí as criaturas vieram com essas profecias do Apocalipse. De

algum modo nós somos cavaleiros desse Apocalipse. Acredito que isso não se restrinja somente a nós, mas sim as outras espécies também.

- Devemos fazer algo. – Gliz fala. – Claramente nos mandaram dizer a verdade ao mundo para os inimigos afastar. – Ela reflete. – Vocês todos estão pensando o mesmo do que eu?

- Sim. – Eu e César respondemos juntos.

- Mas, vamos esperar um pouco mais para entrarmos profundamente nisso. Precisamos estabilizar nossos reinos. – Digo e eles concordam. – Após enfrentarmos o que vier, juntos, como um só povo.

- Conte conosco. – César diz.

Os irmãos Odini então seguem junto com os seus soldados para o seu reino enquanto meus amigos se aproximam de mim. Hugo caminha até ficar ao meu lado, ele então olha para mim e sorri, após sigo a sua visão. Do outro lado em meio a areia junto com os soldados está uma mulher e uma menina. Elas vestem longas capas escuras, as duas possuem o mesmo cabelo amarelado. Quando a menina sorri para a sua mãe eu vejo seus dentes e então me recordo.

- A família de Tritu? – Pergunto ao meu amigo.

- Sim. – Hugo responde com um sorriso. – Fiz como você ordenou, pedi para que César mantivesse eles em segurança.

- Muito obrigado! – Exclamo.

- É o nosso dever. – Ele diz.

Fico contente em ter mantido a minha promessa feita ao guerreiro opositor. Por mais que ele fosse uma sereia ruim eu vejo que sua família não é.

Ninfa olha para eles e após seus olhos azuis me fitam.

- Novas profecias. – Falo antes do questionamento.

- Isso é ruim. – Ninfa diz. – As Angelus estão alertando constantemente sobre isso e elas nunca fizeram isso, apenas falavam uma vez com os reis.

- As coisas estão mudando. – Hugo diz.

- Sim. – Sabrina ao seu lado exclama. – Como estrangeiros chegando a nossa ilha como visitantes.

Viro-me para trás e encontro a barca trazendo Vitor e Lily. Os dois descem do barco e já estão trajados nas nossas vestimentas, a pequena se acostumou rápido com elas, já Vitor anda como se estivesse com o corpo engessado.

- Meus sobrinhos.

Jackson passa por nós e abraça eles de uma vez só. É incrível ver o quanto eles são felizes juntos, uma verdadeira família.

- Acho que devemos deixar eles a sós. – Ninfa exclama.

Ela sorri para mim e segue com Sabrina e Hugo para a floresta.

Lily para a minha frente e lança um doce sorriso em minha direção.

- Você está incrível. – Ela diz. – Agora oficialmente um rei, o que quer dizer que meu tio também pode ser um rei se ele se casar com você. Logo, eu seria integrante da família real das sereias.

Vitor passa a mão nos cachos dela irritando-a.

- Você possui uma mente fértil pequena. – Ele se aproxima, estende sua mão e eu aperto. – Parabéns Ariel por essa conquista.

- Obrigado! – Aceno. – Fico contente que todos vocês tenham vindo. Agora me sigam que eu irei mostrar o reino e as coisas mais surpreendentes.

Jackson se aproxima de mim e sussurra em meu ouvido:

- Só não mostre o dragão.

- Dragão? – Lily ouve e empurra nós dois ficando no meio. – Eu quero muito ver o dragão, por favor nos mostre o dragão.

Prosseguimos montados nos cavalos pelo reino. Vitor mesmo inexperiente consegue montar bem no animal, já Lily é levada pelo seu tio. Nessas semanas em que ele esteve aqui eu o ensinei a andar, aprendeu rápido. Mas, o mais difícil não é controlar o animal, porém sim a pequena que pula do animal a todo o momento que avista uma criatura diferente na floresta.

Passamos pelo centro de treinamento onde muitos soldados estão treinando. Os arqueiros levantam seus arcos e disparam nos alvos, os mestres em combate físico disputam entre si enquanto alguns cavaleiros apostam corrida para ver quem chega mais rápido do outro lado da ilha.

- Pelos céus! – Vitor espanta-se. – Parece que eu estou entrando em um território da Grécia ou Roma antiga, isso é insano.

Rimos junto dele.

- Nem gregos e nem romanos podiam sobreviver embaixo da água, então acredito que nós somos melhores. – Exclamo.

- Humildade, eu amo isso nele. – Jackson sorri de canto. – Mas, posso dar um desconto afinal colocou recentemente essa coroa. – Ele brinca.

Descemos do cavalo e então nos aproximamos. Trovão está deitado embaixo de algumas árvores, ele ainda está se recuperando da guerra, pois foi muito ferido. As frestas nas cachopas iluminam o seu corpo branco e azul.

- É muito mais bonito do que Drogo.

Vitor fala no seu vocabulário humano, mas não me esforço para entender. Ele coloca as mãos na cintura e se vira para nós enquanto ri.

- Quando eu imaginei essas criaturas sempre pensei que eram mais terríveis, mas parece bem fofa. – O Sereiano diz.

- Vitor. – Lily fala.

- Sim. – Vitor diz. – Por quê? Não tenha medo pequena.

A menina ergue sua mão e aponta para ele. Do outro lado Trovão acabou de despertar. Quando Vitor se vira e encara a grande face do animal ele grita e se joga no chão, rasteja pelo gramado até se aproximar do seu tio. É claro que nesse momento Lily cai em uma gargalhada profunda.

- Eu não estava com medo. – Ele limpa suas roupas das folhas.

- É claro que não estava. – Jackson olha para ele e ri.- Demorou um tempo para eu também me acostumar com a sua presença, mas aos poucos comecei a ver a beleza nessas criaturas. Ariel me ensinou isso.

Seguro sua mão e sorrio para ele.

Trovão ainda está cansado, então ele apenas estica seu pescoço e pisca seus olhos diversas vezes. Nem mesmo abre sua boca. Lily corajosa se aproxima com meu acompanhamento e passa a mão na pele do animal, sempre sorrindo.

- É incrível. – Ela fica paralisada. – Por favor, não abra a boca.

Jackson pega na mão dela e afasta-a.

- Acho que já está bom. – O Sereiano diz. – Já viram o dragão. Quem sabe agora podemos conhecer George, o avô de vocês.

- Isso é tão estranho. – Vitor fala. – Mas, podemos prosseguir. Acredito que devemos deixar o dragão descansar, para o sossego dele.

- Para o sossego dele. – Lily olha para o seu irmão e ri.

Prosseguimos pelas estradas do reino, por aonde passamos as sereias nos olham. Quando revelamos para eles a verdade sobre o nascimento de híbridos todos se espantaram. Entendo que para meu povo é difícil entender, mas também vejo que eles estão se esforçando para isso. Essas coisas aconteceram há muito tempo e temos que aprender a conviver com elas. Após longas conversas com a

Assembleia e demais membros importantes do reino nós conseguimos liberar a entrada dos Sereianos afinal eles também pertencem aqui como também as terras humanas. Alguns não ficaram contentes, mas respeitaram a minha ordem.

O edifício branco com o telhado amarronzado surge. Em frente a ele estão os meus pais para a minha surpresa afinal não havíamos combinado isso. Confesso que é estranho ver os dois sem suas coroas e as capas dos reis.

Nos aproximamos e eles também.

- Apresento a vocês os meus pais. – Digo a eles. – Cristal e Alfred Dramir.

Vitor sussurra para seu tio:

- Esse foi aquele que queria apagar suas memórias?

Jackson olha para ele o repreendendo-o.

- Sim, fui eu. – Meu pai exclama. – Mas, espero que isso fique no passado. Meu filho me ensinou sobre muito do que eu estava errado e agora vejo isso. Apenas queremos dar boas-vindas a vocês.

- Seus pais são bonitos. – Lily olha para mim e diz.

- Muito obrigado! – Minha mãe se aproxima dela. – Você também é uma linda Sereiana. Sabia que essas roupas que você está usando eram minhas quando pequena? Eu costumo guardar as coisas que eu gosto.

Lily também sorri para ela.

George logo surge, ele sai da biblioteca e se aproxima de nós. O homem arrasta sua toga e exhibe um enorme sorriso quando vê os Melman.

- Olá. – Ele diz. – Eu me chamo George, como devem saber sou seu avô. Ainda estou me acostumando com a ideia, mas Jackson me falou muito de vocês.

A pequena aperta a mão de George.

- Eu me chamo Lily. – Ela exclama.

- Oi! – Vitor acena um pouco retraído.

- Queria que vocês viessem comigo conhecer a biblioteca do reino, tenho muitas histórias que acho que vocês gostariam de saber. – A sereia diz.

- Vão. – Jackson acena. – Vou logo depois.

Os Melman adentram na biblioteca ao lado de seu avô e meus pais seguem pelas estradas do reino. Caminho com Jackson até termos uma vista ampla do reino que agora começa a voltar ao seu normal.

- Como você acha que serão as coisas daqui em diante? – Ele pergunta.

- Sinceramente, eu não sei.

Olho para ele que também sorri.

- Mas, de uma coisa eu tenho certeza. Sempre quero estar ao lado daqueles que eu amo. Vocês agora fazem parte da nossa família e sempre serão recebidos no nosso reino sob proteção do atual rei. - Sorrio.

Jack olha-me e então o seu sorriso desaparece.

- Mas, logo a neblina ficará mais forte. - Ele diz. - Com isso teremos que esperar mais dez anos para nos encontrarmos. O tempo passa diferente para mim, temo que esse possa estar sendo o nosso último encontro.

Seguro em suas mãos e olho firme para ele.

- Não tema. – Expresso um leve sorriso. – Estou com alguns planos em mente que decidirão não somente o meu futuro, mas como dos demais. Mas, de uma coisa eu tenho certeza. Nada e nem ninguém vai nos separar. Se tem algo que eu aprendi nesses últimos meses foi que conseguimos superar aquilo que parece impossível e mais uma vez iremos superar.

- Juntos? – O sorriso retorna para a sua face.

- Para sempre! – Respondo.

EPÍLOGO



Quando nos reunimos em Teza para discutir o futuro do nosso povo tenho que confessar que estava receoso quanto a reação das sereias, no entanto elas me surpreenderam. Primeiramente iniciamos um breve contexto do que aconteceu em terras humanas e da ameaça que estávamos enfrentando. Também que outros humanos já sabiam da nossa existência. Até esse momento eles estavam receosos, mas no momento em que discutimos sobre as profecias ditas pelas Angelus eles mudaram. Ignorar as Angelus é como estar no centro de um alvo e permanecer parado esperando a flecha atingir o seu corpo. A partir desse momento ninguém mais teve dúvidas que o melhor que tínhamos que fazer era nos revelar para os humanos. Bruxos e Lobos já tinham feito isso antes de nós, apenas seríamos mais uma espécie que os humanos iriam descobrir.

A primeira pessoa com quem eu estabeleci conexão foi com a Monarca do povo bruxo, Diana Vareon. Ela me explicou com delicadeza como eu deveria agir para que os humanos não me temessem, também vi o seu vídeo no congresso durante o dia da revelação. Uma mulher inspiradora.

A porta do carro então é aberta e nós saímos em frente a um grande edifício acinzentado. O brilho das estrelas da noite ilumina o local. Em frente ao prédio um longo corredor é aberto, guardas cuidam do local enquanto pessoas com câmera se posicionam atrás das grades. Elas estão enlouquecidas por uma palavra nossa, porém apenas seguimos pelo nosso caminho. Não desejo causar mais confusão, também sei que muitas palavras que dizemos pode voltar contra nós por uma manipulação da sua mídia.

- São como animais presos em grades. – Ninfa ao meu lado faz uma ótima comparação enquanto olha para as pessoas.

- Poderia tentar disfarçar sua insatisfação? – Digo.

- Sim. – Ela sorri para mim. – Apenas estou nervosa com tudo isso, não é todo dia que nos revelamos para o mundo.

Hugo tropeça quando subimos um degrau da escadaria, rapidamente Ninfa pega pela sua mão e os dois trocam risos. Já faz algum tempo que os dois estão juntos, vi a primeira vez quando eles estavam à beira do rio trocando afeto. Confesso que já tinha noção que isso iria acontecer, no entanto tudo acontece no seu tempo certo. Teor surgiu no momento exato para trazer esperança a Aendai, assim como também Melman surgiu em minha vida.

Subimos os degraus e então passamos pela porta principal. Dentro do grande salão estão as pessoas mais importantes do mundo, cada uma delas representa uma bandeira das inúmeras que existem. Dois soldados ao nosso fundo carregam o nosso estandarte, quando entramos todos os olhares se viram para nós, mas eu não sinto medo e muito menos aflição.

- Nunca pensei que era tão bonita. – Sabrina ri enquanto olha para eles.

- Isso é tão estranho. – Deb Hill passa a mão pelos seus cachos e olha em volta com receio, ela é a mais desconfortável entre nós afinal essa é a primeira vez que ela deixa o reino. Porém, para tudo há uma primeira vez.

- Apenas relaxe. – Sussuro. – Não demonstre medo.

Ela acena para mim e assim prosseguimos.

Do outro lado atrás de uma bancada eu vejo os rostos conhecidos. O primeiro da mulher ao centro, seus longos cabelos ondulados e escuros, uma aparência extremamente bela. Trajada em roupas escuras e luvas. Ao seu lado um homem de mais idade, ele veste um casaco escuro e em sua cabeça há uma coroa com seis joias, cada uma de uma cor e no centro a insígnia de um lobo.

Passo pelo centro designado a nós e me mantenho atrás de uma mesa de madeira. A nossa Assembleia se posiciona atrás de mim. Quando olho para frente vendo todas aquelas pessoas, as bandeiras diversas que elas carregam, o poder que há nessa sala, por um momento eu temo, no entanto isso logo passa.

Diana Vareon, a Monarca, levanta-se e todos ali permanecem em silêncio.

- Esta noite recebemos uma nova espécie em nosso mundo, uma que esteve entre nós desde o começo, mas que estava escondida nas sombras como os bruxos e os lobos. – Diana exclama com imponência. – Há algum tempo recebi o contato de um rei, o rei dos mares. No primeiro momento fiquei tão surpresa quanto vocês em saber que uma nova espécie existia, mas em momento algum temi. Pois, Ariel veio até a mim de coração aberto com o intuito de fazer parte do nosso acordo a fim de estabelecer a paz entre todos os indivíduos que nesse mundo habitam.

Ela acena para mim e então volta a se sentar.

- Meu nome é Ariel III Dramir. – Exclamo. – Eu sou descendente de uma Dinastia de reis do meu povo e atual líder da ilha de Teza. Rei das Sereias!

Alguns humanos cochicham entre si.

- Passamos toda a nossa existência escondidos do mundo. – Prossigo e então o silêncio novamente se estabelece. – Mas, chega um momento que isso não é mais possível. Somente vimos isso quando o perigo chegou próximo de nós. Quando humanos ameaçaram a nossa existência.

Alguns líderes ao lado semicerram seus olhos.

- Humanos sempre chegaram em Teza, mas haviam nossas leis para os impedir de nos revelar ao mundo. – Continuo. – Não vou esconder que essas leis eram prejudiciais ao seu povo, mas diante da ameaça não tínhamos outra forma de agir. Mas, agora leis como essas foram abolidas. Queremos evoluir, estabelecer um pacto com todas as espécies que aqui habitam. Evitar que mais mortes aconteçam, queremos viver em paz sendo aquilo que nascemos para sermos.

Um homem mais de idade ao canto toca em seu microfone.

- Por favor, rei dos mares. – Ele soa sarcástico. – Pelo modo que se referiu fez uma alusão que muitos humanos morreram em sua ilha pelo seu povo. Tenho que perguntar como teremos justiça por aqueles que morreram.

Antes que eu possa responder o rei das Alcateias se manifesta.

- Steven, é muito bom o seu questionamento. – Alefrey Jahalla diz.- Pois, também estou esperando o julgamento daqueles que causaram a morte do meu povo. Ou isso só vale quando humanos morrem?

Depois que o rei fala o homem recua, é notório uma instabilidade presente na sala. Mas, também vejo que outros líderes vão contra o manifesto de Steven.

- Infelizmente não temos como voltar atrás e concertar o passado, nem evitar as mortes do meu povo e dos seus. – Exclamo. – Mas, podemos tentar fazer um futuro melhor para todos que vivem nesse mundo. Como rei eu desejo fazer parte desse acordo assim como todo o meu povo. Sabemos que no momento que aqui nos revelarmos poderá trazer riscos para nosso povo, mas também não podemos mais viver nas sombras. Enfrentaremos nossos problemas na luz!

Alguns líderes acenam para mim.

- É totalmente correto deixar mais uma espécie fazer parte do nosso acordo afinal ele foi criado para isso, para protegemos todos aqueles que nesse planeta

vivem. – Diana novamente se manifesta. – Sou totalmente a favor das Sereias integrarem e terem um lugar nesse congresso.

- Tens o apoio das Alcateias. – O Rei acena para mim e eu retribuo.
- Todos de acordo? – Steven questiona.
- Sim. – Todos na sala respondem.

Sinto um grande alívio ao ouvir as palavras, no final até mesmo o homem que foi contra se manifesta a nosso favor. Olho de canto para o lado e vejo os membros da nossa Assembleia sorrindo uns para os outros.

- Muito obrigado por nos escutarem. – Digo. – Honraremos o acordo que aqui for estabelecido.

Adentramos em uma espaçosa sala. Ela é feita em madeira, no teto fica uma grande luminária como um sol. No centro há uma grande mesa de madeira e ao fundo ficam todas as bandeiras dos países e também do povo bruxo e lobo. Me sento na cadeira da ponta e assino meu nome no papel, ele então é levado por um humano e posto dentro de um vidro na parede ao fundo. Um soldado meu entrega o nosso estandarte que é colocado em meio as bandeiras ao fundo.

Os líderes apertam minha mão, alguns com sorrisos e outros não. Mas, o que realmente importa é que o acordo está feito.

- Parabéns, rei dos mares. – Alefrey sorri para mim. – Fico muito contente que mais povos façam parte desse acordo, espero que outros também possam se sentar ao nosso lado um dia. Isso é um grande passo para a evolução.

- Eu que fico honrado. – Aceno para ele.

O rei então deixa a sala e assim prosseguimos.

Quando me aproximo da entrada do edifício já ouço o barulho dos humanos do lado de fora. Os flechas das câmeras disparam para todo o lado e mesmo quando a chuva começa a cair eles não desistem de ficar ali. No momento fico afastado até ver a mulher deixar o local.

- Eles são persistentes. – Ela diz.

A Monarca das bruxas se aproxima e esbanja um doce sorriso. Nunca senti uma energia tão forte perto de outra criatura, ela possui um enorme poder.

- Finalmente nos conhecemos pessoalmente, Ariel. – Ela diz. – Eu disse a você que iríamos conseguir fechar esse acordo.

- Agradeço pela orientação. – Exclamo e após me aproximo mais. – Fico contente que tudo tenha saído como o previsto, porém eu tenho outro assunto para

tratar com você, sobre o seu povo.

A Monarca olha para o lado e após seu olhar escuro me fita.

- Sobre o que seria? – Ela me questiona.

- Profecias. – Exclamo e não deixo minha voz oscilar por mais tenso que eu esteja nesse momento. – Sobre o Apocalipse.

Assim, as expressões da bruxa mudam rapidamente e desse modo entendo que ela sabe sobre o assunto. A Monarca pousa suas mãos em seu colo e mexe seus dedos nas luvas demonstrando uma leve tensão.

- Ariel. – Diana fala. – Penso que devemos conversar sobre isso em um local mais reservado. Você poderia me acompanhar até meu reino?

A Bruxa fala mais baixo para que somente eu ouça.

- Sim. – Aceno. – Apenas tenho que me despedir dos meus amigos.

Viro de costas e prossigo pelo corredor até parar em frente à Assembleia.

- Pessoal! – Exclamo. – Eu seguirei junto da Monarca dos bruxos para o seu reino, precisamos conversar sobre aquilo que discutimos.

Eles olham uns para os outros e após para mim.

- Deseja que iremos junto? – Ninfa me questiona.

- Não será necessário. – Respondo. – Apenas peço que vocês sigam para o reino e levem as boas novas para o nosso povo, não demorarei muito para chegar a Teza. Espero levar boas notícias também.

- Boa sorte. – Sabrina, Deb e Hugo acenam para mim.

Eles partem junto com nossos soldados para a saída.

- Foi uma grande vitória nossa hoje. – Ninfa sorri para mim. – Confio em você. – Ela coloca uma mão em meu ombro. – Vá em frente.

Volto a acompanhar a bruxa, nós seguimos por um lado do edifício até estarmos afastados dos demais. Apenas nós em frente à janela enquanto chove fortemente no lado externo. Diana toma a frente e levanta sua mão.

- Mutatio. – Ela exclama.

Um portal é aberto à nossa frente, sinto um pouco de receio ao olhar para aquela energia. É como se eu tivesse entrando em uma tempestade dos mares, a Monarca apenas olha para mim e sorri com naturalidade.

- Não precisa temer. – Diana diz. – Apenas me acompanhe.

Ela estende sua mão e então eu seguro nela. Assim, adentramos no portal. No primeiro momento sinto uma grande tontura e fico perdido em meio a escuridão, mas ainda sinto Diana ao meu lado. É estranho como seu poder funciona, mas também me sinto bem. Após algum tempo vejo luz. Saímos então no meio de uma floresta, em volta há bastantes residências em meio as árvores.

Sigo ao lado da bruxa pelo caminho de pedras.

- Então aqui é o seu reino? – Questiono.

- Sim. – Diana responde com um sorriso. – Acredite, era muito diferente antes de assumirmos o controle. Mas, sob a nossa liderança conseguimos salvar o nosso povo e oferecer um abrigo melhor. Um lugar onde eles possam apreender sobre a magia, como controlá-la, a aceitar o que eles são.

A floresta então acaba e a nossa frente um grande castelo toma forma. A arquitetura é belíssima e me recordo de alguns traços do nosso. Mas, o que mais me chama atenção é o que está voando nos céus. Bem próximo de nós passa um enorme dragão vermelho batendo as suas asas.

- O chamamos de Ragnarok. – Diana vê para onde eu olho.

- Dragões em terras humanas. – Exclamo. – Nós também possuímos um dragão, ele se chama Trovão. Acreditávamos que ele seria o último da espécie, mas pelo que vejo estávamos enganados.

Outro dragão surge, mas dessa vez escuro como a noite.

Adentramos no castelo que mistura a tecnologia humana com a antiguidade, o lugar é extremamente agradável. Por alguns momentos bruxos cruzam por mim, entre sua maioria carregando livros. Eles vestem roupas escuras como Diana e os mais velhos usam as mesmas luvas escuras.

Um homem vem em nossa direção e para a nossa frente. Ele veste uma camiseta social azul. Seus cabelos são castanhos e seus olhos possuem um verde exuberante. Quando sorri me lembra um pouco de Diana.

- Esse é o meu irmão. – Ela diz. – James Vareon.

- É um prazer conhecê-lo. – O homem aperta minha mão. – Rei dos mares. Pelo que vejo deu tudo certo no congresso, não pude ir junto de minha irmã porque temos muitos afazeres na Irmandade.

- Onde está Lauren? – Diana questiona.

- Em seu quarto descansando. – Ele diz. – Os gêmeos Vareon dão um grande trabalho para dormirem.

- Crianças. – Sorrio.

- Estou levando Ariel até a minha sala. – Diana diz. – Temos assuntos a tratar, por favor mantenha os seus alunos longe da minha sala. Não quero ter que lançar um feitiço imobilizador mais uma vez.

Ela sorri para ele, não sei se está brincando ou não.

- Tudo bem! – James acena. – Seja bem-vindo.

- Obrigado!

O homem nos deixa e nós prosseguimos pelo corredor dos fundos. Não demora muito para que nós cheguemos nela. Diana abre a porta para que eu possa passar e enfim ela fecha. O local aparenta ser mais antigo do que os outros cômodos que já vi do castelo. Há uma enorme janela no fundo, uma mesa de madeira próxima a janela e algumas prateleiras com vidro em volta.

Diana serve um líquido vermelho em uma taça, vinho. Ela pega a sua e se locomove até o outro lado da mesa onde fica em pé.

- Você disse que haviam profecias. – Vareon exclama. – Peço que você me conte detalhadamente o que lhe foi dito.

Pego a taça e caminho pela sala.

- Começou há algum tempo quando eu levei o corpo de uma sereia para as Angelus. – Conto. – As Angelus são criaturas que levam os corpos dos nossos mortos aos titãs. Elas também são conhecidas por profetizarem para os nossos reis e suas profecias sempre se concretizaram.

- E essas criaturas falaram sobre o Apocalipse? – Diana diz.

- Exatamente. – Respondo. – Elas falaram as seguintes falas. “Uma nova era vai se iniciar com o seu reinado, o seu povo precisará do seu comando na era do apocalipse. ”

Diana analisa a situação com cautela.

- Por que você acha que meu povo está relacionado? – Diana pergunta.

- Porque elas também falaram que os bruxos trarão o Apocalipse e que os cavaleiros devem marchar para a salvação trazer. – Respondo e sinto um arrepio ao falar recordando-me do momento exato que elas me falaram.

Diana pousa sua taça em cima da mesa e com um movimento com as mãos abre uma gaveta de sua mesa. Ela então pega um livro e coloca sobre a mesa. A capa se assemelha muito a pele de uma serpente. O livro é vermelho como o sangue humano e nele há a palavra “Profecias”.

- No nosso povo também há aqueles que tem o poder de profetizar sobre aquilo que vai acontecer. – A Monarca me explica. – Com o tempo esses bruxos se tornaram raros e hoje não se identifica ninguém mais com esse tipo de poder. Mas, antigamente quando era mais comum houve aqueles que profetizaram sobre um Apocalipse que iria vir.

Ela abre o livro e vira em minha direção.

- Leia. – Vareon acena.

Pego o livro e então o leio. “Finem Mundi: A queda de todas as raças.”

Abaixo há uma pintura de dois garotos unidos pelas suas mãos. A sua face é idêntica. O mesmo cabelo preto, os olhos escuros como o fundo dos oceanos. Um deles veste um manto branco como a neve enquanto o outro o vermelho como sangue.

“Gêmeos são as criaturas extremamente poderosas. Unidos podem significar a luz mais intensa, mas também a escuridão mais profunda. Quando carregam a magia isso os torna mais perigosos e letais. Chegará um momento em que eles definirão tudo. Poderão ser os salvadores de todas as raças, mas também o motivo de sua queda.” – Disse a antiga sacerdotisa dos Príncipes Infernais a Léia Vareon após o nascimento dos seus filhos, Aélia e Miguel.

“Chegará um momento em que novas crianças surgirão. Nascidas do amor que todos julgavam impossível. Elas iniciarão uma nova era, noites sanguinárias se estenderão por todo o mundo. Em um mundo de caos serão os cavaleiros que guiarão as raças. Escolherão por qual lado desejam seguir, pela luz ou pela profunda escuridão. Serão os Anjos das raças ou os seus piores demônios.” – Disse uma bruxa do polo norte.

Fecho o livro e então me sento, a Monarca faz o mesmo.

- Não são coincidências. – Diana me olha firme. – Nossos povos estão prevendo que o Apocalipse irá acontecer e ele está mais perto do que nunca.

- Como saberemos quando irá acontecer? – Questiono.

- Esse é um problema. – Ela se escora na cadeira e reflete. – Nós não sabemos quando irá acontecer, mas sabemos que já está acontecendo. Há novas criaturas surgindo por todas as partes do mundo, principalmente as híbridas.

- Sim. – Aceno com a cabeça. – Nunca imaginávamos que era possível gerar um fruto da relação de uma Sereia com um humano, mas aconteceu.

- Deixe-me adivinhar. – Diana sorri. – Eles são gêmeos?

- Eram. – Respondo. – A irmã dele morreu há algum tempo.

- Sinto muito.

Pego a taça e tomo um gole do vinho, após a fito.

- Nós dois somos criaturas diferentes. – Exclamo. – Eu consigo controlar coisas que nenhuma outra sereia controla e sinto que você tem o mesmo poder.

- Sim. – Diana confirma. – Consigo fazer coisas que os outros nem imaginam, mas tamanho poder requer responsabilidades. Por isso treinamos nossos jovens aqui a controlar seus poderes e usarem da maneira correta para que nenhuma outra tragédia venha a acontecer.

- Mas, segundo as profecias das Angelus é o seu povo que trará o Apocalipse. – Quando eu falo ela demonstra aflição. – Desculpe, não quero ofender. Foi apenas o que foi dito a mim.

- Nenhum problema. – Diana diz. – Eu acho muito difícil alguém daqui ser motivo de um Apocalipse, mas a verdade é que nunca sabemos realmente até acontecer. Mas, há outros bruxos além dos nossos limites.

Reflito sobre a minha guerra em terras humanas.

- Quando eu estava em guerra contra os humanos eu conheci um bruxo ruim e um tanto exótico. – Exclamo. – Seu nome era Adam e ele me contou que pertencia a escola Gel...Gaf...

- Gauteber. – Diana completa.

A bruxa levanta-se e demonstra sua inquietação.

- Você os conhece? - Pergunto.

- Gauteber, a escola de magia negra da França. - Diana responde com um sorriso raivoso. – Logo, quando nos revelamos houveram bruxos que não quiseram fazer parte da nossa Irmandade, pois se recusavam a não usar magia negra. Os bruxos das trevas então fundaram Gauteber, a escola de magia negra. Não quisemos causar outra guerra entre o nosso povo e então deixamos eles livres, no entanto sempre de olho para ver se algo não iria fugir do controle. Até esse exato momento nada grave foi feito por eles.

- Acredito que eles estejam escondendo algo. – Exclamo. – Porque pelo modo que aquele bruxo me olhou eu senti a sua maldade. Também disse a mim que em sua escola eles nunca estudaram uma criatura como eu.

Diana cruza os braços, reflete e após me olha.

- Eu irei fazer uma visita a sua escola em breve. – Diana diz. – Somente por precaução. Se houver algo de errado nós iremos agir.

Me aproximo ainda mais da sua mesa.

- Há algo mais que me preocupa. – Exclamo.

- O que seria? – Diana questiona.

- Nosso povo dentro da ilha vive sob efeito de uma magia. – Conto. – A neblina que protege nossa ilha de ser descoberta nos prende nela e somente de dez em dez anos podemos ultrapassar as barreiras. Temo que a guerra chegue em um momento que essa barreira esteja fechada e que o nosso povo não possa fazer nada para ajudar os demais.

A Bruxa caminha pela sala e analisa a situação. Ela para a minha frente.

- Nós temos os bruxos mais poderosos em nossa Irmandade. – Ela sorri. – Se desejar nós podemos ir visitá-los um dia. Analisamos a situação e vemos se podemos derrubá-la. Creio que se podemos devemos ajudar uns aos outros.

- Eu serei eternamente grato por isso. – Aceno para ela. – No momento em que vocês necessitarem também estaremos prontos para ajudar. Após essas profecias devemos ficar em alerta e qualquer coisa que sair fora do comum devemos alertar uns aos outros, pois isso não significa apenas a salvação do nosso povo, mas de todos que aqui vivem.

Me aproximo dela e aperto sua mão.

- Sinto que nos veremos em breve. – Diana fala.

Ela me acompanha até a saída do castelo.

- Você deseja um portal para a sua volta?

A Monarca me questiona.

- Não será necessário. – Sorrio para ela. – Sigo pelo mar.

- Até o dia da nossa visita, rei dos mares.

Aceno para ela e então me despeço do seu reino.

Sigo pela floresta passando pelas residências bruxas e observo o povo que ali circula. Segundo as Angelus eles serão os responsáveis por esse Apocalipse, penso se isso seria evitado se eles parassem de existir. Por um momento o pensamento parece válido, porém trato logo de distanciar. Há pessoas boas em seu reino assim como no nosso, centenas de vidas não devem ser condenadas apenas por uma. Isso seria um pensamento de um líder Serafim e disso eu desejo apenas distância.

Caminho pela estrada de madeira e então observo as águas claras iluminadas pelo brilho das estrelas. Olho para longe em meio a floresta onde o

reino deles some completamente. Viro-me para frente e observo o horizonte. A verdade é que mesmo com as profecias ninguém sabe o que realmente irá acontecer, como vai acontecer. Apenas temos que estar preparados quando outra guerra eclodir e eu sinto que essa será a pior que essas terras já viram. O Apocalipse não é uma simples guerra, é o fim de um mundo.

Pulo e mergulho no mar até estar imerso. Nado pelas águas rodeado pelas criaturas marinhas. Eu sou o supremo dos mares, sou o Rei do meu povo. O Apocalipse pode trazer as chamas mais ardentes, mas ele terá que enfrentar as águas dos mares. Nenhuma criatura marinha irá se ajoelhar e ver o mundo se tornar em fogo. Nós lutaremos até o fim e se for preciso os raios cairão sobre essas terras.

“Zaquira e Telonis irão te guiar pelas águas, não tema, pois, até no lugar mais profundo a luz irá brilhar. Oh! Reis dos mares, reis dos mares. As águas são a nossa luz, a nossa vida, nosso poder. A noite nós cantamos e celebramos, da água viemos e a água retornamos.” – A canção das sereias.

AUTOR:



Cristhian Couto. NASCIDO NO RIO GRANDE DO SUL, em 1999. Jovem amante da arte. Fascinado pelo Cinema, Música, Literatura e a Dança. O mundo da literatura sempre foi o seu refúgio, e agora como fio condutor deseja que seus leitores mergulhem nos seus universos e se desconectem da realidade.

Hey! Fico feliz em tê-lo (a) como leitor (a), espero que minha obra tenha feito parte de sua história na literatura. Como escritor ficarei muito grato em receber uma crítica, sua opinião sobre a obra. Se gostou aproveite para avaliar na Amazon, pois, isso ajuda muito escritores independentes. E, se quiser me acompanhar...

Redes sociais para contato:

 @crisruanc

 CCOUTOESTANTE